

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

RAQUEL ALVES PEREIRA AVILA

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURSO DE LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA ANÁLISE À LUZ DA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL ECOMUNITARISTA E DO ECOMUNITARISMO (O
CASO DA TURMA 1 - UAB/UFPeI, PELOTAS/RS)**

Rio Grande - RS

2014

RAQUEL ALVES PEREIRA AVILA

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO
DO CAMPO: UMA ANÁLISE À LUZ DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL
ECOMUNITARISTA E DO ECOMUNITARISMO (O CASO DA TURMA 1 -
UAB/UFPel, PELOTAS/RS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.
Linha de pesquisa: Fundamentos da Educação Ambiental (FEA).

Orientador: Prof. Dr. Sirio Lopez Velasco

Rio Grande

2014

RAQUEL ALVES PEREIRA AVILA

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO
DO CAMPO: UMA ANÁLISE À LUZ DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL
ECOMUNITARISTA E DO ECOMUNITARISMO (O CASO DA TURMA 1 -
UAB/UFPel, PELOTAS/RS)**

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Sirio Lopez Velasco
(Orientador – FURG)

Professor Dr. Carlos Roberto da Silva Machado
(FURG)

Professor Dr. Álvaro Luis Ávila da Cunha
(UNIPAMPA - Uruguaiana)

AGRADECIMENTOS

À CAPES pela bolsa concedida.

Ao meu orientador, Dr. Sirio Lopez Velasco, pelo incentivo e por responder as minhas dúvidas, transmitindo-me conhecimento e segurança no transcurso da pesquisa e durante a elaboração dissertativa. O estudo, que originou esta dissertação, procurou seguir o rumo traçado nas entrevistas e mensagens pessoais recebidas durante a orientação. A inspiração colhida nos livros e publicações científicas do insigne mestre, sobretudo vitalizou a árdua tarefa que empreendi durante este período, que se consolida inesquecível e determinante para o meu comprometimento definitivo com a pesquisa.

Agradeço à coordenação do PPGA, Vanessa Caporlândia e Cláudia Cousin, aos secretários Gilmar F. Conceição, Daniele Juliano e Rodrigo de O. Benites e à bibliotecária Cibele Dziekaniak, pelo trabalho desenvolvido no curso.

Agradeço aos professores Carlos Roberto da S. Machado, Luis Fernando Minasi, Alfredo G. Martin Gentini, Cláudio Tarouco de Azevedo, Humberto Calloni, Gianpaolo Adomilli, Francisco Quintanilha e Dione Kitzmann, pelos significativos conhecimentos que adquiri em suas aulas, no mestrado de Educação Ambiental.

Aos professores da banca Álvaro Luís Ávila da Cunha e Carlos Roberto da Silva Machado pelas contribuições nesse trabalho.

Aos colegas do curso de Lic. em Educação do Campo (UFPel) pelas contribuições nesta dissertação: Rose Adriana A. de Miranda, Luciara Bilhalva Corrêa, Roberta Luzzardi, Regina Trilho Otero Xavier, Ricardo Kreutz, Lenara dos Santos e Mári de Souza Guithon. Agradeço ainda a Diego da Luz Nascimento, Carolina Tecchio, Reni Terezinha Wolff, Vania Grim Thies, Márcia Vasconcelos, Evando Hermes, Alexandra Domingues e Tainara Quintana da Cunha, pela amizade, companheirismo e aprendizado conjunto que tivemos trabalhando na turma 2 do curso de Lic. em Educação do Campo UAB/UFPel.

Aos acadêmicos participantes da pesquisa dos polos de Sapucaia do Sul, Rosário do Sul, São Lourenço do Sul, Itaqui, São Francisco de Paula, Sapiranga e São Sepé. E aos professores pesquisadores, tutores a distância e presenciais que colaboraram nos contatos com os alunos desses polos. A participação dos acadêmicos foi essencial para esse trabalho.

À Pastoral da Saúde que atua na Paróquia São João Batista da Diocese Anglicana de Pelotas, Rev. Edson Matos da Rosa, Ligia Dutra, Erni Borges da Silva, Ebrema Goulart, Sara Peixoto e Léia Onice Coimbra. À coordenadora do projeto Irmã Assunta Marcolina Tacca e aos amigos do grupo de pesquisa Plantio Comunitário, Augusto Luis Medeiros Amaral, Ceci Silva Souza e Iara Ávila.

À minha família, em especial: minha avó Hilda Holz Avila (in memoriam), meu pai Walter Ney Holz Avila, minha mãe Maria Carolina Alves Pereira Avila e meus irmãos Cintia Avila Blank e Felipe Alves Pereira Avila pelo amor, carinho e apoio incondicional que me dispensaram. De forma muito particular, agradeço à minha sobrinha Sabine Avila Blank, que de maneira lúdica me fez compreender mais sobre a Educação Ambiental Ecomunitarista. Amo vocês!

“... Nunca a aurora nos encontra onde o poente nos deixou.

Mesmo quando a terra dorme, nós viajamos.

Somos as sementes de uma planta tenaz, e é quando amadurecemos e atingimos a nossa plenitude de coração que o vento se apodera de nós e nos espalha ...”

Khalil Gibran

RESUMO

O trabalho teve como análise o eixo de Estudos Colaborativos (ECO) – Educação Ambiental na turma 1 do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal de Pelotas, na perspectiva da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo. O objetivo é analisar as convergências e as divergências da Educação Ambiental do curso com a Educação Ambiental Ecomunitarista/Ecomunitarismo. A abordagem da Educação Ambiental Ecomunitarista engloba a crítica da presente crise socioambiental e a busca de uma ação transformadora rumo a uma sociedade pós-capitalista. O Ecomunitarismo, para isso, apresenta propostas para relações comunitárias que respeitem a natureza. O *corpus* do trabalho constituiu-se com a Turma 1, que teve início no segundo semestre de 2009. É formado por 8 municípios/polos: Itaqui, Jacuizinho, Rosário do Sul, São Francisco de Paula, São Lourenço do Sul, São Sepé, Sapiranga e Sapucaia do Sul. A metodologia utilizada é o Estudo de Caso de natureza qualitativa. Foi analisado o Projeto Pedagógico (2008) do curso e entrevistas semiestruturadas realizadas com 7 acadêmicos (1 acadêmico de cada polo a seguir: Itaqui, Rosário do Sul, São Francisco de Paula, São Lourenço do Sul, São Sepé, Sapiranga e Sapucaia do Sul) com 1 tutora presencial, 1 tutora a distância, 1 professora pesquisadora, a coordenadora do curso e o primeiro coordenador. As entrevistas com os acadêmicos e tutora presencial foram realizadas via Skype e/ou Gtalk (conforme escolha do participante) e as entrevistas com a tutora a distância, professora pesquisadora, coordenadora e o primeiro coordenador do curso foram realizadas de forma presencial com gravador de voz e, posteriormente, transcritas. O estudo tem como fundamentação teórica a ética argumentativa do Ecomunitarismo. Com base nessa teoria foram elaborados os critérios de análise dos dados: 1) Economia ecológica e solidária; 2) Política de todos; 3) Comunicação livre e simétrica e 4) Educação Ambiental Ecomunitarista. Os dados revelam que o curso apresenta muitos aspectos convergentes com a Educação Ambiental Ecomunitarista, mas não trabalha na proposta de superação do modelo de sociedade capitalista e, por isso, não promove o desenvolvimento de relações comunitárias e a preservação e regeneração da natureza, que só seria possível com uma economia ecomunitarista. A análise verificou a carência de uma abordagem metodológica para trabalhar a Educação Ambiental no Ensino Infantil e também a deficiência de temas na área de ecologia e biomas. O curso tem um grande potencial no que se refere às propostas ecomunitaristas, por envolver populações das áreas rurais, rururbanas e de periferia oportunizando a realização de cursos a distância para formação de professores para as escolas dessas regiões. Isto contribui para fortalecer a cultura, desenvolvendo os potenciais da região, assegurando a possibilidade das pessoas optarem por estudar e trabalhar no campo, sendo sujeitos transformadores do lugar onde vivem. Outro aspecto importante no curso, especialmente no eixo de Educação Ambiental é a relação da teoria/prática e a realização de projetos de extensão com a integração escola/comunidade. O curso possui muitos aspectos que precisam ser complementados para atingir a transformação social necessária de acordo com as propostas analisadas sob a perspectiva do Ecomunitarismo.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Educação Ambiental Ecomunitarista. Ecomunitarismo. Educação a Distância. Educação do Campo.

ABSTRACT

The present study analysed the “Eixo de Estudos Colaborativos” (ECO) – group 1 in Environmental Education, from the Graduation Course in Rural Education, Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal de Pelotas, based on the Ecomunitarism Environmental Education perspective. This study aimed to analyse how far and how close the boundary of Environmental Education in the course Environmental Education based on Ecomunitarism is. The Ecomunitarist Environmental Education concept encompasses a criticism about the present socioenvironmental crisis and a search of a transformative action towards a post-capitalist society. Ecomunitarism shows new proposals to community relations which respect the environment. The *corpus* used is based on the experience with Group 1, which began in the second semester of 2009. It is consisted of 8 cities/hubs: Itaquí, Jacuizinho, Rosário do Sul, São Francisco de Paula, São Lourenço, São Sepé, Sapiranga and Sapucaia do Sul. The method used is the Qualitative Case Study method. The Pedagogical Project (2008) of the course and semi-instructed interviews (1 undergraduate student from each hub, as following: Itaquí, São Francisco de Paula, São Lourenço do Sul, São Sepé, Sapiranga and Sapucaia do Sul) with 1 present tutor, 1 a distance education tutor, 1 researcher professor, the course coordinator and the first coordinator. The interviews conducted with the undergraduate students were performed by Skype and/or Gtalk (according to the participant’s choice) and the interviews with the distance education tutor, the researcher professor, the coordinator and the first coordinator of the course were conducted face to face, using a voice recorder, and they were after transcribed. This study is theoretically based on the Comunitarist Ethics. Based on this theory, the criteria for data analysis were created: 1) Ecological and solidary economy; 2) Politics of all; 3) Simetric and free communication and 4) Ecomunitarism Environmental Education. Data revealed that the course analysed shows many aspects that converge with the Ecomunitarism Environmental Education, but it does not develop the proposal of overcoming the capitalist model of society and this is reason why it does not promote the development of ecomunitarist relations and the environment preservation and regeneration, which could only be possible with an ecomunitarist economy. The analysis verified the lack of methodological approach to introduce the Environmental Education in Childhood Education and also the lack of topics related to ecology and biomes. The course has a great potential in which concerns the ecomunitarist proposals, for involving rural, rural-urban and peripheral areas, making the courses at distance for teacher’s improvement possible for teachers from these areas. It contributes to enhance culture, developing the area potentials, guaranteeing the people the possibility of choosing and working in the countryside, being subjects able to transform the place they live. Other important aspect in this course, especially about Environmental Education, is the relation between teory/practice and the implementation of extension projects, integrating school/community. The course has many aspects which need to be developed to achieve the necessary social transformation, according to analysed proposals, under the Ecomunitarism perspective.

Keywords: Environmental Education. Ecomunitarism Environmental Education. Ecomunitarism. Distance Education. Rural Education.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----------|
| Figura 1: Mapa populacional e administrativo dos municípios do RS indicando as cidades – polo da turma 1 (indicação numerada das cidades/polo elaborada por Raquel A. P. Avila). | 19 |
|---|-----------|

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----------|
| Quadro 1: Quadro representativo de abrangência social do Curso de Licenciatura em Educação do Campo..... | 79 |
| Quadro 2: Quadro representativo da estrutura curricular do CLEC..... | 80 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----------|
| Tabela 1: Distribuição total das equipes de trabalho nos polos..... | 20 |
| Tabela 2: Distribuição das equipes de trabalho no eixo de Educação Ambiental | 20 |
| Tabela 3: Aspectos relacionados ao Ecomunitarismo..... | 28 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA..... | 14 |
| 1 DELINEAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA..... | 23 |
| 1.1 FENÔMENO MATERIAL SOCIAL..... | 24 |
| 1.2 PROBLEMA DA PESQUISA | 24 |
| 1.3 HIPÓTESE..... | 24 |
| 1.4 OBJETIVO GERAL | 25 |
| 1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 25 |
| 2 CAPÍTULO I: A ÉTICA QUE FUNDAMENTA A PROPOSTA ECOMUNITARISTA | 26 |
| 2.1 A ÉTICA ARGUMENTATIVA DA LIBERTAÇÃO: AS TRÊS NORMAS DA ÉTICA ECOMUNITARISTA | 26 |
| 2.2 CRÍTICA DO TRABALHO ALIENADO NO CAPITALISMO | 31 |
| 2.3 CONCEPÇÕES ECONÔMICO-ECOLÓGICAS DO ECOMUNITARISMO - A ECONOMIA ECOLÓGICA E SOLIDÁRIA..... | 37 |
| 2.4 CONCEPÇÃO POLÍTICA ECOMUNITARISTA DA LIBERTAÇÃO - QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS DA LIBERTAÇÃO..... | 43 |
| 2.5 A COMUNICAÇÃO SIMÉTRICA NO ECOMUNITARISMO | 45 |
| 2.6 ERÓTICA | 45 |
| 2.7 HISTÓRIA E UTOPIA | 46 |
| 3 CAPÍTULO II: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOMUNITARISTA | 48 |
| 3.1 A EDUCAÇÃO COMO SINÔNIMO DE CONSCIENTIZAÇÃO | 48 |
| 3.2 A CONCEPÇÃO PROBLEMATIZADORA E LIBERTADORA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOMUNITARISTA..... | 56 |
| 3.3 A EDUCAÇÃO SEXUAL..... | 65 |
| 4 CAPÍTULO III: O CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO .. | 67 |
| 4.1 A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL..... | 67 |
| 4.2 O CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO UAB/UFPEL | 77 |
| 5 CAPÍTULO IV: ANÁLISE DO EIXO ECO – EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO UAB/UFPEL, TURMA 1, À LUZ DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOMUNITARISTA/ECOMUNITARISMO | 87 |
| 5.1 ANÁLISE DO PROJETO PEDAGÓGICO..... | 87 |

| | |
|---|-----|
| 5.1.1 As três normas da ética ecomunitarista | 87 |
| 5.1.2 Economia ecológica e solidária | 91 |
| 5.1.3 Política de todos | 92 |
| 5.1.4 Comunicação livre e simétrica | 94 |
| 5.1.5 Educação Ambiental Ecomunitarista..... | 96 |
| 5.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM ACADÊMICOS, TUTORA PRESENCIAL, TUTORA A DISTÂNCIA, PROFESSORA PESQUISADORA E COORDENADORA DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, TURMA 1, UAB/UFPEL | 98 |
| 5.2.1 Análise da entrevista com o Acadêmico 1 | 98 |
| 5.2.1.1 As três normas da ética ecomunitarista | 98 |
| 5.2.1.2 Economia ecológica e solidária sem padrões | 101 |
| 5.2.1.3 Política de todos | 101 |
| 5.2.1.4 Comunicação livre e simétrica | 102 |
| 5.2.1.5 Erótica libertária – educação sexual | 103 |
| 5.2.1.6 Pedagogia ambiental problematizadora | 103 |
| 5.2.2 Análise das entrevistas com os acadêmicos, tutora presencial, tutora a distância, professora pesquisadora e professora coordenadora do curso..... | 104 |
| 5.2.2.1 Economia ecológica e solidária | 112 |
| 5.2.2.2 Política de todos..... | 117 |
| 5.2.2.3 Comunicação livre e simétrica..... | 121 |
| 5.2.2.4 Educação Ambiental Ecomunitarista..... | 125 |
| CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES | 155 |
| REFERÊNCIAS | 159 |
| APÊNDICES..... | 161 |
| APÊNDICE A | 162 |
| APÊNDICE B..... | 163 |
| APÊNDICE C | 164 |
| APÊNDICE D | 165 |
| APÊNDICE E..... | 166 |

| | |
|-------------------------|------------|
| APÊNDICE F | 167 |
| APÊNDICE G | 169 |
| APÊNDICE H | 170 |
| APÊNDICE I | 172 |
| APÊNDICE J | 174 |
| APÊNDICE K | 184 |
| APÊNDICE L | 192 |
| APÊNDICE M | 199 |
| APÊNDICE N | 209 |
| APÊNDICE O | 217 |
| APÊNDICE P | 221 |
| APÊNDICE Q | 225 |
| APÊNDICE R | 232 |
| APÊNDICE S | 237 |
| APÊNDICE T | 243 |
| APÊNDICE U | 254 |
| ANEXO | 263 |

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A presente dissertação tem o objetivo de realizar uma análise, sob a perspectiva da Educação Ambiental Ecomunitarista, do eixo de Educação Ambiental na turma 1 do Curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPEL, no qual exerço a função de tutora a distância da turma 2 no Pólo de Três Passos/RS. Neste texto, almejo apresentar minha trajetória profissional, a motivação que determinou a escolha do tema e a minha compreensão de mundo, que foram elementos importantes para a abordagem teórica do Ecomunitarismo.

Minha formação é de bacharel com licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Durante a graduação, tive interesse pela pesquisa laboratorial. Fiz estágio no CAVG (Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça) como monitora das aulas práticas da disciplina de Citologia. Também fiz estágios no Departamento de Farmacologia, estudando a atividade cicatrizante de plantas medicinais, e no Departamento de Microbiologia, onde realizei a pesquisa que resultou na monografia de conclusão do curso. Nessa época, a Educação Ambiental não constava no currículo. O contato com as questões ambientais ocorreu nas apreciáveis aulas de Ecologia. Fiz meu estágio de licenciatura na Escola Estadual Dom João Braga de Pelotas-RS, que se revelou muito produtivo.

Na graduação, também despertei interesse pela pesquisa laboratorial, por onde se observava os seres microscópicos, principalmente bactérias, algas e fungos, com suas estruturas e formas. A biotecnologia me impressionou com os métodos de clonagem, a produção de vacinas e a modificação genética. Era fascinante estudar as células e suas funções, o DNA, o RNA, e saber como todo esse conjunto de estruturas moleculares e celulares formam diversos e complexos organismos. A biologia revelava muito daquilo que considerávamos como sendo o mistério da vida. Mesmo assim, persistiam muitos outros enigmas que desafiavam a razão humana. Todavia, algo faltava para que a Biologia me realizasse plenamente. Aos 22 anos de idade, pude identificar objetivamente esta carência, quando, através de leituras e reflexões, percebi que precisava vincular esses estudos à vida das pessoas e à sociedade, com o intuito de colaborar com a melhoria da qualidade de vida e do meio ambiente.

Após concluir a graduação, tive planos de realizar um mestrado, mas na época, nenhum dos cursos oferecidos me interessou. Por isso, realizei um trabalho de três meses em Campo Grande/MS, em regime de internato numa comunidade voltado à agroecologia, plantas medicinais, saúde, psicologia, atividades físicas e qualidade de vida, dentre outros

temas. Inconscientemente, já me aproximava da Educação Ambiental, especialmente à Educação Ambiental Ecomunitarista e sua perspectiva de desenvolver outros valores sociais, com a possibilidade de pensar e viver outro tipo de sociedade. Foi um período produtivo, de muito trabalho e aprendizado, apesar da tristeza por estar longe da família.

Após essa etapa, realizei diversas atividades voluntárias e iniciei meu trabalho como professora na E. E. São José, em Confins/MG, região metropolitana de Belo Horizonte. Essa escola é a única mantida pelo estado na cidade, que, aos poucos, se desenvolveu graças à construção de um aeroporto. O educandário, embora seja uma instituição de referência, ainda hoje preserva traços da vida rural. Trabalhei durante quatro anos e meio nessa escola e pude observar as mudanças que a internet e as tecnologias causaram na comunidade. A cada ano, aumentava o número de alunos com acesso à internet. Essa condição repercutia nas aulas. A forma como a cultura digital mesclava-se à cultura da região, apresentou-se significativa para mim. Percebi que a tecnologia é importante para os trabalhos em sala de aula, possibilitando rápidas mudanças em curto espaço de tempo.

A minha rotina, nesta ocasião, era bem cansativa. Residia em Belo Horizonte e trabalhava em Confins. Tinha duas matrículas. Trabalhava pelos turnos da manhã, tarde e noite no Ensino Fundamental, Médio, EJA e num projeto emergencial do Estado, o PAVE. A cidade e o ambiente escolar possibilitavam um fácil convívio. As pessoas eram receptivas e tudo era regado a café e “prosa”. Aprendi muito, principalmente com as colegas mais antigas. Estes subsídios até hoje são valiosos aparelhos para a minha atuação profissional como pesquisadora e tutora.

Na escola, participei de várias mostras pedagógicas, festividades e festas juninas, atividades esportivas e palestras. No meu primeiro ano atuando como professora, descobri o gosto pela Educação Ambiental, através de projetos da prefeitura e da UFMG (Projeto “Manuelzão” de Revitalização do Rio das Velhas) que eram realizados em parceria com a escola. A partir daí, comecei a abordar a temática ambiental nos conteúdos das aulas de Ciências e Biologia. Na abordagem de muitos casos, utilizei a representação conservadora, em outros, a perspectiva crítica e problematizadora. Todavia, na época, não possuía o conhecimento atual acerca da educação ambiental. Pude observar ainda, que os alunos, durante as suas pesquisas, ao abordarem problemas socioambientais perante as empresas locais e órgãos públicos, enfrentavam certas dificuldades, pois o resultado crítico de seu trabalho provocava impacto junto a muitos de seus familiares que atuavam nestas instituições. Mesmo assim, encorajei-os a aprofundar-se na temática, pois não se oculta a verdade, a realidade dos

fatos. Por outro lado, é gratificante assistir os alunos defenderem suas ideias, relatando suas pesquisas e propondo soluções e melhorias para a sua comunidade.

Nesta ocasião, realizei vários trabalhos envolvendo a coleta seletiva, a reutilização de materiais para confecção de instrumentos musicais, roupas e objetos de decoração, apresentações musicais e de teatro, e mural com fotos dos problemas locais. Nessas atividades, pude perceber o entusiasmo e a criatividade dos alunos. Apesar das dificuldades inerentes a uma escola pública do interior, adquiri um importante aprendizado, próprio de quem se propõe a ser criativo. Foi gratificante ver os alunos mudarem suas atitudes e terem opinião sobre a problemática ambiental, através da própria reflexão-ação, num processo de autoconhecimento, onde inexistiram imposições.

Em 2009, após aprovação em processo seletivo, passei a frequentar o curso de pós-graduação ENCI - Ensino de Ciências por Investigação à distância pela UAB/UFMG no polo de Confins, destinado à qualificação profissional de professores e relacionado à minha área de atuação - Ciências e Biologia. Foi uma importante etapa. Sempre gostei dos estudos e da pesquisa. Meu objetivo era realizar a monografia na área da Educação Ambiental com os meus alunos da Escola São José de Confins.

O ensino a distância exige autonomia, organização e dedicação. Mesmo com o tempo reduzido e fazendo os trabalhos nos fins de semana, logrei excelentes resultados através das apostilas, dos materiais de leitura, e demais recursos pedagógicos. A sala de aula virtual no Moodle, e a descoberta de novas ferramentas, conduziram-me a um novo e dinâmico processo de aprendizagem, envolvendo fóruns e bate-papo com os professores e tutores.

Existe muito preconceito em relação ao Ensino a Distância. No entanto, o que posso relatar sobre minha experiência como aluna dessa modalidade de ensino, é que foi muito produtiva. Obtive ideias criativas para minhas aulas, fiz novos planejamentos e atividades para os alunos, enfim, me senti motivada, e isso se refletiu no aprendizado dos alunos. A leitura de artigos sobre Educação Ambiental me auxiliou na compreensão crítica das questões ambientais, e todos esses aparelhos eram incorporados na minha prática docente.

Posteriormente, planejei um mestrado na UFMG, tendo como tema a Educação Ambiental. As leituras me fizeram pensar no porquê de tantos problemas ecológicos e na falta de consciência das pessoas.

No final de julho de 2010, por motivos pessoais, precisei abandonar o curso, pedi exoneração do emprego e retornei à Pelotas.

No segundo semestre de 2010, prestei seleção para Tutor a distância nos cursos de Pedagogia UAB/UFPel e Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPel. Fui aprovada

nas duas seleções. Escolhi o curso de Licenciatura em Educação do Campo, porque abordava a temática ambiental e por já ter trabalhado numa escola do interior com experiência rural. Tive facilidade durante a capacitação e no contato com o ambiente “Moodle”, por ter sido aluna de um curso de pós-graduação à distância na UFMG.

No ano de 2011, iniciei meu trabalho como tutora a distância no polo de Três Passos/RS, que me vem possibilitando uma experiência importante como professora. Inicialmente, senti as diferenças entre a modalidade de ensino presencial (que tinha experiência como professora) e a virtual, que era uma prática nova para mim como professora, mas, aos poucos, fui me adaptando e compreendendo a dinâmica das aulas, a forma de avaliação, a estrutura curricular, o trabalho colaborativo da equipe eo contato virtual com os alunos. Aos poucos, fui desenvolvendo minhas ações e, no decorrer do curso, aprimorei minha prática como tutora no ensino a distância.

Vivemos num mundo em que as tecnologias fazem parte da sociedade e a educação precisa incorporar essas novas tecnologias de informação e comunicação, para inovar e aprimorar as práticas pedagógicas, mas priorizando as relações pessoais e não deixando que a “máquina” controle o homem e seja uma barreira entre as pessoas. O homem precisa utilizar as tecnologias para criar pontes e não barreiras.

No ano de 2011, participei do GIGA – Grupo Interdisciplinar de Gestão Ambiental vinculado à CGA – Coordenadoria de Gestão Ambiental da UFPel, como colaboradora da equipe organizadora. O grupo era formado por acadêmicos de diversos cursos da UFPel e realizava um trabalho de capacitação, para que atuassem como agentes ambientais nos diversos espaços da universidade, nas áreas de educação e gestão ambiental. Nesse grupo, ministrei palestras, participei de reuniões, realizei visitas técnicas, participei da produção de uma apostila, dentre outras atividades. Com isso, aprendi que é fundamental a prática, a ação para resolver os problemas, a teoria é muito importante, mas é a ação e a atitude proativa que produzem as transformações.

Ainda em 2011, fiz três disciplinas como aluna especial do Mestrado em Educação Ambiental da FURG, dentre elas a “Educação Ambiental Ecomunitarista”, “Sociologia e a Dialética do Meio Ambiente” e “Políticas Públicas da Educação Ambiental”. Foram essas disciplinas que responderam grande parte das minhas dúvidas e inquietações. Pude entender a causa dos problemas socioambientais de forma objetiva e realista, ou seja, o modelo de produção capitalista é responsável pela degradação da natureza (humana e não humana). Percebi que o Ecomunitarismo vai além, ao propor o desenvolvimento de uma nova sociedade, através do processo histórico de atitude de libertação dos seres humanos. A ação

libertadora cria novas possibilidades e é ela que pode desenvolver uma sociedade que realize a preservação e regeneração da natureza humana e não humana.

Numa aula da disciplina “As Três Ecologias de Félix Guattari”, conheci a Ceci e o Augusto que explicaram o trabalho realizado na “Casa do Caminho”, coordenado pela Irmã Assunta. Tive muito interesse em conhecer e participar da experiência. Em agosto de 2013, ingressei como voluntária na Comunidade Anglicana São João Batista. Este grupo cuida de jardins, horta e plantas medicinais, que são utilizadas para fabricação de fitoterápicos, distribuídos gratuitamente para pessoas carentes. Oferece ainda, serviço de massoterapia.

Tenho muita afinidade e acredito nas ideias e propostas do Ecomunitarismo, porque visa à concretização de uma sociedade condizente com as necessidades do tempo em que vivemos e não fica somente na crítica ao capitalismo. Além da crítica, propõe uma alternativa com propostas e aponta uma esperança para vivermos numa sociedade sustentável, e que pode concretizar-se no processo histórico de libertação e ação humana. Nesse sentido, a educação ambiental problematizadora e os meios de comunicação tem um papel fundamental para o desenvolvimento do Ecomunitarismo.

A pesquisa, portanto, almeja colaborar com esse processo de pensar e concretizar uma sociedade pós-capitalista, e, dessa forma, contribuir para termos novas ideias e formas de trabalhar a Educação Ambiental nos cursos de formação de professores. Que possa este trabalho servir para aprimorar o ensino de Educação Ambiental no curso de Lic. em Educação do Campo, onde atualmente exerço a função de tutora a distância.

A presente dissertação tem como título: “A Educação Ambiental no Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Uma Análise à Luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da turma 1 - UAB/UFPel, Pelotas/RS)”.

A presente pesquisa tem o objetivo de analisar, à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista/Ecomunitarismo, o eixo de Educação Ambiental que faz parte dos Estudos Colaborativos (ECO) do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Modalidade a Distância (CLEC/UAB/UFPEL). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, tipo Estudo de Caso. Os dados analisados são: o Projeto Pedagógico do curso (2008) e as entrevistas com os envolvidos no eixo de ECO – Educação Ambiental da turma 1; a coordenadora e o primeiro coordenador do curso; a professora pesquisadora; a tutora a distância; a tutora presencial e um acadêmico representativo de cada polo/cidade da turma 1.

Conforme o Projeto Pedagógico (2008), a Educação Ambiental é um dos eixos do “Núcleo de Formação Complementar – Estudos Colaborativos”, com início no 3º semestre e

término no 7º semestre. Os Estudos Colaborativos (ECO I, II, III, IV e V) apresentam as seguintes temáticas: Educação Ambiental, Educação Infantil, Educação para os anos iniciais do ensino fundamental de 9 anos, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Gestão Educacional, Educação e Tecnologia. Os acadêmicos escolhem uma dessas temáticas para cursar. No último eixo do ECO (V), executarão um projeto que foi sendo elaborado nos eixos anteriores, pertinente à temática que será implantada na escola parceira. Os Estudos Colaborativos apresentam a função de aprofundar os estudos em áreas da atuação profissional do estudante.

A pesquisa foi realizada na turma 1, cujo período letivo desenvolveu-se entre 31 de agosto de 2009 e o segundo semestre de 2013, quando ocorreu a cerimônia de formatura dos alunos. A turma 1 compreende os seguintes polos (numerados no mapa): Itaqui (1), Jacuizinho (2), Rosário do Sul (3), São Francisco de Paula (4), São Lourenço do Sul (5), São Sepé (6), Sapiranga (7) e Sapucaia do Sul (8).

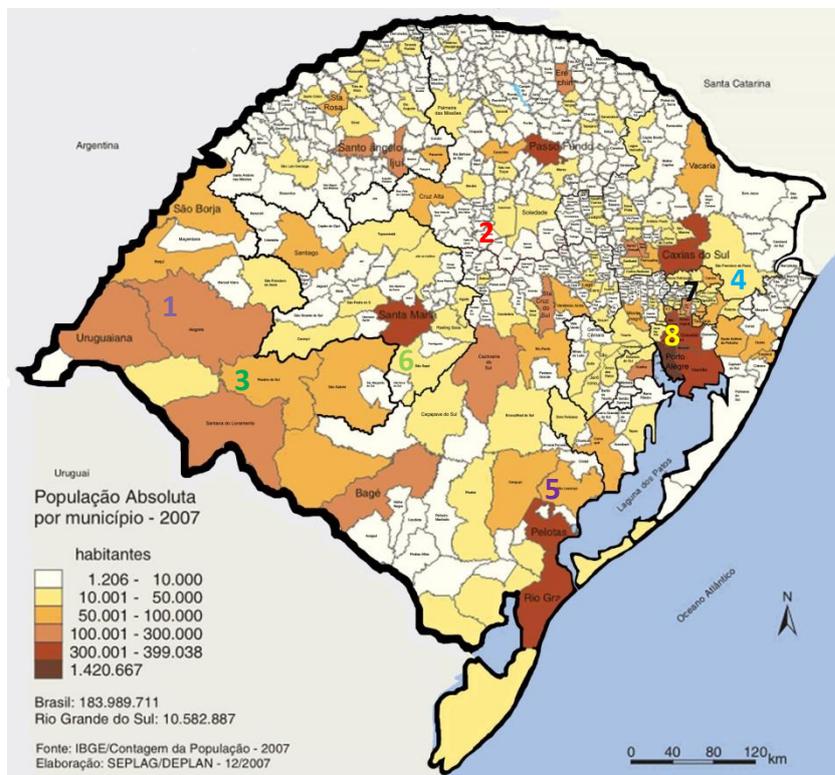


Figura 1: Mapa populacional e administrativo dos municípios do RS indicando as cidades – polo da turma 1 (indicação numerada das cidades/polo elaborada por Raquel A. P. Avila).

Fonte: Disponível em: <http://www.mapas.ors.com.br/mapa-populacional-e-administrativo-municipios-estado-rs.html>

Tabela 1: Distribuição total das equipes de trabalho nos polos

| | Itaqui | Jacuzi- nho | Rosário do Sul | São Francisco de Paula | São Lourenço do Sul | São Sepé | Sapiranga | Sapucaia do Sul |
|--------------------------------------|--------|----------------|-------------------|------------------------------|---------------------------|-------------|-----------|--------------------|
| Professores | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 |
| Professores pesquisadores | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| Tutores a distância | 2 | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| Tutores presenciais | 2 | 1 | 2 | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 |
| Acadêmicos | 34 | 22 | 35 | 17 | 25 | 25 | 23 | 18 |

Fonte: Coordenação do curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPel, ano de 2012.

Total de acadêmicos: 199

Os seis professores são os professores efetivos do curso.

Os professores pesquisadores (PP) são cinco no total (alguns são responsáveis por mais de um polo).

As equipes de trabalho do Eixo de ECO - Educação Ambiental são constituídas segundo a tabela abaixo:

Tabela 2: Distribuição das equipes de trabalho no eixo de Educação Ambiental

| | Itaqui | Jacuzi- zinho | Rosário do Sul | São Francisco de Paula | São Lourenço do Sul | São Sepé | Sapiran- ga | Sapucaia do Sul |
|--------------------------------------|--------|------------------|-------------------|------------------------------|---------------------------|-------------|----------------|--------------------|
| Professores | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 |
| Professores pesquisadores | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| Tutores a distância | 1 | 1 | 1 | - | - | 1 | 1 | - |
| Tutores presenciais | 1 | 1 | - | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 |
| Acadêmicos | 3 | 8 | 13 | 5 | 7 | 3 | 7 | 7 |

Fonte: Coordenação do curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPel, ano de 2012.

A educação, na sua compreensão ambiental, emergiu nas décadas de 60 e 70 a partir da tomada de consciência dos problemas ambientais decorrentes da poluição e devastação dos recursos naturais originários da intensificação e expansão do sistema capitalista de produção, distribuição e consumo. A concepção problematizadora e libertadora da educação ambiental à

luz do Ecomunitarismo tem um caráter ético e político, visando à problematização das questões socioambientais para a sua transformação.

A abordagem da Educação Ambiental Ecomunitarista engloba a crítica da presente crise socioambiental e a ação transformadora rumo a uma sociedade pós-capitalista, o Ecomunitarismo. Muitas concepções de Educação Ambiental fazem a crítica ao capitalismo, mas não apresentam um caminho para a sua superação, esse é o diferencial da Educação Ambiental Ecomunitarista comparada com as demais concepções de Educação Ambiental. Muitas práticas de educação ambiental não estão servindo com o objetivo de transformação da situação opressora e da conscientização dos percalços ambientais, exatamente porque não criticam o sistema capitalista que se constitui na raiz do problema. Em muitas situações, a Educação Ambiental não está servindo para a problematização e conscientização das questões socioambientais, com vistas a uma atitude de libertação dos processos de opressão e alienação dos seres humanos.

A Educação Ambiental Ecomunitarista, com base no Ecomunitarismo, propõe uma educação revolucionária que contesta o sistema capitalista e vislumbra uma sociedade pós-capitalista, descrevendo os parâmetros dessa nova sociedade e propondo atitudes que se fazem necessárias, mesmo dentro do capitalismo, para que se concretizem as transformações com vistas à superação da alienação e opressão dos seres humanos. O Ecomunitarismo confere à Educação Ambiental, um caráter político-pedagógico, intrinsecamente ligado à transformação social, por isso, a EA Ecomunitarista tem um caráter que integra a sociedade e a natureza de forma dialética.

Esta pesquisa vislumbra novos e benfazejos horizontes, através da proposta transformadora e libertadora da Educação Ambiental Ecomunitarista. Portanto, ao percorrer esta trilha, a intenção desse estudo é colaborar para a compreensão da proposta da teoria Ecomunitarista na área da educação (Educação Ambiental Ecomunitarista), e contribuir com o eixo ECO – Educação Ambiental, e também com o curso de Educação do Campo.

A fundamentação teórica da dissertação é a ética argumentativa do Ecomunitarismo e a Educação Ambiental Ecomunitarista, propostas pelo Prof. Dr. Sirio Lopez Velasco.

Apresentação dos capítulos da dissertação:

A “Introdução e Justificativa” apresenta o curso de Licenciatura em Educação do Campo (CLEC) da UAB/UFPel e o seu eixo de Educação Ambiental. Explica algumas considerações sobre a Educação Ambiental Ecomunitarista, menciona a fundamentação teórica do trabalho e a justificativa da dissertação.

Os “Delineamentos teórico-metodológicos da pesquisa” explicam a metodologia da pesquisa, o fenômeno material social, problema, hipótese e objetivos da dissertação. Apontam os participantes, os dados a serem analisados, os instrumentos para a produção dos dados e os critérios utilizados para a análise.

O Capítulo I “A ética que fundamenta a proposta ecomunitarista” compreende a fundamentação do Ecomunitarismo nas três normas da ética e sua implementação nos diversos campos da sociedade, tais como: política, economia, pedagogia, erótica, comunicação e ecologia. Aborda também a crítica ao trabalho alienante do capitalismo sob a perspectiva ecomunitarista. E versa sobre o caráter histórico e utópico do Ecomunitarismo.

“A Educação Ambiental Ecomunitarista” é apresentada no capítulo II. A primeira parte explica a educação como sinônimo de conscientização e faz um diálogo da Educação Ambiental Ecomunitarista com a pedagogia de Paulo Freire, que é o fundamento de tal perspectiva de EA. A segunda parte aborda a concepção problematizadora e libertadora da EA Ecomunitarista. Após, discute a educação sexual na Educação Ambiental.

O capítulo III “O Curso de Licenciatura em Educação do Campo” visa apresentar alguns aspectos do histórico da Educação do Campo no Brasil, as políticas públicas e legislação da Educação Ambiental para o referido curso, realizando uma análise fundamentada em alguns textos sobre a Educação do Campo, na experiência adquirida como professora de uma escola do interior, e nos estudos do Ecomunitarismo. Também descreve o histórico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Universidade Aberta do Brasil / Universidade Federal de Pelotas.

O capítulo IV, “Análise do eixo ECO - Educação Ambiental do Curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPel, turma 1, à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista/Ecomunitarismo”, realiza a análise do Projeto Pedagógico e das entrevistas com acadêmicos, professora pesquisadora, coordenadora do curso, primeiro coordenador do curso, tutora presencial e tutora a distância. A análise dos dados tem como referência os seguintes critérios fundamentados no Ecomunitarismo: Economia ecológica e solidária; Política de todos; Comunicação livre e simétrica e Educação Ambiental Ecomunitarista.

Por fim, as conclusões e recomendações abordam a síntese da pesquisa pontuando e discutindo os resultados relacionados aos objetivos propostos.

1 DELINEAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para a realização da metodologia da pesquisa foram consultados os seguintes livros: Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais, A Pesquisa Qualitativa em Educação (1987), de Augusto N. S. Triviños; Como Elaborar Projetos de Pesquisa (1984), de Antonio Carlos Gil; e Estudo de Caso: Planejamento e Métodos (2001), de Robert K. Yin.

A metodologia utilizada no trabalho é o Estudo de Caso, de natureza qualitativa. Consiste em uma análise do eixo de ECO - Educação Ambiental da turma 1 do curso, na perspectiva da Educação Ambiental Ecomunitarista/Ecomunitarismo através da análise do Projeto Pedagógico (2008) e o exame minucioso das entrevistas semiestruturadas com a professora coordenadora do curso; com uma professora pesquisadora, uma tutora presencial, uma tutora a distância, e sete acadêmicos (1 acadêmico de Itaqui, 1 de Rosário do Sul, 1 de São Francisco de Paula, 1 de São Lourenço do Sul, 1 de São Sepé, 1 de Sapiranga e 1 de Sapucaia do Sul). A entrevista com o primeiro coordenador foi um relato sobre o início do curso de Lic. em Educação do Campo e sua experiência na turma 1.

Triviños (1987, p. 146) diz sobre a entrevista semiestruturada que:

Podemos entender por *entrevista semi-estruturada*, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

O critério de seleção do professor pesquisador, tutores (presencial e a distância) e acadêmicos leva em consideração àqueles que participaram do eixo de ECO - Educação Ambiental da turma 1.

Antes do início das entrevistas, realizou-se um pré-teste para avaliar as questões, assegurando-se, com isso, os objetivos da pesquisa, bem como a possibilidade de uma eventual retificação dos questionários.

Os roteiros das entrevistas são distintos. Há um itinerário específico para a coordenadora do curso, outro para a professora pesquisadora e tutores (a distância e presencial), e um para os acadêmicos. As entrevistas efetuadas em Pelotas-RS com a coordenadora, com o primeiro coordenador do curso, a professora pesquisadora e a tutora a

distância ocorreram de forma presencial e com registro de voz gravado. As entrevistas com a tutora presencial e com os acadêmicos dos polos, residentes nas cidades em que o curso é ofertado, foram do tipo online, síncrona isolada, ao mesmo tempo, mas em espaços diferentes, via comunicação de vídeo e voz pelo “Skype”, devidamente gravado o áudio. Essa escolha aproximou entrevistador e entrevistado. Inicialmente, alguns polos não responderam ao convite de participação, por isso, a entrevista desenvolveu-se também através de bate-papo pelo Gmail, fato que colaborou para aumentar a participação. Todos os entrevistados firmaram o respectivo termo de consentimento que lhes foi enviado por e-mail.

Os dados das entrevistas e do Projeto Pedagógico foram analisados com base na fundamentação teórica da ética argumentativa do Ecomunitarismo e da Educação Ambiental Ecomunitarista, propostas pelo prof. Dr. Sirio Lopez Velasco. Os critérios de análise dos dados são: Economia ecológica e solidária; Política de todos; Comunicação livre e simétrica; Educação Ambiental Ecomunitarista.

1.1 FENÔMENO MATERIAL SOCIAL

O estudo está focado no eixo ECO (Estudos Colaborativos) - Educação Ambiental na turma 1 do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Modalidade a Distância pela Universidade Aberta do Brasil (UAB)/Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas/RS.

1.2 PROBLEMA DA PESQUISA

A busca da compreensão das convergências e divergências da Educação Ambiental do curso de Licenciatura em Educação do Campo (na turma 1) com relação à Educação Ambiental Ecomunitarista/Ecomunitarismo.

1.3 HIPÓTESE

A Educação Ambiental do curso apresenta convergências e divergências com a Educação Ambiental Ecomunitarista.

1.4 OBJETIVO GERAL

Analisar o eixo ECO - Educação Ambiental, na turma 1, do curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPel, sob a perspectiva da Educação Ambiental Ecomunitarista/Ecomunitarismo.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Analisar as convergências e as divergências da Educação Ambiental do curso com a Educação Ambiental Ecomunitarista/Ecomunitarismo, a partir dos seguintes critérios: Economia ecológica e solidária; Política de todos; Comunicação livre e simétrica; Educação Ambiental Ecomunitarista. E compreender as potencialidades da emergência de um modelo pós-capitalista, o ecomunitarismo.

2 CAPÍTULO I: A ÉTICA QUE FUNDAMENTA A PROPOSTA ECOMUNITARISTA

2.1 A ÉTICA ARGUMENTATIVA DA LIBERTAÇÃO: AS TRÊS NORMAS DA ÉTICA ECOMUNITARISTA

A proposta do Ecomunitarismo orientada como a ética para o século XXI tem origem na necessidade urgente de se reerguer a ética sobre novos alicerces argumentativos. No século XX, a limitação das éticas religiosas e o divórcio entre ética e ciência auxiliaram a expansão do capitalismo.

A ciência a serviço do capitalismo está provocando graves problemas socioambientais para a humanidade, e essa ética do século XX não tem uma resposta eficiente de alcance universal para evitar e/ou minimizar esses graves riscos planetários. O ecomunitarismo como a ética para o século XXI promove uma ética universalizável, capaz de orientar o agir no contexto do capitalismo para superá-lo.

A sociedade contemporânea necessita de uma ética à altura dos desafios e ameaças do capitalismo, pois a ética em curso não promove as mudanças necessárias para que o homem tenha condições de enfrentar os graves problemas mundiais. Nesse contexto, as reflexões de Russell apontam para a *dimensão linguística* do problema, através da pesquisa sobre a linguagem. A Teoria dos Atos de Fala de J. L. Austin avança na reflexão Russelliana sobre a busca de uma solução para o impasse, por meio da análise da linguagem. Para a proposta da ética argumentativa, é essencial a teoria das condições de felicidade dos atos linguísticos (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 9-12).

A ética argumentativa aplica-se aos aspectos econômicos, ecológicos, eróticos, pedagógicos, políticos e comunicacionais.

De acordo com Lopez Velasco (2005, p. 14), os fundamentos lógico-linguísticos da ética argumentativa: a) partem de Austin; b) recuperam o instrumental da lógica formal, fazendo uso do operador que chamam de “condicional” (e não de subcondicional); c) tentam mostrar que é possível, por via estritamente argumentativa da própria gramática, deduzir a pergunta que instaura o universo da ética (“Que devo fazer?”), recorrendo a normas de validade intersubjetiva universal (pelo menos na cultura “ocidental”). As obrigações morais e éticas constituem-se somente por meio da linguagem, mediante a resposta à pergunta: “que devo fazer?”

Para o citado autor, a obrigação moral e a obrigação ética têm distinta forma linguística. A moral depende da cultura de um povo e suas tradições. A ética busca um consenso comum e mundial e perpassa a questão cultural dos povos. A indagação “Que devo fazer?” – instaura a ética e a moral na e pela linguagem. O único pressuposto é que desejamos produzir instâncias felizes do ato de fala dessa pergunta.

As Três Normas da Ética Ecomunitarista

Primeira norma: “Devo garantir minha liberdade de decisão, porque eu garanto minha liberdade de decisão, é condição de eu faço a pergunta ‘Que devo fazer?’ (numa realização feliz)”.

A felicidade da pergunta “Que devo fazer?” possibilita a escolha de pelo menos duas alternativas de pensamento e/ou ação. Isso significa liberdade de decisão. Em virtude da condição social do ser humano, talvez nunca a pergunta “Que devo fazer?” será plenamente “feliz”. Mas ao mesmo tempo é a instauração/reafirmção da nossa liberdade de decisão e da luta para consegui-la (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 17).

Segunda norma: “Devo buscar consensualmente uma resposta para cada instância da pergunta ‘Que devo fazer?’, porque eu busco consensualmente uma resposta para cada instância da pergunta ‘Que devo fazer?’ é condição da pergunta ‘Que devo fazer?’ é feliz”.

Essa norma traça os limites da pergunta da 1ª. norma da ética, da liberdade individual de decisão. Exige uma vivência consensual da liberdade. O consenso e o dissenso estão numa relação dialética, em que um se transforma no outro. Tese e antítese para a busca da síntese (temporária). No consenso existe o dissenso em potencial, e no dissenso existe o consenso em potencial, o consenso é sempre provisório, no caso das normas éticas, e pode transformar-se em dissenso e vice-versa.

A segunda norma confirma a primeira, porque devemos lutar por uma ordem social na qual todas as pessoas possam ser o mais livres que for possível em suas decisões individuais consensualmente estabelecidas e criadas e recriadas a cada instante mediante discussão argumentativa (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 18-19).

Terceira norma: “Devo preservar uma natureza saudável do ponto de vista produtivo, porque eu preservo uma natureza saudável do ponto de vista produtivo é condição de eu faço a pergunta ‘Que devo fazer?’ (numa realização feliz)” (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 20).

Essa norma é um importante fundamento argumentativo para a tarefa da preservação/regeneração da natureza (humana e não-humana), imprescindível para a ordem socioambiental ecomunitarista.

A proposta de uma nova ordem socioambiental pós-capitalista é de extrema relevância na atual conjuntura de crise econômica e ambiental em que vivemos. A educação ambiental à luz do ecomunitarismo apresenta uma abordagem ética e política que contribui para a formação de sujeitos críticos e transformadores da sociedade.

O autor e idealizador do ecomunitarismo refere:

Chamo de “ecomunitarismo” a ordem socioambiental utópica pós-capitalista (talvez nunca alcançável, mas indispensável horizonte guia da ação), capaz de se articular com base nas três normas da ética e manter-se pela postura de seres humanos em atitude de libertação (LOPEZ VELASCO, 2005. p. 20).

As normas da ética são históricas e a história está sempre em constante transformação. Por isso, o autor refere-se à utopia, porque para haver transformação é necessário, pelo menos, que existam ideias para a concretização de algo novo, que não necessariamente ocorrerá como está escrito, mas com certeza muito do que é e será necessário ocorrerá e já está ocorrendo. Atualmente, estamos vivendo grandes transformações sociais, principalmente no que se refere à crise do sistema capitalista.

O ecomunitarismo é um caminho para vivermos num mundo justo, igualitário e ambientalmente saudável para enfrentarmos os graves problemas socioambientais da atualidade, decorrentes da ganância do homem e destruição sem limites da natureza que são inerentes ao modo de produção capitalista.

Tabela 3: Aspectos relacionados ao Ecomunitarismo

ECOMUNITARISMO

| | As três normas da ética ecomunitarista | Economia ecológica e solidária | Política de todos | Educação Ambiental Ecomunitarista | Erótica libertária | Comunicação livre e simétrica |
|---|--|--|---|---|---|--|
| Aspectos referentes aos critérios de análise | - Liberdade de decisão individual e consensual respeitando a | - Não trabalho, acordo consensual dos produtores | - Integração com sindicatos, movimentos sociais, ONG's, | - Desenvolver as capacidades criativas, habilidades e vocações dos educandos; | - Liberdade sexual, respeitando as 3 normas da ética; | - Comunicação horizontal e livre, decisões consensu- |

| | | | | | | |
|--|--|---|---|--|--|---|
| | <p>preservação e regeneração da natureza.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilização da natureza como recurso material para o trabalho, para a vida, para a contemplação, atividades lúdicas, descanso e integração física e espiritual; - Entrevista: 1º e 2º normas da ética – o que eu penso em consenso com o que os entrevistados pensam, realização feliz da pergunta? - Melhorar a qualidade de vida; - Cooperação entre os povos; -Solidariedade; -Interculturalismo; - Livre e multifacético desenvolvimento dos indivíduos associados solidariamente por decisão livre; - Processo histórico de libertação – caminho histórico rumo ao ecomunita- | <p>livremente associados, conforme “De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo a sua necessidade” de acordo com as 3 normas da ética ecomunitarista;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento das múltiplas vocações e aplicação no trabalho, gerando felicidade e um trabalho produtivo e realizado com prazer; -Necessidades humanas legítimas (consumo sustentável - preservação e regeneração da natureza não humana e humana); - Agroecologia, agricultura orgânica apoiada nos 3 R’s (reduzir, reciclar e reutilizar) e nos recursos renováveis; - Tecnologias ecológicamente sustentáveis; - Campo: articulação em cooperativas agroindustri- | <p>associações de bairro, etc;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Priorizar a democracia direta (facilitada pelo uso das tecnologias digitais, internet, etc.); - Rotatividades cargos, dos representantes eleitos; - Movimento ecomunitarista formado pelos excluídos e/ou oprimidos do sistema capitalista, como indígenas, ribeirinhos, pequenos agricultores, quilombolas, assalariados, etc; e também toda pessoas que entenda a crítica ao capitalismo; - Democracia direta, reuniões, decisões consensuais; - Reconciliação solidária de indivíduos e comunidade à nível planetário; - Vizinhança solidária e atenta à melhoria da qualidade de vida no bairro; - Construção de espaços | <ul style="list-style-type: none"> - Dialogicidade, reflexão e ação, professor e aluno são sujeitos do processo de aprendizagem; - Articulação teórico-prática; - Conscientização e problematização, leitura crítica do capitalismo e ação transformadora; - Autonomia de pensamento e ação; - Inter, multi e transdisciplinaridade da EA; - EA problematizadora que ajuda no exercício da liberdade individual de decisão (1º norma) e a construção consensual de respostas aos problemas da convivência (2º norma); - Desvelamento crítico das opressões vigentes na realidade social e da contaminação e devastação da natureza humana e não humana e ação transformadora dessa realidade socioambiental rumo ao Ecomunitarismo; - Abordar a sexualidade fundamentada nas 3 normas da ética; - Contextualização dos conteúdos com os problemas socioambientais da região, bairro da escola, bairro dos alunos, nacionais e internacionais, promovendo uma compreensão profunda e reflexiva dos mesmos para | <ul style="list-style-type: none"> - Parte do desenvolvimento do indivíduo universal a vivência de uma erótica não repressiva do prazer compartilhado; - Ser abordada nos espaços formais e não formais de educação; - Direito ao livre e são prazer compartilhado no acordo consensual - Crítica e superação da discriminação da homossexualidade, do machismo e da masturbação; - A decisão da prática do aborto é feita com o consentimento dos pais. Mas de acordo com as normas da ética, o futuro ser, que será independente do corpo físico da mãe após 9 meses, deveria ser consultado, | <p>ais;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formar e/ou fortalecer espaços para tomar decisões consensuais, democráticas; - Educação a distância: integração cultural, interculturalismo regional, comunicação; - Fórum de discussão, chat, vídeo conferência; - Educação a distância: reduz custos públicos e pessoais, e se a pessoa se organiza tem mais tempo para ficar junto à família, já que pode trabalhar em casa; - Utilizar a TV comunitária, blog pessoal ou coletivo divulgando notícias importantes para a região e divulgar para todos os polos e toda a universidade, prefeituras dos polos, |
|--|--|---|---|--|--|---|

| | | | | | | |
|--|---|--|--|--|--|---|
| | <p>rismo; - Conduta ecológica de preservação e regeneração da natureza.</p> | <p>ais que praticam uma produção sustentável e uma economia solidária.</p> | <p>sociais para o diálogo e a integração; - Pesquisar e se informar dos planos e projetos dos parlamentares e colocar os professores e alunos a votar e se manifestar sobre as discussões e decisões políticas municipais, estaduais, nacionais e internacionais, do bairro, etc. - Interesses individuais devem entrar em consenso com os interesses coletivos (1º e 2º normas da ética) e respeitando a 3º norma da ética.</p> | <p>uma ação crítico-transformadora; - Promover o espírito crítico e investigação individual e coletiva; - Professor assume o papel de auxiliar do planejamento e ação das pesquisas, orientando os alunos – atividade de redescobrimto mediante uma reflexão dialogada; - Formação de professores pesquisadores; - Fazer trabalhos de campo, criar espaços para a pesquisa descritiva ou experimental; - Dialogar com conhecedores do tema (especialistas, agricultores, pescadores, servidores de saúde, etc.) em estudo, integrando os conhecimentos “técnicos” e suas implicações socioambientais na comunidade; - Vídeo-aula, palestras, webconferência ao vivo ou gravada com professores, alunos, especialistas na área estudada ou palestras e eventos realizados na região, nacionais ou internacionais; - Estudo das diretrizes pedagógicas fundamentais; - Incentivar o trabalho educativo e não a concorrência individualista entre os alunos, e o diálogo professor-alunos como “reconstrução” dos</p> | <p>mas como não é possível fazê-lo dada à etapa inicial do processo de desenvolvimento da vida humana, o Ecomunitarismo considera violação do livre arbítrio desse novo ser humano. Em casos de estupro e mal formações congênitas do bebê é necessária uma análise do contexto.</p> | <p>etc. Os próprios alunos com o auxílio dos professores e tutores fariam a escolha dos temas e matérias, vídeos, reportagens, etc.</p> |
|--|---|--|--|--|--|---|

| | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|
| | | | | <p>conhecimentos e posturas;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Incentivar ações de reivindicação e de propostas de alunos no âmbito da Escola, do bairro da Escola e bairro de residência dos alunos e professores, a cidade, o país e o planeta em sua totalidade (em matéria de produção-distribuição-consumo, urbanismo-higiene, alimentação, moradia, transporte, salário, economia, ecologia, racismo, saúde, sexualidade demais temas de ecologia e/ou de relevância pessoal e/ou socioambiental, exercitando o pedido de contas aos administradores dos diversos níveis; - Realizar ações coletivas para resolver, pelo menos parcialmente, as questões socioambientais estudadas. | | |
|--|--|--|--|--|--|--|

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora Raquel A. P. Avila com base no estudo dos livros sobre o Ecomunitarismo.

2.2 CRÍTICA DO TRABALHO ALIENADO NO CAPITALISMO

No sistema capitalista, o lucro é o objetivo do modo de produção e as relações trabalhistas e sociais orientam-se nesse sentido. O capitalismo é o modo de produção que tem como objetivo o lucro, tendo a mercadoria (incluída a força de trabalho assalariada) como simples mediação para fazer possível esse aumento do capital.

Segundo Lopez Velasco (2005, p. 23), o capitalismo é o regime social no qual predomina quantitativamente a relação social de “capital”. Esta relação apresenta as seguintes características:

a) o trabalho assalariado predomina quantitativamente sobre qualquer outra relação trabalhista entre proprietários e não proprietários dos meios de produção; b) na área da produção e intercâmbio de produtos predomina quantitativamente a porção daqueles que constituem “mercadorias” (ou seja, produtos produzidos para fins de sua venda e não de seu consumo imediato por seu primeiro dono); c) o motor da produção é a busca de valorização sucessiva de um valor (de troca) dado (LOPEZ VELASCO 2005, p. 23).

O modo de produção da sociedade condiciona as relações sociais, portanto, as relações de trabalho estão interligadas à existência humana e a formação de seus valores e sua cultura. Marx e Engels dizem que:

A maneira como os homens produzem os seus meios de existência depende, antes de qualquer coisa, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve considerar esse modo de produção sob esse único ponto de vista, ou seja, enquanto reprodução da existência física dos indivíduos. Ao contrário, ele representa, já, um modo determinado da atividade desses indivíduos, uma maneira determinada de manifestar sua vida, um modo de vida determinado. A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são, depende, portanto, das condições materiais da sua produção (MARX & ENGELS, 1998, p. 11).

O trabalho ou se encontra ainda no trabalhador, representado pela sua força produtiva, ou já saiu dele, representado pela mercadoria. O trabalhador não pode vender o trabalho que já saiu dele (a mercadoria), pois este pertence ao capitalista, e como o trabalhador não possui os meios de trabalho e as matérias-primas, precisa vender a sua força de trabalho para o capitalista.

A força do trabalho é a que pode produzir a mais valia, é ela que dá vida e alimenta o capital, que suga e absorve por todos os poros a mais valia do trabalho (MARX, 1878, p. 71-72).

No capitalismo temos o trabalho alienado, em que o assalariado está privado, separado de sua produção, ou seja, o produto do seu trabalho é transferido para o capitalista. Tratando do “objeto de trabalho” enquanto “produto final”, constata-se que o assalariado está alienado do produto de seu trabalho, porque este pertence ao proprietário do meio de

produção. Essa privação do produto do seu trabalho em benefício do capitalista é tão cruel que muitos trabalhadores que produzem alimentos padecem de fome ou morrem por má nutrição, nos países do Terceiro Mundo (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 25).

Essa relação de estranhamento do trabalhador com o produto do seu trabalho é a premissa para afirmar que:

[...] quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeitet*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio (MARX, 2004, p. 81).

Um fato claramente observado na sociedade capitalista, citado por Karl Marx e que ainda persiste em nosso tempo atual é que:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias ele cria. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral (MARX, 2004, p. 80).

Em condições capitalistas, o trabalhador está alienado da sua “capacidade de trabalho”, na medida em que esta passa a ser propriedade do capitalista. Constata-se que o trabalhador se vê restringido na sua capacidade de argumentar e também de utilizar outras habilidades que possui, o trabalhador se vê *literalmente* animalizado no e pelo trabalho alienado (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 31).

Sob a ótica ecomunitarista, o trabalho alienado no capitalismo viola a primeira norma da ética, porque não existe a liberdade de decisão por parte do assalariado, que é obrigado a cumprir ordens sem discussão. Essa comunicação assimétrica é a constatação evidente da alienação de um ser humano perante outro e da alienação das faculdades humanas dos assalariados e capitalistas em função do trabalho alienado no capitalismo (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 55).

Essa privação, alienação é bem evidente quando se compara a quantidade e qualidade das propriedades e consumo de bens e serviços dos capitalistas com os assalariados. O assalariado, ou seja, o produtor é o mesmo consumidor e, nesse regime capitalista, o assalariado reencontra-se com seu produto através da compra. Nesse caso, somente mediante

a compra/venda de mercadorias podem ser satisfeitas as diversas necessidades básicas de sobrevivência dos indivíduos (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 26).

O assalariado vende sua capacidade produtiva ao capitalista em troca do salário, e no período de sua jornada de trabalho, o capitalista é dono da sua força produtiva. O trabalhador é reduzido à simples “capacidade de trabalho”, que pertence ao conjunto de “coisas”, e o capitalista, por ser proprietário da “capacidade de trabalho”, cuja “sede” é o corpo do trabalhador, tem o poder de impor sua vontade, muitas vezes o restringindo a satisfação de necessidades fisiológicas básicas (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 30). E o trabalhador se vê obrigado a aceitar essas “ordens”, porque pode perder seu emprego e colocar em risco sua própria subsistência e de sua família. Esse medo do trabalhador impede sua liberdade e fortalece ainda mais o poder de mando do capitalista ou de seu representante.

Na empresa, a “ordem” dada ao trabalhador, como poderia ser dada a um cavalo, a um boi ou a uma máquina computadorizada é o instrumento do controle e da vigilância ao que se referia Marx. No trabalho do regime capitalista as capacidades humanas são degradadas pela coação e pela rotina e transformam-se em simples meios de subsistência física, “coisificando” o trabalhador e não permitindo sua expressão criativa e artística, próprias do ser humano.

O trabalho não é voluntário, e sim, forçado, é somente um meio para satisfazer suas necessidades. Marx (2004, p. 83) diz que “O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa”.

O ser humano é um ser social e se constitui como tal na medida em que faz parte de uma comunidade humana. Ora, nas condições do trabalho alienado, cada ser humano é privado dessa vinculação inter-humana, e assim, as relações humanas se coisificam, “personificando” coisas, executando uma transmutação dialética de sujeitos em objetos e de objetos em sujeitos. As relações sociais de trabalho que constituem o ser humano como humano, assume no capitalismo o aspecto de concorrência e indiferença. Isso gera a insensibilidade e o desprezo por outros seres humanos que precisam de ajuda, por exemplo, uma pessoa deitada na calçada em situação de miséria (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 31-34).

O capitalismo provoca a miséria e desigualdades sociais, principais causas da violência e dos diversos problemas que enfrentamos. Karl Marx diz que:

Agora temos, portanto, de conceber a interconexão essencial entre a propriedade privada, a ganância, a separação de trabalho, capital e propriedade da terra, de troca e concorrência, de valor e desvalorização do homem, de monopólio e concorrência etc., de todo este estranhamento (*Entfremdung*) com o sistema do dinheiro (MARX, 2004, p. 80).

O capitalista também está alienado porque não desenvolve outras habilidades que possui senão aquelas referentes à sua “função” de capitalista. Está alienado da natureza, apesar de ser seu proprietário, perde toda a relação transformadora direta com ela por meio do trabalho (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 50).

No regime capitalista todos estão imersos no trabalho alienado, mas enfatizando o professor e o trabalho alienado, o professor é um assalariado, direto ou indireto do capitalismo que somente nos espaços de autonomia pode levantar a voz para fazer sua crítica ao capitalismo. O professor se vê obrigado a fazer da sua capacidade de trabalho um meio de subsistência individual, empregado numa atividade que possui uma rotina e horários prolongados, muitas vezes desinteresse dos alunos e até mesmo conflitos com os mesmos, não se sente feliz e sim desgraçado. O professor também é um homem unilateralmente desenvolvido nas suas capacidades humanas, o seu trabalho intelectual reduz este à condição de cabeça desvinculada do corpo. Também é ameaçado pelo desemprego, compelido a zelar em situação conflitiva pelo valor de seu salário e submetido à concorrência com seus semelhantes (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 53).

O trabalho alienado no capitalismo aliena do homem a sua natureza, e se o homem é natureza, esse tipo de trabalho o separa de si mesmo. Dessa forma, pessoas que necessitam de alimentos não podem obter alimentos que satisfaçam a sua necessidade, porque a terra e as florestas têm sido privatizadas e são propriedades do latifundiário-capitalista. O trabalho alienado faz o homem estar alienado do produto do seu trabalho, da sua atividade vital, do seu ser genérico (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 138).

O capitalismo viola a terceira norma da ética, que estipula: “*Devo/devemos conservar a natureza exterior saudável do ponto de vista produtivo, porque a natureza exterior é saudável do ponto de vista produtivo é condição do eu faço/nós fazemos a pergunta ‘O que devo/devemos fazer?’*”. A produção de uma mercadoria num tempo inferior ao socialmente necessário, para aumentar o lucro, não permite a recuperação das energias vitais do trabalhador e tampouco a recuperação/regeneração da natureza afetada pelo modelo capitalista de produção (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 70).

Cabe fazer uma citação de Lopez Velasco sobre o antagonismo entre ecologia e capitalismo, esclarecendo que:

Além da esfera individual, como adiantava Marx, esse antagonismo permanece intacto para qualquer sociedade que tome suas decisões à luz daquela lógica. Se em *Ética de La Producción: Fundamentos* eu dizia que ainda ficava para ser investigado se a contradição existente entre ecologia e capitalismo era imanente a esse regime social ou, se pelo contrário, ela poderia ser resolvida sem sair dele, agora posso dar um passo à frente e, à luz da teoria marxiana do valor, responder: Sempre que nessa contradição estiver em jogo uma situação marcada por um tempo de rotação do capital não-condizente com a tendência à maximização do lucro efetivo, então ela é insolúvel dentro do capitalismo (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 75).

A falta de gerenciamento dos resíduos, principalmente os industriais, provocam graves problemas ambientais. Isso ocorre porque as indústrias economizam na compra de filtros antipoluentes e na execução de processos de gestão ambiental, que minimizariam o impacto de suas atividades no ambiente. Em relação a isso, constata-se a falta de justiça ambiental, em que algumas pessoas se apropriam dos recursos naturais (bem comum) para benefício próprio, enquanto toda a humanidade sofre com as consequências e o meio ambiente fica cada vez mais degradado. Enfatizando que os mais pobres sofrem ainda mais os efeitos da poluição e degradação ecológica.

Outra evidência cotidiana do capitalismo é o desperdício de recursos em virtude da produção com vistas à maximização do lucro efetivo. Mesmo com a reciclagem, ainda existe uma imensa quantidade de recursos reaproveitáveis (às vezes não renováveis), que são destinados ao aterro sanitário ou até mesmo ao “lixão”, causando poluição no solo e nas águas subterrâneas (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 76).

O sistema capitalista perpassa todas as esferas da sociedade, moldando padrões de comportamento e tornando os indivíduos mais egoístas, individualistas e alheios aos problemas de natureza humana e não-humana. Sobre isso, Lopez Velasco explica muito bem a indiferença presente na sociedade capitalista:

Assim o capitalismo é de fato o sistema da guerra de todos contra todos entre os seres humanos, e da indiferença crescente entre eles; essa guerra afeta tanto as relações dos capitalistas com os trabalhadores, quanto às relações existentes no interior dessas duas grandes classes sociais (LOPEZ VELASCO, 2010, p. 193).

O “capital” é uma relação social existente entre os donos dos meios de produção (dentre os quais temos a própria terra, convertida em propriedade privada de uma minoria) e a

grande maioria que não os possui e precisa assumir a condição de trabalhador assalariado. Essa relação é desigual e submete os trabalhadores às ordens dos capitalistas, por isso, o desemprego é inerente ao capitalismo, já que o trabalhador não decide se vai trabalhar ou não. É o capitalista que vai decidir o que e como o trabalhador aplicará suas aptidões produtivas, impedindo as suas múltiplas vocações em prol do lucro do capitalista, que não leva em consideração o sacrifício da saúde do trabalhador, os acidentes de trabalho, as doenças físicas e psicossomáticas (insônia, impotência ou indiferença sexual, agressividade, dentre outras) decorrentes das péssimas condições de trabalho e do descaso dos capitalistas para com seus trabalhadores, que por medo do desemprego, submetem-se a tal situação (LOPEZ VELASCO, 2010, p. 192).

Em relação aos capitalistas, precisa ser averiguado se o Estado também pertenceria a essa categoria, em função dos inúmeros benefícios e inclusive associações que o Estado realiza com grandes empresas capitalistas.

Nesse contexto, cabe fazer uma citação que representa muito bem a realidade da sociedade capitalista e a urgência em estabelecer uma sociedade pós-capitalista:

Hoje sabemos que, como diria Marx, o capitalismo arruína as duas fontes da riqueza: o ser humano e a terra. Na lógica do lucro sacrifica-se a saúde humana na angústia do desemprego e da pobreza ou na jornada estressante, a violência mata todo dia (pelo petróleo, a cor da pele ou o par de tênis do vizinho, ou ainda pela droga, a briga de casal ou o trânsito), o ar fica irrespirável nas grandes cidades e as florestas sofrem as consequências da sede de ganância e da chuva ácida, o efeito estufa e o buraco na camada de ozônio modificam perigosamente o clima e aumentam a incidência do câncer de pele, os rios e mares são diariamente envenenados com ingentes cargas de matérias tóxicas (em especial agrotóxicos), que antes de chegar a eles poluíram as terras e as pessoas. Por tudo isso o capitalismo transformou-se em algo mais que uma ameaça às riquezas: passou a ameaçar a vida no planeta inteiro (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 176).

2.3 CONCEPÇÕES ECONÔMICO-ECOLÓGICAS DO ECOMUNITARISMO - A ECONOMIA ECOLÓGICA E SOLIDÁRIA

O ecomunitarismo supera a sociedade dividida em classes sociais, as necessidades haverão de ser redefinidas consensualmente com base nas três normas da ética, o que inclui uma atitude de constante preservação e regeneração da natureza (conforme a norma ecológica). Dessa forma, a economia ecomunitarista é ecológica e solidária, constituindo os seres como uma família a nível planetário. Simultaneamente tem-se a prática da democracia

participativa e direta, superando a pseudodemocracia representativa que impera atualmente (LOPEZ VELASCO, 2010, p. 16).

De acordo com Lopez Velasco (2012, p. 17), fazem parte dos pressupostos do ecomunitarismo: a) uma economia ecológica e solidária sem padrões, sem dinheiro e sem desemprego que preserva-regenera a saúde da natureza humana e não humana e articula-se com base no princípio ‘de cada um segundo sua capacidade e a cada um segundo suas necessidades’; b) uma erótica do prazer compartilhado, não sexista e não repressiva; c) uma pedagogia ambiental problematizadora; d) uma política de todos; e) uma comunicação livre e simétrica baseada na mídia comunitária associativa, expropriando as oligarquias do seu monopólio.

As comunidades periféricas ou marginais são os principais sujeitos coletivos do processo de luta anticapitalista de libertação, dentre elas, podemos citar os povos tradicionais, como as tribos indígenas, comunidades rurais, quilombolas e grupos estáveis, temporários de refugiados ou “sem-teto” (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 89). A luta ecomunitarista se estende também na educação familiar e a pequena organização comunitária e ecológica local até os foros mundiais de organizações sociais, ecológicas, minoritárias, sindicais, partidárias ou estatais; assim se integram ao movimento ações tais como dos povos nativos, comunidades camponesas e organizações de sem-terra e/ou expulsos das suas terras, movimentos de sem-teto, núcleos de desempregados e trabalhadores informais, organizações de “minorias” (como as de mulheres, gays, lésbicas e negros), associações sindicais e políticas, congressos acadêmicos, organizações não governamentais de perfil socioambiental ou ecológico e intervenções em instâncias de poder supranacional, como as da Comunidade Econômica Européia, o Mercosul e a ONU (incluindo tribunais vinculados a elas) (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 159).

O restabelecimento de uma vizinhança solidária e atenta à melhoria da qualidade de vida no bairro é uma tarefa de primeira importância na mudança das relações inter-humanas e entre os homens e o meio ambiente. A educação formal e os meios de comunicação são dois espaços fundamentais para a crítica ecomunitarista e as novas tecnologias de comunicação permitem criar brechas na muralha que os meios de comunicação, principalmente a TV, constroem diariamente em volta do capitalismo (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 197).

Sirio Lopez Velasco (2005, p. 80) define o Ecomunitarismo como:

Chamo de ‘ecomunitarismo’ o regime comunitário pós-capitalista capaz de organizar as relações produtivas inter-humanas, entre os seres humanos em geral e

entre estes e a natureza, conforme as normas éticas que deduzimos transcendentemente a partir da pergunta “O que devo/devemos fazer?”.

A norma ecológica do ecomunitarismo diz: “Devemos conservar a natureza saudável do ponto de vista produtivo, porque a natureza (é) saudável do ponto de vista produtivo é condição de nós fazermos a pergunta ‘O que devemos fazer?’ (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 63).

O trabalhador não pode criar nada sem a natureza, sem o mundo exterior sensível. A natureza é a matéria na qual o seu trabalho se efetiva e é a fornecedora dos meios de vida, ou seja, da subsistência física do trabalhador. Portanto, quanto mais o trabalhador se apropria da natureza sensível (por meio do trabalho), tanto mais ele se priva dos meios de vida. Por isso, o trabalhador se torna um servo do seu objeto, sua existência pauta-se primeiramente como trabalhador e depois como sujeito físico, o auge dessa servidão é que somente como trabalhador ele pode se manter como sujeito físico e apenas como sujeito físico ele é trabalhador (MARX, 2004, p. 82).

A natureza exterior ao homem é a fornecedora (direta ou indiretamente) da matéria submetida à ação do meio de trabalho e também (direta ou indiretamente) a este último. A atividade produtiva humana remete à natureza, porque o homem não deixa de ser um ser natural no momento em que se apresenta como “sujeito” perante a natureza exterior a ele na condição de objeto e/ou meio de trabalho. No que concerne à norma ecológica descrita anteriormente, trata de considerar uma natureza exterior que seja passível de desempenhar o papel de objeto de trabalho, ou seja, de uma “natureza saudável” para a atividade produtiva, que é condição da autoprodução dos seres humanos enquanto seres vivos naturais e seres vivos naturais humanos (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 62).

Tendo em vista a forma insustentável do modo de vida contemporâneo, a crise econômica e ambiental e a destruição da natureza realizada pelo modo de produção capitalista, são imprescindíveis pensar e concretizar formas justas e que respeitem a natureza humana e não humana. Nesse contexto é necessário transformar o modelo de produção e consumo da sociedade, além de várias outras modificações, principalmente a educação.

Os defensores do capitalismo utilizam a queda do regime socialista na Europa como a “prova” de que o capitalismo é o ponto final da história. O discurso dos defensores desse sistema é extremamente forte, já que vivemos numa sociedade capitalista e, portanto, a mídia e os meios de comunicação reforçam a permanência e valorização desse tipo de sociedade. Por esse motivo, é de fundamental importância que o discurso que assume a crítica ao

capitalismo mostre porque se deve apostar num modelo pós-capitalista, quais as vantagens para a sociedade desse novo modelo e porque precisamos mudar. Por isso, o discurso da crítica ao capitalismo precisa correr o risco da futurologia, para mostrar uma nova realidade de um mundo pós-capitalista mesmo que tenha um perfil difuso e poroso do regime pós-capitalista que aposta. Obviamente, a concretização desse sistema depende exclusivamente da ação histórica dos homens, e seu perfil real quase com certeza será muito diferente daquele descrito na predeterminação da história (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 80).

O ecomunitarismo defende o não trabalho que é a instância de expressão livre das energias produtivas, em que as pessoas realizam alternadamente suas múltiplas vocações. Isto significa que a mesma pessoa exerce com alternância, senão diária, pelo menos semanal, mensal ou trimestral, por exemplo, as atividades de físico nuclear, jardineiro, pescador, dançarino, torneiro mecânico e professor, se estas forem suas vocações. O tempo diário e total de execução dessas tarefas será o mínimo possível, segundo exige a satisfação das necessidades comunitárias, e é de se supor que o mesmo haverá de tender a zero, em especial graças aos processos de automação tecnológicos.

Para conciliar as vocações diversas com as necessidades comunitárias serão realizados acordos consensuais dos produtores livremente associados, que contraem e renovam periodicamente seu pacto de convivência. Esse acordo da comunidade local (o distrito) se integra aos macros acordos que abrangem espaços maiores até culminar no planeta inteiro. O processo organizacional consensual (com o voto das maiorias como último recurso) também será realizado entre os participantes de cada um dos centros e subcentros de atividade, formadores da trama social do não trabalho.

O acordo comunitário de não trabalho é o mecanismo de compatibilização entre a lista de necessidades e a lista de disponibilidades vocacionais. Esse acordo tem como base um projeto preparado por uma equipe, como proposta a ser aprovada pelo conjunto dos pactuantes (ou seja, todos os seres humanos com idade superior a sete anos, por exemplo), os quais atuam como representantes da atual e das futuras gerações.

Quando certas ocupações, que são necessárias à comunidade, não tiverem nenhuma pessoa vocacionada para exercer a tarefa, haverá duas soluções: a utilização de máquinas para realização da tarefa sem a intervenção humana ou fazer com que a “carga” indesejada recaia de forma rotativa e equilibrada entre todos os pactuantes e seus sucessores. Caso não haja um consenso, como último recurso será estabelecido o voto da maioria.

A ciência no Ecomunitarismo não está restrita a uma “comunidade científica” como é vista no capitalismo, e sim, pode ser realizada por qualquer pessoa que assumir essa vocação

em alternância temporal e rotativa, com vistas ao seu livre desenvolvimento multilateral. E irá romper-se com essa separação de praticantes e não praticantes das atividades científicas, através de uma instrução generalizada, porque todos os profissionais precisam ser cientistas.

As ciências e suas aplicações não poluentes são um alicerce do não trabalho desenvolvido no Ecomunitarismo, e a utilização dos recursos naturais será de forma sustentável. Assim, as ciências estarão mais integradas à resolução de problemas sociais, e suas invenções, orientadas para a felicidade e a plena realização das pessoas. No Ecomunitarismo, a ciência estará interligada aos saberes “tradicionais”, fato que já vem ocorrendo atualmente.

O sistema de acordos no Ecomunitarismo supõe a eliminação da “ordem” do universo produtivo e social em geral e sua substituição por Quase-Raciocínios Causais (QRC), que estabelecem as obrigações assumidas e operam de forma que todo o cargo de coordenação/fiscalização é eletivo e rotativo. Se ocorrer uma transgressão do acordo consensual por parte de um dos participantes, recorre-se a instâncias que podem resolver a dúvida, por exemplo, ao testemunho de outros participantes e/ou documentos que revelem os termos do acordado previamente. Podem acontecer duas situações: ou é confirmada a veracidade do acordo e o transgressor fica sujeito ao obrigativo que este justifica, ou não é confirmada a veracidade do acordo e que a suposta transgressão não aconteceu.

Em relação à divisão social do produto do não trabalho, o Ecomunitarismo tem a seguinte premissa: “De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo sua necessidade”. O produto do não trabalho obedece ao estabelecido pelo censo consensual das necessidades sociais e a produção e distribuição são realizadas comunitariamente.

O salário e o dinheiro não existem no Ecomunitarismo e as necessidades individuais são satisfeitas a partir do “fundo econômico comunitário”. Podemos imaginar os atuais supermercados, transformados em depósitos desse “fundo”, onde as pessoas irão retirar o que lhe corresponde segundo o pacto de produção/distribuição ou de onde se entregará em domicílio os produtos. Esse “fundo” também inclui as reservas para eventuais períodos de emergência resultantes, por exemplo, de catástrofes naturais. O uso dos serviços ajusta-se a esse mesmo procedimento planejado por via consensual.

O comportamento ecomunitarista a respeito da natureza não humana está baseado na terceira norma da ética, que prescreve: “Devo/devemos conservar a natureza saudável do ponto de vista produtivo, porque a natureza é saudável do ponto de vista produtivo é condição de eu faço/nós fazemos a pergunta “O que devo/devemos fazer?”

Esse tipo de comportamento garante a preservação e regeneração da natureza, isso significa que a produção ecomunitarista realiza-se exclusivamente com base em matérias-primas e energias renováveis e não poluentes, ou pelo menos, causadoras de uma poluição reversível ou mínima. Esse tipo de produção promove a reversão de seus efeitos degradantes sobre a natureza e a reciclagem e tratamento de todos os seus resíduos. E que seja estabelecida a política dos 3 R's – reduzir, reutilizar e reciclar (LOPEZ VELASCO, 2005, p.81- 85).

Os relatos do livro *Ucronía* possuem diversos exemplos de uso sustentável dos recursos naturais. A seguir um exemplo desse aspecto numa sociedade ecomunitarista:

Almotásim acordou aquele dia, como quase sempre, de bom humor. Tomou um banho quente com água aquecida pelas placas solares e sentir como a água retornava pelos canos para o depósito no qual (mediante uso da mesma energia) o líquido elemento era limpo uma e outra vez para habilitá-lo a cumprir a mesma função (até que, por recomendação médica, era destinado a usos menores, como lavar roupas e pisos, e molhar as plantas). Na cozinha o forno-fogão alimentado pelas baterias do prédio carregadas com energia eólica (e submetidas de tempos em tempos aos necessários reparos nos quais os componentes, inclusive a solução química, eram trocadas e recicladas) o café da manhã anunciava-se esfumegante, junto com os *croissants* que suas filhas tanto prezavam (LOPEZ VELASCO, 2012, p. 163).

Essa conduta será tema fundamental da educação problematizadora que, nas instâncias formais e informais, haverá de caracterizar o panorama cultural-educativo do Ecomunitarismo. A terceira norma da ética, no contexto do desenvolvimento multifacético dos indivíduos, também incentiva o reencontro lúdico-estético dos seres humanos com a natureza.

A atividade produtiva, nesse movimento de ecolibertação, apresenta uma sofisticada tecnologia com característica preservadora/regeneradora do meio ambiente, e que satisfaça as múltiplas e diversificadas necessidades dos indivíduos. Por meio dessa reconciliação, a natureza transforma-se para os seres humanos numa obra de arte, a se praticar arte na atividade produtiva e ela passa além de ser objeto de produção, a ser um quase-sujeito.

A economia ecológica e solidária garante uma alimentação saudável por meio de uma produção agroecológica e na sociedade ecomunitarista todas as pessoas terão alimento conforme: “De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo sua necessidade”.

Essa mudança de visão só é possível no contexto do não trabalho, característico do Ecomunitarismo, no qual a natureza é desprivatizada e se constitui em objeto/*partner* comunitário (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 86).

2.4 CONCEPÇÃO POLÍTICA ECOMUNITARISTA DA LIBERTAÇÃO - QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS DA LIBERTAÇÃO

A política pode ser entendida como a “arte de chegar ao poder e conservá-lo”. Mas no Ecomunitarismo, sem negligenciar a questão do poder, a política é entendida como “a arte de organizar consensualmente a *polis*” (onde *polis* abrange desde o espaço comunitário local até o planeta como um todo). Nesse contexto, a substituição do governo sobre os homens pela administração conjunta das coisas, passa a ser mais uma relação entre os seres humanos e os entes não humanos, pautada pelo cuidado preservador/regenerador da natureza.

Nas relações entre os seres humanos, o poder é uma relação renovada com base na liberdade individual consensualmente exercitada (como exigem as duas primeiras normas da ética), em que as pessoas que exercem alguma autoridade passarão por um rodízio obrigatório, renovadas constantemente. Esse tipo de relação inter-humana adquire o caráter de coeducação, nos quais qualquer argumento de autoridade desaparece perante a autoridade do melhor argumento (LOPEZ VELASCO, 2005, p.125).

O não trabalho que realiza, ocupando-lhe um tempo sempre decrescente, é a expressão alternada e rotativa de suas aptidões e vocações, segundo o acordo comunitário consensual logrado com base em QRC e fundado nas três normas éticas. Este acordo é pautado pelo plano de distribuição, que, elaborado de igual modo, visa prover cada indivíduo segundo suas necessidades. O seguinte relato exemplifica isso:

Depois ela foi para a dança árabe, enquanto ele preferia o basquete; ambos eram praticados gratuitamente em outras tantas instalações comunitárias do bairro. (Como não é a primeira vez que nessas linhas é questão de gratuidade é hora de lembrarmos nosso leitor que em Tlön há muito tempo o dinheiro desapareceu, pois a escala planetária, graças à solidariedade recíproca entre os povos, institucionalizada na Organização dos Povos Unidos, OPU, foi feita realidade o lema: “de cada um segundo as suas capacidades e a cada um segundo suas necessidades”; cada um exerce alternadamente funções de utilidade social e, em troca, recebe tudo aquilo que necessita para se realizar como indivíduo; só não vale pedir alguma coisa que sirva para desprezitar qualquer uma das três normas éticas acima citadas; e isso é resolvido pela assembleia comunal) (LOPEZ VELASCO, 2012, p. 171).

O restante do tempo é o espaço da liberdade, conquistado para além da liberdade e usado para o gozo. Essa vivência sem culpa do prazer não admite mais limites que os estabelecidos pelas três normas éticas e/ou por outros QRC, esses ao serem elaborados e renováveis pelos próprios sujeitos em atitude argumentativo-dialogal, orientada pelo “direito

ao prazer”, que todos conhecem como “necessidade”, o próprio “princípio da realidade” assume formas não repressivas. Essa vivência do prazer reconhece o ócio e inclusive o direito ao nirvana. No Ecomunitarismo, o dia a dia diz: que o indivíduo seja! (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 126).

O Ecomunitarismo não irá contrariar a riqueza das diferenças interindividuais, pois as diferenças entre os seres humanos não podem ser melhor respeitadas do que na ordem ecomunitarista, cujo “pós-direito desigual” determina “de cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades”, para que possam expressar as vocações e talentos mais variados em ações que não contrariem as três normas éticas (LOPEZ VELASCO, 2005, p.154).

A libertação é o processo histórico de eliminação das relações de opressão e auto-repressão alienada existente entre sociedades e sociedades, entre sociedade e indivíduos, entre indivíduos e indivíduos e na interação do indivíduo consigo mesmo. O processo de libertação visa à emergência de indivíduos multilateralmente desenvolvidos enquanto membros de uma comunidade de produtores livremente associados, em que vigoram as três normas éticas.

Este processo de libertação inclui também a mudança da relação homem-natureza não humana, buscando o estabelecimento de uma interação produtiva e estética preservadora/regeneradora, inspirada na busca do equilíbrio ecológico, condição de possibilidade da sobrevivência da humanidade.

A vida genérica dos animais (incluindo o homem) consiste fisicamente da sua natureza inorgânica. Assim como as plantas, animais, rochas, ar, luz, etc., formam teoricamente uma parte da consciência humana, suas funções fisiológicas formam a vida humana e da atividade humana. A natureza, para o homem, é um meio de vida imediato, na medida em que é o objeto/matéria e o instrumento de sua atividade vital. A natureza é o corpo inorgânico do homem. O homem é natureza. O homem vive da natureza significa:

[...] a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesmo, pois o homem é uma parte da natureza (MARX, 2004, p. 84).

O indivíduo tido como meta do processo de libertação, indivíduo universal, será produtor/consumidor consciente de bens comunitariamente criados e distribuídos para atender as necessidades de cada um (numa ordem comunitária regida pelo princípio “dê a cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo sua necessidade”). O indivíduo universal será

produtor/receptor de opiniões reflexivamente produzidas e discutidas no intercâmbio comunitário-comunicativo horizontal e simétrico (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 127).

O caráter histórico e, portanto, mutável a partir da ação dos seres humanos, da interação ecossistêmica na relação recíproca entre os sujeitos e entre estes e o mundo é que poderá realizar a emergência de novas formas de organização social.

2.5 A COMUNICAÇÃO SIMÉTRICA NO ECOMUNITARISMO

A educação formal e os meios de comunicação são dois espaços fundamentais para a crítica ecomunitarista do capitalismo. As “sessões sem televisão” no bairro (dedicadas à discussão e convivência social), o rádio e a televisão comunitárias, a internet, o correio eletrônico, telefone, fax, carta e o diálogo presencial são instrumentos da ação ecomunitarista na área da comunicação (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 197). As novas tecnologias de informação e comunicação possibilitam um espaço para a livre expressão dos indivíduos manifestarem suas opiniões e, no caso do Ecomunitarismo, divulgar suas proposições e sua crítica ao capitalismo.

A práxis e o discurso ecomunitarista exigem que os modernos meios de comunicação de massa e os meios de comunicação à distância em geral, sejam utilizados para a comunicação horizontal e simétrica (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 155).

2.6 ERÓTICA

A erótica será analisada sob a ótica ecomunitarista com base nas três normas éticas.

O autoerotismo, desde que vivido em situação provisória, de alternância equilibrada com o heteroerotismo (sem descartar a variante homossexual), pode ser um complemento episódico não nocivo da sexualidade; em particular quando o indivíduo passa por experiências questionadoras de seu “ser” ou quando não aceita nenhum “parceiro” com quem julgue digno de partilhar sua sexualidade ou não encontra correspondência num possível companheiro. A primeira norma da ética pode ser invocada com apoio ao autoerotismo, ela ampara a liberdade de decisão do indivíduo, neste caso, sobre o uso do seu próprio corpo enquanto objeto sexual. E na medida em que não há outro ser humano que seja invadido na sua liberdade de decisão, essa liberdade não merece nenhum reparo à luz da segunda norma ética.

O heteroerotismo é o tipo de relação que está orientado a partir da segunda norma da ética. Com base nesta, tudo o que é consensualmente pactuado com o outro tem legitimidade no heteroerotismo. Claro que se a premissa da primeira norma tenha sido respeitada e que cada um dos “parceiros” tenha tido assegurada a sua liberdade de decisão para o vínculo heteroerótico. O vínculo, nesse caso, se apoia numa decisão livre e consensual que pode ser questionada a cada instante, modificada ou ainda revogada argumentativamente.

A decisão para a procriação de um filho é assunto exclusivo do consenso do casal. Em relação aos mecanismos anticoncepcionais, a ética não tem nada a se opor. No caso do aborto, se poderia argumentar contra (mesmo sendo uma decisão consensual do casal), já que o aborto viola a segunda norma da ética, que busca uma resposta consensual para a pergunta “O que devo/devemos fazer?” porque não respeita a opinião de um ser que futuramente na sua existência disporia dessa capacidade. A segunda norma ampara o feto no seu direito futuro de discutir sobre sua existência como ser humano. O aborto suprime a possibilidade de participação de uma decisão consensual.

No caso do homoerotismo, as duas primeiras normas da ética não autorizam a discriminar um vínculo homossexual no universo das relações heteroeróticas. A liberdade individual de decisão, como o consenso livre e argumentativamente estabelecido, são os mesmos que balizam qualquer vínculo heterossexual. A questão ética de ter um filho numa relação homossexual é algo a ser refletida e dialogada (LOPEZ VELASCO, 2005, p.202-206).

A seguir, uma citação do livro *Ucronía*, que evidencia o amor libertário no ecomunitarismo:

[...] Nosso grupo amoroso não teve novidades este semestre, ninguém quis sair e ninguém foi convidado a entrar; como vocês sabem, por acaso somos quatro mulheres e quatro homens; temos sob nossos cuidados cinco crianças, das quais, aqui estão as maiorzinhas que são Atahualpa e Eric (...) não constatamos casos de relação homossexual, mas tampouco nos opomos a esta vivência; as crianças estão muito contentes de ter quatro mães e quatro pais, porque sempre há um adulto que tem tempo de cuidá-las, acompanhá-las no que necessitem e orientá-las no que faça falta... (LOPEZ VELASCO, 2012, p. 185).

2.7 HISTÓRIA E UTOPIA

O Ecomunitarismo é hoje uma “utopia”, se irá concretizar-se com as características genéricas antes descritas é uma questão que somente a ação humana poderá resolver. O que vale a partir das normas éticas transcendentemente deduzidas é o caminho histórico que

aponta para o Ecomunitarismo, que é o processo histórico de libertação. O Ecomunitarismo apóia-se na crítica do capitalismo, em especial na situação alienada dos assalariados nesse regime social (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 194).

O capitalismo não resolveu na prática a questão da progressiva realização consensual da liberdade de indivíduos em processo de universalização nem a questão da reconciliação com a natureza por meio de uma conduta ecológica de preservação e regeneração da mesma.

O Ecomunitarismo é parte e produto de um processo de “conscientização”, tendo como protagonistas principais os assalariados e excluídos do trabalho em geral no capitalismo, mas incorporando também todo homem que seja capaz de entender e compartilhar o alcance daquela crítica (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 196).

As massas ecomunitaristas são um conjunto diversificado (e às vezes disperso e contraditório) de uma minoria (que está se tornando maioria) que não aceita o *status quo* capitalista desde distintos ângulos reivindicativos e propositivos. Desse conjunto fazem parte entre outros os movimentos indígenas e camponeses (como os sem-terra) destacados pelo “ecologismo dos pobres”, pelas ações dos sem teto ou com teto em favelas desprovidas de qualquer dignidade humana e sustentabilidade ambiental, movimentos feministas e ecofeministas, sindicais, políticos, dentre outros, que apontam para a superação do capitalismo.

A ação persistente e convincente de uma dessas minorias pode, mesmo dentro do capitalismo, ganhar espaço a ponto de transformar suas ideias em “senso comum”, que disputa um espaço com a “ideologia” estabelecida. É importante que se estabeleça o caráter histórico, portanto mutável, a partir da ação dos seres humanos (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 140).

Para finalizar, uma citação que sintetiza a concepção de utopia e a transformação social como um processo histórico da ação humana:

Marcos perguntou, sem preâmbulos - Quem é o profeta? Eu acho que o perdi.
A cigana o olhou cuidadosamente e entre um sorriso, enquanto se afastava, caiu: -
Pelo contrário, acabei de encontrar eo Profeta é você. Está escrito que cada um deve ser o Profeta daquilo que acredita que vale a pena viver e morrer (LOPEZ VELASCO, 2009, Ucronía, p. 124).

3 CAPÍTULO II: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOMUNITARISTA

3.1 A EDUCAÇÃO COMO SINÔNIMO DE CONSCIENTIZAÇÃO

A Educação Ambiental Ecomunitarista fundamenta-se na ética argumentativa da libertação, segundo a qual: devemos dialogar com os outros, é bom fazê-lo no contexto da ação teórico-prática de desvelamento crítico e transformação libertadora da realidade, e devemos buscar uma ordem socioambiental sustentável. Lopez Velasco (2008, p. 38) define “libertação” como o processo histórico de desenvolvimento da liberdade de decisão consensual a propósito de nossas vidas através da discussão e da luta contra as instâncias de dominação intersubjetiva e de autorepressão alienada. Desse processo de libertação faz parte o estabelecimento de relações produtivas e estéticas de caráter preservador-regenerador entre os seres humanos e o restante da natureza.

O termo “educação” pode ser entendido como sinônimo de “conscientização” (na concepção de Paulo Freire), como o desvelamento crítico da realidade e a ação transformadora sobre ela no sentido da construção de uma comunidade humana sem opressores nem oprimidos. À luz da educação ambiental, o termo “comunidade humana” pode abranger a ordem socioambiental sustentável nas relações inter-humanas e entre os seres humanos e o restante da natureza (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 38).

Paulo Freire confere a chave da epistemologia da pedagogia da libertação com a seguinte assertiva: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo”. Essa frase propõe a alternativa do desenvolvimento dialógico, consensual do conhecimento como uma utopia possível à luz da luta pela superação da dicotomia opressores-oprimidos (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 41).

A educação ambiental precisa agir de forma contínua e permanente, isso se refere à presença da educação ambiental em todas as atividades educativas (formais e não formais) como um processo educativo contínuo e permanente, seja como uma disciplina ou de forma inter ou transdisciplinar. O Ecomunitarismo é compreendido como um horizonte utópico (irrealizável na sua plenitude, mas indispensável guia para a ação) de uma ordem socioambiental, na qual seriam realizadas cotidianamente, de forma plena e permanente as três normas da ética. A Educação Ambiental Ecomunitarista tem como embasamento a ética da libertação.

Dessa forma, explica-se por que e como a realização da ética e a educação como sinônimo de “conscientização” precisa de um processo educativo que tenha continuidade e permanência. A garantia de continuidade e permanência no processo educativo fundamenta-se na educação (concebida como educação ambiental nessa perspectiva), com base em Paulo Freire, como “problematizadora”, ou seja, embasada na “conscientização” alicerçada nas três normas éticas fundamentais (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 60).

A compreensão naturalista separa o homem da natureza. O meio ambiente é uma teia de interações entre cultura, sociedade, base física e biológica dos processos vitais, no qual todos se modificam dinamicamente e mutuamente, por isso, o trabalho da educação ambiental precisa ter uma visão da totalidade das questões ambientais locais e regionais, um agir e pensar local e global.

É preciso considerar que o “meio ambiente” envolve de maneira indissolúvel os fatores socioculturais (incluindo os econômicos e os psicológicos), além dos físicos não humanos situados num certo espaço-tempo (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 22).

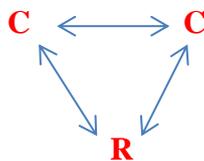
É fundamental que se consiga que a decisão consciente do indivíduo passe a ser o eixo da sua conduta, conforme a primeira norma da ética. No Ecomunitarismo, esse indivíduo é um ser universal porque realiza suas múltiplas vocações em convergência com os demais indivíduos (LOPEZ VELASCO, 2012, p. 20). Esse indivíduo, que possui uma consciência planetária e cosmológica se reconhece como parte da biosfera e do cosmos. A norma ecológica indica uma relação dialética entre a natureza humana (ser humano) e a natureza não humana (os demais componentes bióticos e os componentes abióticos do ecossistema). Quando o homem começa a ter essa consciência universal e se reconhece como parte da natureza, inicia-se um processo de despertar e compreensão dos mecanismos presentes na natureza, até então velados e, a partir daí, tem-se o processo de integração da natureza (homem) consigo mesma, o que promove a atitude de respeito e preservação-regeneração da natureza humana e não humana. É dessa forma que a educação ambiental precisa trabalhar para promover a conscientização, problematização, intervenção e transformação da sociedade.

O “meio ambiente” é o espaço ocupado pelos seres vivos e por entes não vivos e as relações entre eles. No meio ambiente estão presentes as relações sociais e culturais numa interação dialética com os componentes bióticos e abióticos do planeta. Por essa razão surge a pergunta: Pode haver uma educação que não seja “ambiental”? Pode-se afirmar que, embora toda a educação preocupe-se com o meio social no qual o educando vive, há modelos educacionais que não tem se preocupado com os ecossistemas e com as relações dos seres humanos nesses ambientes, fato comprovado pela poluição, devastação e ameaça à

sobrevivência de numerosas espécies, incluindo a espécie humana, visto que a poluição (em particular pelas atividades industriais, agrícolas e pelos gases emitidos pelos veículos movidos a petróleo) da terra, da água e do ar acarretam doenças que nos afetam (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 14).

Freire situou a construção do conhecimento no interior da “práxis”, definindo como “a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Portanto, a relação dos sujeitos com o fenômeno não é unicamente teórica, mas também prático-transformadora. Como resultado disso, não somente as opiniões dos sujeitos a respeito do referente se transformam, como muda, também, o próprio referente. E a mudança do referente influenciará os próprios sujeitos cognoscentes e seus sucessores no interior de uma interação de tipo “sistêmica” e histórica. Por isso, no gráfico abaixo, observa-se a seta dupla que parte tanto dos sujeitos para o referente como do referente para os sujeitos.

Graficamente e reinterpretando a proposta freireana como uma visão sistêmica qualitativa e histórica da interação entre seres humanos e entre eles e a natureza não humana, pode-se representar a situação da seguinte forma (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 42):



C: representa cada um dos sujeitos na interação dialógica que faz parte do processo de conscientização.

R: representa o referente, ou seja, o objeto da interação dialógica no qual os sujeitos estão desenvolvendo o conhecimento.

Conscientização requer ação-reflexão. A conscientização consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência, em ultrapassar a esfera espontânea ingênua de apreensão da realidade, para chegar a uma esfera crítica. Quanto mais consciente, mais se revela a realidade, mais se penetra na essência do fenômeno analisado, a consciência não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato de ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente o modo de ser ou de transformar o mundo, que caracteriza os homens. É através do processo de conscientização que os fenômenos se apresentam, permitindo a busca de resoluções para os problemas socioambientais.

Lopez Velasco (2012, p. 33) considera a educação como um fenômeno político-pedagógico, fundamentado na educação problematizadora (tanto em nível formal como informal) de Paulo Freire que, na proposta ecomunitarista, assume um caráter socioambiental

no paradigma da educação ambiental. A Educação Ambiental Ecomunitarista é uma educação socioambiental problematizadora alicerçada nas três normas da ética e orientada numa perspectiva pós-capitalista rumo ao Ecomunitarismo, fundamentada na educação problematizadora segundo Paulo Freire. Tem base na “conscientização”, definida como o desvelamento crítico da realidade e a ação transformadora sobre ela rumo a uma sociedade sem opressores nem oprimidos. Dessa forma, se o capitalismo apresenta relações de opressão, então a educação problematizadora (se pretende ser verdadeiramente freireana) deve apontar para além do capitalismo. E a educação problematizadora deve realizar o desvelamento crítico das relações de opressão entre os seres humanos e destes com a natureza não humana, com o objetivo de combater a opressão, para que os atuais oprimidos não se tornem novos opressores.

Para Freire, educar-se é conscientizar-se, e “conscientização” significa desvelamento crítico das instâncias de dominação existentes na realidade para transformá-la rumo a uma sociedade sem opressores nem oprimidos. Se essa perspectiva for ampliada, na abordagem socioambiental, então se pode estender o desvelamento crítico ao conjunto das instâncias de dominação e devastação da natureza (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 20).

A educação “bancária” propicia a conservação do *status quo* da sociedade opressora, estimulando a contradição opressores-oprimidos e impedindo a vocação humana de “ser mais” e do desenvolvimento das vocações, potencialidades e criatividade dos indivíduos. As problematizações socioambientais permitem a conscientização e transformação da realidade para vivermos num mundo que realize a regeneração e preservação dos recursos naturais e respeite a natureza (humana e não humana).

Para a defesa da ordem socioambiental voltada à superação do modelo opressor, necessita-se de uma educação ambiental que afronte o capitalismo. A educação política refere-se a uma educação para a formação de cidadãos capazes de organizar-se mediante sua participação argumentada, consciente e permanente na localidade onde vivem. A Educação Ambiental Ecomunitarista, fundamentada nas três normas da ética, deve perpassar o dia a dia das salas de aula e se estender a todas as esferas da educação.

Para a educação formal, Lopez Velasco (2012, p. 36) propõe as seguintes diretrizes:

- 1) Vincular os conteúdos a problemas socioambientais da vida dos alunos e dos brasileiros nas áreas de: produção, distribuição, consumo, lixo, classes sociais, alimentação, saúde, moradia, higiene, lazer, sexualidade e ecologia. Trabalhar essas questões como temas transversais e incluir nos conteúdos específicos;

2) Promover a pesquisa coletiva e individual. O professor deve exercer o papel de “auxiliar de planejamento, observação, elaboração de hipóteses, testes das mesmas e elaboração de resultados”, numa atividade investigativa que visa à redescoberta, reconstrução dos conhecimentos mediante a reflexão dialogada;

3) Fazer trabalhos de campo e/ou criar espaços, mesmo que modestos, na própria escola ou instituição educativa, voltados para atividades de pesquisa descritiva ou experimental;

4) Dialogar na escola e/ou “in loco” com conhecedores do tema em estudo, visando a integração dos conhecimentos técnicos e as suas implicações socioambientais;

5) A partir do trabalho coletivo de investigação e sistematização elaboradas com a ajuda do professor e de conhecedores, promover ações voltadas a informação e intervenção na busca de soluções para problemas socioambientais existentes na escola ou instituição educativa, no entorno desta, no bairro de residência dos alunos e/ou na localidade onde for realizada a pesquisa.

Na Educação Ambiental Ecomunitarista, o educando é o sujeito da ação educativa em conjunto com o educador, ambos são investigadores da realidade por meio de uma educação dialógica baseada na comunicação simétrica, na inter e transdisciplinaridade e na prática pedagógica problematizadora e emancipatória, propondo uma transformação radical da educação e da relação educador e educando. A dialogicidade é fundamental nesse processo de libertação, porque a transformação se dá pela palavra como força transformadora.

A prática de uma pedagogia problematizadora nos cursos de formação de professores é fundamental para a multiplicação da leitura crítica do capitalismo e sua inserção transformadora no processo de libertação (LOPEZ VELASCO, 2012, p. 162).

A legislação menciona a EA como uma tarefa mais que disciplinar o que propõe a prática da inter e da transdisciplinaridade:

- Multidisciplinaridade: para o estudo e tratamento de um dado fenômeno, cada disciplina utiliza a perspectiva do seu próprio quadro teórico-metodológico, ou seja, não existe uma correlação entre as disciplinas num determinado curso.
- Interdisciplinaridade: significa que as disciplinas estão em correlação e cooperação, num processo de constituição de referenciais conceituais e metodológicos consensuais.
- Transdisciplinaridade: caracteriza-se pela relativa supressão de cada “disciplina” envolvida no estudo e a centralização no fenômeno considerado. O foco no fenômeno a ser estudado, promove a reacomodação dos saberes a partir dos referenciais consensuais desenvolvidos.

A transdisciplinaridade em EA significa também dizer que a EA deve permeiar-ligar, como um grande “tema transversal”, todos os espaços e atividades educacionais, no caso da educação formal, todas as disciplinas e conteúdos (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 23). É importante ressaltar que só é possível o trabalho inter e transdisciplinar da educação ambiental nas instituições de ensino, se houver a capacitação dos professores nesse tema e, principalmente, a obrigatoriedade da educação ambiental como disciplina nos cursos superiores, especialmente nos cursos de licenciatura.

A ação pedagógica/política abrange, além da esfera familiar e da educação formal, todos os espaços das relações humanas (entre elas, as ações de bairro, dos movimentos e organizações culturais e sociais não-governamentais, incluindo as “minorias”, as sindicais, políticas e aquelas realizadas por intermédio dos diversos meios de comunicação, a mídia). Em todos estes, as três normas da ética, assim como os princípios da pedagogia problematizadora, indicam que simultaneamente com a luta contra a resistência feroz dos mantenedores, por ação ou omissão do atual caos socioecológico, o desafio maior no caminho que aponta na direção do Ecomunitarismo é a superação da dicotomia dirigentes-dirigidos (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 135).

O educador que a ética da libertação pretende formar parte da pedagogia problematizadora, ou seja, educação como sinônimo de conscientização. Ela se propõe fazer com que educadores e educandos desenvolvam o desvelamento crítico e a transformação desse mundo, rumo a uma ordem sem opressores e oprimidos, ou seja, com relações igualitárias (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 228).

Na Educação Ambiental Ecomunitarista é importante que os educandos e professores aprendam a trabalhar em equipe e a integrar os seus esforços, num trabalho e aprendizagem coletivos e colaborativos de constante interação e dialogicidade no processo de aprendizagem.

O professor tem um papel fundamental na formação de cidadãos críticos, capazes de lutar por uma democracia que garanta a todos a satisfação das necessidades estabelecidas por acordo consensual e compatíveis com a preservação-regeneração da natureza, visando o desenvolvimento multifacetado das suas faculdades humanas. Mas o professor só poderá ser capacitado para cumprir com essas atribuições, se a sua formação inicial propiciar a contínua reflexão sobre a democracia (tanto a atual como sobre aquela possível de ser desenvolvida) e da prática efetiva da democracia (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 230-231).

À luz das três normas éticas, o professor nunca poderá tentar impor a postura ecomunitarista que defende, tentar fazê-lo seria violar as normas éticas nas quais diz basear sua práxis. Ele pode desafiar os alunos a conhecer e discutir os fundamentos e consequências

de tal postura e desenvolver trabalhos escolares e acadêmicos com esse tema. A vivência de uma postura ecomunitarista, respeitando a primeira norma da ética, deve ser de livre escolha do aluno (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 67).

A pedagogia problematizadora visa formar professores capazes de problematizar a realidade social vigente para a sua superação e transformação libertadora, que conduzam a uma sociedade com relações horizontais. A problematização da realidade implica inserir a competência científica a serviço da luta dos oprimidos e trabalhar os conteúdos a partir do ideal de superação da condição opressora, num processo de conscientização e, conseqüentemente, transformação de si e do meio onde vive.

A educação problematizadora e libertadora tem o poder de romper com a lógica capitalista de alienação do saber, a alienação viola a liberdade de decisão. Na prática político-pedagógica, a consciência emerge do mundo vivido problematizando-o. Conscientizar é politizar.

Lopez Velasco (2004, p. 71) define a “libertação” como o:

processo histórico de construção da liberdade de decisão consensual a propósito de nossas vidas através da discussão e da luta contra as instâncias de dominação intersubjetiva e de auto repressão alienada; desse processo faz parte o estabelecimento de relações produtivas e estéticas de caráter preservador-regenerador entre os seres humanos e o restante da natureza.

Com base nisso, a educação à luz da ética argumentativa da libertação (Educação Ambiental Ecomunitarista) é a ação com base numa pedagogia problematizadora, ou pedagogia da libertação que se caracteriza, segundo Lopez Velasco (2008, p. 39), dentre outros, pelas seguintes características:

- a) Os instrumentos da cultura erudita e os conhecimentos científicos são utilizados a serviço da conscientização – mobilização dos oprimidos em luta para superar o capitalismo e alcançar uma ordem socioambiental sustentável constituída por indivíduos livremente associados e multilateralmente desenvolvidos e respeitosos da natureza não humana;
- b) Estabelece vínculos de mútuo enriquecimento entre a cultura “erudita” e a cultura “popular”, aquela que à margem da educação formal, os oprimidos constroem no dia a dia das suas vidas e das suas lutas;
- c) O ponto articulador da ação pedagógica são as questões ligadas à vida diária e à luta dos oprimidos;

- d) Supera a contradição educador-educando, propiciando a construção dialógica do conhecimento vivo (ligado ao dia a dia e cimentado na pesquisa e na reflexão) numa dinâmica em que ambos são educandos-educadores, porque são investigadores críticos, isto é, problematizadores da realidade social e engajados na sua transformação socioambiental libertadora;
- e) Combate o fatalismo e o assistencialismo através da crítica e da autoreflexão, e aposta na capacidade de luta dos e com os oprimidos para melhorar a vida da população e superar o capitalismo;
- f) Defende a tomada democrática das decisões e visa à superação da disciplina verticalmente imposta pela autodisciplina consensualmente estabelecida e avaliada;
- g) A EA é a educação problematizadora embasada na ética argumentativa da libertação (que incorpora o pensamento sistêmico) e orientada rumo ao Ecomunitarismo.

A realidade precisa ser problematizada. Na apreensão ingênua da realidade de forma acrítica e alienada, ficam ocultos os mecanismos sociais de dominação-repressão-destruição que articulam seu poder de ação opressor. Por essa razão, as “consciências imersas” nessa realidade alienadora, devem conscientizar-se. Mas essa emersão somente será satisfatória e possível, se o processo de compreensão intelectual acompanhar a ação transformadora, que orienta para a superação dos mecanismos sobre os quais se assenta a dicotomia entre opressores e oprimidos, o que inclui o poder opressor do sistema capitalista sobre a natureza oprimida. E também para a minimização dos impactos ambientais e preservação-regeneração da natureza (LOPEZ VELASCO, 2004, p. 72).

Cada ser humano está chamado a ser um educador ambiental. Em especial, mas sem perder a condição de educandos na relação dialógica que deles se espera, esse papel é exigido dos pais, dos integrantes das organizações ambientalistas, dos professores de todos os níveis, dos jornalistas e comunicadores em geral, dos sindicalistas e ativistas sociais e políticos, das lideranças comunitárias, e, quando despertarem para tal, das lideranças religiosas e dos administradores (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 40).

3.2 A CONCEPÇÃO PROBLEMATIZADORA E LIBERTADORA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOMUNITARISTA

A ação pedagógico-política ecomunitarista, convergindo com a abordagem problematizadora proposta por Paulo Freire (1970), têm nas três normas éticas suas referências epistemológicas orientadoras (Lopez Velasco, 2005, p. 127).

Atualmente, em muitos casos, a Educação Ambiental é encarada como modismo, sem um aprofundamento e conscientização dos graves problemas ambientais que a humanidade enfrenta. Assim, a educação familiar e a educação formal (nas escolas e universidades) que centram seus esforços em estimular a ascensão de classe social e omitir os fatores ambientais podem ser chamadas de “educação não ambiental” (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 15).

Diante disso, parece claro que há uma suposta “Educação Ambiental” que peca pela falta de profundidade e abrangência e não passa de um modismo pelas questões ambientais, já que a grande mídia que a suscita não discute nunca os fundamentos da sociedade capitalista, que são causadores da crise social e ecológica que vivemos. Como exemplo desses fundamentos, podemos citar: a) o fato de que nessa sociedade uma minoria é dona dos grandes meios de produção (terras e fábricas), distribuição (supermercados), transporte (veículos de terra, mar e ar) e dos bancos; enquanto que a grande maioria trabalha para essa minoria ou sofre com o desemprego, por não ter meios de produção para aplicarem as suas capacidades produtivas; b) o objetivo da produção é a obtenção de mais dinheiro do que aquele que foi investido nela, ou seja, o enriquecimento e não a satisfação das diversas necessidades humanas, a tal ponto que milhões são os potenciais consumidores que morrem de fome ou doenças curáveis, por não terem o dinheiro indispensável para comprar os alimentos e os remédios (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 15).

Com relação às concepções de educação ambiental vigentes, Lopez Velasco explica que:

[...] no Brasil e no mundo, há duas grandes vertentes de EA (que não são “matizes” de uma só, mas propostas divergentes): uma que achando-se “crítica e transformadora” apregoa a manutenção “melhorada” do capitalismo, e a outra que sendo efetivamente crítica e transformadora do capitalismo, defende a necessidade de superá-lo no Ecomunitarismo. Devo dizer que a EA Ecomunitarista sente-se muito bem acompanhada por algumas propostas do ecossocialismo, do ecofeminismo e do socialismo do século XXI que está nascendo na América Latina (2010, p. 20).

Com essas omissões fundamentais, a EA com visão no “modismo”, ou seja, a educação não ambiental serve inclusive de instrumento midiático para que alguns capitalistas divulguem uma boa consciência ambiental, financiando projetos de revitalização de algum rio poluído ou de alguma espécie ameaçada de extinção, ou seja, promovem uma educação baseada num capitalismo “mais sustentável”. Para essa suposta EA, o capitalismo é a forma social definitiva da espécie humana, e ela nem sonha em imaginar um “além do capitalismo”, ao mesmo tempo, não percebe os dois traços fundamentais referidos acima, resultando: do primeiro, que no capitalismo a humanidade não é uma família que possa decidir dialogando o que fazer (produzir, distribuir, consumir, preservar, recuperar) e do segundo, que a concorrência feroz onde sobrevive aquele que consegue maior lucro, impossibilita que sejam tomadas medidas radicais (no sentido de ir até a raiz) e duradouras nas áreas de preservação-recuperação da natureza doente (incluída a humana) por causa do impacto causado nessa lógica do lucro (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 16).

Para superar a alienação é necessário ir à raiz do problema, ou seja, o modelo de sociedade em que vivemos. A educação ambiental que não abordar a essência, a força motriz dos processos de opressão, é uma educação não ambiental e não realizará a problematização e a libertação da condição opressora, já que a libertação é a transformação radical.

A transformação radical – a radicalização é sempre criadora, pela criticidade que alimenta, a radicalização é crítica, por isso, libertadora. Libertadora porque os engaja na transformação da realidade concreta e objetiva (FREIRE, 2011, p. 34).

Freire caracteriza a “educação” como um processo sem fim no qual os seres humanos trazem à luz as diversas formas de opressão e agem para tentar eliminá-las, esse é o conteúdo freireano de conscientização. Os pais precisam ter a humildade e a sabedoria de aprenderem com os seus filhos ao mesmo tempo em que os ensinam. Os mestres precisam ter a mesma atitude com seus alunos, o dirigente social ou político precisa ter o mesmo comportamento com relação aos cidadãos (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 14).

Paulo Freire (2011, p. 85) explica que: “a questão está em que pensar autenticamente é perigoso”. O estranho humanismo desta concepção ‘bancária’ se reduz à tentativa de fazer dos homens o seu contrário – o autômato, que é a negação de sua ontológica vocação de “ser mais”.

A educação “bancária” é uma narração de conteúdos, é a prática de “encher” os educandos de conteúdos retalhados, desconectados da totalidade, da realidade. A palavra nessas narrações se esvazia da dimensão concreta que deveria ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante (FREIRE, 2011, p. 79-80).

A formação do professor deve capacitá-lo a perceber o vínculo entre a educação e a política, no intuito de entender e criticar essa ligação entre a ciência e a dominação numa sociedade capitalista. Isso é possível com o trabalho de contextualização dos conteúdos com a realidade, por isso, o professor precisa estar informado e atualizado dos acontecimentos tendo uma postura crítica e posicionando-se a favor dos oprimidos. O educador problematizador compreende que a sociedade é dividida em classes e que a educação é uma das ferramentas que as classes dominantes utilizam para perpetuar-se no poder e produzir indivíduos acríticos e passivos. Por isso, ele pode e deve encontrar um espaço dentro do sistema educacional concebido, formando cidadãos críticos da opressão e engajados na luta por sua superação.

Dessa forma, o seu ensino vinculará os conteúdos à problemática social dos oprimidos, visando que esses possam instrumentalizar os conteúdos como ferramentas de sua reflexão e ação transformadora da realidade social vigente. O compromisso social do futuro professor inclui o compromisso com sua categoria, o professor é desvalorizado, é mal remunerado e trabalha em péssimas condições na maioria dos casos. Isso precisa ser problematizado na formação inicial docente (LOPEZ VELASCO, 2005, p. 232).

A lei considera que todos os cursos da universidade (em especial as licenciaturas e pós-graduações para professores) revisem os seus currículos para fazer com que o elo transversal da EA os permeie, enriquecendo-os; com efeito, o Art. 11 estipula que: “A dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas”. Isso é um desafio às instituições de ensino, nos seus cursos de licenciaturas (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 27).

Paulo Freire (2011, p. 84) diz que: “Na verdade, o que pretendem os opressores ‘é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a sua situação que os oprime’ e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os dominem”. Para isso, se servem da concepção “bancária” da educação, esse tipo de educação não serve para a conscientização e libertação dos homens. A educação “bancária” anula ou minimiza o poder criador do ser humano, estimula a sua ingenuidade e não a sua criticidade, satisfaz os interesses dos opressores que não estão interessados na transformação do mundo, já que a transformação é a condenação de sua condição dominadora.

O ser humano alienado teme a liberdade, está acomodado e adaptado, “imerso” na própria engrenagem do sistema dominador. Lutar pela liberdade significa ameaça por medo da repressão (FREIRE, 2011, p. 47).

A educação “bancária” é uma educação como prática da alienação, da dominação que serve para apassivar os homens e adaptá-los ao mundo para serem manipulados pelo

sistema dominador capitalista. A educação “bancária” anula ou minimiza o poder criador do ser humano, estimula a sua ingenuidade e não a sua criticidade, satisfaz os interesses dos opressores que não estão interessados na transformação do mundo.

A educação “bancária” faz com que o indivíduo se aliene, ou seja, se separe de si mesmo, se aliene de sua capacidade de “ser mais”, de sua capacidade criativa, produtiva e de descobrir e desenvolver suas múltiplas capacidades. É um aprisionamento da sua consciência, um aprisionamento do seu ser, por isso, faz-se necessária a libertação através da educação problematizadora e libertadora. A alienação impede o desenvolvimento do indivíduo universal, ou seja, desenvolvido em todas as suas vocações e aptidões (LOPEZ VELASCO, 2012, p. 44). Os oprimidos em sua libertação precisam reconhecer-se como homem, na sua vocação ontológica e histórica de *ser mais* (FREIRE, 2011, p. 72).

Decorar o conteúdo na perspectiva da educação bancária produz o estranhamento, a alienação do saber que o indivíduo teria condições de estudar, investigar e apreendê-lo, constatando sua importância prática na vida e na sociedade. Na educação bancária os indivíduos estão alienados entre si, como não dialogam, não há a dialogicidade, portanto, não existe a essência da educação como prática da liberdade, ou seja, não há processo educativo, porque “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2011, p. 95). E a educação sendo prática da libertação, cabe citar Freire: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 2011, p. 71). Essas duas frases revelam a essência da educação como prática da libertação, educação é libertação, libertação da ignorância, libertação dos grilhões do capitalismo ou qualquer outro sistema que aliena, oprime, explora e escraviza o ser humano. Libertação da falta de humanidade e solidariedade presentes nesse sistema opressor.

A educação deveria conscientizar as contradições do mundo humano que impelem o homem a ir adiante, tais contradições conscientizadas tornam insuportável a acomodação (FREIRE, 2011, p. 29). A tomada de consciência expõe as insatisfações sociais e a opressão, permitindo a discussão do *status quo* para a sua transformação. A consciência emerge do mundo vivido problematizando-o. Conscientizar é politizar.

Fora da busca, fora da práxis, os homens não podem “ser mais”. Na educação “bancária” não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem do mundo, com o mundo e com os outros (FREIRE, 2011, p. 81). A transformação se dá pela

palavra como força transformadora. Para manter a contradição, a concepção “bancária” nega a dialogicidade como essência da educação.

A educação vinculada à realidade, suas contradições, sua historicidade pretende educar os sujeitos para um trabalho não alienado e para intervir nas circunstâncias objetivas que produzem a alienação humana. Por isso, ela desafia o pensamento pedagógico a entender os processos econômicos, políticos e culturais como formadores do ser humano e, portanto, constituintes de um projeto de educação emancipatória.

A problematização e a libertação são a ação e reflexão do homem sobre o mundo para transformá-lo. Na educação “bancária”, os homens são vistos como seres da adaptação, do ajustamento e não se desenvolve a consciência crítica de que resulta a sua inserção no mundo, como transformadores dele, como sujeitos. A ação dialógica faz emergir as contradições.

A concepção problematizadora parte da análise da própria realidade para compreender os problemas e superá-los, em contrapartida, a concepção “bancária” não abre espaço para a problematização. A EA tem a importante e difícil tarefa de estabelecer o diálogo inter e transdisciplinar e agir na problematização dos homens em suas relações com o mundo, desenvolvendo sua capacidade de participação da vida social de forma crítica e investigativa, isso significa que a aprendizagem de um conhecimento deve ser útil para transformar a realidade. A educação não pode ser trabalhada como “depósito” de conteúdos e as instituições de ensino como “depósito” de alunos, tratar as pessoas como coisas é típico do sistema opressor capitalista, que transforma as pessoas em meros números e estatísticas sem analisar o contexto, sua vida e seus ideais.

Na educação formal o grande desafio é a prática de uma “pedagogia problematizadora” (no sentido de Freire) na qual professor e aluno desenvolvem e renovam seus saberes a partir de suas vivências, sua leitura crítica do capitalismo e sua inserção transformadora no processo de libertação. Nesse aspecto, o espaço central é o dos centros de formação de professores, pois através da formação problematizadora dos mesmos é possível à multiplicação da ação problematizadora em escala ampliada ao conjunto dos futuros alunos desses professores (LOPEZ VELASCO, 2012, p. 162).

Na concepção da educação “bancária”, os homens simplesmente estão *no* mundo e não *com o* mundo e *com os* outros. É a educação como prática da alienação e da dominação, com o intuito de apassivar os homens e adaptá-los ao mundo, assim, melhor adaptados, “educados”, adequados ao mundo, mais suscetíveis de serem manipulados e oprimidos. A

educação problematizadora e libertadora intenciona romper com a lógica capitalista de alienação do saber, a alienação viola a liberdade de decisão.

A pedagogia do oprimido é aquela que tem que ser forjada *com* ele e não *para* ele. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas, objeto da reflexão, de que resulta no seu engajamento necessário na luta por sua libertação (vocação histórica do “ser mais”) (FREIRE, 2011, p. 43).

Freire (2011, p. 74) diz: “... Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de ‘coisas’. Por isto, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho -, também não é libertação de uns feita por outros”. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, é práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE, 2011, p. 93).

Para a superação da contradição opressores-oprimidos, a educação problematizadora afirma a dialogicidade e se faz dialógica, trabalha com a problematização dos ensinamentos, com a meta da libertação da consciência humana e superação da condição opressora. A educação “bancária” é a pedagogia como prática da dominação, enquanto a pedagogia libertadora é a pedagogia como prática da libertação, pedagogia enraizada na vida das pessoas. A pedagogia do oprimido é libertadora de ambos, oprimido e opressor.

A Educação Ambiental deve assumir a crítica ao capitalismo para alcançar seus objetivos, a ordem social vigente é opressora e oprime a natureza, produz alienação, exclusão social e a exploração desenfreada dos recursos naturais produzindo a situação de crise ambiental da atualidade. Portanto, se a educação problematizadora pretende ser verdadeiramente freireana, deve assumir uma postura pós-capitalista.

Sirio Lopez Velasco (2010, p. 12) define a educação ambiental como uma educação socioambiental problematizadora (no sentido de Paulo Freire) fundamentada na ética argumentativa e orientada rumo ao Ecomunitarismo (ordem socioambiental pós-capitalista).

Nesse contexto, Lopez Velasco diz:

[...] Assim, considero que a educação ambiental deve ser crítica, ou seja, romper e se afastar do capitalismo, que é a ordem socioambiental dominante e na qual sacrifica-se o ser humano e a natureza não humana em nome do lucro, e que essa EA deve transformar rumo ao Ecomunitarismo (ordem socioambiental pós-capitalista na qual os seres humanos podem se realizar solidariamente como indivíduos universais, e que os reconcilia com a natureza não humana, com a qual estabelecem relações de preservação-regeneração permanentes). Nesse contexto, opino que a EA se divide em duas grandes tendências: aquela que pretende atuar **dentro** do capitalismo, e aquela que critica o capitalismo e quer ajudar à construção da ordem socioambiental pós-capitalista que é o Ecomunitarismo. (LOPEZ VELASCO, 2010, p. 12).

A livre expressão humana tem íntima relação com a inteligência e a criatividade, que pode criar esse novo modelo de civilização que tem como fundamento a liberdade de expressão, o respeito, o cuidado pelo ambiente e a preservação e regeneração da natureza orientando as relações sociais. A criatividade produz novos pensamentos, novos sentimentos, novos valores para as transformações sociais e alternativas de outros modos de viver socialmente.

O processo criativo desenvolve a autonomia e a livre expressão dos indivíduos, superando a reprodução de conceitos e práticas sem consciência e por mera imitação. O modelo social vigente no capitalismo é alienador, esse tipo de alienação forma uma barreira para nossa livre expressão, seja da criatividade e de potencialidades que possam gerar e frutificar novas formas de convivência, de trabalho, de educação e que tenham como centralidade a vida e não o lucro.

A livre expressão humana está além de partidos políticos, religiões, dogmas e preconceitos. A criatividade é uma das manifestações da livre expressão do ser, que dá felicidade e tem o potencial de criar novos mundos, novos mundos possíveis, ou seja, a materialização das ideias de uma vivência comunitária, em se tratando da perspectiva teórica dessa dissertação. A criação, a criatividade tem um poder revolucionário de provocar transformações radicais quando são concretizadas ideias que busquem criar alternativas para o desenvolvimento de uma sociedade ecomunitária e também multiplicar ideias, atitudes, criações e novas criações que criem brechas nas muralhas do capitalismo e nas fronteiras territoriais, mentais, espaciais e físicas.

Estamos vivendo numa sociedade doente, a natureza está doente. A Educação Ambiental Ecomunitarista abre um espaço para deflagrar essa condição de crise e mostrar que é possível superá-la através de trabalhos solidários e autogestionados que revelam outra realidade, outras formas de organização social, muitas vezes pontuais, pequenas, mas que oferecem uma inestimável ajuda às pessoas e que tem o potencial de multiplicação. Para isso, não é necessário o uso de armas, nem o uso da violência e da crítica pela crítica, mas sim, a poderosa arma da criatividade, da solidariedade e da autogestão. Se não estamos satisfeitos com algo, vamos criar e fazer algo que nos agrada, que nos realize como indivíduos (1º norma da ética), como pessoas que estamos num convívio social (2º norma da ética) e como seres humanos que somos e fazemos parte da natureza tendo uma atitude de respeito e preservação-regeneração (3º norma da ética).

O homem está usando sua racionalidade para destruir, a si, aos seus semelhantes e à natureza. O ser humano não deve moldar-se a esse tipo de pensamento e economia vigente no

capitalismo e, sim, a economia é que deve servir para o bem de todos os seres humanos, de forma ecológica e solidária. Por isso, é necessário utilizar a criatividade, a solidariedade, a autonomia de pensamento e criação e a ludicidade nas práticas educativas e veremos o desabrochar das habilidades e capacidades dos nossos alunos.

O Ecomunitarismo possui um caráter ético-político de transformação social, da livre expressão dos indivíduos em sua singularidade e produção de subjetividade e de ruptura e superação da ordem social capitalista de produção, distribuição e consumo, vista por muitos como a única forma de organização social, mesmo que essa forma seja injusta, excludente, preconceituosa, corrupta, desigual, manipuladora e alienadora das potencialidades humanas.

Enquanto tivermos relações de poder, hierarquia, piramidização das relações, sejam elas familiares, trabalhistas, políticas, educacionais, etc, não teremos mutações, revoluções que abalam as estruturas caducas vigentes (e que se autodenominam muito “modernas”), no sentido de formar um novo modelo civilizatório e romper com a opressão do capitalismo.

A livre expressão do ser, desenvolvida pela criatividade, faz com que crianças e adultos possam transformar-se, redescobrir-se, mas para isso, o educador precisa ter esse desejo dentro de si também, não pode querer desenvolver no outro aquilo que ele próprio não possui. Precisa transformar-se a si mesmo, ter espontaneidade, criatividade, sinceridade e honestidade naquilo que faz para ensinar aquilo que vive e acredita, dessa forma, poderá atingir as demais pessoas. As práticas de intervenção social criam novos mundos, novos horizontes para a criação de um mundo novo, a expressar a essência-existência de cada indivíduo, e a mola propulsora para isso chama-se criatividade. As pessoas tem que ser artistas para criarem um mundo novo, a educação precisa fazer emergir o que os indivíduos têm em estado latente, muitas vezes “escondido” em meio a tantas frugalidades e futilidades que o capitalismo nos apresenta como importantes na nossa vida.

Atualmente, estamos vendo a privatização da natureza e a valoração em termos financeiros dos benefícios ambientais, como se a vida pudesse ser contabilizada. Nesse caso, é relevante problematizar as seguintes questões: quanto vale a morte de crianças decorrentes da poluição atmosférica e dos rios poluídos contaminados com microorganismos patogênicos? Quanto vale a perda da fauna, flora e de culturas tradicionais de uma região em função da construção de uma hidrelétrica? Quanto vale um rio limpo? Quanto vale uma região da mata preservada? Quanto vale a preservação da biodiversidade? Quanto vale a cultura dos povos? É extremamente difícil, senão impossível, valorar os benefícios ambientais e também a perda dos mesmos em função dos impactos ambientais, na maioria das vezes irreversíveis que a exploração desenfreada causa.

É necessário mudar o pensamento atual, que se encontra fragmentado e monetariamente vinculado. As pessoas e bens naturais não podem ser etiquetados com preços. Um dos problemas da nossa sociedade é querer resolver os problemas com as mesmas formas e procedimentos que não deram certo. Não se pode pensar em resolver problemas ambientais com a forma de pensar capitalista. Nesse contexto, não teremos soluções concretas e eficazes que beneficiem a maioria da população, e que venham a preservar e regenerar a natureza humana e não humana.

O sistema capitalista trabalha na lógica da extração dos recursos naturais sem respeitar o tempo de regeneração. Por outro lado, a geração do lucro, a propaganda e o consumo exigem a exploração ilimitada da natureza para a manutenção e “perpetuação” do sistema capitalista. Nesse caso, é óbvio que os problemas não serão resolvidos (podem ser apaziguados ou mitigados), mas jamais solucionados definitivamente, pois o sistema capitalista visa estritamente o lucro. No capitalismo, a vida, a arte, a educação e a cultura, tudo é avaliado em termos econômicos.

Os governos tratam os problemas socioambientais no sentido da manutenção do sistema de produção da sociedade capitalista, visando preservar o ambiente apenas para dar sustentabilidade ao capital e não à natureza. Se quisermos transformar a sociedade e resolver os problemas na sua “raiz”, precisamos pensar e efetivar práticas que não tenham relação com a lógica capitalista. É importante pensar no bem comum, na grande maioria desfavorecida da população, e realizar projetos que busquem minimizar os impactos ambientais, preservando e regenerando a natureza.

O valor da vida e dos recursos naturais é incalculável. Mesmo assim, na lógica capitalista, tudo precisa ter a marca do dinheiro. É preciso romper e superar esse paradigma, com vistas a promover a liberdade e felicidade dos indivíduos.

Os recursos naturais são mantenedores e geradores da vida e precisam ser preservados. A sociedade necessita adaptar-se, viver e produzir tendo como ética ambiental a preservação e regeneração da natureza. Para que ocorra uma real transformação e solução dos problemas é imprescindível superar a lógica capitalista, e elaborar planos e projetos que tenham uma ética ambiental que respeite a vida e levem em consideração a preservação e regeneração da natureza (humana e não humana).

O Ecomunitarismo promove uma ética universalizável, capaz de orientar o agir no contexto do capitalismo para superá-lo. A ética argumentativa aplica-se aos aspectos econômicos, ecológicos, eróticos, pedagógicos, políticos e comunicacionais.

As normas da ética são históricas e a história está sempre em constante transformação. Por isso, o autor refere-se à utopia, porque para haver transformação é necessário, pelo menos, que existam ideias para a concretização de algo novo.

Este processo de libertação inclui também a mudança da relação homem-natureza, buscando o estabelecimento de uma interação produtiva e estética preservadora/regeneradora, inspirada na busca do equilíbrio ecológico, condição de possibilidade da sobrevivência da humanidade.

3.3 A EDUCAÇÃO SEXUAL

No caso das crianças, púberes e adolescentes, os pais não devem temer em explicar a finalidade das partes sexuais e de como ocorre o processo de gestação e nascimento das crianças, utilizando esclarecimentos condizentes à idade. Esta conduta significa responder com naturalidade à curiosidade explícita ou implícita manifestada pelas crianças, sem exageros que levam algumas crianças a terem uma verdadeira “fixação” às questões sexuais.

Desde a mais tenra idade é importante contextualizar o vínculo sexual de acordo com as duas primeiras normas da ética, ensinar o respeito pela liberdade individual de decisão e a via do consenso livre como forma de definir qualquer questão, inclusive as de caráter sexual, referentes à relação com o outro. Outra questão é a despenalização da masturbação (autoerotismo), explicando e discutindo o seu papel na maturação e na vivência adulta da sexualidade, mas evitando o excesso que prejudique as suas atividades cotidianas.

A educação sexual nos espaços da educação formal, na maioria dos casos, restringe-se a explicações sobre a anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores feminino e masculino. Isso é absolutamente insuficiente devido à complexidade e relevância da educação sexual, principalmente na vida das crianças e adolescentes, que muitas vezes não tem nenhuma informação familiar e adquirem informações distorcidas via internet e através do diálogo com outras pessoas, ficando à mercê de doenças e diversos problemas psicológicos. No caso dos adolescentes, que iniciam sua vida sexual, aos mesmos é possível assistir filmes eróticos (diferentemente de pornográficos) para explicar e discutir a vivência concreta do heteroerotismo. Também se deve dialogar sobre a responsabilidade da paternidade e maternidade, dos meios anticoncepcionais e das proteções contra doenças sexualmente transmissíveis, em especial, a AIDS.

Em relação às três normas da ética e a educação sexual, a primeira não condena à masturbação, que deve ser de livre escolha individual. A segunda abarca a liberdade consensual para a prática sexual, num relacionamento heterossexual ou homossexual.

Conforme a segunda norma da ética, o aborto é uma decisão dos pais, mas também leva em consideração o novo ser que ainda está em formação. Como esse novo ser ainda não tem consciência e não pode manifestar-se, os pais precisam se responsabilizar por essa vida. Já os casos de estupros e malformações genéticas devem ser estudados e avaliados mediante juízos éticos flexíveis.

Em se tratando de adultos, para a educação e reeducação sexual, utilizam-se os mesmos procedimentos antes citados para crianças e adolescentes, acrescentando o uso de sessões de análise e de cursos interativos veiculados através da televisão e também de outros meios de informação. Essas atividades fazem parte de ações promovidas ou apoiadas por centros de trabalho, clubes sociais ou organizações de bairro e guiadas por psiquiatras, psicólogos e analistas (LOPEZ VELASCO, 2008, p. 75-77).

4 CAPÍTULO III: O CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

4.1 A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL

A presente abordagem tem como fundamentação teórica o livro referente ao III Seminário Nacional do Pronera “Educação do Campo: campo – políticas públicas – educação” (2008), organizado por Clarice Aparecida dos Santos, e o Caderno Pedagógico da “II Conferência Estadual Por uma Educação Básica do Campo”, que ocorreu na cidade de Porto Alegre em abril de 2002. O estudo desses livros foi relacionado com a experiência que adquiri como professora em uma escola estadual do interior de Minas Gerais.

A literatura recente sobre o tema mostra a emergência do conceito de educação do campo, que se contrapõe à visão tradicional de educação rural. A expressão “do campo” é utilizada para designar um espaço geográfico e social que possui vida em si e necessidades próprias, como “parte do mundo e não aquilo que sobra além das cidades”. O campo é concebido como espaço social com vida, identidade cultural própria e práticas compartilhadas, socializadas por aqueles que ali vivem.

O Brasil optou por um modelo de desenvolvimento que preservou o latifúndio e a concentração de terra, e, ainda, incorporou-o ao modelo do agronegócio, por isso, a reforma agrária e a agroecologia são alternativas válidas e necessárias para os que se propõem a preservar o meio ambiente e os recursos naturais, contribuindo para a contenção da tragédia social e ambiental que assola o planeta.

Esse infortúnio, provocado por um modelo de desenvolvimento transnacionalizado, intensificou profundamente o esgotamento dos nossos recursos naturais, principalmente nos biomas Cerrado e Amazônia, e impediu a ampliação de postos de trabalho no campo, ao impor um modelo agrícola que tem como base o latifúndio, a monocultura, e uma matriz tecnológica intensiva em uso de capital. Nesse capitalismo há a expansão da miséria por meio da exclusão dos camponeses no acesso a terra, ao capital e a tecnologia.

A agroecologia, a agricultura familiar e a reforma agrária são fundamentais para o desenvolvimento de um novo modelo civilizatório, que prima pela preservação e regeneração da natureza, pelo cuidado com a vida e com o planeta e pela justiça socioecológica com cooperação e solidariedade nas relações comunitárias.

O avanço das políticas neoliberais e seus ajustes estruturais provocaram pelo menos duas mudanças significativas na sociedade: a minimização do Estado e a maximização do

capital na tomada de decisão a respeito das políticas de desenvolvimento. Leis e políticas beneficiam muito mais os interesses das empresas capitalistas nacionais/transnacionais do que os interesses da sociedade. Isso tem gerado e intensificado as desigualdades sociais, por meio da exclusão, expropriação territorial e controle social da maior parte da população rural, com a precarização das relações de trabalho, desemprego estrutural e destruição de camponeses e de comunidades indígenas e seu capital social de costumes e cultura.

Para os trabalhadores do campo, o tempo de escola sempre foi muito curto. A criança precisava trabalhar e ajudar a família na roça. Por isso, a educação escolar do campo nunca foi além de um aprendizado rudimentar, limitado às primeiras séries do ensino primário e turmas multisseriadas. Hoje, a escola do campo é uma questão civilizatória, para uma nova civilização que está para emergir, aquela que se fundamente na liberdade e na igualdade cidadã dos trabalhadores do campo, na capacitação para a ação e representação política, bem como terá de dar corpo e alma ao novo pacto entre a sociedade e a natureza, o que supõe tanto um novo e amplo conhecimento da sociedade, quanto mergulhe na rede complexa dos ecossistemas e das relações sociais.

A qualificação política, pedagógica e intelectual dos professores do campo é o primeiro desafio a ser enfrentado, já que tais qualificações estão cada vez mais presentes nos movimentos sociais. E para o desenvolvimento desse novo modelo de civilização, a formação de professores precisa estar vinculada à educação ambiental ecomunitarista.

Faz-se necessária uma discussão mais ampla e articulada entre poder público, entidades populares e população em geral sobre o papel estratégico da educação na construção de um projeto social e político que se contraponha ao atual modelo neoliberal, implantado pelas forças capitalistas.

A pressão desse modelo de desenvolvimento é forte em todos os segmentos sociais que vivem e trabalham no campo e se constitui num desafio ainda maior para os jovens rurais, que não conseguem ver na propriedade agrícola a possibilidade de obterem uma qualidade de vida melhor do que a oferecida nas cidades. A desesperança dos jovens do campo tem relação com as dificuldades de trabalho e falta de escolas e universidades em várias regiões, também com a mídia que estimula o consumo e valoriza as cidades e os costumes urbanos em detrimento da cultura do campo. Aos poucos essa realidade está mudando, mas ainda tem muito a ser feito para a população do campo e para a educação do campo.

Além das desigualdades sociais e econômicas, os danos ambientais causados pela acelerada modernização da agricultura brasileira, a chamada Revolução Verde (especialmente a partir da década de 60), com os desmatamentos, a degradação dos solos, uso de agrotóxicos

e a destruição dos mananciais hídricos, constituem uma das principais críticas ao modelo de desenvolvimento rural.

O meio rural é um espaço prioritário de combate ao desemprego e à miséria no Brasil, além de sua importância social na redução do êxodo rural e de todas as suas graves consequências para a vida das cidades. Se quisermos atingir um desenvolvimento sustentável, devemos fundamentar o desenvolvimento rural na realização de ampla e massiva reforma agrária, no fortalecimento e na expansão da agricultura familiar, da agroecologia e na articulação das diferentes políticas sociais, entre elas a educação.

A opção pela agricultura familiar, com a incorporação de novos contingentes de trabalhadores através de uma ampla e massiva reforma agrária, é fundamental para a construção de um novo modelo de desenvolvimento para o campo. A agricultura familiar é um setor estratégico para a manutenção e recuperação do emprego, para a redistribuição de renda e o impulso ao desenvolvimento sustentável, o que contribuirá para a superação da crise social e econômica do país.

Um dos aspectos centrais da valorização das potencialidades das comunidades é a aproximação da escola rural das estratégias de desenvolvimento dessas mesmas comunidades, isso é possível preservando a natureza e o capital social dessas populações. A cultura de um povo tem saberes regionais riquíssimos, tais como o cultivo de sementes, medicina, alimentação, plantação, economia e outros aspectos que colaboram na saúde, nutrição, economia e forma de viver do povo e isso se dá pela integração e sábio uso dos bens e serviços da natureza local.

As políticas públicas para o meio rural, entre elas a educação, devem contribuir com a formação de redes territoriais densas e diversificadas, ampliando o capital social das comunidades locais, a partir da criação e do fortalecimento das instituições e da participação dos agricultores na definição e implementação das políticas públicas.

O modelo de desenvolvimento do campesinato ou agricultura familiar, ao contrário do modelo de desenvolvimento do agronegócio, é caracterizado por produção de policulturas, em pequena escala, predominância do trabalho familiar, com baixa mecanização, e em sua maior parte, com base na biodiversidade sem a utilização de agrotóxicos.

A educação do campo é parte da construção de um paradigma teórico e político, não é fixo, fechado. O conceito de educação do campo tem raiz na sua materialidade de origem e no movimento histórico da realidade a que se refere. Educação do campo é um conceito em movimento como todos os conceitos, mas ainda mais porque busca apreender um fenômeno

em fase de constituição histórica, por sua vez, a discussão conceitual, também participa desse movimento da realidade.

A materialidade de origem da Educação do Campo exige que ela seja pensada/trabalhada sempre na tríade: Campo – Política Pública – Educação. É uma relação, na maioria das vezes, tensa. Foi o campo, sua dimensão histórica, que produziu a Educação do Campo, as lutas sociais, a luta pela terra, e pelo trabalho.

A Educação do Campo teve sua origem na mobilização de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas, nasceu da combinação das lutas dos sem-terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária, com as lutas de resistência de comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, enfim, sua identidade.

Um dos aspectos importantes a questionar é a contradição entre campo e cidade, a visão hierárquica entre campo e cidade foi produzida historicamente e sua superação faz parte da construção de uma nova ordem social. Precisamos estar atentos a essa contradição e evitar que a educação do campo passe a reforçá-la ou reforçar a lógica social que a institui, através de práticas pedagógicas e materiais didáticos com uma visão urbana.

Não podemos considerar normal que os sujeitos trabalhadores do campo sejam tratados como inferiores, atrasados, pessoas de segunda categoria, analfabetos ou semianalfabetos e que a situação de miséria seja seu destino, que no campo não tenha escola, que seja preciso sair do campo para estudar, que o acesso à educação se restrinja à escola, que o conhecimento produzido pelos camponeses seja desprezado.

A Educação do Campo e a Educação Ambiental Ecomunitarista é a projeção de outra concepção de campo, de sociedade, de relação cidade e campo, de educação e de escola. Perspectiva de “emancipação social” e “emancipação humana”. Por isso, é necessário o desenvolvimento de projetos educacionais que integrem à agroecologia vinculada à justiça social e à soberania alimentar, da cooperação entre os trabalhadores numa economia ecológica e solidária conforme o ecomunitarismo.

Na educação do campo, o debate do campo precedeu o da educação ou da pedagogia, ainda que o tempo todo se relacione com ele. Debate de campo é fundamentalmente debate sobre o trabalho no campo, insere a dimensão da cultura, vinculada às relações sociais e aos processos produtivos da existência social no campo. Isso demarca uma concepção de educação, concepção pedagógica de perspectiva emancipatória e socialista.

São essenciais à concepção de Educação do campo o vínculo entre campo e educação e entre projeto de campo e projeto de educação.

A Educação Rural sempre esteve vinculada a uma visão pragmática, instrumentalizadora e urbanocêntrica da educação, colocada a serviço das demandas de um determinado modelo de desenvolvimento do campo. Nisso, pensa-se a produção apenas na dimensão do negócio.

A visão de campo da Educação do campo exige uma visão mais ampla de educação das pessoas, à medida que pensa a lógica da vida no campo como totalidade em suas múltiplas dimensões. Não podemos cair no risco da instrumentalização. A educação do campo está intimamente relacionada à educação ambiental em especial porque seu território é o campo, é a natureza, o trabalho do campo é intrínseco à produção primária, à terra, à água, aos ciclos da natureza e esse conhecimento e o saber trabalhar com base na preservação e no respeito a esse meio ambiente é fundamental para a qualidade de vida, saúde e bem-estar das pessoas e do ambiente.

A visão escolacentrista é uma das marcas da visão moderno-liberal de educação, essa concepção mata a educação do campo, a especificidade originária da educação do campo não está numa visão ou num projeto de escola, e sim, nas lutas sociais pela terra. Por isso, ela desafia o pensamento pedagógico a entender estes processos, econômicos, políticos, culturais, como formadores do ser humano e, portanto, constituintes de um projeto de educação emancipatória, onde quer que ela alcance inclusive na escola.

A Educação do Campo tem dado centralidade à luta pela democratização do acesso ao conhecimento, reconhecendo sua importância estratégica na formação de sujeitos capazes de construir novas alternativas populares para o desenvolvimento do campo (do país). A educação ambiental na concepção ecomunitarista apresenta alternativas para o surgimento de um novo modelo civilizatório.

De um lado, pelos sujeitos que a Educação do Campo coloca em cena e pelas questões de sua realidade, isso traz interrogações importantes sobre a que conhecimento ter acesso, produzidos por quem e a serviço de que interesses, retomando o tenso e necessário vínculo entre conhecimento, ética e política. Se for fiel aos movimentos sociais de sua constituição, a Educação do Campo combinará a luta pelo acesso universal ao conhecimento, à cultura, à educação com a luta pelo reconhecimento da legitimidade de seus sujeitos também como produtores de conhecimento, de cultura, de educação, tensionando algumas concepções dominantes.

Na modernidade capitalista, a boa instrução é muitas vezes entendida como mero acúmulo de informações, como se isso fosse toda a explicação ou totalizasse a compreensão do processo educativo, e como se não houvesse mais interesses de classe envolvidos na

produção do conhecimento e nem a disputa pelo que se considera um conhecimento socialmente legítimo. Ou seja, a subordinação de projetos educacionais aos interesses da reprodução das relações capitalistas é disfarçada de uma forma sofisticadamente asséptica, despolitizada.

O conhecimento é direito de todos, mas ele não pode ser entendido como descolado de outras dimensões de um processo formativo, quando se separa conhecimento de valores e de interesses sociais.

O projeto educacional/cultural que sustenta o capitalismo não é colocado em discussão nos espaços educacionais, como a escola, por exemplo, porque se convence aos professores de que só importa discutir os métodos de instrução, conceitos e teorias de livros normatizadas por leis nacionais ou de ensinar as formas de apropriação desse conhecimento supostamente neutro, produzidos fora da história e para além de parâmetros sociais, éticos, humanos. Esse é um debate muito importante para os educadores do campo. Em muitos casos, os livros e materiais didáticos das escolas do campo apresentam conteúdos com uma visão urbana e descontextualizada com a zona rural. A Educação do Campo tem um importante papel de trabalhar os conhecimentos e a cultura do campo nos conteúdos e práticas de aula, pesquisando e aprofundando os saberes da localidade e valorizando o povo e a cultura da região.

A Educação do Campo precisa trabalhar com a questão do pluralismo. Existe o outro e ele deve ser respeitado, os sujeitos do campo são diversos e essa diversidade precisa ser incorporada na reflexão política-pedagógica. A abrangência social da educação do campo são os pequenos agricultores, ribeirinhos, indígenas, pescadores, assentados, moradores da periferia urbana, etc.

Existe uma identidade comum entre os camponeses proprietários de terras, posseiros, pescadores artesanais, lavradores, diversas categorias de extrativistas, ribeirinhos, quilombolas, povos indígenas camponeses, etc. Essa identidade comum se dá pela “racionalidade camponesa”. Imensa heterogeneidade social, regional, histórica do campesinato, sem negar sua unidade coletiva, fundamental para a construção das bases, de um projeto de desenvolvimento “camponês”.

A produção camponesa é distinta da produção capitalista. A produção camponesa tem predominância do trabalho e da gestão familiar, isso significa que não há separação entre aqueles que trabalham e os que se beneficiam do resultado desse trabalho e os que decidem sobre a alocação do trabalho, ou seja, que organizam a produção, constituindo assim uma unidade indissociável entre a esfera da produção e do consumo. Essa diferença, do ponto de

vista das suas relações sociais, gera consequências nas suas relações com a natureza. Esse tipo de economia ecológica e solidária faz parte da proposta ecomunitarista.

A produção camponesa e a produção capitalista tem diferença e tem consequências diferenciadas para o desenvolvimento. Uma dessas diferenças marcantes está na trajetória da relação da sociedade com a natureza.

No capitalismo, há a monocultura, que acarreta a perda progressiva da fertilidade do solo, utilização de agrotóxicos, contaminação ambiental, diminuição da biodiversidade, entre outras questões. A artificialização da natureza só pôde se manter com o uso crescente de insumos industriais, agrotóxicos, transgênicos, dentre outras tecnologias que servem de lucro para as empresas produtoras e grandes latifundiários em detrimento das pequenas propriedades.

A prioridade do campesinato é a reprodução familiar, essa é a realização da sua existência. Apóia-se no autoconsumo e na soberania alimentar, organizar a produção de maneira a distribuir a força de trabalho familiar por diferentes atividades ao longo do ano, apresenta uma tendência a uma produção diversificada. Isso tem efeitos na própria paisagem que é produzida. No território do capital a paisagem é homogênea, já no território camponês a paisagem é heterogênea e respeita a biodiversidade.

Muitas vezes, o acesso às políticas públicas pode significar uma conquista meramente formal, que não se materializa de fato numa conquista de direitos.

A experiência do movimento pela Educação do Campo mostra a importância de vincular a luta pelas políticas públicas de educação à luta por uma educação dos e não para os sujeitos do campo, negando “pacotes” ou “modelos” educacionais urbanos, que ignoram ou subordinam as pessoas que vivem no campo. As políticas públicas de Educação do Campo devem ser construídas pelos próprios sujeitos do campo, reconhecendo sua autonomia e sua capacidade de construção de um projeto educativo próprio respeitando a cultura daquela região.

A escola deve servir de estímulo à agricultura sustentável, saúde e qualidade ambiental para a localidade. A escola deve ter um diálogo permanente com outros espaços e tempos dos sujeitos do campo, como suas famílias, comunidades, cooperativas, etc onde também há produção de conhecimento que podem fundamentar uma nova matriz produtiva.

Os conceitos relacionados à sustentabilidade e à diversidade complementam a educação do campo ao preconizarem novas relações entre as pessoas e a natureza e entre os seres humanos e os demais seres dos ecossistemas. Levam em conta a sustentabilidade

ambiental, agrícola, agrária, econômica, social, política e cultural, bem como a equidade de gênero, étnico-racial e a diversidade sexual.

Os cursos de formação de educadores do campo precisam reconhecer que há uma dimensão pedagógica no trabalho da pesquisa agropecuária e da extensão rural, assim como há uma dimensão produtiva presente na realidade da escola do campo. Aproximar inter e/ou transdisciplinarmente essas dimensões é um desafio que está colocado para a formação dos educadores do campo.

Nesse contexto, a transformação da educação do campo requer mais do que a melhoria física das escolas ou a qualificação dos professores; ela implica necessariamente, um currículo escolar baseado na vida e valores de sua população, a fim de que o aprendizado também possa ser um instrumento para o desenvolvimento do meio rural.

O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera) do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), tem o objetivo de promover cursos para jovens e adultos que são trabalhadores rurais em áreas de assentamento. Os cursos são de educação básica (EJA - alfabetização, ensino fundamental e médio), técnicos profissionalizantes de nível médio, cursos superiores e de especialização. Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidades de alfabetização e ensino fundamental também podem participar os trabalhadores acampados e cadastrados pelo Incra.

O Pronera capacita educadores, para atuar nas escolas dos assentamentos e coordenadores locais das comunidades.

Segundo o Pronera:

O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), tem a missão de ampliar os níveis de escolarização formal dos trabalhadores rurais assentados. Atua como instrumento de democratização do conhecimento no campo, ao propor e apoiar projetos de educação que utilizam metodologias voltadas para o desenvolvimento das áreas de reforma agrária (site do Incra).

A declaração final da “II Conferência Nacional Por uma Educação do Campo” em 2004, relatou que ainda existem graves problemas na educação do campo, tais como: faltam escolas, a infraestrutura escolar é deficiente e faltam investimentos. Existem adolescentes e jovens fora da escola e altos índices de analfabetismo. Muitos professores não possuem a formação necessária, faltam políticas de valorização do magistério, e o currículo não é coerente com a realidade do campo.

Mesmo com os avanços e conquistas da educação do campo, é preciso mais financiamento e a execução de projetos que viabilizem o que está fixado na legislação, para que a educação colabore para um novo projeto de desenvolvimento do campo que contemple os interesses dos camponeses.

Esse documento aborda uma questão muito importante, a articulação das políticas públicas da educação com o conjunto de políticas sociais que garantam os direitos humanos e sociais da população:

O direito à educação somente será garantido se articulado ao direito à terra, à permanência no campo, ao trabalho, às diferentes formas de produção e reprodução social da vida, à cultura, aos valores, às identidades e às diversidades. Defendemos que este direito seja assumido como dever do Estado (Proneira).

A conferência destacou, num de seus pontos, que é necessária a valorização e formação específica dos educadores do campo por meio de uma política pública que priorize a formação profissional e política de educadores do campo gratuitamente; formação no trabalho com base na realidade do campo e do projeto político e pedagógico da Educação do Campo; formação de redes coletivas de escolas, professores e organizações sociais do campo, dentre outros.

A formação de políticas públicas para a educação do campo é fundamental para o combate às desvantagens educacionais históricas sofridas pelas populações rurais e valorização da diversidade nas políticas educacionais.

A Constituição Federal de 1998, art. 206 estabelece o princípio da igualdade das condições de acesso e permanência na escola para todos. Historicamente essa não é a realidade da população do campo no nosso país. Temos altos índices de analfabetismo, baixos índices de escolaridade, altas taxas de evasão, repetência e distorção idade-série. Nesse contexto, a educação escolar do campo passa a ser abordada como segmento específico, composto de implicações sociais e pedagogias próprias, apresentando um desafio para a elaboração de materiais didáticos, formação de professores e currículo que contemple as especificidades do campo.

A LDB de 1996 reconhece, em seus arts. 3, 23, 27 e 61, a diversidade sociocultural e o direito à igualdade e à diferença, possibilitando a definição de diretrizes operacionais para a educação rural sem, no entanto, romper com um projeto global de educação para o país. A ideia de mera adaptação é substituída pela de adequação, o que significa levar em conta, nas finalidades, nos conteúdos e na metodologia, os projetos de educação para manipular o

comportamento da sociedade, a fim de atender a interesses econômicos ou políticos, em geral restringindo a liberdade de expressão e o acesso à informação.

A Educação do Campo apresenta processos próprios de aprendizado do estudante que são específicos do campo. Permite, ainda, a organização escolar própria, a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas.

Por meio da Emenda Constitucional nº 14 e da Lei nº 9.424/1996, foi instituído o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef). Esse fundo acelerou o processo de universalização do acesso ao ensino fundamental, redistribuindo recursos financeiros para o financiamento dessa modalidade de ensino em todo o país. Esse fundo beneficiou a educação nas escolas localizadas em zonas rurais, mas não o suficiente para reverter o quadro de abandono em que estas se encontravam.

Em 2001, foi promulgado o Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001), o qual, embora estabeleça entre suas diretrizes o “tratamento diferenciado para a escola rural”, recomenda numa clara alusão ao modelo urbano, a organização do ensino em séries, a extinção progressiva das escolas unidocentes e a universalização do transporte escolar. Observe-se que o legislador não levou em consideração o fato de que a unidocência em si não é o problema, mas sim a inadequação da infraestrutura física e a necessidade de formação docente especializada exigida por essa estratégia de ensino.

Por outro lado, a universalização do transporte escolar, sem o necessário estabelecimento de critérios e princípios, gerou distorções, tais como: o fechamento de escolas localizadas nas áreas rurais e a transferência de seus alunos para escolas urbanas; o transporte de crianças e adolescentes em veículos inadequados e sucateados; e a necessidade de percorrer estradas não pavimentadas e perfazer trajetos extremamente longos e perigosos.

Finalmente, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, aprovadas também em 2001 pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), representam um importante marco para a educação do campo porque contemplam e refletem um conjunto de preocupações conceituais e estruturais presentes historicamente nas reivindicações dos movimentos sociais. Dentre elas, o reconhecimento e valorização da diversidade dos povos do campo, a formação diferenciada de professores, a possibilidade de diferentes formas de organização da escola, a adequação dos conteúdos às peculiaridades locais, o uso de práticas pedagógicas contextualizadas, a gestão democrática, a consideração dos tempos pedagógicos diferenciados, a promoção através da escola, do desenvolvimento sustentável e do acesso aos bens econômicos, sociais e culturais.

4.2 O CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO UAB/UFPEL

Nesse curso, desenvolvo a função de tutora a distância (TD) da turma 2, no polo de Três Passos, desde janeiro de 2011. Ao longo desse período, tenho como rotina de trabalho: reunião semanal com a professora pesquisadora (responsável pela equipe de Três Passos); chat semanal com a tutora presencial (TP) e com a professora pesquisadora (PP); reunião geral para apresentação do eixo; participação nos fóruns de cada centro; estudo dos textos, materiais e cronogramas referentes às aulas; envio de mensagens e avisos gerais ou individuais aos alunos; avaliação da prova presencial; envio de pareceres relativos às atividades e fóruns, conforme as orientações dos professores responsáveis. Há, também, o acompanhamento das aulas presenciais a cada terça-feira, verificação de mensagens (via AVA acadêmico) dos alunos, com resposta imediata e esclarecimento das dúvidas, comunicação com professora pesquisadora, tutora presencial e professores do curso, e trabalho em equipe para auxiliar e incentivar os alunos que apresentam dificuldades.

Ao tutor cabe ainda, redigir relatórios de bolsista e emitir parecer final dos alunos, assistir as webconferências; participar dos cursos de capacitação; atender os e-mails da coordenação e dos professores; avaliar e enviar pareceres referentes às pendências. Em síntese, são essas as atividades realizadas a frente da tutoria à distância.

Nestas condições, o trabalho não é algo isolado, pois não se centraliza em uma única pessoa. Tudo deve ser discutido e esclarecido em grupo. Cada um potencializa e colabora com o trabalho do outro. Não há espaço para disputas ou divagações. O valor que se impõe é a cooperação, com vistas a uma aprendizagem qualificada dos acadêmicos, que, bem preparados, contribuirão profissionalmente para uma sociedade melhor.

A seguir, são apresentadas informações com base no Projeto Pedagógico (2008), Anexo (p. 263). No Apêndice U (p. 254), transcreve-se a entrevista com o primeiro coordenador do curso, relatando o início do curso e sua experiência com a turma 1.

Tendo como base o Projeto Pedagógico (2008), o curso de Licenciatura em Educação do Campo tem regime semestral. A duração é de quatro anos, com desdobramento de oito semestres. A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo faz parte dos Estudos Colaborativos do Curso, com início no 3º semestre e término no 7º semestre. Os Estudos Colaborativos (ECO I, II, III, IV e V) apresentam as seguintes temáticas: Educação Ambiental, Educação Infantil, Educação para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental de

nove anos, Educação Especial, Educação para Jovens e Adultos (EJA), Gestão Escolar, Educação e Tecnologias, Educação e Folclore.

Os acadêmicos escolhem uma dessas temáticas para realizarem até o final do curso. No último eixo do ECO (V), os alunos desenvolvem um projeto para ser implantado na escola parceira. Os Estudos Colaborativos constituem o Núcleo de Formação Complementar e apresentam a função de aprofundar os estudos em áreas específicas.

O curso de Licenciatura de Educação do Campo – Modalidade a Distância EAD MEC/UAB/UFPEL, é oferecido em caráter experimental e emergencial pela UAB/UFPEL, atualmente em 27 pólos no estado do Rio Grande do Sul/RS.

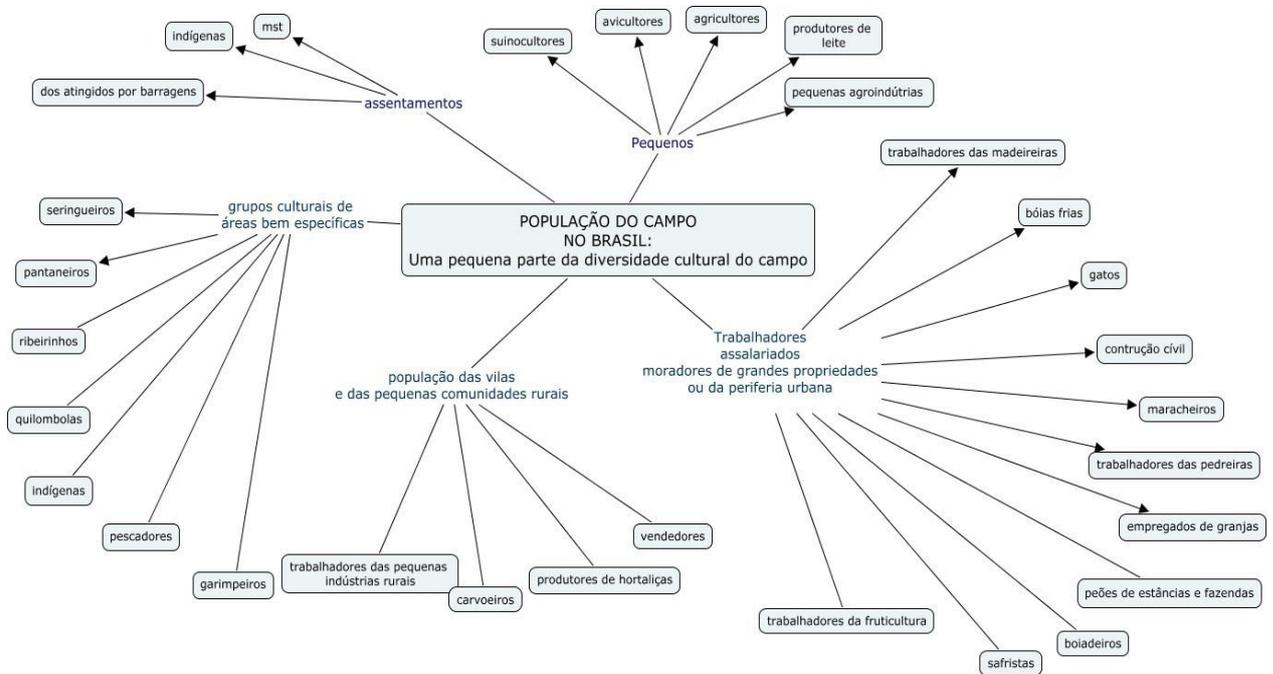
A **turma 1** consta de 8 cidades/pólos, que são os seguintes: Itaqui, Jacuizinho, São Sepé, Rosário do Sul, São Francisco de Paula, São Lourenço do Sul, Sapiranga e Sapucaia do Sul. A **turma 2**, teve início letivo no ano de 2011 e possui 15 pólos, que são: Arroio dos Ratos, Cacequi, Cerro Largo, Cachoeira do Sul, Herval, Camargo, Picada Café, Vila Flores, Quaraí, Restinga Seca, Santana do Livramento, Santo Antônio da Patrulha, Serafina Corrêa, São José do Norte e Três Passos. A **turma 3** teve início em 2013 e constitui-se dos seguintes polos: Hulha Negra, Santana do Livramento, São José do Norte e Sobradinho.

O projeto político pedagógico articula as Diretrizes Nacionais para a formação dos docentes, as Diretrizes do Procampo (Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo), o Projeto Político Pedagógico da UFPEL, e as demandas dos municípios polos da UAB/UFPEL.

A proposta do curso prioriza a formação de profissionais da educação capazes de atender às especificidades que caracterizam as áreas rurais e também de periferia urbana, caracterizada por uma população trabalhadora rural ou vinculada a atividades produtivas que dependem das condições de produção do meio rural, ou seja, municípios rurais ou rururbanos. Essas populações, vivendo no campo ou não, desenvolvem uma cultura própria, com hábitos e relações que buscam reproduzir características do campo. No Projeto Pedagógico consta o quadro representativo das populações a que se destina.

Abaixo se pode observar o quadro representativo de abrangência social do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, na forma referida no item **1.1 Apresentação** do Projeto Pedagógico:

Quadro 1: Quadro representativo de abrangência social do Curso de Licenciatura em Educação do Campo



Fonte: Moodle - Projeto Político Pedagógico (2008) do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Modalidade a Distância UAB/UFPEL.

Nesse contexto, as escolas do campo são aquelas que têm sua sede no espaço geográfico classificado pelo IBGE como rural, assim como as identificadas com o campo, mesmo tendo sua sede em áreas consideradas urbanas. Essas últimas são assim consideradas porque atendem a populações de municípios cuja produção econômica, social e cultural está majoritariamente vinculada ao campo.

A falta de escolas na zona rural gera um aumento populacional nos cinturões de pobreza existentes nos grandes centros urbanos.

O público alvo desse curso são pessoas que tenham domicílio nos municípios ou região onde são ofertadas as vagas e que concluíram o ensino médio, professores em exercício sem graduação ou professores com graduação ou pós-graduação que se interessem pelo curso. Na zona rural, grande parte dos professores não possui graduação, e em muitos municípios, existem as escolas multisseriadas, em que alunos de diversas séries estudam juntos na mesma sala e a professora se desdobra para atender as diversas necessidades de cada série.

Os licenciados em Educação do campo estão capacitados para a docência nos anos iniciais da Educação Básica.

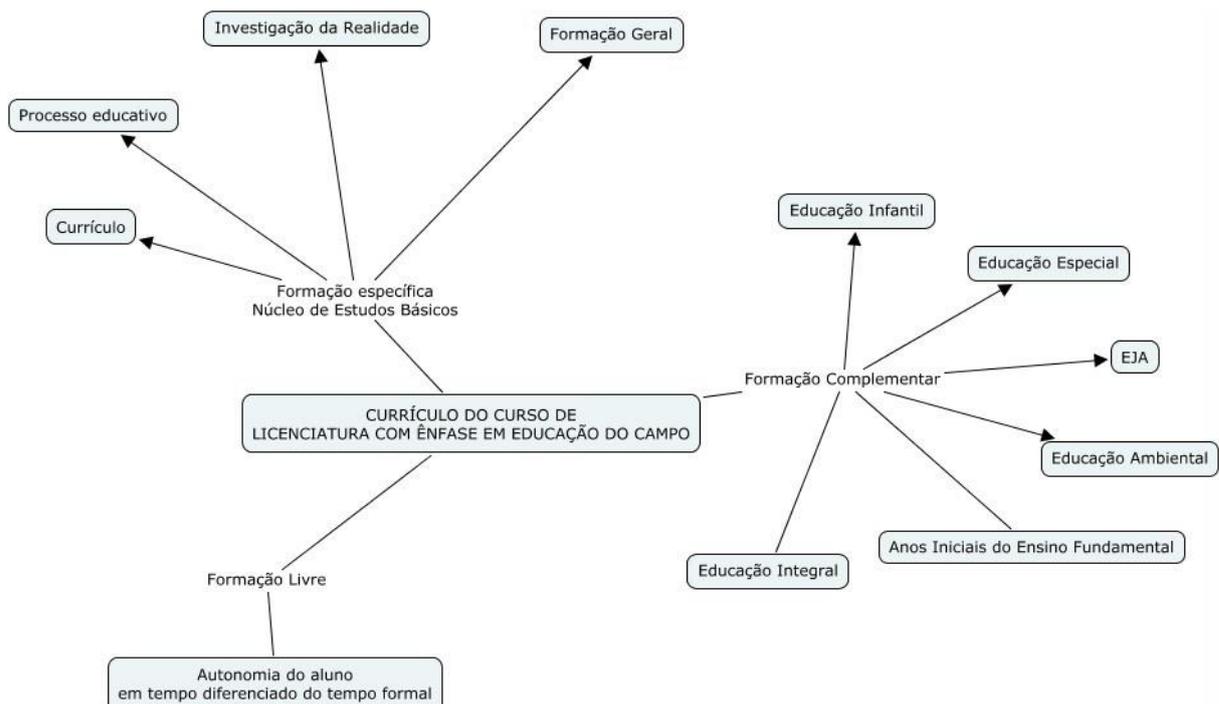
O Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo pretende apresentar um novo modelo de formação de professores. A proposta visa ir além das práticas interdisciplinares, passar da interdisciplinaridade para a transdisciplinaridade, no contexto de um paradigma da complexidade, capaz de romper com as barreiras entre os vários campos de saber, possibilitando uma ampla comunicação.

As diretrizes curriculares foram traçadas a partir do profissional que se espera formar para atuar no contexto das relações que se constroem em espaços educativos escolares e não escolares, na docência nos anos iniciais da Educação Básica, envolvendo a qualificação para atuar com turmas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental de nove anos, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e na gestão de processos educacionais.

O currículo do curso oferece um corpo de conhecimentos articulados a partir dos seguintes núcleos: I – Núcleo de Estudos Básicos; II – Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos; III- Núcleo de Estudos Colaborativos.

A seguir o quadro representativo da estrutura curricular do CLEC que consta no tópico 5 - **Organização curricular**.

Quadro 2: Quadro representativo da estrutura curricular do CLEC



Fonte: Moodle - Projeto Político Pedagógico (2008) do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Modalidade a Distância UAB/UFPeL.

A Educação a Distância – EAD/UFPel adota a plataforma *Moodle* como ambiente de aprendizagem virtual. O ensino a distância é constituído por uma equipe de trabalho formada por coordenador, coordenador de tutoria, professores, professores conteudistas, professores pesquisadores, tutores a distância e tutor presencial (que trabalha no pólo/município).

A estrutura curricular do curso é formada por eixos temáticos com o intuito de promover o caráter inter e transdisciplinar do curso. O desenho curricular baseia-se na multiplicidade, heterogeneidade e pluralidade dos saberes, respeitando os pressupostos para a formação dos professores que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental.

O curso está edificado a partir de disciplinas organizadas em núcleos e eixos de conhecimentos técnicos, científicos e práticos. A formação fundamenta-se no trabalho pedagógico realizado em espaços escolares e não escolares, tendo a docência e a gestão como bases.

Para garantir o conteúdo interdisciplinar e transdisciplinar, os conhecimentos são divididos em 3 núcleos: 1- Núcleo de Estudos Básicos; 2- Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos; 3- Núcleo de Estudos Colaborativos.

A concepção de interdisciplinaridade no currículo ocorre pela construção do conhecimento teórico-prático e pelo trabalho interdisciplinar dos docentes. No caso da transdisciplinaridade, concretiza-se através da Pesquisa e da Inclusão como princípios educativos, com base no rigor da argumentação teórica. Dessa forma, o curso busca a formação do educador pesquisador, ressignificando os saberes, priorizando a indissociabilidade entre o processo de ensinar, pesquisar e aprender a aprender.

O item “Núcleo de Estudos Básicos – Eixo de Formação Geral” contempla a aplicação dos conhecimentos relacionados à área da Educação do Campo e aos fatos sócio-histórico-cultural, político e econômico que envolve esse contexto rural, para contribuir nodesenvolvimento das pessoas, e na organização da sociedade.

O “Núcleo de Estudos Básicos – Eixo Processo Educativo”, disponibiliza conhecimentos relevantes para a formação crítica e transformadora do acadêmico. As disciplinas do curso trabalham os princípios de inclusão e de interdisciplinaridade.

Por sua vez, o “Núcleo de Estudos Básicos – Eixo Currículo”, privilegia os fundamentos teórico-práticos para a construção de um currículo crítico, envolvendo a pesquisa de realidade desenvolvida durante o curso e sua articulação com as atividades pedagógicas da escola e das atividades de ensino.

As disciplinas e os estágios supervisionados fazem parte do “Núcleo de Estudos Integradores”, que oportuniza a imersão dos acadêmicos no contexto escolar. Aqui são

previstas atividades de campo, através de observações e análises que contribuirão para uma formação docente crítica e transformadora.

O “Núcleo de Formação Complementar (Estudos Colaborativos)” foi selecionado face às demandas sociais das regiões que acolhem o curso. Neste âmbito, o acadêmico irá escolher um único tema, dentre as seguintes proposições: EJA; Anos Iniciais do Ensino Fundamental de 9 anos; Educação Infantil; Educação Especial; Gestão Educacional; Educação Ambiental, e Educação e Tecnologia. Nesta sede, a Educação Ambiental será ofertada apenas aos acadêmicos que optarem pela disciplina.

Na grade curricular, constata-se que a Educação Ambiental não é tratada de forma interdisciplinar e/ou transdisciplinar. Dado a sua relevância, seria importante que vários centros discorressem sobre o tema, e em específico sobre as normas da ética ecomunitarista.

A proposta das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, no item da Educação Superior diz:

1. Promoção do enfoque da sustentabilidade em seus múltiplos aspectos, por meio de atividade curricular/disciplina/projetos interdisciplinares obrigatórios que promovam o estudo da legislação ambiental e conhecimentos sobre gestão ambiental, de acordo com o perfil profissional dos diversos cursos de bacharelado, licenciatura, graduação tecnológica e seus respectivos cursos de pós-graduação.
2. Fomento a pesquisas voltadas à construção de instrumentos, metodologias e processos para a abordagem da dimensão ambiental que possam ser aplicados aos currículos integrados dos diferentes níveis e modalidades de ensino.
3. Acompanhamento avaliativo da incorporação da dimensão ambiental na Educação Superior de modo a subsidiar o aprimoramento dos projetos pedagógicos e a elaboração de diretrizes específicas para cada um de seus âmbitos.
4. Fomento e estímulo à pesquisa e extensão nas temáticas relacionadas à Educação Ambiental;
5. Incentivo à promoção de materiais educacionais que sirvam de referência para a educação ambiental nos diversos níveis de ensino e modalidades de ensino e aprendizagem;
6. Participação em processos de formação continuada e em serviço de docentes.

Este documento dispõe ainda sobre a Educação Ambiental para a Educação do Campo, que prevê:

III.6 Educação no Campo

1. Promoção do estudo sobre a melhoria das tecnologias e práticas agrícolas voltado para a conservação e recuperação ambiental na perspectiva da sustentabilidade, considerando o respeito às tecnologias desenvolvidas pelos sujeitos do campo e ampliando e difundindo estes estudos para a comunidade local;
2. Abordagem integrada das legislações referentes à função social da propriedade rural, à biodiversidade, ao uso e ocupação do solo, manejo comunitário e florestal, e unidades territoriais protegidas, e de políticas nacionais, como a de

Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, orientando para a ocupação produtiva e sustentável da terra;
 3. Aprofundamento dos estudos e pesquisas sobre práticas produtivas sustentáveis, incentivando alternativas de agroecologia, de manejo comunitário e florestal, bem como a reflexão para a construção de Planos de Manejo Comunitários, para a identificação das fragilidades e potencialidades dos biomas e ecossistemas locais.

Portanto, seria oportuna a inclusão interdisciplinar da Educação Ambiental no curso.

As mencionadas diretrizes referem-se a aspectos que não estão presentes no eixo ECO – Educação Ambiental do curso, que são: o estudo de tecnologias e práticas agrícolas voltadas para a conservação e recuperação ambiental; biodiversidade; ocupação sustentável e produtiva da terra; agroecologia; biomas e ecossistemas. O Acadêmico 1 (Apêndice J, p. 174), no eixo da Educação Ambiental, refere que o curso careceu de um estudo sobre biomas, ecossistemas, fauna, flora e unidades de conservação.

As Diretrizes gerais para todos os níveis e modalidades de ensino-aprendizagem, no seu item III.1, propõe diversos enfoques, sendo oportuno atentar-se ao item nº 6, pertinente a Educação Ambiental:

[...] 2. Abordagem da Educação Ambiental com uma dimensão sistêmica, inter, multi e transdisciplinar, de forma contínua e permanente em todas as áreas de conhecimento e componentes curriculares em projetos e atividades inseridos na vida escolar e acadêmica, enfatizando a natureza como fonte de vida e relacionando o meio ambiente com outras dimensões como a pluralidade étnico-racial, enfrentamento do racismo ambiental, justiça social e ambiental, saúde, gênero, trabalho, consumo, direitos humanos, dentre outras;
 ... 4. Incentivo à pesquisa e à apropriação de instrumentos técnicos e metodológicos que aprimorem a cidadania ambiental, com a participação ativa nas tomadas de decisões, com responsabilidade individual e coletiva (pública e privada) em relação ao meio ambiente local, regional e global;
 5. Valorização da diversidade sob a ótica da Educação Ambiental, trazendo os múltiplos saberes e olhares científicos, de povos originários e tradicionais sobre o 1meio ambiente, captando os vários sentidos que os grupos sociais lhes atribuem, numa perspectiva transdisciplinar;
 6. Inserção da Educação Ambiental no Projeto Político-Pedagógico dos estabelecimentos de ensino de forma multi, transdisciplinar e interdisciplinar, como um plano coletivo da comunidade escolar e acadêmica.
 ... 8. Promoção de observação, percepção, levantamento de hipótese e registro da realidade ambiental, para a construção do conhecimento na escola a partir das experiências tradicionais e dos saberes multidisciplinares como ciências, artes, educação entre outros;
 9. Incentivo à uma visão de mundo humanista e interpretativa, contextualizada historicamente e baseada no reconhecimento e respeito das diferenças, e na cooperação, democracia, justiça social, liberdade e sustentabilidade;
 10. Abordagem da Educação Ambiental que propicie uma postura crítica e transformadora de valores, de forma a reorientar atitudes para a construção de sociedades sustentáveis, reconhecer o protagonismo social e colocar o próprio educando como componente, agente da gestão sustentável e beneficiário da repartição de recursos do meio ambiente.

O curso de Educação do Campo e o eixo de Educação Ambiental apresentam de forma muito marcante os itens 4, 5, 8, 9 e 10 do documento, em virtude da relação teórica e prática dos conteúdos e da imersão dos acadêmicos na pesquisa e na comunidade escolar, através da realização de estágios que promovem intervenções, e que oferecem relativa autonomia para a criação de projetos.

Nas entrevistas com os acadêmicos foi observada uma postura crítica e um forte sentido de consciência ambiental e responsabilidade individual e coletiva. Com base nesses relatos, foi possível apurar-se a capacidade de criação voltada à resolução ou minimização dos problemas, que foram enfrentados cientificamente, ou com o auxílio de recursos culturais disponibilizados na própria região. Os acadêmicos mostraram criatividade e senso de responsabilidade para com o ambiente em que vivem. Nenhum aluno ficou alheio aos graves problemas ambientais enfrentados na sociedade. Careceu relacionar a causa dessa problemática ao sistema capitalista.

Em relação às diretrizes gerais do ensino-aprendizagem da EA, cabe indagar: Se os cursos que formam os professores, não são obrigados a adotar a Educação Ambiental, como será possível trabalhar as questões ambientais e a educação ambiental de forma multi, inter e transdisciplinar?

O curso possibilita ao aluno realizar “Atividades Complementares” que pode ser aproveitada na sua carga horária. Nesse caso, abarcam a participação em cursos de extensão, seminários, trabalhos voluntários, visitas técnicas, viagens de estudo, congressos, apresentação de trabalhos nesses eventos, ou publicação de artigos em periódicos científicos, tudo relacionado à área de estudo. Urge, sem dúvidas, introduzir a Educação Ambiental como um eixo para todos os acadêmicos ou de forma interdisciplinar no curso, dado a relevância da sua práxis.

A prática de ensino tem o objetivo de formar educadores críticos, que assumem uma práxis investigativa, criativa e transformadora que possibilite a transformação da educação. Os principais objetivos da prática de ensino são:

Oportunizar ao acadêmico a observação e análise dos diferentes contextos a fim de que possa realizar a aproximação e diálogo com a teoria discutida no espaço universitário; Proporcionar a interlocução entre as atividades de ensino com os diversos contextos da região de abrangência, aproximando o acadêmico das ações comunitárias de extensão; Realizar a interlocução com as práticas de pesquisa científica proporcionando ao acadêmico o desenvolvimento do perfil investigador no decorrer da formação (Projeto Pedagógico CLEC, 2008).

Convém destacar-se o trabalho desenvolvido durante o estágio, que tem o compromisso de realizar a devolução dos conhecimentos adquiridos, como condição da proposta dialética que privilegia a ação-reflexão-ação.

O trabalho de conclusão de curso consiste em articular o aprendizado com as atividades pedagógicas e com as práticas desenvolvidas.

Além dos estágios obrigatórios, os acadêmicos poderão realizar estágios não obrigatórios, em que poderão escolher outras instituições para desenvolver as atividades, desde que relacionadas à área de atuação.

O PP do CLEC não se restringe a um instrumento burocrático de avaliação quantitativa do domínio dos conteúdos, mas abrange a avaliação integrada de todos os momentos do processo educativo. Os seus instrumentos devem:

verificar não apenas o domínio dos conhecimentos teóricos do aluno, mas também sua capacidade de articular, de forma dinâmica, os ensinamentos apreendidos ao longo de seu período de formação, suas habilidades intrínsecas à atividade docente... (Projeto Pedagógico CLEC, 2008).

O curso não compreende o processo de avaliação como algo burocrático, com o fim de mensurar quantitativamente o aprendizado de conceitos e conteúdos. Toda a participação dos educandos no ambiente moodle e nas aulas presenciais são avaliadas. Os tutores, de sua feita, realizam um parecer descritivo, orientando e avaliando as atividades dos acadêmicos. Ao final do semestre, a equipe do polo (professor pesquisador, tutor a distância e tutor presencial) irá se reunir e oferecer um parecer final para cada um, que pode ser: A – Aprovado; P – Pendente; R – Reprovado. O aluno em pendência terá outra oportunidade para recuperar seu aproveitamento. E, caso o aluno seja reprovado, será excluído automaticamente do curso.

O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) é desenvolvido na plataforma moodle, onde são inseridas as aulas de cada eixo.

O CLEC é composto por uma equipe multidisciplinar de professores responsáveis pela disciplina, professores pesquisadores, tutores a distância, tutores presenciais, equipe técnica e professores coordenadores dos polos. A equipe responsável por cada polo é formada pelo professor pesquisador, que é responsável pela produção do material didático junto com a equipe multidisciplinar. Além disso, trabalha em conjunto com o tutor à distância e tutor presencial do polo que é responsável.

O professor-tutor na sede (tutor à distância), que orienta os alunos nos conteúdos e atividades elaboradas pelos professores e professores pesquisadores, está em frequente comunicação. Também é responsável por elaborar o parecer descritivo de cada atividade dos eixos e o parecer final de cada eixo. No Projeto Pedagógico consta que os tutores a distância participam de bate-papo com os alunos; plantões diários para sanar dúvidas e respostas via e-mail, participação em listas de discussão e fóruns da disciplina; tutoria on-line com apoio de áudio e vídeo para os alunos do polo.

O professor-tutor nos polos (tutor presencial) atua presencialmente junto aos alunos, tem um contato frequente e regular com todos os alunos ajudando-os a organizar seus estudos e responder as dúvidas. O tutor presencial tem a função de incentivar a autonomia do aluno, colaborando na organização do processo de aprendizagem, motivando-o e acompanhando o seu desempenho. Ele é responsável por ministrar a aula presencial que ocorre uma vez na semana.

5 CAPÍTULO IV: ANÁLISE DO EIXO ECO – EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO UAB/UFPEL, TURMA 1, À LUZ DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOMUNITARISTA/ECOMUNITARISMO

5.1 ANÁLISE DO PROJETO PEDAGÓGICO

A análise do Projeto Pedagógico (2008) tem como referência os seguintes critérios: **Economia ecológica e solidária; Política de todos; Comunicação livre e simétrica e Educação Ambiental Ecomunitarista.** Mas inicialmente, foi apresentado o critério das **3 normas da ética ecomunitarista**, que foi mantido no texto final. O Projeto Pedagógico do curso consta no Anexo (p. 263).

5.1.1 As três normas da ética ecomunitarista

No geral, o curso de Licenciatura em Educação do Campo- UAB/UFPEl, possui uma ética que leva em consideração e está relacionada aos interesses de comunidades que estão excluídas do acesso à universidade pública na região do RS. Ao promover a formação de educadores no e para o campo, o curso busca minimizar o problema histórico da falta de professores qualificados para escolas rurais, ou que se encontram em regiões de vulnerabilidade social.

Na base curricular do curso constam muitas atividades, que incentivam o espírito crítico e problematizador dos acadêmicos. A cidade em que os alunos vivem, os seus aspectos históricos, culturais, religiosos e sociais são trabalhados e valorizados.

Com base nas entrevistas e no Projeto Pedagógico, verificou-se uma relação teórico-prática no eixo de Educação Ambiental. O estágio promove a integração escola-comunidade, exatamente como referido no Projeto Pedagógico. A maioria dos acadêmicos participantes da pesquisa responderam muitas questões com base nos elementos colhidos durante o estágio, o que indica uma relação teoria-prática no eixo de Educação Ambiental. Outra constatação que se faz é sobre a consciência crítica dos acadêmicos em relação às questões socioambientais dos municípios, ou seja, a imersão do acadêmico com seus saberes científicos na pesquisa da sua comunidade e entorno escolar, despertou a responsabilidade de amar, cuidar e preservar.

O objetivo disso é a atitude de transformação social, que tem relação com a educação na concepção do Ecomunitarismo, porque essa atitude de problematização da realidade e sua transformação para o bem comum e para promover outro tipo de relação social, sem opressão e alienação (característicos do capitalismo), é a expressão da primeira norma da ética – a luta pela liberdade de decisão. Nesse sentido, os processos educativos tem um papel importante na formação desse sujeito crítico e transformador de si, dos seus semelhantes e do meio onde vivem. Por isso, o professor precisa colaborar no desenvolvimento da autonomia do aluno, seu livre pensar, suas capacidades e habilidades para realizar-se como indivíduo universal e ser feliz. Mas como o curso não tem a filosofia da transformação social para a formação de um novo modelo de sociedade, esses princípios ecomunitários não são concretizados nos municípios de abrangência dos polos.

PRIMEIRA NORMA DA ÉTICA ECOMUNITARISTA: “Devo garantir minha liberdade de decisão porque Eu garanto minha liberdade de decisão é condição de Eu faço a pergunta ‘Que devo fazer?’ (numa realização feliz)”(LOPEZ VELASCO, 2012).

Pelo que se pode colher, é possível afirmar que o curso promove essa reflexão “Que devo fazer?” referente à primeira norma da ética, mas de uma forma implícita e não na sua totalidade, pois os alunos ainda precisam entender a alma desta indagação para escolherem o caminho a ser trilhado. Todavia, o projeto político do CLEC tem relação com a emancipação e cidadania dos sujeitos do campo e política de todos, que relaciono com a primeira norma da ética.

A primeira norma da ética está presente no curso, mas não de forma explícita e com a intencionalidade de promover a libertação dos indivíduos dos processos de exploração e alienação intrínsecos ao sistema capitalista que vivemos. Isso só seria possível se aplicado os princípios do Ecomunitarismo (3 normas da ética), que constam na Educação Ambiental Ecomunitarista. Nesse caso, a liberdade individual de decisão necessita estar vinculada ao diálogo com os demais e com a preservação e regeneração da natureza humana e não humana. A preservação e regeneração dos bens naturais só é possível com a superação do capitalismo.

A garantia de a primeira norma ser colocada em prática depende de uma Educação Ambiental Ecomunitarista nos espaços formais e não formais de educação, ou seja, em todos os espaços da sociedade. Dessa forma, o ser humano poderá ser o mais livre possível em suas decisões, expressar sua essência, suas habilidades e capacidades sem medo de ser tolhido por preconceitos e impedimentos próprios da nossa cultura, que é perpassada por aspectos

relacionados ao capitalismo. O mundo e o ser humano possuem valores que estão “submersos”, destruídos pelas relações capitalistas.

O Projeto Pedagógico não aborda a alienação que o indivíduo sofre no capitalismo. E também não faz referência à atitude de libertação do homem para sua felicidade e realização pessoal.

SEGUNDA NORMA DA ÉTICA: “Devo buscar consensualmente uma resposta para cada instância da pergunta ‘Que devo fazer?’ porque Eu busco consensualmente uma resposta para cada instância da pergunta ‘Que devo fazer?’ é condição de a pergunta ‘Que devo fazer?’ é feliz”(LOPEZ VELASCO, 2012).

No referente à segunda norma da ética, na busca de respostas consensuais para a pergunta “Que devo fazer?”, acredita-se que a mesma também está presente no curso de forma implícita, porque o AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), que é a “sala de aula” virtual, compõem-se de fóruns de discussão, onde os alunos de todos os polos escrevem seus comentários e compreensões dos textos dialogando com os colegas, tutores e professores. Os professores e tutores orientam seus alunos nesse ambiente. Com isso, tem-se uma aprendizagem colaborativa, que está em sintonia com o Ecomunitarismo, em que todos tem a liberdade de dialogar e expressar suas opiniões, dúvidas e compreensões nesse espaço. Os colegas colaboram com o aprendizado, e os tutores e professores orientam e participam dessa discussão. Essa concepção do professor atuando como orientador e auxiliar de planejamento tem relação com o que o Prof. Sirio Lopez Velasco aborda na Educação Ambiental Ecomunitarista.

O Projeto Pedagógico, portanto, aproxima-se da segunda norma da ética, quando se refere a formar professores capazes de atuar em diferentes contextos, respeitando as diferenças e contribuindo para a superação de exclusões sociais, culturais e políticas. A linha de ensino tem ainda como base as práticas extensionistas no processo de formação. Dessa maneira, proporciona o diálogo entre o saber científico e o local, respeitando as pessoas com as suas características culturais. O Projeto Pedagógico também prepara o acadêmico para conhecer a comunidade em que a escola está situada, através de pesquisas de campo e práticas extensionistas fazendo com que o aluno tome consciência dos problemas socioecológicos da sua comunidade e busque soluções em conjunto com outros colegas e com toda a comunidade escolar e local.

Professor e aluno são sujeitos do processo de aprendizagem, porque os tutores e professores participam dos fóruns (portanto dialogam e expressam sua compreensão sobre o

assunto que está sendo abordado) e estudam os textos e materiais de cada movimento do eixo. Nas aulas todos participam de todos os momentos de cada aula e de cada eixo.

Para a convivência social é necessária a segunda norma da ética (já que vivemos em sociedade). A segunda norma tem relação com o respeito, a solidariedade, o respeito à diversidade religiosa, de orientação sexual, partidária, dentre outros, resultando numa sociedade que cultiva a paz, um dos objetivos do Ecomunitarismo. A paz não significa que todos pensem iguais ou que não haja discordância de ideias, mas sim, que existe diálogo e respeito pelas ideias e escolhas diferentes. Pode-se considerar que essas duas normas abarcam esses aspectos, com vistas ao desenvolvimento de uma sociedade onde o convívio seja solidário ecomunitarista.

TERCEIRA NORMA DA ÉTICA: “Devo preservar uma natureza saudável do ponto de vista produtivo porque eu preservo uma natureza saudável do ponto de vista produtivo é condição de eu faço a pergunta ‘Que devo fazer?’ (numa realização feliz)”(LOPEZ VELASCO, 2012).

O Projeto Pedagógico não faz menção à preservação e regeneração da natureza, que são a base da terceira norma da ética, e também não faz referência a questões atinentes ao meio ambiente e ecologia. Ele se reporta apenas a um livro de Educação Ambiental, nas referências bibliográficas. Mas em várias partes, cita que o curso visa contribuir com o desenvolvimento das regiões de abrangência, em seus aspectos culturais, sociais, econômicos e educacionais. Pode-se aqui entender que, colaborar com o desenvolvimento social de uma região, envolve a preservação e regeneração da natureza humana e não humana, mas com base em um Ecomunitarismo incipiente, já que não trata da economia ecológica e solidária e nem da crítica ao capitalismo. No tema ambiental está incluso o social. E quando se menciona social, está incluído o ambiental. Isso significa que, indiretamente, de forma incipiente, curso apresenta o aspecto da preservação e regeneração da natureza em sua estrutura curricular e na filosofia do curso.

A articulação **teoria-prática** dos conteúdos tem relação com as três normas da ética porque:

1) A primeira norma da ética induz a escolha de decisões para a elaboração da pesquisa a ser realizada ou conteúdo a ser estudado, mas uma decisão baseada na atitude de libertação do ser humano. Nesse caso, é necessário ter como ponto de partida e meta a crítica ao capitalismo para superar os processos de alienação e exploração da natureza;

2) A segunda norma da ética propõe a ação dialogada da ideia pessoal (primeira norma) com todos os envolvidos no processo da pesquisa-ação, mas na busca consensual para a superação dos processos opressores e alienadores presentes na sociedade capitalista para uma ação humana libertadora consensual fundamentada na comunicação simétrica do Ecomunitarismo;

3) A terceira norma da ética envolve a liberdade de decisão individual e sua busca consensual dialogada na atitude de libertação humana da alienação e opressão com vistas à preservação e regeneração da natureza humana e não humana. O sistema capitalista oprime o homem e a natureza, pondo em risco a sobrevivência humana, sendo que já extinguiu várias espécies de seres vivos e muitos outros estão em risco de extinção. O desmatamento e as queimadas destroem muitas plantas que são desconhecidas e que podem ter potencial medicinal para a cura de doenças, inclusive as que hoje são consideradas incuráveis. O homem precisa urgentemente rever seus hábitos de consumo, seu modo de vida destruidor e devastador e buscar outra forma de viver em sociedade, outro pensamento e atitude diante de si, do seu próximo e do ambiente onde vive (1°. 2°. e 3°. normas da ética), para que a natureza seja saudável do ponto de vista produtivo e estético. Para isso, o ser humano necessita ter uma atitude ética que deveria ser condizente com sua condição humana racional. A ética ecomunitarista prega a solidariedade, o respeito e o cuidado com todas as formas de vida e também com os componentes abióticos do planeta, por isso, a proposta de uma nova ordem social pós-capitalista, desponta através do Ecomunitarismo, como uma forma de enfrentamento da crise ambiental.

Mas a articulação teórica e prática, e as atividades de estágio no Projeto Pedagógico do curso, não se reportam a proposta revolucionária e transformadora do Ecomunitarismo para superar a alienação e a opressão humana avistadas no modelo capitalista.

5.1.2 Economia ecológica e solidária

O item 3, Base Conceitual de Referência, retrata as condições precárias em que a maioria das escolas do campo se encontram: infraestrutura deficiente, falta de profissionais e sobrecarga de trabalho dos professores. Além disso, os livros e materiais didáticos apresentam uma visão urbanocêntrica, e os professores, percebendo baixos salários, não estão qualificados para as escolas do campo. Esses e outros vetores provocam o baixo desempenho e a evasão de muitos alunos.

Diretamente, o Projeto Pedagógico não menciona o aspecto de uma economia ecológica e solidária. Consta que o curso busca contribuir com o desenvolvimento das regiões de atuação, mas não explica que tipo de desenvolvimento é proposto, e em nenhum momento cita o capitalismo como causador dos problemas sociais e de desigualdade campo e cidade. Também não menciona a relevância de se planejar um curso de formação de professores com a intenção de propor e desenvolver um novo tipo de sociedade nos moldes do Ecomunitarismo, ou de outra proposta alternativa.

Por esses motivos, o PP não se posiciona criticamente com base nas três normas da ética ecomunitarista.

O trabalho dos profissionais da Educação a Distância, tanto professores, tutores e técnicos é um trabalho explorado, como qualquer outro existente no sistema capitalista. Mas os professores pesquisadores, tutores a distância e tutores presenciais são ainda mais explorados, porque trabalham na condição de bolsista, sem vínculo empregatício e, portanto, sem benefícios trabalhistas. Há professores e tutores que possuem mestrado e até doutorado, e que percebem a mesma bolsa que um graduado, para trabalhar num curso superior de formação de professores. Isso reflete certa desvalorização.

A educação a distância precisa ser aprimorada para bem cumprir a sua missão social. É importante que o governo privilegie essa modalidade de estudo, que tende a se afirmar em harmonia com as novas tecnologias.

5.1.3 Política de todos

É importante o estabelecimento de uma política para a educação que valorize os professores e viabilize a expansão do quadro docente para atender as escolas do campo.

Os “Objetivos Gerais” citam que a intenção do curso é formar licenciados em Educação do Campo para docência nos anos iniciais da Educação Básica, que tenham conhecimento sobre a modalidade de Educação de Jovens e Adultos, de Educação Infantil e Gestão dos processos educacionais em espaços escolares e não escolares rurais, tendo a pesquisa e a inclusão como princípios norteadores da ação docente.

Nos “Objetivos Específicos”, o curso se propõe a atingir populações que vivem em áreas rurais e em regiões denominadas rururbanas e que estejam excluídas do acesso à universidade. Visa promover a formação de docentes que atuam em espaços escolares e não escolares, capacitar os futuros educadores para atuar no planejamento, organização, avaliação

e gestão educacional sob uma perspectiva democrática. Ainda nesse item, aparece como prioridade a formação de professores capazes de atuar em diferentes contextos, utilizando estratégias que respeitem as diferenças, que sirvam para superar as exclusões sociais, étnico-raciais, culturais e políticas. Todos esses aspectos tem relação com o Ecomunitarismo, porque os indivíduos que o curso atinge são os mesmos que a proposta ecomunitarista pretende atingir visando à transformação social dessas localidades, para que as pessoas possam viver com qualidade e conscientes do poder de transformação que possuem para mudar suas vidas e sua comunidade.

Esta proposta colabora para a formação de professores para atuar em regiões que atualmente possuem carência de profissionais de ensino. Cidades essas em que a periferia é caracterizada por uma população trabalhadora rural ou vinculada a atividades produtivas que dependem das condições de produção do meio rural. Tais populações, vivendo no campo, ou não (as chamadas rururbanas), desenvolvem uma cultura própria, com hábitos e relações que procuram reproduzir a cultura características do campo. As populações do campo tem um imenso potencial para desenvolver a proposta ecomunitarista, já que tem a propriedade da terra, produzem seus alimentos e em muitos casos trabalham na perspectiva da economia ecológica e solidária. Isso confere certa independência em relação ao sistema capitalista e favorece o trabalho coletivo e colaborativo baseado em mutirões e cooperativas.

De acordo com a análise do Projeto Pedagógico, o curso trabalha na concepção de transformação social, mas focando somente em certos problemas inerentes e resultantes do capitalismo, não trabalhando prioritariamente e diretamente os aspectos políticos e econômicos das regiões numa postura pós-capitalista. Assim sendo, não promove integralmente a constituição de uma nova ordem socioambiental poscapitalista, nem nos moldes do Ecomunitarismo. A agricultura familiar baseada na agroecologia que é o fundamento para o desenvolvimento de uma economia ecológica e solidária (alternativa ao capitalismo) não é mencionada no PP do curso.

O curso propõe mudanças sociais, mas como não se posiciona contra o capitalismo, as mudanças almejadas serão pontuais e não estruturais no sentido da transformação radical de um novo modelo social (ecomunitarista ou outro alternativo).

O quadro de abrangência do curso envolve as populações que são excluídas e/ou exploradas pelo sistema. Normalmente são populações que sofrem preconceito por seu modo de vida e que, embora contempladas com benefícios e políticas públicas, ainda muito sofrem, necessitando que sejam educacionalmente priorizadas. Muitas dessas comunidades e grupos

sociais estão sendo desapropriados de seus territórios em razão de políticas recalcitrantes dos governos, que por vezes servem mais ao capital do que ao povo.

As pessoas que compõe esses grupos tem relação direta com a natureza, sua sobrevivência depende da natureza, por isso, a preservação e regeneração da natureza (3ª norma da ética) são fundamentais para o seu trabalho, sua vida e felicidade. E tais pessoas são sujeitos que realizam e podem aprimorar ainda mais suas práticas de economia ecológica e solidária, através das trocas com seus vizinhos, através da vizinhança solidária atenta às necessidades do bairro ou da comunidade e as práticas de vida sustentáveis, de acordo com o Ecomunitarismo. Já que a posse da terra oferece certa autonomia, com a produção do alimento, é necessário que a Educação Ambiental e a gestão ambiental auxiliem este modo de subsistência, que há de ser condizente com a 3ª norma da ética.

O ser humano, com o uso da sua razão, criou um modelo econômico, o capitalismo, que destrói e degrada a natureza. Atualmente, vivemos uma época de efervescência, o mundo "pede" uma nova forma de se viver, e mesmo assim, vivemos e pensamos da mesma forma. Essa consciência de mudança é provocada pelos problemas que a destruição da natureza está ocasionando e que está intrinsecamente relacionada ao sistema capitalista. Por isso, é necessário um novo tipo de pensamento e atitude que preserve e regenere a natureza (não humana e humana). Mas a consciência ambiental e as normas da ética ecomunitarista não devem ser impostas. O professor necessita desenvolver a autonomia, e o próprio aluno precisa descobrir a importância da manifestação da sua liberdade individual, respeitando a consensual e o meio ambiente (natural e construído), conforme a ética ecomunitarista aplicada à educação. O professor precisa trabalhar a 1ª norma da ética no sentido de despertar a autonomia e o autoconhecimento de seus alunos.

5.1.4 Comunicação livre e simétrica

A modalidade a distância do curso proporciona a democratização do conhecimento com a oferta de cursos de formação de professores para escolas rurais e de periferia urbana, para localidades que normalmente trabalham com material didático com viés urbanocêntrico. E professores temporários, que em muitos casos, não tem uma formação na área que atuam. Esse aspecto tem relação também com uma política de todos.

Um dos “Objetivos Específicos” do Projeto Pedagógico trata de capacitar os professores para o uso de diversas linguagens e tecnologias de informação e comunicação,

bem como sua aplicação nos processos educativos. Cita Pierre Lévy quando trata da tecnologia, que o ciberespaço é um dispositivo de comunicação interativo de coletividades humanas e de contato para comunidades heterogêneas, conferindo liberdade aos seus usuários.

A disseminação e a popularização das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC's) permitem superar um modelo que privilegia a transmissão de conhecimentos e sua suposta assimilação, para um novo modelo pedagógico que se baseia na aprendizagem colaborativa, na abertura e diálogo desses vários contextos sociais e culturais.

O curso pretende aproximar-se de um novo paradigma de formação dos professores, capaz de romper com as barreiras entre os diversos campos do saber, possibilitando uma ampla comunicação. E o que se espera é que possa ir além da interdisciplinaridade, para trabalhar na perspectiva da transdisciplinaridade, no contexto de um paradigma da complexidade. Os participantes da pesquisa relatam que há muito para ser aprimorado sob a perspectiva da transdisciplinaridade.

Segundo alguns entrevistados, o curso é condizente com a proposta da comunicação livre e simétrica, que em alguns aspectos é semelhante ao Ecomunitarismo. Inegavelmente, a modalidade a distância promove a democratização do Ensino Superior, ao formar professores que irão atuar em áreas rurais ou rururbanas. Através do uso de tecnologias da informação e comunicação, a universidade pode expandir-se em vários polos, sediados em muitos municípios, contribuindo para uma elogiável integração. O acesso à internet, livros, materiais e informações que constam em meios virtuais, enriquecem a aprendizagem do aluno, que conta ainda com fóruns de discussão, chats, webconferências e aulas presenciais. O fórum de discussão dos conteúdos promove uma comunicação livre e simétrica, onde alunos e professores dialogam e aprendem em conjunto. Esta aprendizagem colaborativa aproxima-se da interação dialogal entre sujeito e objeto de conhecimento, conforme citado por Lopez Velasco 2008 (p. 41). Através de mensagens, via bate-papo ou e-mail, pode-se comunicar a qualquer momento, sem a necessidade do contato presencial entre os participantes. Por outro lado, o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA Moodle) promove a interação de pessoas das mais diversas regiões, promovendo a interculturalidade e vivências significativas, que colaboram com a aprendizagem.

Embora a presença desse razoável acervo, percebe-se, ao analisar a comunicação livre e simétrica, que o curso resente-se de uma problematização voltada ao modelo capitalista e às suas formas de opressão e alienação. A comunicação livre e simétrica está presente no curso, mas é necessário que haja uma crítica efetiva ao sistema capitalista, para que se possa construir uma nova e mais justa ordem social com base no Ecomunitarismo.

5.1.5 Educação Ambiental Ecomunitarista

Nas referências bibliográficas do curso, encontram-se seis obras de Paulo Freire, dentre elas, a “Pedagogia do Oprimido”, referência e base da Educação Ambiental Ecomunitarista. Em vários aspectos as obras refletem as ideias Freireanas e, conseqüentemente, da EA Ecomunitarista, ao tratarem sobre: formação de professores para escolas rurais; especificidades das áreas rurais e periferia urbana; atendimento das populações excluídas (pequenos agricultores, indígenas, extrativistas, ribeirinhos e assentados); respeito à cultura das populações; construção do conhecimento não fragmentado; capacitação dos futuros educadores em uma perspectiva democrática; investimento na formação de educadores com perfil investigativo e comprometido com o desenvolvimento da região, capazes de atuar em diferentes contextos, respeitando as diferenças e colaborando para a superação de exclusões sociais.

Um dos “Objetivos Específicos” desenvolvidos no curso é a articulação da teoria e prática como eixo da ação educativa e do desenvolvimento não fragmentado.

A formação do curso, segundo o Projeto Pedagógico (2008), abrange processos de qualificação em: EJA, Anos Iniciais do Ensino Fundamental de nove anos de idade, Educação Infantil, Educação Especial, Gestão Educacional e Educação Ambiental. Estes se voltam à **formação complementar**, e visam atender as demandas do Procampo e dos municípios parceiros. Os referidos temas permeiam todas as etapas do curso, mas, em se analisando a aplicação da formação complementar, verifica-se que o aluno pode optar somente por um tema. Por exemplo, o eixo de Educação Ambiental (que é o foco dessa pesquisa) é realizado somente pelos alunos que escolherem esse tema.

O curso de Lic. em Educação do Campo afina-se com o Ecomunitarismo na articulação teoria-prática. Podemos referir que os pontos comuns estão presentes na formação de professores críticos, investigadores da realidade, envolvidos com a contextualização dos conteúdos e engajados na transformação social. Muitos eixos possuem uma parte prática de investigação, que promove a formação crítica de professores pesquisadores. A equipe de trabalho, sendo multidisciplinar, exige um currículo inter e transdisciplinar, bem como práticas extensionistas. Os professores e tutores tem o papel de auxiliares, orientadores do aprendizado e o aluno tem mais liberdade para expressar suas habilidades e capacidades. Uma equipe multidisciplinar é responsável pela elaboração do material didático. A avaliação se dá realmente em todo o processo de aprendizagem. Tudo é acompanhado pelos tutores, analisado

e elaborado na forma de um parecer descritivo. A avaliação é qualitativa e não quantitativa. Os estágios e as atividades de pesquisa de campo tem a função de aproximar a teoria à prática e promover a ação-reflexão. A carga horária pode ser complementada com atividades complementares, tais como cursos de extensão, visitas técnicas, trabalho voluntário, seminários, dentre outros.

Os aspectos que compõe as diretrizes curriculares para o curso CLEC tem convergência com a pedagogia ambiental problematizadora:

- Incorporar a pesquisa como metodologia de trabalho pedagógico de modo a favorecer a integração dos campos de saberes que compõem o currículo desde o início do curso;... – Significar os processos de aprendizagens a partir das experiências pessoais dos alunos de modo a criar situações interativas que os ajudem a superar o isolamento e os permitam construir comunidades de aprendizagens; - Fortalecer vivências extracurriculares que favoreçam a criatividade e a invenção de novas práticas educacionais; - Integrar a utilização das tecnologias da informação e comunicação ao trabalho pedagógico de professores e alunos.

Na análise da divergência do curso com a Educação Ambiental Ecomunitarista, verificam-se os seguintes aspectos: o curso não aborda o tema da educação sexual, não trata da preservação e regeneração da natureza e de uma economia solidária e ecológica, não discute sobre a agroecologia e as tecnologias ecologicamente sustentáveis, e não examina o cooperativismo. O curso também se ressentido de um debate acerca de uma nova ordem social pos-capitalista. Dessa forma, culmina não fomentando a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade da EA, que está isolada em um eixo. Em muitos eixos está presente a inter e a transdisciplinaridade da Educação Ambiental, mas de forma implícita. Assim sendo, o curso de Educação do Campo não realiza uma prática educativa político-pedagógica coerente com a educação proposta para uma sociedade ecomunitarista.

Essas características influenciam também as observações feitas no item anterior. A articulação teoria e prática não produz uma crítica ao capitalismo, na maneira em que esta é formulada pelo Ecomunitarismo, e nem aponta para uma nova ordem social pos-capitalista (nos moldes do Ecomunitarismo ou de outra alternativa).

Algumas questões relevantes sobre o Projeto Pedagógico do curso:

O curso é novo na UFPEL, por isso, ele ainda está sendo aprimorado. Os problemas aferidos na turma 1, estão sendo corrigidos, visando o aprimoramento das turmas 2 e 3. Além do PP, foram elaboradas diretrizes de trabalho para alunos e professores, baseados na

experiência da turma 1. Atualmente, está sendo desenvolvida a atualização do Projeto Pedagógico do curso.

Esperamos que esse trabalho de fundo ecomunitarista possa contribuir para o desenvolvimento do curso. A Educação do Campo tem um valor inestimável e necessita ser adotada por todos aqueles que almejam o desenvolvimento de novos valores e modos de viver em sociedade.

5.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM ACADÊMICOS, TUTORA PRESENCIAL, TUTORA A DISTÂNCIA, PROFESSORA PESQUISADORA E COORDENADORA DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, TURMA 1, UAB/UFPEL

5.2.1 Análise da entrevista com o Acadêmico 1

A entrevista com o Acadêmico1 foi realizada via Skype com gravação de áudio e através do e-mail, após o surgimento de problemas na gravação das primeiras perguntas. Percebe-se que a entrevista via Skype foi mais produtiva, comparada com as respostas enviadas por e-mail. A entrevista consta no Apêndice J, pág. 174. Nessa primeira entrevista, além dos 4 critérios de análise, consta as três normas da ética ecomunitarista.

5.2.1.1 As três normas da ética ecomunitarista

As perguntas referentes especificamente à ética ecomunitarista (mesmo que considere a ético presente em todas as perguntas) são: 1, 2, 3 e 4. E os questionamentos que tem relação com a 1º norma da ética por incitar um questionamento particular, por motivações pessoais são: 7, 8, 9, 10, 19, 23, 24.

Inicialmente, é importante relatar que por problemas na gravação, as questões iniciais ficaram inaudíveis e, por isso, foram enviadas por e-mail. O aluno entrevistado demonstrou muito mais desembaraço através do Skype. As respostas escritas via e-mail foram bem mais sintéticas.

As respostas do aluno sugerem uma aproximação da sua compreensão de ética com a ética ecomunitarista, nos seguintes aspectos: compreensão da ética como um conjunto de

regras (normas) para uma convivência organizada e respeitadora (nessa parte, precisaria entender o que o aluno sabe por “organizada” e “respeitadora” para analisar com mais exatidão). Ele entendeu as normas como “O respeito aos limites dos direitos dos outros, saber até onde eu posso ir sem prejudicar o meu próximo” (p. 174). Esses princípios podem ser relacionados à primeira e segunda normas da ética ecomunitarista, que prega a liberdade de decisão individual conferida argumentativamente pela pergunta “Que devo fazer?”, que deve respeitar a busca consensual da resposta para a pergunta “Que devo fazer?”. A terceira norma da ética está presente em várias partes da fala do aluno, cabendo destacar a referência feita ao bom convívio como pré-requisito para a felicidade, a paz e a harmonia, e que o ambiente sadio nos torna mais alegres e nos confere o dever de protegê-lo. O acadêmico disse que a sua felicidade pessoal depende totalmente da preservação e que passa esse ensinamento para seus filhos. A preservação, no seu entendimento, não deve ser endereçada apenas as gerações futuras, mas também as atuais. Outro relato do aluno foi que nos locais de preservação as pessoas cuidam e respeitam mais as legislações ambientais, porque dependem do ambiente sadio para viverem. Neste particular, o aluno relatou que na escola em que atua as crianças não tem hábitos respeitosos com o ambiente.

O aluno relata que uma pesquisa constatou que o Brasil, comparado com outros países, não possui uma ética ambiental. Para comprovar, ele utilizou como exemplo a quantidade de sujeira e lixo havidos nas ruas e avenidas. Nesse particular, deve-se registrar que a ética ambiental é bem mais abrangente. Muitos países, cujas cidades são mais limpas do que as nossas, falham na ética ambiental, caso sejam considerados outros quesitos. Aqui, o aluno refere-se à ética ambiental pela questão do lixo dispensado no chão. Todavia, é preciso considerar que a ética ambiental é um assunto muito mais complexo e abrangente.

O aluno mencionou que no Brasil não existe um programa de educação ambiental. Segundo ele, as próprias metas de ensino são inadequadas (“... bom a educação já não é forte né..., p. 175). Com efeito, o Brasil, por sua riqueza e biodiversidade naturais, deveria primar pela educação ambiental e pela conservação dos recursos naturais, mas o que se vê é o contrário. Cada vez mais estão presentes a devastação e a destruição. Existem várias ações sendo colocadas em prática, mas pela quantidade de problemas, os projetos deveriam ser em maior número. O governo central, os estados e municípios deveriam priorizar a questão ambiental e a educação ambiental.

A questão nº 4 (p. 175) tem relação com a 1ª norma da ética. Nesse aspecto, o aluno discorreu que a ética tem relação com a felicidade e a liberdade de decisão e está ligada à liberdade. Sem liberdade não haverá ética. Aludiu que em muitos países o governo restringe a

liberdade individual de decisão, para manter o poder e o domínio sobre aquela população, impedindo o conhecimento dos fatos. Ilustrou ainda o tema, com os casos de pessoas mortas ou perseguidas por manifestarem uma opinião contrária ao governo e as classes dominantes. Este fato corrobora que a felicidade da 1ª norma da ética é perigosa e pode colocar a pessoa em risco de vida. Mas porque isso acontece? Porque há uma desestruturação nas bases sociais, ocasionadas pela opressão, pela exploração, alienação e pela dominação, elementos esses a serviço do capital e da ganância do ter mais. Tudo isso intensifica as injustiças socioambientais, a fome, o desemprego, a miséria, a insensibilidade. Enfraquecidos os valores humanos, descuida-se da ética ambiental.

O aluno considerou que há no Brasil uma evolução na questão da liberdade e que somos provincianos, cheios de vícios, com uma cultura muito miscigenada, que atrapalha o desenvolvimento. Também comentou que no Brasil existe uma liberdade de expressão, que a liberdade de pensamento vem da imprensa, mas que tem grupos no Brasil com superpoderes e que num futuro irão limitar a liberdade de opinião e crítica das pessoas. Analisando a opinião do aluno, observa-se que o Brasil foi e ainda é um país explorado, cujos governos exploram o povo e a natureza não humana, ao deixar de oferecer uma educação e saúde de qualidade dentre tantos outros serviços públicos. A cultura miscigenada não é a culpada pela falta de desenvolvimento. Nesse ponto, é importante indagar sobre qual desenvolvimento se está referindo? No caso do Ecomunitarismo, um país desenvolvido seria aquele em que o seu povo fosse livre para buscar respostas consensuais, respeitando a preservação e regeneração da natureza. O Ecomunitarismo faz a crítica ao capitalismo e defende a superação desse sistema responsável pela crise ambiental que vivemos.

Na motivação para a escolha do curso, o aluno discorreu que almejava estudar geografia EAD. Como a disciplina não foi ofertada em seu polo, optou pelo ECO – Educação Ambiental por ter interesse no tema e acreditar que o MEC investirá nesta área e na capacitação de professores.

A expectativa do aluno era a de que o eixo fornecesse uma capacitação próxima a de um biólogo. Na prática, entretanto, o eixo realizou uma introdução a Educação Ambiental. No trabalho com os alunos na escola, ressentiu-se dos conceitos e conhecimentos relacionados à biologia, ecologia e geografia, que não foram disponibilizados no eixo. O entrevistado citou ainda, que o curso poderia ensinar saídas de campo endereçadas a uma unidade de conservação.

Em resposta a pergunta 19 (p. 182), o acadêmico dissertou que a preservação e regeneração da natureza são trabalhadas na forma de fóruns de discussão e textos. Explanou que, além dessas ferramentas, o curso poderia ter utilizado vídeos e outras mídias.

Na resposta da pergunta 23 (p. 182), o aluno considerou a necessidade de haver um eixo de Educação Ambiental fazendo parte do currículo geral, e que deveria ser assegurado, aos que revelassem interesse, um aprofundamento nos moldes do Estudo Colaborativo– Educação Ambiental. Ele avaliou que o eixo da forma como está estruturado, não prepara o acadêmico para trabalhar a Educação Ambiental em sala de aula, e que para isso, seria necessário abordar conceitos de flora e fauna. Por esse motivo, o eixo o motivou a procurar e pesquisar outros materiais para complementar o que ele aprendeu nas aulas de ECO – Educação Ambiental. Nesse aspecto, impõe-se uma crítica ao curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG, pois até o presente não me foi oferecida nenhuma disciplina que abordasse a ecologia e a biologia diretamente. Como bióloga, posso afirmar que existem conceitos da ecologia que são fundamentais para a formação do educador ambiental, e que juntamente com a filosofia e as ciências sociais, colaboram na compreensão da complexidade e totalidade que constitui o meio ambiente.

O aluno sugeriu para o eixo de Educação Ambiental, que sejam aprofundadas as noções de ecologia, biomas e preservação ambiental, e que o estudo não se detenha apenas no entorno escolar e na sua cidade, mas que também seja voltado a uma análise global. Esse aspecto tem relação com o pensar e atuar local e globalizante.

5.2.1.2 Economia ecológica e solidária sem padrões

A pergunta 18 (p. 181) está relacionada à economia ecológica e solidária sem padrões. Nesse item, o aluno referiu que a economia ecológica e solidária é abordada de forma teórica, com base em textos, sem o desenvolvimento prático.

5.2.1.3 Política de todos

As perguntas selecionadas para analisar esse tema são: 3, 17 e 20.

À questão 3 (p. 174), relacionada à ética, o aluno respondeu que a prefeitura de Sapucaia abandonou totalmente às questões de meio ambiente. Para comprovar, disse que as

ruas estão mais sujas (“... as pessoas descartam o lixo pelo chão...”). Citou que noutros tempos existiam programas de educação ambiental nas escolas, com doação de mudas de árvores. O entrevistado mencionou que uma das Refinarias da Petrobrás situa-se nas proximidades da cidade onde ele ministra oficinas de Educação Ambiental. A localidade é banhada por um rio totalmente poluído. O entrevistado acentuou que inexistem ações visando despoluir o rio, fato que revela uma carência de educação ambiental de muitos anos. Essa revelação traduz falta de investimentos e de vontade política para enfrentar e solucionar os problemas ambientais, que ameaçam a vida e à saúde humana e não humana. Para que esses problemas sejam resolvidos radicalmente, é necessário enfrentar o sistema capitalista, prática que nenhum partido político, e nenhum político ousaram fazer por motivos óbvios (poder e dinheiro). A política está atrelada a interesses econômicos e conchavos, redundando em corrupção, prática que se tornou corriqueira. É necessário problematizar esses fatos e às questões socioambientais nas escolas e universidades, para que as pessoas pensem outras formas de convivência, outras formas de viver em sociedade. Essa dissertação traz a proposta do Ecomunitarismo, que faz a crítica ao capitalismo e defende uma sociedade em que as pessoas expressem sua liberdade de decisão, em buscas consensuais com seus semelhantes, zelando pela preservação e regeneração da natureza humana e não humana. O Ecomunitarismo, para defender a preservação e regeneração da natureza, necessita da crítica e superação do capitalismo, porque inexistente preservação e regeneração. Não existe igualdade social e nem plena liberdade de decisão numa sociedade capitalista.

O entrevistado não participa de nenhuma ONG ou movimento social, mas acompanha sites nacionais e internacionais que tratam da questão ambiental. E citou alguns eventos como a Hora do Planeta e o festival de pandorga.

Em sua resposta a pergunta n.º. 20 (p. 182), que trata sobre a promoção do engajamento político e a reivindicação por melhorias, o acadêmico expôs que o eixo não se empenhou diretamente nesses temas, pois não reuniu nenhum grupo ambiental ou ONG a partir das aulas de Educação Ambiental. Todavia, o entrevistado concluiu que a integração às atividades e a leitura dos textos do eixo de Educação Ambiental, contribuíram para uma mudança em seu pensamento.

5.2.1.4 Comunicação livre e simétrica

As perguntas 5 e 6 serão analisadas nesse aspecto.

O aluno considerou a comunicação muito boa e as respostas são rápidas e entre os colegas tem muita troca de material. O aluno realizou o estágio em Educação Infantil com um projeto em Educação Ambiental.

5.2.1.5 Erótica libertária – educação sexual

A pergunta 22 (p. 182), além desse tópico, também se referiu à pedagogia ambiental problematizadora. O aluno considerou salutar a inserção do tema no currículo da Educação Ambiental, e vinculou a educação sexual à ética e à liberdade.

5.2.1.6 Pedagogia ambiental problematizadora

As perguntas selecionadas para analisar esse assunto são: 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 21.

Ao discorrer sobre a pergunta número 3 (p. 174), o aluno expressou que desde o 3º semestre do eixo ECO – Educação Ambiental realizou oficinas na escola, através de programa “Mais Educação”. Consideramos que o projeto de pesquisa e os estágios dos alunos, provocam uma imersão na escola e na comunidade. O currículo enseja essa possibilidade, enriquecendo o aprendizado, pois relaciona a teoria com a prática e desenvolve o senso crítico e a formação do professor pesquisador. Percebe-se que o conhecimento adquirido pelo aluno é fruto das pesquisas e da prática exercida na escola. A elaboração de um projeto e a sua execução requerem autonomia nos estudos, criatividade e desenvolvimento de habilidades. E estar em contato com as crianças, dialogar, saber suas dúvidas e inquietações, pesquisar, auxiliá-las na busca pelas respostas, planejar uma aula e vincular essas experiências com os conteúdos do eixo é um excelente aprendizado para o futuro educador. Pode-se observar que as respostas do aluno refletem todas essas considerações.

O entrevistado entendeu que o eixo deveria - além dos fóruns e outros materiais - fornecer instrumentos pedagógicos mais qualificados, pois o aprendizado acadêmico culmina sendo aplicado em sala de aula, através de estágios, projetos e demais atividades. O aparelhamento pedagógico dos eixos, quando se manifesta proficiente, cumpre uma dupla e importante função social: além de formar profissionais, contribui para uma melhoria da educação de base, que passará a receber ensinamentos através de agentes mais capacitados.

No ponto em que a Educação Ambiental somente é disponibilizada estritamente aos optantes, o acadêmico 1 opinou que este fato “Acho terrível, terrível ...” (p. 179), pois a estrutura curricular acabou desvinculando a Educação do Campo da Educação Ambiental e do aspecto preservacionista. A Educação Ambiental precisaria ser uma disciplina, e não somente um eixo de ECO. Deveria ser oferecida a todos.

O aluno considerou que a formação de um cidadão crítico se dá na medida em que o aprendizado faz a pessoa pensar e quando o conhecimento de duas ou mais realidades confere a liberdade de decisão. Ele apontou que todo o conhecimento que incentive o pensamento é libertador.

Quanto às dificuldades no eixo, o aluno referiu não as ter vivenciado de forma comprometedoras. A falta de tempo é que teria retardado a leitura de alguns textos.

Ao discorrer sobre a pergunta nº 15 (p. 180), o aluno evocou a sua prática na sala de aula. Por seu gosto pela geografia, centralizou o planejamento nesta disciplina e, a partir daí, foi trabalhando a educação ambiental. Expressou ainda, que gostaria de ver a educação ambiental como um tema transversal, presente em todas as disciplinas, e também sendo ministrada por um professor específico, pois um professor de matemática, por exemplo, não reúne o necessário cuidado para trabalhar as questões da Educação Ambiental.

O aluno avaliou que não há uma relação teórico-prática dos conteúdos. Argumentou que o eixo possui uma parte teórica, mas carece de atividade prática. A prática se resume na elaboração e execução de projeto em escola conveniada. Em virtude dessa opinião, seria relevante colher a opinião dos alunos acerca das características práticas que devem ser inseridas nos conteúdos.

O entendimento do aluno sobre a pedagogia problematizadora e a prática político-pedagógica da EA, disse com o incentivo e a busca por novos materiais e o seu compartilhamento. Os projetos realizados no eixo promovem essa atitude. Os erros havidos não são irreversíveis, pois sempre é possível retornar e refazer o que não deu certo na prática. Esse aspecto tem relação com o aprendizado colaborativo e com a formação do professor pesquisador.

5.2.2 Análise das entrevistas com os acadêmicos, tutora presencial, tutora a distância, professora pesquisadora e professora coordenadora do curso

A análise da primeira entrevista, com o Acadêmico 1, foi realizada de forma separada com um item para cada critério. Mas a partir desse momento, a análise será

desenvolvida de forma integrada, considerando-se as entrevistas com acadêmicos, tutora presencial, tutora a distância, professora pesquisadora, coordenadora do curso e primeiro coordenador. O objetivo é mostrar a interconexão e trabalho colaborativo entre todos os envolvidos e destacar as opiniões de cada um dos participantes da pesquisa, em sua especificidade de função, analisando as convergências e divergências dessas opiniões com a Educação Ambiental Ecomunitarista – Ecomunitarismo. Entendemos que esses critérios estão interligados e relacionados também com as três normas da ética ecomunitarista.

A identificação dos alunos refere-se aos seguintes polos:

Acadêmico 1: Sapucaia do Sul; **Acadêmica 2:** Rosário do Sul; **Acadêmica 3:** São Lourenço do Sul; **Acadêmica 4:** Itaqui; **Acadêmica 5:** São Francisco de Paula; **Acadêmica 6:** Sapiranga e **Acadêmica 7:** São Sepé.

As categorias de análise das entrevistas são os 4 aspectos do Ecomunitarismo: 1) Economia ecológica e solidária; 2) Política de todos; 3) Comunicação livre e simétrica e 4) Educação Ambiental Ecomunitarista.

A descrição da análise em 4 categorias segue os pressupostos de uma sociedade Ecomunitarista, que cultiva as seguintes premissas: 1) economia ecológica e solidária sem padrões, sem dinheiro e sem desemprego que preserva-regenera a saúde da natureza humana e não-humana e articula-se no princípio ‘de cada um segundo sua capacidade e a cada um segundo suas necessidades’; 2) pedagogia ambiental problematizadora; 3) política de todos e 4) comunicação livre e simétrica baseada na mídia comunitária associativa, expropriando as oligarquias do seu monopólio midiático (LOPEZ VELASCO, 2012, p. 17 e 18).

Essa divisão não significa que os critérios não estejam relacionados, pelo contrário, todos eles estão interligados, pois em sociedade as referidas dimensões interagem. Entretanto, para fins de uma análise mais específica de cada aspecto, optou-se pela classificação.

A análise das entrevistas foi realizada de forma a haver uma comunicação simétrica das opiniões dos acadêmicos, tutores, professores do curso e a pesquisadora, fazendo com que a participação de todos fosse efetiva. É como se todos fizéssemos parte dessa escrita. É como se o texto fosse redigido por várias mãos. Consideramos de vital importância a fala dos acadêmicos, vez que a compreensão de cada um deles, acerca dos critérios analisados, evidenciou as suas experiências, os saberes regionais e culturais, bem como os saberes aprendidos no curso de Educação do Campo - eixo de Educação Ambiental.

A totalidade das opiniões mostra a beleza dos saberes, quando compartilhados e tecidos como uma rede. Nesse momento nos sentimos como a costurar essa rede de relatos, opiniões e contribuições... E a responsabilidade é muito grande... Esperamos ter a

sensibilidade e a sabedoria, para apresentar os saberes/contribuições de cada participante da pesquisa, do ponto de vista da pesquisadora/“costureira” à luz do Ecomunitarismo - Educação Ambiental Ecomunitarista.

As respostas sobre a questão da ética apresentaram uma variedade de opiniões e, em muitos casos, semelhantes entre todos os participantes, cumprindo destacar-se:

Tutora presencial: ter a consciência de respeitar o meio em que vive; respeito e convívio em grupo.

Tutora a distância: forma de viver, “... um ser ético é aquele que tem um compromisso com a sociedade que ele vive; com o contexto que ele tá inserido” (p. 244); em alguns contextos a educação ambiental surgiu mais como um modismo; para as pessoas mais engajadas a educação ambiental é um compromisso social com o meio ambiente.

Professora pesquisadora: ação com bom senso; cada indivíduo tem seu conceito de ética; o entendimento da ética com relação à educação ambiental é bem mais complexo; entendimento do indivíduo como fazendo parte do ambiente.

Acadêmicos

Acadêmica 7: ética é ser honesta e responsável na vida e no trabalho.

Acadêmica 6: “Se todos os seres humanos fossem mais éticos com relação ao meio em que vivem, não prejudicariam o ambiente nem os demais seres vivos existentes nele” (p. 243); ética é comprometimento.

Acadêmica 5: boa conduta; respeito à vida; sendo pessoas um pouco melhores e tentando fazer com que nossos semelhantes respeitem o meio ambiente; “dependemos dele para a nossa própria sobrevivência” (p. 211).

Acadêmica 4: ética como conduta de não falar mal do próximo e não fazer fofoca; ética ambiental como convivência e adaptação de seus projetos em função dos interesses da escola.

Acadêmica 3: valores morais, dignidade, respeito, lealdade, respeito ao próximo e ao meio em que se vive.

Acadêmica 2: pessoa correta, seguir os bons princípios.

Acadêmico 1: conjunto de regras que possibilitam a convivência em sociedade de forma respeitosa e organizada; respeitar o próximo; a harmonia com o meio ambiente sadio nos torna mais alegres; observar as belezas da natureza e pensar em usufruí-las futuramente deixa o dever de protegê-la.

Coordenadora: respeito ao outro e ao ambiente; relações com as pessoas.

A acadêmica 5 disse que a ética ambiental tem relação com o melhoramento pessoal e refere-se à prática da educação ambiental no sentido de que precisamos tentar fazer com que nossos semelhantes respeitem o meio em que vivem, porque dessa atitude depende nossa sobrevivência como espécie. Nesse particular, cabe destacar que a educação ambiental pode ser realizada em qualquer espaço, não só na escola. A fala refere-se ao compromisso ético com a natureza, sua preservação e regeneração.

A acadêmica 4 utilizou muitos exemplos para explicar os questionamentos. Consideramos essa atitude uma relação teórico/prática da sua compreensão sobre o assunto, que pode ser uma característica pessoal e/ou também uma influência recebida das relações com seus tutores e professores. A acadêmica relata que mudou seu projeto na escola parceira no trabalho de Educação Ambiental, porque sentiu resistência à sua ideia de pesquisar sobre o uso de agrotóxicos e a contaminação do solo. Ao perceber que os familiares dos alunos trabalham em lavouras e fazem uso desses produtos, o seu trabalho poderia ficar sem o necessário apoio. Conseqüentemente, a aluna optou por fazer uma brinquedoteca com materiais reutilizados e recicláveis.

A aluna também considera o uso de agrotóxicos como próprio da cultura do lugar. Constatou-se que nessa localidade não havia a produção agroecológica que tem relação com a economia ecológica e solidária, ou seja, não havia preocupação com a saúde da natureza, incluindo os próprios agricultores, famílias e comunidade em geral. Convém lembrar que os ciclos da natureza podem transportar essas substâncias tóxicas para outras cidades e regiões mais distantes. Isso significa que o modelo de produção capitalista, nesse caso, o uso de agrotóxicos nas plantações, impediu que a aluna concretizasse seu primeiro plano de trabalho em ECO – Educação Ambiental, que poderia ser muito importante para a conscientização dos agricultores e suas famílias. O trabalho por certo contribuiria para conscientizar as crianças da escola sobre um novo conceito de produção agrícola, baseado no respeito ao ecossistema da região, utilizando práticas que promovam a preservação e regeneração da natureza, resultando na saúde de todos e na promoção de um desenvolvimento sustentável com uma visão comunitária das relações sociais. Mesmo assim, a segunda ideia da aluna, a brinquedoteca, foi uma alternativa importante, ao inaugurar um espaço lúdico e educativo sobre reutilização de materiais, que acabaram transformados em outros produtos que foram destinados para brincadeiras e para o aprendizado escolar. A tarefa revelou-se importante ainda, porque as crianças levam esse conhecimento para casa, sendo um fator educativo aos familiares, que irão dar importância a separação do lixo e a reutilização de materiais, inclusive para a

produção de brinquedos. Não necessariamente precisamos comprar brinquedos em lojas. Com materiais caseiros e a participação dos familiares, também se podem criar brinquedos.

O acadêmico 1 falou sobre a proteção do meio ambiente e a questão da educação ambiental na sua cidade. Evidenciou que o salutar relacionamento com o meio ambiente nos torna mais alegres. Destacou o aspecto estético da natureza, que nos propicia uma cultura de paz e felicidade. Esse entrevistado refere que não podemos delegar somente às gerações futuras a tarefa preservacionista. São as ações no tempo presente que irão dar resultados futuros. Ele diz que há algum tempo a cidade está “abandonada” na questão do meio ambiente. Os moradores não cuidam a cidade. Em um âmbito mais geral ele entende que o país não possui uma ética e nem programa ambiental. Quanto a isso, menciona textualmente:

“...não existe um programa ambiental forte mesmo, bom a educação já não é forte né, mas eu digo assim, não existe num país que deveria primar pela educação ambiental, pela conservação dos recursos enormes que tem, não existe, então como que, como que não vai ser ligado a felicidade do dia a dia com a educação ambiental, no meu caso é totalmente.” (p. 175)

Essa frase denota que o aluno compreende a realidade do país e sua deficiência em relação à educação ambiental. Nota-se que o entrevistado, no núcleo de sua fala, possui consciência reflexiva e senso de responsabilidade. Por certo, o aprendizado colhido junto ao eixo de Educação Ambiental, contribuiu para a formação dessa consciência. Ressalta-se, entretanto, que só os conteúdos do eixo não promovem essa conscientização e responsabilidade com o meio ambiente. São necessários hábitos e atitudes cotidianas que respeitem à natureza.

O aluno relatou que trabalha no programa do governo denominado “Mais Educação” (Escola Integral), onde ministra oficinas de educação ambiental. Sem dúvidas que esta atividade resulta dos ensinamentos obtidos no curso voltado a sua cidade. Pode-se afirmar que o entrevistado fez bom uso dos conteúdos acadêmicos, e que o seu espírito crítico permitiu-lhe uma leitura adequada da sua cidade e dos problemas no entorno da escola, na perspectiva da educação ambiental. Este entrevistado nos trouxe relato alarmante. Referiu que os alunos moram em volta de um arroio muito poluído, nas proximidades de uma refinaria da Petrobrás, e que não existe nenhum projeto público no sentido da necessária despoluição. Mencionou ainda, ser difícil mudar a mentalidade dos alunos, pois a educação familiar é dissociada da escolar. Esse panorama citado certamente é igual ao de muitas outras cidades pelo Brasil a fora, onde se constata o descaso com a natureza, com os moradores de bairros pobres, enfim, com a saúde da natureza (humana e não humana). O que tem importado mesmo às autoridades

é o capital das empresas e de grupos econômicos. A preservação do meio ambiente e a saúde da população e do ecossistema têm sido secundários, muito embora os políticos mais esclarecidos saibam que o ataque ao ecossistema se reflete no ser humano, já que a vida constitui-se de relações constantes. O ar, a água e a terra estão em íntima relação com a sobrevivência e saúde do ser humano e de todos os seres e constituintes do ecossistema. Malgrado isso, não são realizadas medidas efetivas de controle da poluição e nem de despoluição dos nossos mananciais. A população, sem o devido conhecimento dessa realidade, sofre as consequências, inclusive climáticas, sem saber como agir ou até mesmo ignorando a grave presença poluidora em volta de suas casas.

Em relação à liberdade, o aluno expôs que:

“... a liberdade é tudo pro ser humano, pra poder pensar, tu vai ser um boneco nas mãos de outra pessoa, então a ética tá totalmente ligada com a liberdade, se não tiver liberdade não tem ética... então a ética é totalmente ligada a liberdade sim, na minha opinião sim” (p. 175).

Esse tema da ética e da liberdade é complexo. Na sociedade capitalista em que vivemos, somos diariamente “bombardeados” por produtos, modos de ser e de viver, dentre inúmeras formas de controle da subjetividade, que aprisionam e cerceiam nossa livre expressão. A ética conecta-se a natureza (humana e não humana). Vivemos em sociedade e na natureza, logo, devemos observar preceitos da convivência harmônica, que estão vinculados as três normas da ética que tratam da liberdade individual da pergunta “Que devo fazer?”, em busca de respostas consensuais através do diálogo, levando em consideração a preservação e regeneração da natureza. A liberdade de expressão é também restringida por questões políticas e ideológicas, mas é preciso uma postura de força e coragem, para que possamos sustentar nossas convicções, pois se não houver propagação de novas ideias, como no caso do Ecomunitarismo, não iremos observar as transformações sociais almejadas nessa dissertação. Para o desenvolvimento de novos valores sociais e atitudes que respeitem a natureza e promovam a igualdade e a justiça social, é imprescindível novas ideias e atitudes.

Por sua feita, o primeiro coordenador do curso explicou que a ética só funciona quando em relação íntima com o pensamento, com um pensamento constrangido, comprometido. Dissertou que a ética passa por resistir as questões naturalizadas e institucionalizadas, como signo do aprender, como ética cotidiana, uma ética do pensamento, uma ética que sempre perspectiva o objeto em outras dimensões.

Na questão da motivação da escolha do curso de Educação do Campo e do eixo de ECO – Educação Ambiental, todos os acadêmicos apontaram o interesse pela área do meio ambiente e educação ambiental. Quanto a escolha pelo curso, o Acadêmico 1 referiu:

“e aí eu quis fazer por causa disso, tinha a opção de ambiental e eu poder trabalhar com jovens e adultos também, essa foi minha motivação, além de ser EaD né, e de e pelo nome da universidade também.” (p. 178)

Na opção pelo eixo o aluno explicou que:

“Primeiro por gostar muito do tema, segundo por perceber que num país que detém pelo menos 60% de toda biodiversidade do planeta e não existem professores de educação ambiental, e por acreditar que um dia o MEC deve pôr este tema hoje transversal, como disciplina.” (p. 178)

Esse comentário é relevante. O entrevistado demonstrou conhecer a legislação que trata do ensino da educação ambiental, e, ao mesmo tempo, revelou uma opinião crítica sobre a mesma.

A Acadêmica 2 relatou ter escolhido o curso e o eixo, porque é agricultora e o meio ambiente faz parte da sua vida:

“Por que o meu convívio é no meio rural, é no meio rural, eu faço parte dessa área entendeu? por isso eu escolhi meio ambiente, como é que eu vou dizer, eu sô agricultora né Raquel” (p. 185).

A Acadêmica 4, ao comentar sobre a escolha da EA, expressou que no seu município é muito difícil tratar da questão ambiental, em função da economia com base na lavoura de arroz e pecuária. Falou que existem muitos problemas ambientais em seu município e o trabalho com a educação ambiental é bem difícil:

“... é uma dificuldade, as pessoas assim não querem bater de frente praticamente com quem emprega a maioria, então é isso que acontece...” (p. 200).

A aluna tem esperanças de que essa situação seja revertida através dos projetos elaborados pelas universidades e pelos cursos que estão se instalando na região, visando a priorização das questões ambientais.

No seu depoimento, a Acadêmica 5, revelou desta forma as razões que a levaram a escolher o eixo de EA:

“Porque acreditei que me aproximava do campo, me faria entender melhor as coisas da terra, passar para as crianças a importância de cuidar e proteger o meio em que vivemos... eu sou campesina com orgulho.” (p. 212). Nesse caso, a aluna escolheu o eixo por causa do campo, da educação do campo.

A Acadêmica 6 e a Acadêmica 7 referiram-se à prática e transformação, quando explicaram a escolha pelo eixo de Educação Ambiental.

A Acadêmica 6 frisou:

“(...) Escolhi esse eixo, pois percebi que o curso em si visava práticas pedagógicas que levassem os educandos a pensar sobre, tendo em vista já estar em contato com crianças e adolescentes vi a possibilidade de fazê-los pensar sobre suas atitudes com o meio ambiente, como fazer para melhorar o meio, o que devemos transformar...” (p. 218).

E a Acadêmica 7 assim se expressou:

“Porquê adoro trabalhar com plantas, visitar lavouras, matas e me preocupo demais com nossas águas que parece que estão sumindo. acho que precisamos falar menos e agir mais em defesa do meio ambiente” (p. 222).

As opiniões dessas alunas têm relação com a pedagogia ambiental problematizadora, que relaciona a teoria com a prática, com vistas à transformação social. A prática educativa precisa acarretar transformações, mesmo que sejam microintervensões, e ir se multiplicando na vida de todos os envolvidos. As transformações originam-se de práticas que respeitem a natureza. Por isso, a sensibilização e a conscientização ambiental precisam fazer parte dos objetivos da educação ambiental.

Na pergunta sobre a importância da Educação Ambiental no curso de Educação do Campo, todas as respostas consideraram o eixo importantíssimo, pelo fato do curso ser oferecido aos moradores da zona rural, que trabalham diretamente com a terra e a água, vivenciando cotidianamente as condições ambientais.

A Acadêmica 7 expressou que:

“... Os indivíduos do campo devem ser educados para produzirem sem agredir a natureza, usarem os bens naturais, mas conservá-los, respeitarem mais as florestas e os rios e buscarem formas de sustentabilidade” (p. 222).

A Acadêmica 6 sustentou que o eixo deveria ser ofertado a todos os alunos do curso e que foram muito poucos os que realizaram esse eixo. Comentou ainda:

“... Acho muito relevante o assunto, pois todos os educadores devem pensar e fazer os demais pensarem sobre a Educação Ambiental... Se houver uma maior reflexão por parte dos seres humanos das consequências de seus atos talvez aja uma mudança de atitudes em um melhor cuidado do meio.” (p. 218).

A Acadêmica 5 considerou o eixo de EA fundamental no curso de Educação do Campo. Aludiu que a disciplina deveria ser disponibilizada em todos os semestres:

“No meu ver é o eixo mais importante, deveria ter mais atenção, não sei se seria atenção, mas se o curso se refere a educação do campo, a educação ambiental não deveria se eixo e sim cadeira em todos os semestres. Como vamos trabalhar no campo com crianças camponesas sem ter uma ótima base em educação ambiental? desculpe ambiental.” (p. 212)

5.2.2.1 Economia ecológica e solidária

Esse critério aborda o trabalho como um acordo consensual dos produtores livremente associados em que cada pessoa trabalha segundo suas capacidades e recebe segundo as suas necessidades particulares e familiares. É importante estreitar o trabalho ao desenvolvimento e a prática das vocações humanas, gerando felicidade e prazer. A economia ecológica pauta-se pela terceira norma da ética (preservação e regeneração da natureza), com o uso de tecnologias ecologicamente sustentáveis. As necessidades humanas devem priorizar o consumo sustentável e as práticas agroecológicas (agricultura orgânica) apoiadas nos 3 R's (reduzir, reutilizar e reciclar).

As entrevistas revelam que essa fisionomia não é distinguida no eixo de ECO – Educação Ambiental. Pela fala dos entrevistados, ela é avistada superficialmente em algumas discussões e nos trabalhos dos alunos.

Nota-se que a maioria dos acadêmicos apresentou uma compreensão de economia ecológica e solidária, mesmo que o tema não tenha sido abordado no eixo. Nesse sentido, a Acadêmica 7 referiu:

“Esse tema não foi abordado no eixo, mas acredito que seria uma economia com mais respeito aos bens naturais e com mais sistemas de cooperativas.” (p. 223)

Ela fala de duas questões importantes e relacionadas ao ecomunitarismo: o respeito aos bens naturais (e isso se refere à norma ecológica de preservação e regeneração da natureza) e também ao sistema de cooperativas, que se relaciona ao conjunto de produtores livremente associados para produção e distribuição de produtos para o bem comum de determinada comunidade, segundo as necessidades de cada pessoa/família.

A Acadêmica 4 também falou algo pertinente ao que foi exposto alhures:

“... sobre a economia ecológica e solidária, eu penso assim ó, por exemplo, a economia, ela tem que trabalhar, criar recursos, meios que preservem o meio ambiente, que leve em consideração os cuidados com o meio ambiente... não só o valor monetário do que vai

se trabalhar nessa economia, e solidário porque tem que ter o benefício pra todos, não só pra um...” (p. 204)

A Acadêmica 6 também abordou um tópico interessante, relacionado aos 3 R's:

“... Em alguns textos abordados citou-se a importância de reduzir o consumo, de fazer as próximas gerações diminuir reduzir os gastos excessivos diminuindo também a produção de resíduos.” (p. 219)

Sobre esse tema, Lopez Velasco (2012, p. 144) fala que a produção da sociedade ecomunitarista utiliza ao máximo recursos renováveis e o mínimo possível de recursos não-renováveis e, para que isso se concretize, é necessário guiar-se pelo princípio dos “Cinco R” – reflexão, recusa, redução, reutilização e reciclagem dos recursos e resíduos. O modelo de sociedade capitalista não abre espaço para essas mudanças, não permite essa conduta, por isso, a urgência em buscar alternativas para a superação da crise socioambiental. A educação e mídias têm um papel fundamental nesse processo de mudança de paradigma.

Questionada sobre o tema da economia ecológica e solidária (p. 214), a Acadêmica 5 citou a horta escolar:

“Em relação a escola, fazendo uma horta, essa horta abasteceria a escola e as famílias. As crianças e pais em reunião preparam o terreno, plantam e dividem os produtos”.

A explicação da acadêmica está intimamente relacionada à economia ecológica e solidária sem padrões, já que a horta seria feita pelos pais e os produtos divididos entre todos de forma solidária, sem padrões. E também tem relação com a Educação Ambiental Ecomunitarista, já que é um trabalho ecomunitário na escola, envolvendo a produção de alimentos através da horta escolar. Essa atitude poderia incentivar outras escolas, pessoas, grupos sociais, bairros, cidades, etc, através da divulgação e comunicação desse trabalho, ou seja, a comunicação livre e simétrica nas mais diversas formas de mídias pode abrir espaço para a multiplicação de ideias e atitudes ecomunitárias.

A Acadêmica 3 relatou:

“como dizem, seria o nosso sonho de consumo, o assunto poderia ter sido mais explorado, acredito que por ser um eixo optativo, houve pouco debate sobre o assunto, não tendo um maior aprofundamento sobre o tema.” (p. 196)

Esta entrevistada relacionou o pouco aprofundamento do tema, por ser o eixo de caráter optativo. O fato do eixo de Educação Ambiental estar nos Estudos Colaborativos e ser de caráter optativo, será tratado no critério referente à Educação Ambiental Ecomunitarista.

A Acadêmica 2 lembrou-se do projeto que realizou na escola no eixo de Educação Ambiental. A resposta da aluna sobre essa questão foi intrinsecamente vinculada à sua prática

como agricultora, integrando a comunidade e a escola. Nesse particular o relato foi muito expressivo:

“A comunidade assim, ela ajudou a buscar os pneu, montar a horta, plantar as verduras, entendeu, aí quando às vezes eu chamava eles, quando eu ia com os alunos chamava eles também pra ver o crescimento das plantas, na hora de regar, na hora de limpar, eles eram muito participativo, a comunidade. Porque geralmente hoje as escolas quer que a comunidade interage na escola, então eu trabalhei nesse lado.” (p. 188).

Esse é mais um exemplo da economia ecológica e solidária vinculada à Educação Ambiental Ecomunitarista. Em seu trabalho a aluna envolveu a comunidade escolar para a construção de uma horta feita com pneus. O reaproveitamento desse material está relacionado aos “Cinco R”. A aluna foi muito criativa na execução de seu projeto.

O Acadêmico 1 manifestou que o tema é abordado somente de forma teórica, porque o curso a distância não oportuniza a prática:

“É abordado de forma de conhecimento de materiais sobre o MST que é o que a gente mais conhece né ãã sobre os produtos orgânicos o que vem a ser sobre transgênicos isso é abordado de forma assim teórica né na prática a gente não.” (p. 181)

Sobre a carência prática do curso, o aluno ainda teceu as seguintes referências:

“É abordado no eixo mais por se EaD a gente não vai a gente não conhece né...”(p. 181).

O mesmo entrevistado, sobre a economia ecológica e solidária, exprimiu:

“... ela se dá numa numa contribuição de um grupo pro crescimento mútuo então o que cada um produz alguma coisa né que vem da terra ou beneficia algum tipo de produto seguindo um padrão de de ser orgânico geralmente os que eu conheço são assim... e com formação de cooperativa e e o termo solidária seria porque daí os lucros são divididos e o grupo todo cresce em tese né eu não sei se funciona na verdade.” (p. 181)

Este relato evidencia que, mesmo não sendo o tema aprofundado no eixo de Educação Ambiental, os acadêmicos possuem certa compreensão sobre o assunto, e relacionaram a economia ecológica e solidária ao cooperativismo.

A Tutora a distância reportou que morou na Alemanha e tem o conhecimento da vivência numa comuna. Consideramos esse relato extremamente relevante para exemplificar a vivência de uma economia ecológica e solidária, mesmo ante a seguinte ressalva:

“... eu acho que o que eu dizer pode ser que não contribua com o contexto daqui, então não acho que seja de grande relevância, entende?...” (p. 249)

Quanto à venda de produtos ecológicos na Alemanha, a entrevistada mencionou:

“... Porque eu morei lá, hoje tu vê na Alemanha assim uma grande gama de produtos ecológicos, isso é muito forte lá, tem lojas que só vendem produtos plenamente naturais, tem mesmo a questão da economia ecológica lá, presente inclusive na Igreja Luterana na Alemanha...” (p. 249).

A tutora também comentou que na comuna existia um roupeiro comunitário, e que nos aniversários não se compra presente. As pessoas escolhem algo de sua propriedade, para presentear o aniversariante. Ela observou que:

“... tu tem um valor por aquilo que tu é mesmo, por aquilo que tu construiu ao longo da tua vida, então eu acho, e isso na comuna mesmo tu vê assim, é bárbaro...” (p. 250)

A TD comentou que as próprias pessoas plantam seu alimento. A doação, a troca e bazar de roupas e móveis são práticas frequentes. Sobre a economia ecológica e solidária e quanto a Educação Ambiental, a entrevistada ainda referiu:

“...é um viver, é um olhar diferente das coisas e tem a ver com economia solidária, tem a ver com educação ambiental, porque é um recicla...” (p. 250).

Pode-se ver nesse depoimento umavivência ecomunitária, que exemplifica o que foi escrito na parte teórica dessa dissertação, bem como o que o professor Sirio L. Velasco menciona a respeito do Ecomunitarismo. Isso é um estímulo para quem almeja outras perspectivas de sociedade.

A professora Pesquisadora (PP), por sua feita, expôs que a economia ecológica e solidária não é trabalhada de forma integral:

“Diretamente, diretamente não, a gente não tem uma coisa que fale assim, mas durante as discussões acredito que é falado” (p. 234).

Esta entrevistada referiu ainda:

“... na questão da pegada ecológica é bem a questão da economia ecológica e solidária né, porque a questão de quanto tu tá gastando do meio ambiente, do ambiente que tu vive e quanto tu pode diminuir, qual o teu consumo, na verdade a pegada ecológica é isso né, quanto tu pode diminuir pra ter um ambiente melhor... quando nós pensamos nos textos pra refletir sobre a questão da reciclagem, sobre a questão do que que a gente pode fazer pra melhorar... economia ecológica e solidária, a questão das trocas né, de aproveitar as coisas, até o aluno que tu entrevistou ele faz os brinquedos dos filhos todos com coisas que ele aproveita, eu achei muito interessante, isso é economia solidária ambiental eu acho...” (p. 234)

No seu depoimento, a Coordenadora do curso narrou que uma professora da turma 1, trabalhou o tema da alimentação saudável e solidária com os alunos, através de discussões nos eixos e oficinas nos polos, convindo transcrever-se a seguinte passagem:

“... nessa questão da alimentação que ela vem discutindo bastante com os alunos agora por causa das crianças então ela tem ocupado todos os espaços que ela consegue no curso pra inserir esse tema, na verdade ela tem feito mais esse diálogo independente de qual seja o eixo, a professora sempre dá uma forma, arruma um jeito de entrar e trazer a discussão pros alunos, sobre economia, sobre economia solidária, sobre alimentação ecológica, alimentação solidária...” (p. 228)

Analisando as divergências e convergências das respostas dos participantes da pesquisa com a concepção da economia ecológica e solidária do Ecomunitarismo, verifica-se que os entrevistados expuseram pontos de vista que convergiram com o Ecomunitarismo, mas sem que houvesse um aprofundamento e uma compreensão metodológica voltada à ação prática desse conceito na comunidade escolar, de forma a consolidar e multiplicar as ações, inclusive no âmbito comunitário.

O eixo de Educação Ambiental no curso não trabalha diretamente essa questão, mas em muitos temas e projetos, houve discussões pontuais sobre a economia ecológica e solidária. Um discurso importante, e que possui íntima relação com o Ecomunitarismo, foi aquele desenvolvido pela Tutora a distância, sobre a vivência experimentada em uma comuna da Alemanha. A entrevistada ressaltou a rotina diária das pessoas que vivem de forma comunitária, oportunizando trocas e compartilhamentos, e que exercem a prática agroecológica, plantam o próprio alimento, cultivam o respeito à diversidade, à orientação sexual e à liberdade individual. Nesse particular, nitidamente encontramos as três normas da ética no convívio social da comuna. Acreditamos que a vivência dessa tutora poderia contribuir muito para o planejamento de propostas educativas relacionadas a práticas ecomunitárias.

Para que seja alcançado o intuito do desenvolvimento de uma economia ecológica e solidária ecomunitarista, é necessário que esse tema seja trabalhado com clareza e intencionalidade na área da educação e em todos os espaços da sociedade, para a formação de novos valores sociais e econômicos que respeitem a preservação e regeneração da natureza, promovendo a sustentabilidade dos recursos naturais do planeta, a saúde das pessoas e a justiça social na área da alimentação. A Educação Ambiental Ecomunitarista abarca o estudo da economia ecológica e solidária no sentido de desenvolver e concretizar uma sociedade pós-capitalista.

5.2.2.2 Política de todos

Nessa paisagem, o Ecomunitarismo trata de priorizar a democracia direta ao nível local, municipal, nacional e internacional, prestigiando representantes eleitos democraticamente com rotatividade dos cargos, reuniões e decisões consensuais. O movimento ecomunitarista é formado pelos excluídos e/ou oprimidos do sistema capitalista, tais como indígenas, ribeirinhos, pequenos agricultores, quilombolas, assalariados e por todas as pessoas que exerçam uma crítica contundente ao modelo capitalista. Para um trabalho integrado e baseado em ações concretas, é necessária a construção de espaços sociais para o diálogo e o convívio com associações de bairro, movimentos sociais, ONG's, sindicatos, etc. A ética ecomunitarista tem relação com a “política de todos”, porque os interesses individuais devem entrar em consenso com os interesses coletivos, com ampla participação do povo nas votações dos mais variados projetos sociais.

A Acadêmica 6 lembrou seu trabalho versando sobre a coleta seletiva:

“... durante dois anos venho insistindo na coleta seletiva e começamos na escola, entretanto como já havia dito é um trabalho de formiguinha, caminha a passos lentos. Então qual não foi minha surpresa quando no início deste ano chega ao meu conhecimento que agora os municípios só receberão verba federal se separarem corretamente o lixo, então a prefeitura fez folders, ímãs de geladeiras, distribuiu para toda população. Daí me questiono, enquanto era pelo real e simples motivo de separar o lixo não recebi apoio, mas quando há um retorno financeiro federal daí a motivação para administração.” (p. 219)

Esse relato comprova que em uma sociedade capitalista, o valor dos projetos precisa estar atrelado ao ganho de verbas (\$) públicas. Parece que a conscientização fica em plano inferior, sobrepondo-se a tudo a distribuição burocrática do dinheiro, mesmo quando inexistente uma base sólida de projetos e de ações comunitárias. Com essa filosofia, o numerário culmina não sendo endereçado aos fins propostos.

Sobre o questionamento de como a Educação Ambiental promove transformações para o desenvolvimento de uma nova sociedade, a aluna referiu:

“A educação ambiental nada mais é que mudança de pensamento, logo quando conseguimos transformar o pensamento dos seres estamos mudando também atitudes. Essas mudanças afetam diretamente a sociedade em que vivemos.” (p. 220)

Essa fala tem relação com a Educação Ambiental Ecomunitarista e seu caráter de sensibilização, conscientização e problematização das questões socioambientais, para que

possamos desenvolver a consciência e a responsabilidade ambiental, seja nas atitudes consigo mesmo, com o próximo, ou com a natureza (três normas da ética). A educação é fundamental nesse processo de tomada de consciência para a mudança de atitudes, ou seja, se desejarmos uma sociedade capitalista, com valores sociais girando em torno do capital, teremos pensamentos e atitudes nesse contexto, acarretando o estado de crise socioambiental que vivemos. Mas, se promovermos uma educação para a convivência ecomunitária, Educação Ambiental Ecomunitarista, teremos mudanças de pensamentos e atitudes e, com isso, a transformação social viabilizar-se-á. Portanto, a mudança do modelo econômico vigente e a educação têm um papel fundamental para o desenvolvimento do Ecomunitarismo.

A Acadêmica 7, em resposta a esse questionamento, citou à sensibilização como elemento transformador :

“Se conseguirmos colocar no coração das crianças que é preciso respeitar todos os tipos de vida, que as plantas, as pessoas, os animais precisam viver em harmonia e que um depende do outro para o mundo ser melhor, essas crianças poderão crescer e transformarem a sociedade. A transformação começa pelo respeito à vida.” (p. 223)

A entrevistada falou do respeito a todos os tipos de vida e da inter-relação entre todos os componentes da natureza para a manutenção da vida, isso tem convergência com a terceira norma da ética (preservação e regeneração da natureza). Foi interessante a aluna ter relacionado a transformação social com a sensibilização e o respeito à vida. A sensibilização promove a integração e a integração faz-nos perceber que estamos conectados com tudo e todos, desenvolvendo o respeito, o cuidado e a preservação. Devemos respeitar e preservar aquilo que conhecemos e sentimos, por isso, a sensibilização é de suma importância para a transformação, juntamente com a conscientização e a problematização na Educação Ambiental Ecomunitarista.

A Acadêmica 4 expressou o seguinte:

“Olha, eu penso que ainda precise ser trabalhado mais, porque nós somos poucas que fizemos esse eixo de Educação Ambiental... fazer projetos em favor né do meio ambiente também, a gente percebe até no município mesmo que foi criado até a secretaria do meio ambiente, então pra ver que as políticas públicas tem que se pensarem nos seus projetos, tem que pensar também sobre como vão ou compensar ou causar menor dano possível ao meio ambiente quando quiserem criar algum projeto pra cidade, pros municípios, pras pessoas, enfim, a gente percebe uma movimentação grande nesse sentido ...” (p. 204)

Sobre como a Educação Ambiental realiza transformações para o desenvolvimento de uma nova sociedade, a aluna mencionou que o curso de Educação do Campo promove a manutenção da população no campo e valoriza a região:

“eu acho que auxilia e é importante que eles saibam, por exemplo, se valorizar e crescer no seu território, respeitando a natureza, vivendo da natureza com a natureza, sabe, preservando...” (p. 205)

A auto-valorização e a valorização territorial e cultural é muito importante, porque dessa forma as pessoas reconhecem suas potencialidades, bem como as necessidades do meio em que vivem, possibilitando um pensar e colocar em prática ideias referentes a sustentabilidade dos recursos naturais e as potencialidades da cultura regional (com base no Ecomunitarismo). A acadêmica traz ainda o exemplo do turismo ecológico como fonte de renda e emprego na região. Isto realmente é importante. Todavia, fazendo um paralelo com o Ecomunitarismo, que trata da liberdade, do não-trabalho e da eliminação do dinheiro, todas as pessoas deveriam ter liberdade e condições de acesso a todos os lugares, sempre respeitando a norma ecológica de preservação e regeneração da natureza.

A Acadêmica 2 falou de sua experiência com a horta em pneus:

“Porque geralmente cria hábito... esses projeto devia dar continuidade, mas geralmente a gente vê que quando tu para eles acabam, é difícil dar continuidade, eu pelo menos me senti grata porque a comunidade apreciou muito meu projeto e muita gente já tá plantando nesses pneu... Porque pelo menos houve uma mudança de pensamento com essas pessoas que eu trabalhei, tanto nos alunos como a comunidade.” (p. 189)

A atividade que a aluna nos trouxe, faz parte do projeto de extensão (ECO – Educação Ambiental), que é colocado em praticano último eixo de Educação Ambiental. Nesse caso, a EA propicia uma conscientização das pessoas e, com isso, surgem ideias transformadoras nacomunidade escolar.

A aluna também mencionou que a Educação Ambiental realiza transformações sociais para o desenvolvimento de uma nova sociedade:

“principalmente quando você trabalha na prática, não só na teoria, porque na realidade hoje se você for vê, na na mídia só tem propaganda, propaganda, mas pouca transformação, é, e atitude também e muito pouca atitude...” (p. 189)

O tratamento da Educação Ambiental pela mídia foi objeto de um artigo do prof. Sirio. O autor discorreu que, em muitos casos, a mídia trata a Educação Ambiental como modismo e, inclusive, utiliza-se dela para ter lucro em conjunto com as grandes empresas.

A aluna comentou também, sobre um fato grave, relativo a falta de respeito para com os pobres e com a natureza:

“geralmente o que acontece, pessoas que tem uma caminhonete muito bonita, o que que eles fazem, carregam o lixo e largam nas barranca, na beira do asfalto, na beira do rio, geralmente quem vai colhê é o pobre que tem uma bicicleta, entendeu, então eu acho assim que é importante sim, uma conscientização e, por exemplo, assim, pelo que eu tô vendo a Educação Ambiental é o caminho” (p. 189)

Quanto ao engajamento político para reivindicações e melhorias na cidade e região, o Acadêmico 1 aduziu:

“Incentivando, como um incentivo, ela te dá o conhecimento ela ela não te dá o caminho mais ela te dá o conhecimento que é possível de que tu possa fazer alguma coisa como eu te disse da questão da poda de árvores... ele incentiva, não chega a promover porque e tanto é que não existe nenhum grupo formado de de de reivindicação e um grupo social ou uma ONG formada a partir de conhec a partir do que a gente aprendeu... mesmo que tu não goste do tema educação ambiental se tu fizer tudo como tem que ser feito tu vai ter uma mudança de pensamento” (p. 182).

O entrevistado, nessa fala, reportou algo significativo, que é a formação de um grupo social ou ONG, para promover reivindicações e melhorias na cidade. É uma ideia interessante a formação de um grupo de alunos no eixo de Educação Ambiental com propostas em conjunto e objetivos comuns. A formação de grupos para realizar ações coletivas, discutir e resolver, pelo menos parcialmente, as questões socioambientais detectadas na localidade pesquisada (e fazendo a contextualização dos aprendizados do eixo - relação teoria e prática), tem relação direta com a Educação Ambiental Ecomunitarista.

Sobre essas questões, a Tutora presencial discorreu:

“A relação é muito forte, pois os alunos aprendem a valorizar o seu meio e ficam mais ‘críticos’ e promovem sim ações, os meus apresentaram essas características” (p. 241).

Ao responder a pergunta sobre as transformações sociais a tutora referiu:

“A transformação ocorre porque houve aprendizagem e a sua aplicação gera novos conceitos e naturalmente novos valores sociais.” (p. 241)

Já a Tutora a distância se pronunciou da seguinte maneira:

“... pode começar com esses alunos uma transformação pequena sobre essa questão, eles conseguem acho que visualizar, acho que por exemplo, no contexto que eles forem trabalhar hoje eles tem visão diferenciada e eles vão poder contribuir de alguma forma, mas

ainda eu acho ainda um campo restrito, não é algo que vai dizer assim, ah não, vai realmente mudar o polo de Sapucaia...” (p. 250)

A Professora pesquisadora articulou o seguinte:

“É, a educação ambiental ela ela não vai dizer vão lá e façam, na verdade ela vai promover uma consciência que eles mesmos vão se dar conta e vão fazer isso, e realmente isso acontece, eles fazem... então é assim, é uma coisa indireta, não diz vão fazer, mas tipo eles se dão conta através das atividades, própria deles, às vezes escrevem nos jornais, tem uma atividade que nós fizemos de escrever no jornal, na turma 1 teve um aluno que escreveu sobre educação ambiental também pro jornal, bem legal.” (p. 235).

Por sua vez, a Coordenadora do curso, sobre as transformações sociais que o curso promove nas cidades/polo, assim se pronunciou:

“Transformações sociais, bom, nós trabalhamos pra formação de pessoas que até então vinham sendo excluídas né, a grande margem que não tinha acesso ao ensino superior por causa do local onde viviam, muito distantes dos centros onde existe o acesso à educação, na sua grande maioria é isso né, uma transformação social imediata eu acredito que a gente não promova né... Agora uma grande transformação social eu acho que não. A gente tem movimentado bastante algumas comunidades, inclusive os projetos que os alunos desenvolvem depois de ECO né, no estágio, é com a intenção de movimentar essas comunidades, promovemos mudanças no nível da informação, no nível da formação, aí sim.” (p. 229)

Nas dissertações acima, observa-se que nenhum dos entrevistados mencionou o sistema capitalista como o causador dos problemas socioambientais enfrentados pela sociedade. Nesse critério, verifica-se que, em muitos casos, os alunos respondem a pergunta com exemplos, principalmente da sua prática no projeto de Educação Ambiental realizado na escola parceira. Avaliamos que isso reflete a relação teoria e prática do eixo de Educação Ambiental. O aluno não tem um conceito pronto sobre o tema. Na realidade, nenhum aluno apresentou conceitos prontos, todos argumentaram de acordo com os conhecimentos teóricos e com os saberes advindos do projeto desenvolvido na comunidade escolar.

5.2.2.3 Comunicação livre e simétrica

A comunicação livre e simétrica (que tem relação com as três normas da ética ecomunitarista) é a expressão dos pensamentos e sentimentos dos indivíduos da forma mais

desprendida possível, sem nenhum tipo de censura. Além dos espaços físicos para discussões e tomadas de decisões democráticas, os ambientes virtuais abrem um espaço para essa atitude, por meio dos blogs, fóruns de discussão, criação de sites, vídeos pessoais ou comunitários, documentários, etc. A comunicação livre e horizontal prevê decisões consensuais sobre o assunto abordado em todas as instâncias, sejam elas educacionais, políticas, econômicas, e em todas as esferas da sociedade. Esse tipo de comunicação relaciona-se com a Educação Ambiental Ecomunitarista, com a política de todos e com a economia ecológica e solidária.

A orientação dos alunos no eixo de Estudos Colaborativos (ECO) - Educação Ambiental é realizada por uma equipe de professores, professores pesquisadores e tutores a distância que optaram atuar nesse eixo.

As respostas dos alunos nesse aspecto foram diversas. A Acadêmica 7 disse que a comunicação com a professora foi satisfatória e que não teve problemas na comunicação pelo ambiente virtual. A Acadêmica 6 referiu que algumas vezes não obteve respostas as suas perguntas, mas que, nos encontros presenciais, conseguiu esclarecer as dúvidas. Registrou ainda, que no seu trabalho final sempre esteve em comunicação com a orientadora. A Acadêmica 5 citou a colaboração dos colegas, que foi muito importante, quando ocorreram problemas de acesso à internet (“... meus colegas são ótimos companheiros, salvo exceções, quando eu não consigo me comunicar via computador eles me mandam mensagem, me ligam...” – p. 213). Essa colaboração entre os colegas é uma comunicação horizontal que se relaciona com a ajuda mútua, sem a competitividade e relações de poder (conhecimento e informação) que estão muito presente nos ambientes universitários (escolares e em todos os espaços de uma forma geral).

A Acadêmica 4 expressou que esteve sempre em contato com as suas três colegas do eixo, e que a professora enviava textos, livros e esteve sempre presente na orientação das pesquisas, atividades, fóruns e chats. Um dado interessante, característica do ensino a distância, é a maior autonomia do aluno para a busca de textos e informações fora do ambiente de aprendizagem moodle. Nesse sentido a entrevistada salientou: (“... a gente buscou também muita coisa fora do que nos era passado, nós pesquisávamos...” – p. 201). A Acadêmica 3 avaliou como boa sua comunicação com a professora responsável pelo eixo e que sempre suas dúvidas foram respondidas, mas que o debate no grupo com os colegas poderia ser mais aprofundado. A Acadêmica 2 mencionou que os problemas de conexão da internet muitas vezes prejudicaram a entrega de trabalhos no prazo. E o Acadêmico 1 reportou que é muito boa a comunicação, e que os esclarecimentos as suas dúvidas foram enviados rapidamente pela tutora.

Respondendo a pergunta n.º 6 (p. 246), a tutora a distância assim se expressou:

“... porque que é difícil isso, porque eu acho assim, o curso EaD ele é desafiante o tempo todo e tu não tem o contato direto com as pessoas envolvidas no processo o tempo todo, por exemplo, o correto seria a gente se ver enquanto equipe de EaD sempre, a gente se vê numa reunião uma vez por semana, olhe lá se todo mundo conseguiu ir, numa reunião na qual se discute algumas coisas de cada polo, porque cada polo tem as suas particularidades e aí, eu assim, tu não consegue ter uma discussão específica, bom, vamos discutir Educação Ambiental agora... agora nesse momento de estudos colaborativos, como tem vários estudos colaborativos acontecendo ao mesmo tempo, tu não, sendo bem honesta eu não vejo que a gente consiga dar uma atenção especial ao eixo vinculado à Educação Ambiental... tu observa que as alunas, elas estão envolvidas e elas não estão envolvidas diretamente ao estágio, porque, porque tem outras disciplinas acontecendo, todas ao mesmo tempo... eu conheço eles só EaD, eu nunca tive um contato presencial com eles, o máximo que a gente fez foi uma web... o EaD por mais que ele consiga se aproximar do presencial, vai faltar é aquele contato... as fotos que tem no perfil de cada um são sempre fotos escolhidas a dedo pra colocar ali, então tu nunca consegue ter a visão assim real da pessoa naquele momento, então eu acho isso, que a gente deveria formatar de alguma forma que é difícil... o sistema de ensino alemão ele aproxima de um jeito diferente mesmo que seja no EaD...”

A tutora a distância sentiu falta da presença física dos alunos. Mencionou que em certas situações o contato virtual com os acadêmicos e com a tutora presencial foi insuficiente, não trouxe uma contribuição efetiva. Embora reconhecendo as dificuldades que o Ensino a distância apresenta, ela elaborou estratégias através do chat para aproximar a comunicação, demonstrando comprometimento com os seus alunos. Sobre as reuniões com a equipe, a tutora argumentou ser necessária uma discussão mais específica no eixo de Educação Ambiental e também nos demais eixos de ECO. Outra questão que a entrevistada focalizou, diz respeito à simultaneidade dos Estudos Colaborativos com as atividades em outros eixos, dificultando o envolvimento dos alunos nos projetos de extensão referentes ao eixo de Educação Ambiental. A tutora expôs que manteve um contato virtual diário com os alunos (seja orientando ou corrigindo trabalhos), e que foi responsável pela mediação dos conhecimentos. Arrematou que não teve oportunidade de ir ao polo para conhecer os acadêmicos, e que essa carência se constituiu em uma grave falha da universidade, que deveria patrocinar viagens integrativas aos centros de atuação, pois os alunos ressentiram-se desse convívio.

As críticas expendidas pela entrevistada são produtivas. O Ensino a Distância não implica em uma atividade exclusivamente virtual. A modalidade utiliza as tecnologias de comunicação e informação presentes no nosso tempo, mas não pode excluir o contato presencial. Urge pensar-se no sentido de complementação, e não de exclusão. Por isso, é importante que sejam agendadas visitas dos professores e tutores a distância aos polos, para que ocorra o contato direto com alunos e com o tutor presencial. O ambiente virtual não substitui inteiramente o ambiente físico. Mesmo que essa proximidade seja menos frequente no Ensino a Distância, é essencial que ocorra.

A tutora a distância, com base na sua experiência pessoal, trouxe ainda um dado que precisa ser considerado em nossa realidade, ao afirmar que o EaD oferecido na Alemanha, permite uma aproximação efetiva entre todos os atores dessa modalidade de ensino. O êxito alcançado no estrangeiro, por certo nos deve inspirar, para que possamos encontrar uma senda evolutiva que mais se adapte as nossas condições.

A comunicação desenvolvida, também foi objeto de abordagem pela Coordenadora do curso. Em resposta a pergunta nº 9 (p. 228), ela expressou o que segue:

“Olha, ela é muito maior do que nas outras experiências que eu tive, maior no sentido de trabalho também, mas é maior no sentido de comunicação também mesmo assim, eu conheço muito mais os alunos agora do que eu conhecia antes trabalhando no presencial, eu interajo muito mais com eles agora... ele nos propicia uma possibilidade de comunicação que eu não tive em outros cursos com os alunos e mesmo com as equipes de trabalho, de produção também, ã, hoje eu não preciso de estar junto com um colega meu pra gente tá produzindo um texto né, a gente tem várias ferramentas na internet ã que nos possibilitam estar trabalhando simultaneamente discutindo o material enquanto vai escrevendo ele, de uma forma muito mais coletiva do que antigamente.”

Através dessa fala, pode-se resumir que o Ensino a Distância oferece condições para o desenvolvimento de um trabalho colaborativo, pois a produção do material didático é realizada por uma equipe multidisciplinar, que agrega professores, tutores a distância e tutor presencial. Significa dizer que nos eixos existem vários professores que tomam parte na atividade. Com efeito, não há uma figura central que seja responsável pela aprendizagem dos alunos, como acontece no ensino presencial. Essa condição participativa, envolvendo diversos professores, com várias formações acadêmicas, consagra a proposta interdisciplinar e transdisciplinar do curso, produzindo um resultado muito significativo.

Observando-se as opiniões vertidas nas entrevistas acerca da comunicação, pode-se abstrair uma média convergente. No geral, os alunos citaram que o curso ensejou uma boa

troca de ideias entre os colegas, tutores e professores do eixo. O bom relacionamento, mesmo que virtual, também foi levado em conta.

É preciso considerar que na educação a distância o professor assume o papel de mediador do conhecimento. O trabalho é realizado de forma integrada pela equipe do eixo de Educação Ambiental, em um grupo que produz o material didático e um grupo que orienta e corrige as atividades. Os professores encarregados da produção do material didático, também orientam os alunos, numa atividade colaborativa, onde se faz imprescindível uma comunicação frequente, pois a tarefa de todos está interligada. Rompendo um elo dessa corrente, rompe-se a corrente. Na educação à distância, sempre que houver sintonia na equipe de trabalho, os objetivos são alcançados, graças à integração dos saberes, que se aproxima de um viés inter e transdisciplinar, mesmo dentro de um eixo. Dessa forma, a comunicação livre e simétrica e o bom aproveitamento no curso, dependem da atuação, responsabilidade e comprometimento do professor ou tutor que orienta os alunos. E não é somente o aluno, o professor/tutor também aprende. Há uma troca constante. Quem orienta aprende orientando e quem é orientado ensina aprendendo. Essa comunicação é fundamental no processo de aprendizagem.

5.2.2.4 Educação Ambiental Ecomunitarista

A Educação Ambiental Ecomunitarista tem como base a prática de uma pedagogia ambiental problematizadora, que tem como características:

- Conscientização e problematização da realidade;
- Leitura crítica do capitalismo;
- Ação transformadora;
- Dialogicidade, reflexão e ação na articulação da teoria e prática dos aprendizados;
- Sancionar professor e aluno como sujeitos do processo de aprendizagem;
- Autonomia de pensamento e ação;
- Desenvolvimento das capacidades criativas, habilidades e vocações dos educandos;
- Trabalhar na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- Promover uma educação ambiental problematizadora com base na liberdade de decisão individual e consensual, que respeitem a preservação e regeneração da natureza (1º, 2º e 3º normas da ética ecomunitarista);

- Desvelamento crítico das opressões vigentes da realidade social e da contaminação e devastação da natureza com objetivo da ação transformadora rumo ao Ecomunitarismo;
- Estudo da sexualidade fundamentada nas 3 normas da ética;
- Contextualização dos conteúdos, com os problemas socioambientais da região, da escola, seu entorno, bairro dos alunos, problemas nacionais e internacionais, para uma compreensão profunda e reflexiva dos mesmos, visando uma ação crítico-transformadora;
- Promover o espírito crítico e de investigação individual e coletiva;
- Formação de professores pesquisadores, com função importante no planejamento social;
- Dialogar com agricultores, pescadores, especialistas, etc., integrando os conhecimentos técnicos e suas implicações socioambientais na comunidade;
- Incentivar o trabalho educativo, colaborativo, a não concorrência individualista entre os alunos e o diálogo professor-aluno como reconstrução dos conhecimentos e posturas;
- Realizar ações coletivas para resolver, pelo menos parcialmente, as questões socioambientais estudadas. Essas questões tem relação com práticas pedagógicas que desenvolvam o espírito de vivência ecomunitária e da transformação social.

Esse critério envolve todos os anteriores (e também todos os critérios relacionam-se com a educação), já que a educação ambiental está relacionada a todos os aspectos da sociedade. A análise do critério da Educação Ambiental Ecomunitarista foi realizada por acadêmico/polo para ter o conhecimento geral do acadêmico sobre sua compreensão da educação ambiental valorizando suas experiências e cultura local. Se a análise fosse feita de forma integrada entre todos os acadêmicos, dificultaria o entendimento na totalidade da compreensão de cada acadêmico sobre a educação ambiental e limitaria a sua expressão representando a cultura e o ambiente da região em que vive.

ANÁLISE DA ENTREVISTA COM A ACADÊMICA 7 – POLO DE SÃO SEPÉ

A Acadêmica 7 narrou a escolha pelo eixo de ECO – Educação Ambiental (questão n°. 4, p. 222), da seguinte forma:

“Porque adoro trabalhar com plantas, visitar lavouras, matas e me preocupo demais com nossas águas que parece que estão sumindo. acho que precisamos falar menos e agir mais em defesa do meio ambiente”.

Ao discorrer sobre a pergunta nº 5 (p. 222), relativa à importância do eixo de Educação Ambiental para o curso, a aluna referiu-se a preservação e regeneração da natureza e ao uso de tecnologias ecologicamente sustentáveis:

“Este curso formou professores para trabalharem principalmente no meio rural, por isso acho que este eixo foi o mais importante. Os indivíduos do campo devem ser educados para produzirem sem agredir a natureza, usarem os bens naturais, mas conservá-los, respeitarem mais as florestas e os rios e buscarem formas de sustentabilidade”.

Ao responder a pergunta nº 6 (p. 222), a aluna citou o projeto que objetivou integrar a escola à comunidade e às instituições municipais:

“(…) Sim, foi bem interessante, pois fiz um projeto que envolveu toda a comunidade escolar e seu entorno. O secretário da agricultura, lavoureiros e catadores de lixo, tomei conhecimento de como funciona as licenças ambientais para desmatar, construir açudes, o uso das águas das sangas e também o destino do lixo na cidade. Levei essas informações para as crianças que com certeza, hoje, dão mais valor a separação do lixo pois sabem que pessoas sobrevivem da reciclagem através de uma cooperativa”.

No relato acima, pode-se entender a dinâmica do projeto desenvolvido na escola. A Coordenadora do curso, ao dissertar sobre a questão nº 10 (p. 228), também expendeu um comentário similar:

“(…) a tentativa da organização de oficinas é uma tentativa de aproximação entre a teoria e prática sempre e de promover a discussão entre ela porque se a gente sempre diz que se existe uma teoria é porque houve uma prática que respaldasse ela, então se busca essa prática original, mas se constrói encima dela também porque como eu disse, cada realidade, cada polo diferente são, nós trabalhamos com muitas culturas diferentes, então eles acabam transformando aquilo que eles estudam para aquele meio no qual eles estão vivendo”.

Essa realidade também fora percebida na explanação dos acadêmicos. Os estudos práticos trabalharam os elementos do entorno escolar e as situações socioambientais características da região, no último eixo de ECO – V.

A Acadêmica 7 evocou o amor, ao ocupar-se da resposta a pergunta nº 9 (p. 223):

“Ensinando-o a olhar o planeta e as pessoas mais amor. Ensinando-o a enxergar as coisas erradas cometidas contra a natureza e discutindo e debatendo com as crianças sobre o que elas acham certo ou errado, desde a maltratar os animais só por maltratar ou porque é preciso matar as formigas. Ensinar o que é necessário ser feito e o que é preciso ser evitado”.

É interessante a forma como se mesclam valores pessoais e questões subjetivas de cada entrevistado, que também estão relacionados à educação e à cultura da região onde

vivem. Cada aluno compreende os ensinamentos de uma maneira especial, e, conseqüentemente, a prática também se dá de forma muito particular, expressando as ideias e valores de cada acadêmico.

A entrevistada acima foi a única a considerar que a educação sexual (pergunta nº 13, p. 223), não deveria ser abordada no curso:

“Não acho importante, porque observo na escola a aula de educação sexual me parece muito vaga e os adolescentes parecem mais os professores.”

Esse comentário mostra o despreparo de muitos professores (realidade presente não só no ensino a distância), para discorrer sobre o tema. Por isso, torna-se necessário qualificar os profissionais de educação, para que o assunto seja exposto adequadamente nas aulas.

A seguir, transcreve-se a opinião da Professora pesquisadora sobre a educação sexual (pergunta nº 14, p. 235):

“Sim, muito importante porque em primeiro lugar essa questão ainda tem muito preconceito né e muito, muita má interpretação quanto a isso né, tem a questão de gênero, de homossexualidade, essas questões, com certeza deveria ter geral, até deveria ter uma ECO sobre isso eu acho, que não tem, então a gente acaba discutindo esses assuntos assim meio indiretamente no curso assim, por meio de algum, de algum assunto que entra e tal, no estágio, mas é muito importante.”

Sobre a avaliação do eixo de Educação Ambiental (pergunta nº 15, p. 223), a Acadêmica 7 referiu:

“Foi bem interessante, me trouxe mais conhecimentos e comprometimento com o meu próximo, me achei cada vez mais responsável pela vida ao meu redor e com interesse de fazer alguma coisa na minha comunidade, em benefício de todos. O eixo de EA nos chama a agir”.

Para essa entrevistada o eixo trouxe aos alunos uma relação teórico-prática, e promoveu uma sensibilização em termos de meio ambiente. No entanto, como o curso não disponibiliza uma alternativa que arroste o modelo capitalista, essa conscientização tende a um comodismo que impede a necessária evolução dos projetos de cunho ambiental.

ANÁLISE DA ENTREVISTA COM A ACADÊMICA 6 – POLO DE SAPIRANGA

A Acadêmica 6 referiu sobre a importância do eixo de Educação Ambiental no curso de Educação do Campo:

“Penso que ele deveria ser explorado com todos os graduandos do curso, ficou bem restrito o número de acadêmicos que fizeram parte deste eixo. Acho muito relevante o assunto, pois todos os educadores devem pensar e fazer os demais pensarem sobre a Educação Ambiental” (resposta a questão nº 5 - p. 218).

A mesma entrevistada argumentou:

“(…) Se houver uma maior reflexão por parte dos seres humanos das consequências de seus atos talvez aja uma mudança de atitudes refletindo em um melhor cuidado do meio” (resposta a pergunta nº. 5 - p. 218).

Dissertando sobre a questão nº. 6 (p. 218), a acadêmica explanou acerca do seu projeto de extensão, denominado “Pensando Verde”, que fora executado na escola parceira:

“(…) Consegui, com apoio dos meus colegas de escola desenvolver um projeto de conscientização ambiental, realizamos plantio de árvores, construção de horta suspensa, horta caracol, separação do lixo na escola toda...Claro, esse é um projeto que ainda está engatinhando, mas tomou proporções bem legais e atingiu uma grande parte da comunidade”.

Esse é um dos projetos de extensão que os alunos realizaram no eixo de Educação Ambiental, que mobilizou a comunidade escolar, e que se aproxima da Educação Ambiental Ecomunitarista, nos aspectos de articulação teórico-prática e de incentivo a ações coletivas junto com a comunidade, com a intenção de resolver, ao menos parcialmente, os problemas socioambientais do entorno.

Em contato com a pergunta referente a contribuição da Educação Ambiental para a formação de um cidadão crítico (nº. 9, p. 219) a aluna expressou:

“Posso afirmar que esse curso, a forma como foi conduzido nem sempre me agradou, mas devo dizer-lhe que me tornou uma pessoa com uma visão mais crítica, questionadora, e penso que a maneira como foi se desenrolando é que nos transformou assim. Realizávamos as leituras propostas e quando tínhamos os encontros presenciais discutíamos os pontos de vista sobre o mesmo assunto. Os fóruns também eram locais onde apareciam as divergências de opiniões”.

A Acadêmica 6 ante a questão nº. 10 (p. 219) respondeu que sentiu falta de um referencial teórico para trabalhar metodologicamente os conteúdos de Educação Ambiental para a Educação Infantil:

“No ambiente (moodle) recebíamos mais referencial teórico para nós, educadores, para desenvolver com os alunos tive que buscar na biblioteca da escola e até mesmo em sites que possuem um material mais acessível a idade deles”.

A Tutora a distância também enfrentou essa carência no eixo (resposta a questão n.º 4 - p. 245):

“(...) eu acho que poderia ser uma abordagem mais até vinculada a questão da educação escolar também, então eu ia trabalhar a questão técnica da Educação Ambiental, mas também de como isso eu vou trabalhar, já que o próprio curso de Educação do Campo, ele trabalha com a clientela da Educação Infantil e do Fundamental I, então acho que ela poderia ter esse olhar também, no meu ponto de vista”.

E na resposta a pergunta n.º 5 (p. 245) a referida Tutora voltou ao assunto, ao tratar da dificuldade inicial enfrentada no eixo de Educação Ambiental:

“(...) como eu sou da área da educação, eu não tenho uma visão, acho que a dificuldade em relação a isso foi que eu não tenho uma visão técnica sobre a Educação Ambiental... eu tive um pouco de dificuldade no sentido de compreender todo esse vocabulário técnico, mas por outro lado, na questão de aprendizagem, na questão das próprias atividades das crianças, dos alunos foi tentar na verdade fazer com que as atividades deles conseguissem visualizar uma questão metodológica pra ser aplicada por exemplo, ã, com uma clientela, por exemplo, de segundo ano do Ensino Fundamental, quer dizer, na verdade eu consegui relacionar o conteúdo específico numa abordagem metodológica pra uma faixa etária de 7 a 8 anos, então esse eu acho é um desafio também que se aparece... então eu acho que esse é o grande desafio, tanto do próprio acadêmico no momento que ele tá relacionando que tinha uma das atividades que eles tinham que criar um possibilidade de aula pra trabalhar a Educação Ambiental no contexto da educação escolar, então realmente como que eu vou, como que eu posso fazer isso transportando justamente aquilo que eu tenho de mais técnico e mais fundamentado teoricamente em algo que seja metodologicamente de fácil compreensão, de fácil construção do conhecimento, então eu vejo assim, como dificuldade (...)”.

Sobre a relação teoria-prática do eixo, a Tutora a distância (resposta a pergunta n.º 7, p. 248), opinou:

“Tem, eu acho porque todo eu acho que todo desafio da (nome da professora) e da (nome da professora) que construíram esse eixo foi justamente de conseguir dar todo o aspecto teórico, técnico sobre a Educação Ambiental mas também relacionar com a questão de como é que eu posso trabalhar essa Educação Ambiental no contexto escolar, isso já é um grande desafio pra trabalhar essa questão teórico-prática mesmo, então eu acho que isso na própria disciplina não conseguiu contemplar com sucesso na minha opinião.”

Nesta passagem, fica evidente que o eixo de ECO - Educação Ambiental necessita pensar em metodologias que saibam adequar a Educação do Campo à Educação Ambiental

ministrada aos alunos da Educação Infantil, já que os caminhos a serem percorridos são diferenciados, considerando-se o aprendizado das crianças, dos adolescentes e dos adultos. Para resolver a carência apontada pela Tutora e também por alguns acadêmicos, seria recomendável a contratação de uma pedagoga, com a finalidade de atuar na produção do material didático em conjunto com as professoras que possuem formação em Educação Ambiental. Esse acréscimo valorizaria o material empregado no eixo de Educação Ambiental, considerando-se ainda, que o curso de Educação do Campo é voltado para a formação de professores destinados a Educação Infantil.

Por seu turno, a acadêmica 6, ao responder a questão nº 13 (p. 219), envolvendo a educação sexual, relatou:

“(…) Vejo por mim, no ano passado tive uma turma de quarto ano em que a maioria já namorava e ficava e queriam saber sobre métodos contraceptivos e como o corpo funcionava, já no presente ano tenho outro quarto ano que é totalmente oposto, não tem interesse nenhum sobre o assunto, logo não é necessário ainda iniciar o assunto”.

A fala referida não se amolda aos princípios da Educação Ambiental Ecomunitarista, que apregoam a necessidade dos professores discutirem o tema e a dar explicações condizentes com a faixa etária dos alunos. Nota-se que o assunto ainda é um tabu, mesmo havendo uma propalada liberdade sexual. Também se observa que muitas vezes a questão é tratada equivocadamente, traumatizando adolescentes e crianças, ou as levando a adquirir doenças pela falta de informações adequadas. Por isso, é necessário que a escola priorize esse assunto. Os professores precisam estar capacitados para abordarem este delicado tema em sala de aula, alertando os alunos sobre doenças venéreas, ou gravidez indesejada. A clientela escolar precisa estar informada acerca de uma vida sexual saudável e sem traumas. Em síntese, pode-se afirmar que a educação sexual promove a conscientização dos alunos, e que isso, tem relação direta com o cuidado da saúde e com a felicidade e satisfação pessoal.

Em resposta ao quesito pertinente a avaliação do eixo (nº. 15, p. 220), a Acadêmica 6 sugeriu:

“Acho que poderia colocar mais ideias de atividades práticas para se desenvolver com os educandos, não que já não houvesse, mas penso que poderia haver mais. Também acredito que todos os acadêmicos deveriam realizar este eixo e não somente os que por ele optarem. Deveria se ter mais tempo para por em prática junto com as escolas parceiras projetos ambientais. /acho que é isso”.

A Professora pesquisadora também fez um comentário nesse sentido, ao discorrer sobre a questão nº 17 (p. 236):

“(...) É, eu acho que nós colocamos muitas leituras pra eles em determinadas situações e aí realmente como tinha outros eixos foi difícil eles realizarem todas as leituras né... o projeto na turma 1 foi mais direto e aí acho que eles tenham se perdido um pouco (...)”.

ANÁLISE DA ENTREVISTA COM A ACADÊMICA 5 – POLO DE SÃO FRANCISCO DE PAULA

Ao dissertar sobre a importância do eixo de Educação Ambiental no curso de Educação do Campo (questão nº 5, p. 212), a Acadêmica 5, que é professora de uma escola multisseriada rural, referiu:

“No meu ver é o eixo mais importante, deveria ter mais atenção, não sei se seria atenção, mas se o curso se refere a Educação do Campo, a Educação Ambiental não deveria se eixo e sim cadeira em todos os semestres Como vamos trabalhar no campo com crianças camponesas sem ter uma ótima base em educação ambiental? desculpe ambiental”.

Na resposta a questão nº. 6 (p. 212), envolvendo as expectativas em relação ao eixo, a aluna mencionou que inicialmente almejava um direcionamento aos conteúdos voltados para a natureza:

“Eu queria que educação ambiental me desse subsídios para trabalhar no campo, atividades, metas para serem seguidas, direções... sim, o que se pode trabalhar com as crianças, o que pode fazer elas gostarem de cuidar o ambiente, o que fazer para que mude seu modo de pensar. O lugar em que trabalho é muito carente, as pessoas não tem conhecimento para cuidar do ambiente , natureza, animais. O pouco que sabem é por conta da escola, e não conseguimos atingir esse público como deveríamos, como merece.”

Surge aqui, mais uma alusão à carência de subsídios necessários para o trabalho no campo e de metodologias para a Educação Ambiental destinada as crianças.

A referida entrevistada é professora, mora e trabalha no campo, e mencionou que precisa assumir o papel de educadora, diretora, merendeira, secretária e outras funções que se fizerem necessárias na escola. Registrou ainda, que possui classe multisseriada. Por diversas passagens destacou a importância da Educação Ambiental no curso de Educação do Campo, pois os alunos e a comunidade escolar vivem em contato direto com a natureza em seu aspecto natural (flora, fauna, rios, etc). Por isso, a Educação Ambiental poderia ter mais espaço para o estudo da parte ecológica.

Anteriormente já nos referimos que a Educação Ambiental somente é oferecida aos acadêmicos que escolhem esse eixo. Sobre isso (questão nº 8, p. 213), a entrevistada expressou-se dessa forma:

“Deveria ser para todos... Deveria ser uma das cadeiras mais importantes, sendo o curso voltado para o campo, quem escolheu outro eixo, como irá trabalhar Educação Ambiental sem o mínimo de base, e tem colegas que precisariam ter contato com esse tema”.

A aluna argumentou ainda:

“(...) Acredito que a Educação Ambiental é o ponto de partida, é onde tudo começa, dependemos a nossa vida da natureza e hoje não estamos dando conta do que estamos fazendo com o meio ambiente, poluição, lixo, falta de cuidados com os animais, estamos terminando com o que temos de mais belo e com a nossa sobrevivência sem nos dar conta, a escola tem que passar isso para as crianças, o mundo de amanhã é delas, que terá que cuidar?”.

A opinião relaciona-se aquela exprimida pela Professora pesquisadora (questão nº 11, p. 234):

“Eles tem muita dificuldade acho que no início assim, de perceber ã que Educação Ambiental é bem mais ampla do que se acha né, se acha muito que Educação Ambiental é só natureza, é só pássaro, é só ã, e às vezes eu vejo o pessoal até falando de animais assim, e nos tirando do contexto como como nós também seres humanos somos animais também humanos... então mais essa dificuldade, que ao longo dos eixos eles vão superando, não digo que superem totalmente mas eles melhoram muito”.

À vista do material recolhido, percebe-se que os alunos não possuem uma visão naturalista da Educação Ambiental. Essa capacidade de compreensão até pode ter existido inicialmente nos primeiros eixos de EA, mas ela acabou superada, consoante os depoimentos dos 7 acadêmicos entrevistados. Ademais, os alunos participantes da pesquisa referiram-se aos aspectos sociais vinculados aos ambientais. Os seus projetos envolveram intervenções sociais - ecológicas na comunidade escolar. Nesse particular, acreditamos que o trabalho da equipe (professores e tutores) na orientação dos acadêmicos e na produção do material didático, direcionou a esse viés de intervenção socioambiental, pois a ecologia apresenta um caráter multidisciplinar. Pode-se considerar que os alunos que participaram dessa pesquisa, possuem uma visão holística e transformadora da Educação Ambiental, o que é um grande passo para o desenvolvimento de uma sociedade ecomunitária, porque as pessoas querem modificações, sabem que o mundo precisa de mudanças profundas e radicais que tutelem a biodiversidade e a espécie humana, para que haja qualidade de vida e igualdade social entre os povos.

Todavia, um novo pacto pressupõe ação, com resultados diretos e amplos na sociedade. De nada adiantam projetos sem continuidade, ou que se vinculem ao lucro e aos interesses de uns poucos privilegiados. Uma nova, real e efetiva transformação exige a multiplicação dos valores comunitários e solidários, visando a construção de outras formas de educação, outros modos de produção, que prestigiem a natureza e a vivência integrada e respeitosa do homem (e das suas construções sociais) com o meio ambiente. Essa concepção, no eixo, só é possível mediante um trabalho e uma estrutura curricular pautada no desenvolvimento de uma sociedade justa e inovadora, alicerçada na filosofia Ecomunitarista.

A Educação Ambiental tratada como eixo optativo (questão nº 7, p. 240), ensejou o seguinte pronunciamento da Tutora presencial:

“(...) Sim, um disciplina pelo menos no início do curso para todos os alunos para que eles aproveitassem mais e não só os que escolheram o eixo”.

A Acadêmica 5 também considerou que o eixo de Educação Ambiental “deveria ser para todos...” (resposta a questão nº. 8, p.). De um modo geral, esse foi o entendimento dos participantes da pesquisa.

No pertinente a relação teórico-prática, a Acadêmica 5 (p. 214), referiu que o eixo de Educação Ambiental, preservou esse vínculo:

“Sim, porque pede projetos para serem desenvolvidos. Partindo dos projetos aplicava-se com as turmas.”

Neste aspecto, a Coordenadora do curso, respondendo a pergunta nº 10 (p. 228), teceu o seguinte comentário:

“A gente te, todos os eixos do curso praticamente todos, são poucos os que não se enquadram nisso, nesse perfil, são eixos que tem uma carga horária teórica e carga horária prática...”.

A mesma entrevistada, na resposta oferecida a pergunta nº. 6 (p. 227), assim se expressou:

“É, o curso ele foi pensado já como um grande projeto de pesquisa... a gente costuma dizer que nossos alunos começam quietinhos e terminam extremamente polêmicos, porque eles questionam bastante...”

No consentâneo as práticas estimuladas no curso, a aluna (em resposta a questão nº. 11, p. 215), explicou seu projeto de extensão no eixo de Educação Ambiental e seu trabalho com a comunidade:

“Começamos tirando umas fotos do lugar com o lixo a céu aberto, apresentamos para a comunidade em uma reunião, e fomos anotando o que poderíamos fazer para melhorar e não

acontecer mais. Tem uma família que tem mais cães do que filhos e tem muitos filhos, conseguimos castração para quase todas as fêmeas, já que os donos não conseguem alimentar os animais, eles espalham o lixo. Conseguimos que a prefeitura mandasse um caminhão de coleta uma vez por semana para esse lixo não se acumular. As famílias aprenderam a separar o lixo e já estão fazendo”.

Esse projeto da aluna tem convergência com a Educação Ambiental Ecomunitarista, porque desenvolveu ações coletivas no âmbito da comunidade escolar para resolver, pelo menos parcialmente, as questões socioambientais estudadas. Nesse caso, os alunos demandaram ao poder público e atuaram em conjunto com a comunidade na resolução dos problemas socioambientais detectados no bairro e no entorno escolar. Ao estimular o espírito crítico e a investigação individual e coletiva, a referida atividade contribuiu para que o professor utilizasse esses dados, contextualizando os conteúdos estudados (atividade própria à formação de professores-pesquisadores).

O relato da Professora pesquisadora (resposta a questão nº 10, p. 234), acerca das preferências manifestadas pelos alunos no eixo de Educação Ambiental, corroborou com a opinião que a Acadêmica 5 manifestou anteriormente:

“... eu acho que eles gostam muito de dessa coisa mesmo assim de sair pra prática, de ir pra escola, de conhecer, tirar fotografia... oficina da pegada ecológica... e muitos disseram que fizeram no trabalho, que fizeram com a família e que gostaram e que iam mudar... refletiram sobre sobre o modo de vida que tão tendo né (...).”

Ao dissertar sobre a pergunta nº. 15 (p. 216), a Acadêmica 5 fez a sua avaliação do curso e apontou algumas sugestões:

“Deveria ser mais aprofundado, mais atividades, afinal, nossa vida “no outro amanhã” como diz um aluno, depende de como tratamos o meio ambiente hoje. Se os ensinamentos não vem de casa eles deverão vir da escola. Talvez o que eu digo não serve para a maioria dos municípios, mas para o meu, é importantíssimo, as famílias do campo são muito pobres, carentes mesmo, tanto de saber como financeiramente, trabalhamos com peões e trabalhadores rurais. São atitudes que exigimos das crianças que passam por nossas mãos que vão fazer a diferença,. Quanto a Educação Ambiental, o nome já nos mostra que o ambiente, depende das nossas ações e tudo o que fizemos hoje se refletirá nos próximos dias, meses, anos...”

Consideramos que ao se referir a outro mundo e a outra sociedade possível, esse depoimento se fez emblemático, por expressar atributos que são preciosos ao Ecomunitarismo. O “outro amanhã”, e “uma vida melhor” dependem da maneira como

tratamos o meio ambiente hoje. Essa relação de causa e efeito converge com o Ecomunitarismo, que propõe uma nova sociedade em que os meios e modos de produção levem em conta a norma ecológica de preservação e regeneração da natureza. Sabemos que isso somente será factível, caso surjam alternativas de vivência ecomunitária, que superem as ações deletérias do modelo capitalista.

A Acadêmica 5 ainda anotou que a Educação Ambiental é importante, porque as famílias do seu município são muito pobres. Realmente os pobres sofrem ainda mais os efeitos da poluição, mas não de forma exclusiva. Os ricos e a classe média também experimentam as consequências da degradação do meio ambiente. Assim sendo, a Educação Ambiental Ecomunitarista é assunto para todos independente de raça, credo ou classe social. Impõem-se de imediato as transformações sociais com base nas relações ecomunitárias e solidárias. Em uma de suas falas a aluna comentou que o futuro depende do resultado das nossas ações. Nesse sentido o prof. Sirio Lopez Velasco refere que a transformação social rumo ao Ecomunitarismo depende da ação humana. São os seres humanos que promovem transformações na sociedade através de suas ações. Mas, para que isso ocorra, a educação necessita ter como meta principal o desenvolvimento de valores comunitários e solidários, visando o surgimento de uma sociedade em que as pessoas sejam livres, em consenso com os demais, respeitando a norma ecológica de preservação e regeneração da natureza.

O trabalho isolado com os conteúdos em sala de aula, não possibilitará as desejadas transformações. É preciso a sensibilização, a problematização e a conscientização ambiental, e que os próprios educandos percebam que o sistema capitalista provoca danos ambientais e sociais. O despontar de um “outro amanhã” (como um dos entrevistados referiu), conduz as práticas de autogestão comunitária. A escola e os professores serão os artífices dessa nova paisagem, que será tecida pela Educação Ambiental Ecomunitarista.

ANÁLISE DA ENTREVISTA COM A ACADÊMICA 4 – POLO DE ITAQUI

A Acadêmica 4 (p. 200), ao tratar sobre a motivação da escolha do eixo de Educação Ambiental, falou sobre a economia do município (baseada na plantação de arroz e na pecuária). Referiu ainda, sobre as dificuldades de trabalhar a Educação Ambiental nesse contexto:

“(…) aqui a base da economia do município é a lavoura de arroz e pecuária, então falar dessa questão ambiental aqui é bem difícil, isso é a base da economia do município, então assim ó, aí a senhora imagina o que nós temos de problemas ambientais (...) é uma

dificuldade, as pessoas assim não querem bater de frente praticamente com quem emprega a maioria, então é isso que acontece (...) tu não vai brigar com quem te sustenta né. É uma dificuldade”.

O relato acima envolve uma situação difícil de ser superada. Muitas famílias dessa região trabalham nas lavouras de arroz e utilizam defensivos químicos no combate às pragas, o que causa poluição ao ecossistema e, conseqüentemente, aos próprios trabalhadores. Esse estado de coisas retrata o modo de produção capitalista no campo, onde o lucro tem mais valor do que a saúde dos trabalhadores, da comunidade e do ecossistema.

Ao questionamento nº. 5 (p. 200), a entrevistada discorreu sobre a importância da Educação Ambiental para o curso de Educação do Campo:

“(...) seja o de preservar, por exemplo, o lugar onde a pessoa mora, a a as suas raízes (...) tu cuidar do teu lugar, do teu espaço, seja ele no meio rural ou urbano é muito importante e a Educação Ambiental atinge abrange todos os lugares onde tu vive, não só as matas, mas também os rios, a rua, onde tu mora (...). E se é a Educação do Campo, se é pra manter os sujeitos nos lugares, onde eles são né, oriundos do meio rural, o êxodo, fazer com que eles tenham educação e qualificação no seu território, eu penso que tem tudo a ver, cuidar desse lugar. E também que eles sejam sujeitos né (...) lá fora a gente ouve muitas mães e até alunos maiores dizendo ‘eu quero ir pra cidade pra vê se eu vou ser alguém na vida’, mas tu pode ser alguém na vida no seu território, se tu tiver educação de qualidade, se houverem políticas públicas que também né auxiliem nesse processo todo, dá pra ser alguém na vida no seu lugar, sem perder as suas raízes, a sua origem e evitando que muitos tenham vivam nos bolsões da pobreza na cidade porque ficam à margem de todo esse processo, chegam perdidos”.

Esse discurso correlaciona-se ao preservacionismo e o cuidado que se deve ter para com o lugar que nos abriga, através de intervenções e ações coletivas que sirvam para a resolução e/ou minimização dos problemas socioambientais. As pessoas são protagonistas de mudanças para o bem comum no seu bairro, cidade. Essas ações coletivas envolvem a discussão e o consenso nos planejamentos. Portanto, alinham-se a 1º e 2º normas da ética, juntamente com a norma ecológica. Outra questão importante no relato está ligada a preservação das raízes, ou seja, da cultura e do modo de vida local. O sistema capitalista interfere nessa cultura, desarticulando costumes peculiares. Muitos saberes regionais vão sendo abandonados, restando assim prejudicado o modo de vida comunitária e solidária das pessoas em vários aspectos, como alimentação, medicação, transporte e plantio.

Ao responder a pergunta nº. 6 (p. 200), envolvendo as expectativas em relação ao eixo de Educação Ambiental, a aluna relatou que não conseguiu trabalhar o seu projeto

inicial, em face de problemas com a direção da escola. Ela citou que desejava fazer um trabalho de conscientização acerca das consequências do uso de herbicidas e defensivos agrícolas na plantação de arroz:

“A minha expectativa era de que assim, eu acho que era mais como uma sonhadora, eu achei que eu ia conseguir mudar, eu fiz o projeto achando que eu ia conseguir conversar com o pessoal das lavouras, ia destruir os herbicidas e defensivos e não ia se utilizar mais o Gamite (...) mas então a gente não pode dizer que o que é de fora é crioulo, não é mais contaminado, se tu parar para pensar, é sim, porque aquele animal tá bebendo daquela água, se alimentando do que sobrou ali, tá contaminado, então a gente não pode dizer, ah, é de fora não é contaminado, se parar para pensar também tem um grau de contaminação desses produtos (...) mas se contamina o lençol freático, por exemplo, vai contaminar tudo que os animais estão comendo e, assim ó, os aviões eles com veneno, e isso vai pras casas, vai pras pessoas, tanto que acontece problemas no cér, problemas respiratórios, isso pega também a alface, o repolho, na couve, na abóbora. A gente aprende observando”.

Esse posicionamento da acadêmica corrobora o que foi expresso pela Professora pesquisadora sobre a compreensão do ambiente em sua complexidade (resposta a pergunta n.º 9, p. 234):

“(...) no momento que tu consegue entender a tua realidade onde tu tá inserido, aí tu consegue entender, compreender e poder mudar também, transformar aquela realidade (...) e também porque foi justamente a Educação Ambiental que me levou a integrar um pouco do todo assim, do ambiente como um todo, que eu não conseguia enxergar essa questão complexa, de como as coisas estão ligadas umas às outras (...)”.

A aluna relatou que os produtos químicos vão se disseminando pelo ecossistema, causando prejuízos ao meio ambiente e a saúde das pessoas, inclusive aos que trabalham nas lavouras em contato direto com os agrotóxicos. Estes efeitos devastadores decorrem da observância ao sistema capitalista, que não respeitada a norma ecológica de preservação e regeneração da natureza como prioridade na produção primária, acarretando diversos e sérios problemas ambientais.

Ao responder a pergunta n.º 8 (p. 201), a aluna considerou a importância do educador ambiental, cujo trabalho precisa atingir as pessoas:

“(...) se cuidar do nosso ambiente, não interessa se nós moramos na cidade, no interior, isso com crianças ou adultos, ela atinge todos, não apenas uma faixa etária, um ou outro cidadão, tanto pobre quanto rico vai precisar do ensinamento, entende, então ela nos ajuda a preservar ou nos dá subsídios, nos ensina, porque querer fazer vai depender de cada

um né, se vai tomar atitudes, se vai conseguir ter essa consciência ambiental isso vai de cada um, só que eu penso que não interessa onde a gente more, se na casinha mais simples ou se numa né, com mais recursos, todos precisam aprender a cuidar desses recursos que são finitos na natureza e em algum momento eles vão acabar. Então eu penso que é pra todo mundo”.

Dissertando sobre a questão n°. 9 (p. 201), a aluna explanou sobre os motivos que a levaram a desistir do seu projeto inicial, referente a situação dos trabalhadores das lavouras de arroz, e sobre as consequências do uso dos produtos químicos nas lavouras:

“(…) ele não tá ali porque ele quer esse trabalho, ele precisa, então assim, me fez olhar o outro na sua necessidade (…) mesmo eles dizendo e confessando isso pra gente, que eles adoecem e sabem porque que é, mas precisam colocar o pão na mesa (…) por isso que eu acho importante trabalhar a base da sociedade que são as crianças, para que no futuro sejam críticas e já criem uma consciência ambiental e consigam ir para um outro lado, que não seja trabalhar com coisas que contaminem o meio ambiente, herbicidas, defensivos, coisas que os pais fazem, mas por falta de opção”.

Esse relato exemplifica o trabalho alienado, a exploração que não respeita a liberdade de decisão individual, em que o trabalhador, para sustentar a sua família, é obrigado a cumprir uma atividade nociva a sua saúde. Por isso, é importante a produção agroecológica, que resguarda a saúde dos trabalhadores, dos ecossistemas, e conseqüentemente de toda a região. Os agricultores precisam organizar-se e desenvolver sua própria produção agroecológica para não depender do trabalho nas grandes lavouras. A solidariedade e a resistência comunitária podem dar bons resultados nesse caso.

Ao ser questionada sobre a relação teoria e prática (n°. 10, p. 202) a aluna expôs:

“Ele tem, porque assim ó, o projeto, tu faz um projeto mas tu tem que colocar ele em prática (...)”.

Após desistir do projeto inicial, a entrevistada criou uma brinquedoteca, trabalho que saiu do papel e teve o apoio da direção da escola:

“(…) e foi criado com materiais recicláveis uma brinquedoteca (...) que foram palestra, a coleta dos materiais, as pesquisas com os alunos, com os pais dos alunos, então assim ó, trabalhamos a Educação Ambiental e essa brinquedoteca ficou na escola (...)”.

A entrevistada falou que a brinquedoteca passou a ser utilizada pelos professores:

“(…) falam sobre consumo né, o excesso de consumo, falam sobre alimentação saudável, todos esses temas que a gente trabalhou com eles (...)”.

Importante ressaltar que a comunidade ajudou na montagem dos brinquedoteca, doando os objetos necessários.

Por sua vez, a Tutora presencial comentou que todos os seus alunos foram muito criativos na produção dos projetos:

“(…) Aprendizados muitos e aplicados nas práticas pedagógicas em sala de aula, por exemplo no estágio do Daniel e João Felipe eles conseguiram com um grupo de ‘Hip Hop’ misturar dança, música, expressão corporal com a Educação Ambiental. Foi maravilhoso.” (p. 239)

Quanto às dificuldades vividas (pergunta nº 4, p. 239), a Tutora presencial mencionou que o curso poderia ter disponibilizado um maior número de obras para leitura, com vistas ao desempenho das práticas pedagógicas. Inicialmente, os alunos, por falta deste referencial, tiveram certo apuro sobre os assuntos abordados pela TD e pela PP. Somente após vários contatos é que eles conseguiram executar as tarefas.

A Coordenadora, por sua vez, salientou, em sua entrevista (questão nº. 5, p. 227), a criatividade dos acadêmicos do curso:

“(…) mas eu percebi assim ó, ã, eles gostam muito de criar, os alunos da EaD eles são muito criativos, isso é uma característica muito interessante que eu tenho observado, eles são criativos, eles tem grande autonomia (...) os outros eixos aqueles eixos que trabalharam com oficinas, no momento da organização da oficina a briga era muito grande, mas uma vez o trabalho desenvolvido também a gente percebia que eles produziam muito mais do que nos eixos que trabalhavam só com leituras, os eixos, as oficinas, principalmente aqueles eixos que obrigam eles a pegarem aquilo que eles estão estudando e irem pra escola e produzirem junto com os professores, esses são, eu vejo que é onde eles aprendem mais, aonde eles brigam muito no início que não querem fazer mas depois eles dizem que foi o que eles melhor aproveitaram”.

Indagada sobre educação sexual (questão nº. 13, p. 204), a acadêmica do polo de Itaquí referiu:

“Eu penso que do jeito que está assim, as crianças estão cada vez mais cedo tendo contato e se abrindo pro sexo, pra vida sexual ativa assim, eu penso que não tem exatamente uma disciplina pronta, só aqui que pode ser falado, eu penso que o professor, os pais, a gente deve sempre abordar da maneira correta, não perder a oportunidade de falar com eles sobre esse assunto (...) estão cada vez mais cedo tendo esses, o contato com as doenças, tão cada vez mais cedo as meninas engravidando, então eu penso que não só na Educação Ambiental, mas todas as disciplinas podem e devem abordar o tema, assim que sentir necessidade (...)”.

A Acadêmica 4 (pergunta nº 15, p. 205), avaliou o eixo dessa forma:

“(...) eu penso que eu aprendi muita coisa nova, eu percebo até pelas minhas atitudes em casa, por exemplo assim ó, eu vejo por mim, a gente pensa duas vezes antes de jogar alguma coisa fora, passamos a fazer composteira em casa que eu não sabia nem como era (...) e outra coisa que lá na escola mudou né toda essa alimentação saudável é o pomar da escola, que tem um pomar enorme e as crianças não eram beneficiadas comendo as frutas do pomar, aí eu falei com a diretora e disse pra ela, não é pras professoras levar pra casa as frutas, eu penso que o melhor é dar as frutas como sobremesa pras crianças e ela me disse – não tinha pensado nisso (...)”.

No âmbito das sugestões encaminhadas ao eixo, a aluna expôs:

“(...) mas como é um tema bem vasto, dá pra criar bastante, poderia ser mais junto assim aos alunos né mais perto deles, eu tive contato com as conversando com eles e tal mas entendo que poderia ser mais (...)”.

E complementa:

“(...) mesmo que o curso tenha terminado, não termina meu trabalho lá porque eu sempre continuo fazendo coisas e fazendo projeto, agora tem projetos de Educação Ambiental que são solicitados na Secretaria de Educação né, já me pediram pra fazer, pra ver qual, o que que eu acho que precise, então que dizer ainda tá rendendo, tá frutificando o trabalho (...)”.

ANÁLISE DA ENTREVISTA COM A ACADÊMICA 3 – POLO DE SÃO LOURENÇO DO SUL

A acadêmica A3 (pergunta n°. 5, p. 194), ponderou:

“o eixo é total importância, tanto que não deveria ser somente um eixo optativo e sim uma disciplina com um maior aprofundamento sobre o tema”.

A Professora pesquisadora compartilhou da mesma opinião (resposta a questão n°. 8, p. 233):

“Eu acho que ela deveria ser, acho que deveria ser ofertada geral assim, como um eixo mesmo, pra todos, não somente pra alguns que escolhem (...)”.

A Tutora a distância, dissertando sobre a pergunta n°. 9 (p. 248) referiu:

“Pois é, por isso que eu acho limitador, então eu acho que falta muito pra Educação Ambiental ganhar o espaço que deveria ganhar (...) a Educação Ambiental no curso ela tivesse como disciplina específica, todo mundo vai fazer aprova e reprova, nós teríamos uma visão maior, mais consistente sobre Educação Ambiental (...) mas eu ainda vejo ela muito como um modismo ainda no Brasil, em algumas instâncias eu diria, não em todos, mas alguns (...)”.

Convém ressaltar que a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) dispõe que o ensino da Educação Ambiental será oferecido de uma forma mais-que-disciplinar, como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino, e que não deve ser implantada como uma disciplina específica. A lei não esclarece em que consiste esse caráter mais-que-disciplinar (inter, multi e transdisciplinar) e, se não há obrigatoriedade de uma disciplina de Educação Ambiental no Ensino Superior, principalmente nos cursos de licenciatura, cabe indagar: como os professores reunirão conhecimentos de Educação Ambiental para transmitir aos seus alunos de forma inter e transdisciplinar, e como os acadêmicos licenciados ou graduados atuarão em suas profissões de forma a inserir as questões ambientais em sua rotina de trabalho?

Ao dissertar sobre a questão n.º. 9 (p. 195), a Acadêmica 3 expendeu o seguinte comentário:

“(…) nos tornamos críticos, quando somos capazes de reconhecer nossos próprios erros, e com isso nos sensibilizamos na procura de uma melhora, na prática mais adequada a nossa realidade, na proporção que cada um tem em fazer sua parte”.

Com referência ao espírito crítico, a Coordenadora (questão n.º. 6, p. 227) assinalou o que segue:

“A intenção é essa, a forma como ele foi organizado, como ele foi pensado até, o trabalho com os eixos, tudo, era justamente promover esse espírito crítico, criativo e investigativo, porque na verdade essas são coisas extremamente importantes quando a gente vai na escola pública, ã, são qualidades que vão nos ajudar a superar todos os obstáculos, sem esses elementos, ã, muitas vezes o aluno, uma vez formado, ele acaba abandonando aquelas coisas que ele aprende no curso de graduação”.

Com efeito, a Educação Ambiental Ecomunitarista trata de estimular o espírito crítico e investigativo individual e coletivo dos acadêmicos e professores. A conscientização, a problematização, a leitura crítica do capitalismo e a ação transformadora são elementos essenciais à sociedade ecomunitária. Analisando-se as entrevistas que embasam essa dissertação, é possível concluir que o eixo desenvolve o caráter crítico e investigativo, todavia, não realiza de forma clara e objetiva a leitura crítica do capitalismo, com vistas a construção de uma sociedade ecomunitária.

Ao abordar a relação teórico-prática dos conteúdos (questão n.º. 10, p. 196), a acadêmica argumentou que o eixo deveria propiciar uma carga horária mais ampla destinada aos trabalhos práticos:

“mais ou menos, poderia ter mais prática, pois o conteúdo de EA tem uma abrangência enorme, quando se pesquisa algo sobre EA, são inúmeras teorias, mas a prática, que na verdade sensibiliza as pessoas, tem uma carga horária insuficiente para que isso ocorra”.

No relativo à educação sexual (questão nº 13, p. 196), ela mencionou:

“A educação sexual é importante no currículo de qualquer disciplina (...)”.

No concernente ao tema sexual (questão nº. 15, p. 251) a Tutora a distância salientou:

“Eu acho que primeiro tem que haver uma compreensão maior sobre educação ambiental, acho que no segundo momento a educação sexual ela deveria entrar sim (...). Poderia trabalhar, vir como eixo de Educação Ambiental vinculado a questão, por exemplo, dos temas transversais, eu poderia buscar a questão da educação sexual, acho que se eu fosse pensar numa matriz curricular eu criaria viés pra essas duas vertentes na minha opinião”.

Neste particular, a Coordenadora (questão nº. 12, p. 228) opinou:

“Considero, no entanto esse foi um aspecto que ficou de fora, acho que com exceção das discussões organizadas pelo professor (nome do professor) da dança, que trabalha a questão de corporeidade muito bem com os alunos (...) porque nós chegamos à idade adulta com muitas questões mal resolvidas e se nós não aprendermos a resolver, a trabalhar as nossas questões mal resolvidas, nós não vamos conseguir trabalhar com as crianças e vamos criar um círculo vicioso de sempre ir passando pro futuro as questões, alguns não vão conseguir resolver nunca porque não vão encontrar alguém pela frente que os ajude a trabalhar isso, então é importante sim que a gente trabalhe isso com educadores pra que eles saibam como trabalhar com as crianças.”

Os excertos acima representam a uniformidade dos pensamentos sobre educação sexual. Salvo uma acadêmica, todos os demais entrevistados consideraram importante a inserção desse ensinamento na estrutura curricular do curso e no eixo de ECO – Educação Ambiental. Realmente, esse assunto é de extrema relevância. As questões da sexualidade precisam ser tratadas desembaraçadamente, já que são inerentes a natureza do ser humano. O sexo e as questões ligadas à reprodução e manutenção da vida estão presentes em toda a natureza.

Ao proceder a avaliação do eixo de Educação Ambiental, a Acadêmica 3 (questão nº 15, p. 198), assim se expressou:

“(...) como já citado poderia ter um maior aprofundamento nos tópicos, com relação a pergunta 11 mesmo, é assunto para muita discussão, e tudo é muito rápido, cada semana é

um assunto diferente, um trabalho diferente, acho que poderia ter um espaçamento e um aprofundamento maior a cada tema”.

No tópico pertinente a avaliação, achávamos que os acadêmicos fossem estimar negativamente o fato dos Professores e Tutores a distância viajarem pouco aos polos. No entanto, apenas a Tutora a distância e a Professora pesquisadora dicorreram sobre essa ausência.

Vejamos o que disse a Professora pesquisadora:

“A gente atualmente a gente enfrenta dificuldades quanto a visitar os polos, que é muito importante pro nosso trabalho e atualmente a gente até tá conseguindo ir aos polos né (...) mas eu acho que é mais em relação a problema da instituição mesmo, da universidade com a questão da Educação a Distância, parece que não é bem vista bem aceita, isso eu vejo” (questão n.º. 16, p. 235).

No mesmo sentido expressou-se a Tutora a distância que orientou os alunos durante 4 anos:

“(...) eu conheço eles só EaD, eu nunca tive um contato presencial com eles, o máximo que a gente fez foi uma web (...)” (questão n.º. 6, p. 246).

ANÁLISE DA ENTREVISTA COM A ACADÊMICA 2 – POLO DE ROSÁRIO DO SUL

A acadêmica 2 é agricultora e trouxe considerações importantes sobre a Educação Ambiental e Educação do Campo. Na resposta a questão n.º. 4 (p. 185) ela explicou as razões que a levaram a escolher o eixo de Educação Ambiental:

“(...) Por que o meu convívio é no meio rural, é no meio rural, eu faço parte dessa área entendeu, por isso eu escolhi meio ambiente, como é que eu vô dizê, eu sô agricultora né Raquel,..”

E continuou a tratar da importância da disciplina (questão n.º 5, p. 185):

“(...) ela é fundamental, em princípio, pra manter o jovem no campo também (...) porque quando eu elaborei agora esse projeto, as crianças ficavam encantadas que iam coloca a mão na terra, com plantas, geralmente isso não se usa em sala de aula, eles não aprendem na educação e por isso que eu acho que a Educação Ambiental com essa faculdade que eu escolhi da Educação do Campo, elas tem que andar dentro da sala de aula juntos sim.”

A acadêmica optou pelo curso, em razão da importância que ele tem na formação de professores para escolas rurais, contribuindo para a manutenção do jovem no campo. A aluna

trabalhou no seu projeto de horta em pneus, e os seus alunos tocaram na terra e nas plantas e gostaram muito desse contato. Nesse caso, a Acadêmica 2 estimulou a integração, sensibilização dos alunos com os elementos da natureza (terra, plantas, água, ar,...) e o sentir/compreensão de que nós somos natureza e podemos senti-la como nós mesmos. Essa atitude é fundamental para que aja a conscientização e o sentido de cuidado, de preservação e de respeito pelo meio ambiente.

A Acadêmica, na resposta a questão 6 (p. 185), também registrou sua opinião sobre as comunidades rurais:

“(...) eu acho que hoje em dia só dão muitas lavouras grandes, entendeu, e assim, nós temos que dar mais valor aos pequenos também, o o, as comunidade eles são muito carente, tá faltando comida, porque porque ninguém mais tá vendo o lado assim de plantar, ter hortas em casa (...) resgata os valores, os princípios lá atrás, ensina a fazer uma horta em casa, pra ter uma sustentabilidade hoje em dia nas comunidades”.

Deve-se enaltecer esse relato, porque a aluna trabalhou exatamente no que acredita, ou seja, ensinou a fazer uma horta reutilizando pneus. Cultivar hortas comunitárias é importante nas comunidades carentes, pois as pessoas passam a ter uma alimentação saudável, além de preservarem o local onde vivem.

A Tutora a distância referiu-se ao comprometimento social do curso e ao trabalho desenvolvido pelo educador com base nos saberes da Educação Ambiental (p. 245):

“(...) o curso de Educação do Campo tá vinculado muito mais com a com uma escola, geralmente essa escola pode ser vinculada a uma periferia, ela pode ser vinculada a um contexto rural e como é que eu vou realmente a me inserir naquele contexto e aproveitar o que eu tenho ao meu redor, uma leitura mesmo de mundo, uma leitura do que que eu tô convivendo, o que que eu posso assim aproveitar, se eu sou, por exemplo, uma professora da escola de periferia, que tipo de perfil de aluno eu tenho, que tipo de perfil de sociedade, do bairro que eu trabalho que eu tenho e o que que eu posso realmente de forma politicamente engajada, poder trabalhar nesse meio que eu convivo e como é que eu posso melhorar a qualidade de vida dessas pessoas através da Educação do Campo com vínculo também na Educação Ambiental (...)”.

A opinião da Tutora converge com a Educação Ambiental Ecomunitarista, no sentido da contextualização dos conteúdos com as questões socioambientais, principalmente do bairro e cidade onde moram os alunos (e também o estudo de questões mais amplas, nacionais e internacionais) para uma compreensão profunda e reflexiva dessas questões com o objetivo de promover ações crítico-transformadoras nessa região.

A Educação Ambiental como eixo optativo do curso foi avaliado pela aluna (resposta a questão nº 8, p. 186):

“(…) tem gente ali que estudava comigo eles não tem conhecimento sobre a natureza (….) eles olham na internet as coisas, mas não que na prática, na realidade pouca gente conhece isso, trabalhar no meio ambiente (….)”.

Sobre isso, a Coordenadora (na questão nº. 8, p. 228) referiu:

“(…) na verdade a gente tentou superar isso da turma 1 pra turma 2 com a proposta de em cada ECO a gente ter um encontro presencial em que os alunos tenham que apresentar pros colegas o que estão estudando (….) que foi uma tentativa de superar e aproximar os alunos desses quatro temas que eu te falei, são extremamente caros pro curso (….) eu acho que a gente tem que tornar tudo obrigatório”.

A aluna compreende a Educação Ambiental como “trabalhar com o meio ambiente”, ou seja, utiliza o verbo trabalhar que é ação, transformação de algo. Por ser agricultora, ela vê o meio ambiente como fonte de vida, trabalho e sustento. Em várias passagens da entrevista, percebe-se que a acadêmica é pessoa muito comprometida e preocupada com os problemas ambientais, e que articula o ambiente à sociedade, principalmente quando promove as hortas comunitárias que beneficiam aos mais carentes.

Percebe-se ademais, uma integração intensa dos saberes dessa aluna como agricultora com os saberes acadêmicos do eixo de Educação Ambiental. A história de vida pessoal e local, o trabalho e a cultura da região presentes nos projetos dos acadêmicos, conferem uma peculiaridade aos conceitos e aprendizados teóricos dos eixos que, quando postos em prática, mostram a autonomia e o poder de criatividade. Esses aspectos convergem com a Educação Ambiental Ecomunitarista, pois incentivam a autonomia de pensamento e a ação academicamente dirigida.

A Acadêmica 2 relacionou seu trabalho na horta com a interdisciplinariedade (p. 186, questão 8):

“Porque assim Raquel, porque todas as disciplina elas tem opções de trabalhar com a educação ambiental, todas, não há necessidade especificamente uma só, por exemplo, a matemática você não trabalha, vai formar um canteiro né, ele, tu vai medir, entendeu, aí tu vai medir o canteiro, entra a parte dos números, entendeu, das metragem, geografia, entra também a parte do meio ambiente, ciências, todas elas podem ser trabalhadas, em todas as disciplinas a educação ambiental pode entrar, entendeu, porque a reciclagem, a arte, por exemplo, onde você vai fazer um teatro que eles querem muito teatro na sala de aula quanta coisa reciclada você pode aproveitar nesse teatro”.

Em outra passagem, a aluna voltou a abordar sobre a interdisciplinariedade (p. 187, questão 10):

“(…) quando eu passei pra eles a matemática, na parte prática, eu ia lá nos canteiro com eles e mostrava nos pneu, na hora das partes geométrica, como era o pneu, eu mostrava que era o círculo pra ele, eu mostrava como plantava as plantinha, eu fazia eles contar, entendeu, eu associava o conteúdo e a prática ao mesmo tempo (…)”.

A Professora pesquisadora também se deteve na Educação Ambiental, mas na perspectiva da transdisciplinaridade (p. 232, questão nº 3):

“Na verdade eu acho muito importante, só que eu acho até que não deveria ser somente um eixo né, deveria perpassar de forma transversal todos os eixos na verdade, porque fica muitas vezes ligado somente a um eixo quando na verdade deveria estar sempre conectado a todos e observar isso de forma ampla (…)”.

A educação é ambiental e o ambiental é o natural e o social (natureza natural e natureza construída). A educação é tudo o que existe está no ambiente. Por isso, nenhuma disciplina fica alheia ao ambiente. A exclusão do ambiente é a exclusão da existência, da natureza, da essência das coisas, dos fatos e das pessoas, é a fragmentação da totalidade, é o rompimento dos elos que unem a manifestação da existência. Quando estudamos algo e levamos em consideração o aspecto ambiental, conseguimos compreender os fatos ou fenômenos na sua complexidade, de forma holística e integrada como uma grande rede. Através dessa compreensão holística, podemos efetivar transformações nessa teia da vida, respeitando as pessoas e o funcionamento dos ecossistemas para o bem comum e a preservação da natureza.

A Acadêmica ressaltou ainda os ganhos obtidos com a Educação Ambiental (p. 186, questão nº 9):

“(…) ela também me ajudou mais do que eu sabia, eu aprendi mais com isso também, mas eu assim, eu repassei pra esses alunos que eles podem mudar a realidade lá adiante pra eles também e pra pra manter a Educação Ambiental porque não é fácil só mídia, mídia, mídia, mídia não funciona só, ah, vamo muda a educação ambiental e tu tem sempre que repassá, onde é que tu vai repassá, dentro da sala de aula com os pequenininho, porque eu ainda acho que a gente vai muda o meio ambiente é com as crianças não é com os adultos, os adulto depois que a cabeça tá feita não é fácil voltar”.

Essa fala revela-se importante. A entrevistada recebeu ensinamentos e os transmitiu aos seus alunos, que, dessa forma, conseguiram mudar a realidade não só discursivamente. Ao

ser trabalhada uma horta em pneus, houve a transformação efetiva de uma parte daquela realidade.

Em resposta a questão nº 15 (p. 190), a Acadêmica assim se expressou:

“Olha, a minha avaliação pra ser sincera Raquel, eu acho assim pouco tempo, muito pouco tempo, muito pouca prática, entendeu, no meu ponto de vista né (...)”.

E complementou sua opinião dizendo:

“(...) Olha, pra mim o que faltaria é só mais prática, tem que ter mais prática nas escolas, só teoria não vai funcionar, não vai funcionar (...) eu trabalhei em horta 26 anos de horta, não adianta aquela teoria se tu não vai lá cuidar da plantinha todos os dias, é prática, tem que ter prática, é porque geralmente o projeto é feito e engavetado, entendeu, e terminou o projeto larga de mão, eu acho que assim não vai dar, não vamos chegar a lugar nenhum. Porque na realidade os professores trabalham muito pouco na Educação Ambiental, no meu ponto de vista, que eu vi agora quando eu terminei minha faculdade, muito pouco (...)”.

Muitos alunos relacionaram a teoria-prática do eixo de Educação Ambiental à execução de um projeto na comunidade escolar com a prática do eixo de ECO V – Educação Ambiental no sétimo semestre do curso (último semestre do eixo de Educação Ambiental). Alguns consideraram que a parte prática foi escassa, ou que o tempo foi insuficiente para a execução do projeto na escola. Isso demonstra que eles gostaram de colocar em prática suas ideias e projetos, e que se dispuseram dar continuidade aos mesmos. Em uníssono, os acadêmicos compreenderam que a prática leva as transformações, e que o eixo foi importante nesse sentido.

ANÁLISE DA ENTREVISTA COM O ACADÊMICO 1 – POLO DE SAPUCAIA DO SUL

O Acadêmico 1 assim resumiu os motivos que o levaram a escolha do eixo ambiental (p. 178, questão nº. 8):

“Primeiro por gostar muito do tema, segundo por perceber que num país que detém pelo menos 60% de toda biodiversidade do planeta e não existem professores de educação ambiental, e por acreditar que um dia o MEC deve por este tema hoje transversal, como uma disciplina”.

Em resposta a questão nº. 10 (p. 179) (versando sobre as expectativas frente ao eixo), ele mencionou:

“(...) eu acredito que no sentido de introdução ao tema de educação ambiental, de uma base, de uma base ele correspondeu, mas na minha opinião agora trabalhando com

educação ambiental, vindo a, sentindo a carência que os alunos tem no dia a dia mesmo, de tu levar numa saída de campo (...) então os alunos se perguntavam muitas coisas (...) coisas que aí eu tive que buscar pra pode responde e que dentro do meu eixo eu não tinha essa resposta pra dá, outra coisa, ã a educação ambiental ela caminha junto com o conhecimento geográfico e faltou essa parte, por exemplo, localizar as regiões, os biomas que a gente tem no país, isso faltou (...) também acho que faltou um tipo de visita a alguma unidade de preservação (...).”

Nesse depoimento o aluno registrou as dificuldades que enfrentou no eixo de Educação Ambiental, mormente durante o estágio na escola conveniada. Salientou que durante essa atividade, por ocasião das saídas de campo, não soube responder muitas questões formuladas pelos alunos envolvendo animais, plantas e a biologia em geral, por não terem esses assuntos sido tratados no eixo. Considerando o estágio, o aluno percebeu que faltaram conhecimentos de ecologia e biologia, principalmente relativos a fauna, a flora e o funcionamento dos ecossistemas, bem como sobre geografia, especialmente na parte de biomas (que está intrinsecamente relacionada à flora e fauna, e que poderiam ser trabalhados de forma integrada). Essas carências são inexplicáveis. Para a preservação e regeneração da natureza é fundamental o estudo dos biomas e dos ecossistemas. O conhecimento desses temas e as práticas que permitem o contato com esses ambientes, como as saídas a campo, são decisivos para formar um sentimento de integração com o ambiente, para que sejamos informados sobre a importância dos ecossistemas e de seu equilíbrio, com a finalidade de promover mudanças de pensamento e atitude. Acreditamos que esse comentário também é pertinente ao Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da FURG, que infelizmente não apresenta disciplinas nessa área ecológica, que é fundamental para amoldar o educador ambiental, independente de sua formação acadêmica.

A questão nº 11 (p. 179), que diz respeito ao oferecimento da Educação Ambiental apenas aos alunos que escolhem o eixo, foi assim tratada pelo Acadêmico 1:

“Acho terrível, terrível, porque pressupõe que Educação do Campo tu conheça alguma coisa do campo e daí tu liga o campo com a preservação aqui na nossa região por ser uma região bem urbana (...) eu acho que Educação Ambiental deveria ser ou fazer parte, ser um eixo, não um eixo de ECO, mas uma disciplina (...).”

Em sua resposta, o aluno relacionou a importância do eixo de Educação Ambiental à presença de Áreas de Proteção Ambiental presentes em seu município. Por isso, ele sentiu falta de conhecimentos sobre os ecossistemas, biomas, fauna e flora que são importantes nesse contexto. Mas mesmo assim, o entrevistado disse que pesquisou e sanou as dúvidas dos alunos, demonstrando autonomia para a busca de conhecimentos (a autonomia é uma

característica observada nos alunos de EaD e que está presente nos acadêmicos de Educação do Campo).

Cada cidade/polo do curso de Educação do Campo tem suas características geográficas e ecológicas que direcionam a produção e economia daquela região. Em algumas localidades predominam pequenas propriedades rurais, em outras, grandes lavouras e indústrias, e, em outros casos, a integração de muitas ou todas essas atividades produtivas. Decorrentemente, muitos dos problemas socioambientais dos municípios são causados pelo mau gerenciamento ambiental dessas práticas produtivas. No caso do Acadêmico 1, ele citou os problemas ambientais causados pela refinaria da Petrobrás, com poluição das águas dos arroios, nesse local moram os seus alunos. Ele comentou sobre as dificuldades de trabalhar a educação ambiental nesse contexto, pois é difícil mudar a realidade, e que isso se deve à carência da Educação Ambiental que é pouco trabalhada nos espaços formais e informais de educação.

Ainda sobre a questão n.º. 11 (p. 179), o aluno sugeriu que a Educação Ambiental fosse um eixo (no Núcleo de Estudos Básicos, por exemplo) para todos os alunos, mas também permanecer como Estudos Colaborativos de caráter optativo. Nesse último caso, já com um aprofundamento maior dos temas trabalhados:

“(…) Nos moldes que a gente tem no eixo de Educação Ambiental, mas pro pessoal que fizesse o eixo de Educação Ambiental optasse por fazer um aprofundamento bem maior daí, eu acho que a gente tem tempo pra isso dentro do curso de quatro anos, tem tempo pra esse aprofundamento”. É uma ideia muito interessante para o curso, não só para o eixo de ECO - Educação Ambiental, mas para todos os Estudos Colaborativos, já que todos são importantes para todos os alunos.

Ao responder a questão n.º. 12 (p. 179), sobre a importância da Educação Ambiental para a Educação do Campo, o acadêmico assim se manifestou:

“Fundamental, fundamental ã ã pela estrutura do curso e pro público que se dirige (...) se tu for trabalhar numa escola rural, tu vai tem que ter noção de Educação Ambiental por mais que as pessoas vivem naquela realidade, tem que ter noção de Educação Ambiental e daí como que o curso de Educação do Campo não te dá uma cadeira, vamos dizer assim, de de Educação Ambiental, ela é optativa, tu faz ela ou faz outras se tu quiser é, eu acho um erro não ter essa obrigatoriedade entre aspas, eu sô eu acho que deveria ter essa essa essa cadeira essa disciplina esse eixo”.

Neste particular, a coordenadora expediu opinião semelhante (questão n.º 4, p. 227):

“(...) Um eixo, isso é muito complicado, e quanto mais no início do curso né, aí quando chega lá na metade do ECO eles mudam de ideia, bah, eu queria ter escolhido outro eixo, posso mudar? Agora não pode. Porque o ECO se contrói a partir da ideia de projetos de pesquisa, aonde o aluno vai se dedicar ao estudo de um tema e ao final desse estudo ele vai desenvolver uma atividade de extensão na comunidade na qual ele tá inserido ou na comunidade da escola parceira dele”.

Certamente que o número de insatisfeitos com o eixo escolhido diminuiria, caso os temas dos eixos de Estudos Colaborativos fossem oferecidos a todos, pelo menos durante um semestre. Nesse transcurso, os alunos poderiam fazer suas escolhas mais conscientes em relação às propostas de cada eixo. Como alternativa ainda, seria interessante ofertar-se um eixo com todos os Estudos Colaborativos (estudo de um ECO por semana), para que os acadêmicos se familiarizassem com os ECO's, podendo, assim, optarem conscientemente no semestre posterior.

Ao discorrer sobre a contribuição da Educação Ambiental para a formação de um cidadão crítico (questão nº 13, p. 180), o Acadêmico 1 assim se expressou:

“À medida que te faz pensar, a partir do momento que tu tem o conhecimento alguém te passa ou alguém divide o conhecimento contigo, e tu divide com a pessoa (...) e todo ato de pensar e que incentive o pensamento ele ele é libertador (...) porque faz a pessoa pensar e daí te dá liberdade pra tomar decisões e tu vai ser mais crítico a partir do momento que tu tem duas realidades, tu vai ser crítico”.

O Acadêmico 1 emprestou a seguinte avaliação ao eixo de Educação Ambiental (questão nº 15, p. 180):

“Eu vou, pra responder isso eu vou dar o exemplo do meu projeto de estágio final (...) e escolhi o tema geografia como tema central (...) eu vou fazer o projeto final na área de geografia e vou colocar a Educação Ambiental o tempo inteiro permeando as questões da geografia, da matemática, ã ã, da estatística, de montanhas, de estatísticas, estatísticas de de desmatamento, de queimada, de de de área de preservação do estado ã e tudo isso tentando trazer pra realidade dos alunos (...) que ele continue sendo transversal transversal na matemática, na história, na nas artes visuais, continue sendo transversal, mas eu não consigo acreditar que uma professora de matemática vai ter o mesmo cuidado para passar a Educação Ambiental, passar o cuidado ambiental na aula de matemática que um professor que tenha formação pra aquilo ali e que goste de fazer e por consequência ter a formação praquilo”.

A Professora pesquisadora, por sua feita, acerca desse assunto, opinou (questão nº. 7, p. 233):

“É, eu acho que na verdade o que tá mais adequado no curso é trabalhar a transdisciplinaridade né, que vai além das disciplinas (...) mas eu acho que ainda tem muito a ser trabalhado ainda nessa questão, muito”.

Sobre a estrutura curricular do curso (questão nº. 3, p. 226), a Coordenadora referiu:

“(...) A ideia de se trabalhar por eixos foi então pensar nesses temas que são essenciais pro trabalho com a educação, quais são as nossas intencionalidades com a formação do professor, organizar a partir dessas intencionalidade o trabalho e aí sim ver o que que as áreas de conhecimento podiam contribuir pro estudo daquele tema, por isso a organização, nós batizamos com o nome de eixos temáticos né (...) o estudo a partir de tema e vê o que cada um poderia contribuir, isso permitiu que vários professores de áreas diferentes dialogassem né, durante a organização do trabalho, por isso nós temos hoje, nós não temos professores sozinhos produzindo um eixo, nós temos equipes multidisciplinares pra que esse diálogo possível possa acontecer (...) parecer descritivo surge enquanto um relatório daquilo que o aluno foi desenvolvendo a partir daquilo que foi proposto dentro do eixo temático, então quais eram as intenções do eixo e aonde o aluno chegou né, ã, pra ver o real aproveitamento dele, porque aí tu também vê de que ponto ele partiu (...) porque muitas vezes a partir dessas observações nós reelaboramos as propostas por dentro dos eixos temáticos, reorganizamos textos, aproximamos a linguagem utilizada pra linguagem que os alunos utilizam. (...) porque a cada ingresso tu recebe alunos diferentes e a cada ingresso aquele material tem que ser reelaborado para dar conta das necessidades dos alunos”.

Na realidade os professores de todas as disciplinas deveriam ter a Educação Ambiental na formação docente. No entanto, a lei da PNEA não obriga esse aprendizado. Conseqüentemente, ele não é adotado pela maioria dos cursos de graduação e licenciatura. Todos os conhecimentos estão vinculados com a natureza. O homem transforma o meio através do trabalho para sua sobrevivência e satisfação pessoal. Por isso, a Educação Ambiental precisa estar comprometida com assuntos que promovam uma atuação voltada a outro meio de produção. O trabalho deve respeitar os fluxos naturais e funcionamento dos ecossistemas, contribuindo para a preservação e a regeneração da natureza (humana e não-humana), conforme as ideias ecomunitárias.

O Acadêmico 1 abordou a relação teoria-prática dos conteúdos no eixo, da seguinte forma (questão nº 16, p. 181):

“Por tudo o que eu te disse, a gente tem uma uma, a gente tem o teórico mas falta o prático, o ir pra rua, o conhecer, o tocar, o mostrar, porque meio ambiente é é sentir, é cheirar, é pegar, é cuidar, é tirar, limpar, isso é o prático e isso talvez por ser EAD né, por ser uma

disci, um formato EAD, a gente não tenha, eu não sei como funciona num curso presencial, mas eu sei que no no a gente, a prática a gente não tem, a prática que a gente tem é elaboração de projetos e aplicação em escola, depois aí é a prática, mas é uma prática fraca.”

Como se observa, o entrevistado sentiu falta do contato com o ambiente, e considerou que o projeto na escola revelou uma prática deficiente pelo fato do curso ser a distância.

A Professora pesquisadora, sobre essa mesmo tema (questão n°. 6, p. 233), falou:

“Sim, eu acredito que sim porque a partir do primeiro semestre do eixo os alunos já vão à escola já realizar pesquisa né do que é Educação Ambiental, realizam através da fotografia ou através da, ou através da, de algum problema que já começa a observar no seu entorno da escola né (...) da sua realidade local então acredito que ele é totalmente teórico-prático né, que ao mesmo tempo que a gente também coloca leituras para que eles possam realizar, e ao mesmo tempo que eles estão lendo, eles tão realizando atividades práticas que tem a ver com essa leitura, então ele é assim do início ao fim”.

É importante no Ensino a Distância buscar formas de aproximar mais o aluno das questões ambientais e promover esse sentir, cheirar, cuidar e pegar que o aluno fala.

Sobre essa questão da teoria-prática no eixo, a Tutora presencial (questão n° 6, p. 239), expendeu:

“Sim! Tudo que era estudado e pesquisado após era colocado em prática, como foi nas oficinas apresentadas pelos alunos durante o curso. Nos seminários também foi relacionado teoria e prática”.

Existem diversas compreensões do que vem a ser a relação teoria-prática. Alguns acadêmicos relacionaram o projeto a uma abordagem teórico-prática do eixo, por isso, é importante o diálogo entre todos os membros da equipe com os alunos, para haver um consenso que sirva de subsídio para os professores aprimorarem o aparelhamento didático e os planejamentos no eixo. Essa diversidade de ideias e opiniões, que a Educação a distância promove através do trabalho da equipe multidisciplinar e dos acadêmicos de diversos municípios do RS, é importantíssima para o curso. O diálogo entre todos é fundamental para o bom entendimento das ideias e opiniões, seja em reuniões presenciais, à distância, ou através de webconferência.

O Acadêmico 1 assim se manifestou sobre a auto-avaliação no eixo de Educação Ambiental (questão n°. 23, p. 183):

“(...) porém pros alunos que vão fazer, seguir o eixo de educação ambiental, eu acho que é fraco, eu acho que ele poderia ter muito mais a agregar, mais conhecimento, buscar

mais conhecer o natural mesmo, um pouquinho da botânica, um pouquinho da fauna, da flora e das regiões, como eu te disse faltou essa parte no curso de Educação Ambiental, porque da maneira que ele tá agora, ele não te prepara pra entrar na sala de aula, ele te dá uma base mas ele não te prepara, 100%, 100% nunca vai tá, mas ele não te dá aquela boa base, eu considero muito importante, muito importante mesmo, como eu te disse, acho que tem que ser no curso inteiro, que deva continuar tendo o eixo, mas aí com muito mais aprofundamento”.

O entrevistado trouxe para o eixo, as seguintes sugestões (questão n°. 24, p. 183):

“Tá, ã, a a minha sugestão é essa, que a gente conheça mais do natural, da parte natural da Educação Ambiental mesmo que é fundamental, é pra isso que existe Educação Ambiental, pra que tu saiba o que existe e como preservar, como tu vai, como tu vai preservar o que tu não conhece? (...)”

Quanto ao mais, compartilhamos integralmente da opinião da Tutora a distância sobre a forma como são tratados o Ensino a Distância no Brasil e os seus profissionais (Tutores presenciais e a distância e Professor pesquisador). O Ensino a Distância e a valorização do trabalho dos seus profissionais precisam evoluir muito no país. A educação e o trabalho dos orientadores necessitam ser efetivamente reconhecidos.

Ao responder a questão n° 17 (p. 251) a Tutora a distância teceu a seguinte opinião:

“(...) Olha, em relação ao aluno, ao acadêmico, eu me sinto assim muito orgulhosa, assim é a primeira turma, mas é isso que eu quero dizer, na questão individual eu me sinto muito orgulhosa de fazer parte desse processo todo, da questão de governo, da questão da universidade como um todo, pra eles eles estão simplesmente cumprindo protocolos, no meu ponto de vista, pra que aumente os índices de educação e de pessoas formadas no Brasil... porque é mão de obra barata, mão de obra escrava a gente corrige, corrige, corrige e ponto, tu não tem, tu não tem um vínculo maior eu penso nessa questão toda, pode ver tu não tem férias, décimo terceiro, nada isso (...)”

Essa dissertação, com a análise das opiniões dos acadêmicos, professores e tutores a partir do Ecomunitarismo, pode contribuir para a compreensão do trabalho que está sendo desenvolvido no eixo e também no curso, e oportunizar um aprimoramento do trabalho de toda a equipe do eixo de ECO – Educação Ambiental e do curso de Lic. em Educação do Campo. Por outro lado, a análise com base no Ecomunitarismo apresenta diversas limitações e potencialidades da Educação Ambiental do curso em relação às propostas da Educação Ambiental Ecomunitarista.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O eixo de Estudos Colaborativos (ECO) – Educação Ambiental apresenta aspectos convergentes e divergentes em relação à Educação Ambiental Ecomunitarista. O eixo não promove diretamente a crítica ao capitalismo e a emergência de uma nova ordem social pos-capitalista (Ecomunitarismo).

No discurso dos acadêmicos sobre seus projetos de extensão no eixo de Educação Ambiental constata-se o entusiasmo, a responsabilidade e o comprometimento dos mesmos com as questões ambientais da sua região e com a comunidade escolar que sempre esteve presente nos seus projetos, fortalecendo a conscientização ambiental e as ações coletivas de intervenção socioambiental no local pesquisado.

O curso de Educação do Campo e o eixo de Educação Ambiental trabalham o senso crítico, as capacidades criativas e investigativas dos acadêmicos nas atividades práticas dos eixos e, principalmente, na elaboração e execução dos projetos de extensão dos Estudos Colaborativos. Assim, converge com a Educação Ambiental Ecomunitarista quando trata de realizar trabalho de campo e criar espaços para a pesquisa descritiva e experimental para a formação de professores pesquisadores. Por sua vez, o professor/tutor do polo assume o papel de auxiliar do planejamento e ação dessas pesquisas, orientando os acadêmicos em suas atividades mediante o diálogo através do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Constata-se que a relação teoria e prática nos projetos de extensão desenvolveu o senso crítico, a autonomia e a criatividade para a formação do professor pesquisador.

A educação sexual não faz parte do currículo do curso nem do eixo de Educação Ambiental. Não obstante, os participantes da pesquisa consideraram que esse seria um tema importante para o curso que se dedica a formar professores. Com efeito, na concepção da Educação Ambiental Ecomunitarista é extremamente importante o enfrentamento dessa questão, porque tem relação intrínseca com a liberdade individual que é a primeira norma da ética ecomunitarista. O aspecto sexual no ser humano é fundamental para sua saúde e felicidade e num curso de formação de professores é essencial para que os futuros mestres possam instruir seus alunos (observando a faixa etária da clientela escolar), a terem uma vida sexual sadia, distante dos preconceitos, da gravidez indesejada, das doenças e dos traumas.

Na pesquisa, constatou-se unanimemente a importância da Educação Ambiental no curso, e que esse ensinamento deveria ser disponibilizado a todos os acadêmicos. Nessa hipótese, poderia fazer parte do “Núcleo de Estudos Básicos”, por exemplo, sendo ofertada

para todos os acadêmicos, e também constar como Estudos Colaborativos em caráter optativo, mas então com um aprofundamento maior do conteúdo, e com mais tempo destinado à execução dos projetos extensionistas.

A inclusão de temas relacionados à ecologia e biomas foi sugerida por alguns acadêmicos, por serem esses assuntos relevantes no momento da elaboração dos projetos. O estudo dos ecossistemas tem relação com a norma ecológica do ecomunitarismo de preservação e regeneração da natureza.

No aspecto pertinente a comunicação, alguns acadêmicos relataram que houve problemas de conexão da internet, que impossibilitaram a entrega de trabalhos no prazo. Há registros ainda, de que a professora ou tutora a distância não respondeu mensagens que lhe foram enviadas. Outra questão apontada é que nas reuniões dos professores e tutores não havia a possibilidade de discussões mais aprofundadas no eixo de Educação Ambiental sobre a situação de cada polo em suas especificidades. Constatou-se que a comunicação presencial entre os professores e tutores poderia ser mais frequente, com vistas a aprofundar as discussões sobre as especificidades de cada polo no eixo de Educação Ambiental. Ficou evidenciado também, que os professores poderiam abrir um espaço para sugestões e críticas no final de cada eixo. Essas críticas e sugestões, discutidas em conjunto, poderiam esclarecer dúvidas e auxiliar no planejamento das aulas.

O tema da economia ecológica e solidária e a preservação e regeneração da natureza apareceu indireta e superficialmente em algumas discussões e em alguns projetos dos acadêmicos, se analisarmos as entrevistas sob a perspectiva do ecomunitarismo. Mesmo assim, todos os entrevistados revelaram uma compreensão sobre a economia ecológica e solidária. Em virtude da economia agrícola do campo e os graves problemas que o uso de agrotóxicos causa ao ambiente, é importante constarem no currículo os temas de agroecologia, agricultura orgânica, cooperativismo, tecnologias ecologicamente sustentáveis, bem como a questão das necessidades humanas legítimas, 3 R's (reduzir, reciclar e reutilizar), referentes à economia ecológica e solidária.

A educação ambiental do curso tem um grande potencial para fortalecer ainda mais esses aspectos que são fundamentais para transformações sociais e, com base na EA Ecomunitarista, trabalhar na crítica ao capitalismo e no desenvolvimento de alternativas e ações ecomunitárias e solidárias. As sugestões para o eixo, no aspecto da economia ecológica e solidária, seria tratar as questões de trabalho, economia e consumo de acordo com a seguinte premissa: “De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo a sua necessidade” de acordo com a norma ecológica de preservação e regeneração da natureza. Ademais, poderia

haver uma integração maior dos projetos de extensão com entidades, ONG's, associações de bairro e até mesmo poderia ser criado um grupo ambiental pela própria turma (sugestão de um acadêmico) para fortalecer as ações socioambientais que são realizadas no eixo. A criação desse grupo fortaleceria os espaços relativos as decisões consensuais democráticas, e possibilitaria a utilização dos recursos tecnológicos da EaD como o chat, vídeo, blog e videoconferência, incentivando o trabalho nas mídias como tv comunitária, blog's, e sites, que divulgariam e multiplicariam as ideias ecomunitárias de superação do capitalismo.

Nos projetos há uma contextualização dos conteúdos com os problemas socioambientais do bairro ou do entorno escolar, mas a crítica ao sistema capitalista inexistiu. Faltou uma discussão envolvendo práticas efetivas, que levem a transformação do modelo econômico e dos valores presentes no capitalismo.

De acordo com a Educação Ambiental Ecomunitarista, o eixo de Educação Ambiental poderia incentivar mais os diálogos e ações coletivas com conhecedores do tema pesquisado pelos acadêmicos, integrando conhecimentos científicos com os saberes regionais.

Na turma 1, a tutora a distância não teve a oportunidade de ir ao polo e conhecer os alunos. Considera-se isso uma falha grave da universidade, que deveria patrocinar viagens frequentes das equipes aos polos, incluindo os tutores a distância, já que estes tem um contato mais direto com os acadêmicos, e lamentaram por não os conhecer presencialmente.

O curso tem como público alvo o mesmo grupo de pessoas do ecomunitarismo, ou seja, excluídos do sistema capitalista. Com isso, apresenta um grande potencial para a realização das propostas ecomunitárias, sendo os próprios moradores dessas regiões os realizadores de projetos ambientais para a melhoria da sua região. Os mesmos poderiam ainda ser os protagonistas da autonomia e da livre expressão.

O eixo de Educação Ambiental do curso não trabalha diretamente os quatro critérios de análise, mas em muitas oportunidades houve discussões que trataram pontualmente dos temas. Um discurso muito importante, que possui íntima relação com o Ecomunitarismo, foi o da Tutora a distância, que relatou sobre sua vivência numa comuna na Alemanha, onde pode observar uma rotina de trocas, o compartilhamento, a plantação do próprio alimento, a prática agroecológica, o respeito à diversidade, à orientação sexual e à liberdade individual das pessoas. Nesse particular, podemos perceber as três normas da ética no convívio social. Acreditamos que a vivência dessa tutora poderia contribuir muito para o planejamento de propostas educativas relacionadas às práticas ecomunitárias.

A análise do eixo apontou a falta de uma abordagem metodológica para trabalhar a Educação Ambiental no Ensino Infantil. Nesse aspecto, ficou evidente que o eixo de ECO -

Educação Ambiental necessita metodologias diversas e mais eficazes, considerando-se a Educação Infantil. A contratação de uma pedagoga para trabalhar com as professoras que tem formação em Educação Ambiental resolveria essa carência apontada no eixo. Essa aquisição iria agregar muito ao material produzido no eixo de Educação Ambiental, já que o curso de Educação do Campo é voltado para a formação de professores para a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

O eixo de Educação Ambiental não se posiciona criticamente em relação ao sistema capitalista, mas contra as consequências causadas por esse sistema, sem abordar a causa real da crise socioambiental enfrentada pela sociedade. Não houve uma leitura crítica do capitalismo e nem da alternativa transformadora, rumo a uma sociedade ecomunitária. Mesmo assim, o eixo de Educação Ambiental trabalhou com os problemas socioambientais causados pelo sistema capitalista, principalmente nos projetos de extensão realizados pelos acadêmicos, que fizeram intervenções ambientais na comunidade escolar. Essa atuação convergiu com a Educação Ambiental Ecomunitarista. Os projetos de extensão realizados pelos acadêmicos no eixo de ECO – Educação Ambiental, embora relevantes para a comunidade escolar, foram apenas pontuais.

O eixo de Educação Ambiental do curso poderia aperfeiçoar a pesquisa e o desenvolvimento de ações por parte dos acadêmicos, com vistas à criação e o gerenciamento de alternativas para superar o capitalismo e promover o desenvolvimento de atitudes comunitárias em harmonia com as ideias ecomunitaristas.

REFERÊNCIAS

Caderno Pedagógico da “III Conferência Estadual - Por uma Educação do Campo”. Porto Alegre/RS, abril de 2002.

CEAD - *Curso de Licenciatura em Educação do Campo*. Disponível em: http://cead.ufpel.edu.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=20&Itemid=10. Acesso em: 10 dez. 2012.

DIRETRIZES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao13.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2014.

Educação do Campo Licenciatura a Distância UFPEL. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/cead/educacao_campo/. Acesso em: 10 dez. 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antônio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

INCRA. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/projetos-e-programas-do-incra/educacao-no-campopronera>. Acesso em: 11 dez. 2012.

LOPEZ VELASCO, Sirio. *Ética argumentativa da libertação e epistemologia da educação ambiental problematizadora*. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, FURG, Rio Grande, v. 13, jul./dez. de 2004. Disponível em: <http://www.remea.furg.br/edicoes/vol13/art4.pdf>

_____. *Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo*. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

_____. *Introdução à Educação Ambiental Ecomunitarista*. Rio Grande: editora da FURG, 2008.

_____. *Notas críticas sobre a educação ambiental crítica e transformadora desde a ética ecomunitarista*. *Revista Filosofazer*, Passo Fundo, v. 19, n. 36, jan./jun. de 2010. Disponível em: <http://201.86.212.89/seer/index.php/filosofazer/article/viewArticle/122>

_____. *Ideias para o socialismo do século XXI com visão marxiana-ecomunitarista*. Rio Grande. Editora da FURG, 2012.

Mapa populacional e administrativo dos municípios do RS. Disponível em: <http://www.mapas.ors.com.br/mapa-populacional-e-administrativo-municipios-estado-rs.html>. Acesso em: 06 jan. 2014.

MARX, Karl. O Capital. In: *Grandes Mestres do Pensamento – Livro 2. O capital – Karl Marx, Elogio da loucura – Erasmo de Roterdã*. São Paulo: Formar. p. 25-114.

MARX, Karl; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Modalidade a Distância. MEC/UAB/UFPEL. Pelotas, 2008. (Arquivo que consta no Moodle).

SANTOS, Clarice A. dos (org.). *Educação do Campo: campo - políticas públicas – educação*. Brasília: Incra; MDA, 2008.

TRIVIÑHOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Ofício nº 01/2012

ILMA. PROFA. DRA. VANESSA HERNANDEZ CAPORLÍNGUA

M.D. COORDENADORA DO PPGEA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

Dr. Sirio Lopez Velasco, professor desta insigne instituição, e a sua orientanda no Mestrado em Educação Ambiental, Raquel Alves Pereira Avila, matrícula nº 99563, vêm solicitar autorização para que a Profa. Dra. Luciara Bilhalva Corrêa, professora titular da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, seja co-orientadora da citada bolsista na sua dissertação de mestrado.

Sendo admitida a proposição, espera-se que o programa formalize a presente junto a professora indicada, que se disponibilizou a exercer tal função.

Rio Grande, 08 de agosto de 2012

Sirio Lopez Velasco

Luciara Bilhalva Corrêa

Raquel Alves Pereira Avila

APÊNDICE B**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA E USO DE INFORMAÇÕES****ILMA. SRA. PROFA. DRA. ROSE ADRIANA ANDRADE DE MIRANDA**

MD. Coordenadora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Modalidade a Distância CEAD/UAB/UFPeL.

Ref.: Solicitação para pesquisa

Na condição de tutora a distância do curso de Licenciatura em Educação do Campo (Modalidade a distância) – CEAD/UAB/UFPeL e mestranda bolsista da CAPES, do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob orientação do Prof. Dr. Sirio Lopez Velasco e coorientação da Profa. Dra. Luciara Bilhalva Corrêa, solicito a V. Sa. permissão para desenvolver pesquisa no curso de Licenciatura em Educação do Campo – Modalidade a distância do CEAD/UAB/UFPeL. O trabalho propõe-se a uma análise da Educação Ambiental no referido curso, à luz do ecomunitarismo. Para tal, são necessárias coleta e análise de dados atinentes ao Projeto Pedagógico do curso, obtenção das aulas da turma 1 do Ambiente Virtual de Aprendizagem “moodle” (AVA Acadêmico), bem como entrevistas com professores, professores pesquisadores, tutores presenciais e a distância, e acadêmicos. A pesquisa certamente colaborará com o desenvolvimento da Educação Ambiental, e será relevante para a formação de professores vocacionados às escolas do campo em diversas regiões do Estado.

Contando com a autorização de V. SA., coloco-me, outrossim, à disposição para os esclarecimentos que forem necessários.

Atenciosamente,

Raquel Alves Pereira Avila
Mestranda (bolsista CAPES) do PPGEA/FURG
RG n°. 1070907652
Rua Almirante Barroso, 3180 CEP 96010-280 - Pelotas/RS
Telefone: (53) 8111-7467

Prof. Dr. Sirio Lopez Velasco
Professor da FURG
Orientador da pesquisa

APÊNDICE C

ILMA. PROFA. DRA. VANESSA HERNANDEZ CAPORLÍNGUA

M.D. COORDENADORA DO PPGEA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE- FURG

Dr. Sirio Lopez Velasco, professor desta insigne instituição, Dra. Luciara Bilhalva Corrêa, professora da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, na condição respectiva de orientador e co-orientadora da mestranda Raquel Alves Pereira Avila, matrícula nº 99563, vêm, conjuntamente, informar a V. Sa. acerca do término das atividades ligadas a co-orientação, tendo em vista que a co-orientadora foi convidada para participar diretamente da pesquisa como uma das entrevistadas.

Sendo o que tínhamos para o momento, subscrevemos.

Atenciosamente

Rio Grande, 26 de novembro de 2013

Sirio Lopez Velasco

Luciara Bilhalva Corrêa

Raquel Alves Pereira Avila

APÊNDICE D

Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
Mestrado em Educação Ambiental
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO (TCI) – AUTORIZAÇÃO DE
CESSÃO DE INFORMAÇÕES, IMAGEM, VOZ E HISTÓRIAS – PARA
ACADÊMICOS

Projeto de Pesquisa: “A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da UAB/UFPeL, Pelotas, RS)”.

Pesquisadora responsável: Raquel Alves Pereira Avila (bolsista CAPES)

Orientador: Sirio Lopez Velasco

Pelo presente consentimento, eu, _____, RG n° _____, estudante devidamente matriculado no polo de _____ declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa da Pesquisa cujo título é: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da UAB/UFPeL, Pelotas, RS)**”. Autorizo por meio deste termo de cessão de direitos, o direito de divulgar, utilizar e dispor, na íntegra ou em partes para fins institucionais, educativos, informativos, técnicos e culturais, os materiais por mim disponibilizados e referentes à entrevista individual, imagem e som de voz relativo à pesquisa em questão. Tenho conhecimento e aceito participar da entrevista que será realizada via “Skype” ou pelo bate-papo do Gmail, conforme escolha do entrevistado.

Tenho conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa e que poderei fazer contato com a pesquisadora pelo e-mail: raquelavila111@gmail.com ou pelo celular (53) 8111-7467 para maiores esclarecimentos. Entendo que os professores, tutores e acadêmicos dessa instituição não serão identificados e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a privacidade dos participantes da pesquisa. E fui informado(a) que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Assinatura do participante da pesquisa

Raquel Alves Pereira Avila
Assinatura da pesquisadora responsável

Pelotas, de de 2013

APÊNDICE E

Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
Mestrado em Educação Ambiental

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO (TCI) – AUTORIZAÇÃO DE
 CESSÃO DE INFORMAÇÕES, IMAGEM, VOZ E HISTÓRIAS–PARA
 ACADÊMICOS, PROFESSORES, PROFESSOR PESQUISADOR E TUTORES
 (PRESENCIAL E A DISTÂNCIA)**

Projeto de Pesquisa: “A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da UAB/UFPel, Pelotas, RS)”.

Pesquisadora responsável: Raquel Alves Pereira Avila (bolsista CAPES)

Orientador: Sirio Lopez Velasco

Pelo presente consentimento, eu, _____, RG nº _____, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa da Pesquisa cujo título é: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da UAB/UFPel, Pelotas, RS)**”. Autorizo por meio deste termo de cessão de direitos, o direito de divulgar, utilizar e dispor, na íntegra ou em partes para fins institucionais, educativos, informativos, técnicos e culturais, os materiais por mim disponibilizados referentes à entrevista individual. Tenho conhecimento e aceito participar da entrevista que será realizada via “Skype” ou pelo bate-papo do Gmail, conforme escolha do entrevistado (para acadêmicos e tutor presencial) e presencial via gravação de voz (no caso de professor, professor pesquisador e tutor a distância).

Tenho conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa e que poderei fazer contato com a pesquisadora pelo e-mail: raquelavila111@gmail.com ou pelo celular (53) 8111-7467 para maiores esclarecimentos. Entendo que os professores, tutores e acadêmicos dessa instituição não serão identificados e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a privacidade dos participantes da pesquisa. E fui informado(a) que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Assinatura do participante da pesquisa

Raquel Alves Pereira Avila
 Assinatura da pesquisadora responsável

Pelotas, de de 2013

APÊNDICE F

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA APLICADA AO ACADÊMICO 1

Entrevista Semiestruturada – Realização via “Skype”

Gravação n° _____

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada provisoriamente: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz do Ecomunitarismo (o caso da UAB/UFPeL, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às _____ horas, do dia ____/____/____, após o entrevistado previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Dados do(a) entrevistado(a)

- a. Nome:
 - b. Cidade onde reside:
 - c. Polo que frequenta:
 - d. Formação escolar ou acadêmica:
1. O que entendes por ética ambiental?
 2. Para você, quais seriam as normas fundamentais da ética?
 3. Como a sua felicidade está relacionada com o convívio social e com a preservação e regeneração da natureza?
 4. A ética tem relação com a felicidade e a liberdade de decisão?
 5. Como ocorre a sua participação nas aulas do eixo de Educação Ambiental?
 6. Como você avalia a comunicação (via fórum, chat, presencial) com os seus colegas e com professores e tutores na educação a distância no eixo de Educação Ambiental e no curso?
 7. Por que escolheu o curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPeL?
 8. Por que escolheu o eixo de Educação Ambiental em ECO (Estudos Colaborativos)?
 9. Quais eram suas expectativas quando iniciou o eixo de Educação Ambiental?
 10. O eixo está correspondendo às suas expectativas? Por quê?
 11. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?
 12. Qual a importância do eixo Educação Ambiental para o curso de Licenciatura em Educação do Campo?
 13. De que maneira a EA contribui para a formação de um cidadão crítico?
 14. Você tem dificuldades nesse eixo? Quais?
 15. Diga como pretende trabalhar a EA de forma multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar nas suas aulas como futuro educador.

16. O eixo de EA tem uma relação teórico-prática dos conteúdos?
17. Como o estudo do eixo fez você conhecer os movimentos sociais, sindicais, ONGs e outros da sua cidade ou região? Quais? Você faz parte de algum deles?
18. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Como isso é abordado no eixo de EA?
19. Como o eixo aborda as práticas de preservação e regeneração da natureza humana e não humana?
20. Como a EA do curso promove o engajamento político para reivindicações e melhorias na sua cidade ou região?
21. O que entendes por uma pedagogia problematizadora e a prática político-pedagógica da EA?
22. Você considera que o estudo de uma erótica não repressiva e a educação sexual são importantes no currículo da EA? Por quê?
23. Qual a sua auto avaliação no eixo de Educação Ambiental?
24. Quais as suas sugestões para o curso?

Agradeço a disponibilidade em participar da pesquisa.

APÊNDICE G

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA APLICADA AOS ACADÊMICOS

Entrevista Semiestruturada – Realização via “Skype” ou bate-papo no Gmail

Entrevista n°. ____ Gravação n° ____

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da UAB/UFPel, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às ____ horas, do dia ____/____/____, após o entrevistado previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Dados do(a) entrevistado(a)

- a. Nome:
 - b. Profissão:
 - c. Cidade onde reside:
 - d. Polo que frequenta:
 - e. Formação escolar ou acadêmica:
1. O que entendes por ética?
 2. Como você relaciona a ética com a Educação Ambiental?
 3. Por que escolheu o curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPel?
 4. Por que escolheu o eixo de Educação Ambiental em ECO (Estudos Colaborativos)?
 5. Qual a importância do eixo ECO - Educação Ambiental para o curso de Licenciatura em Educação do Campo?
 6. Quais eram suas expectativas quando iniciou o eixo de Educação Ambiental? O eixo correspondeu às suas expectativas? Por quê?
 7. Como você avalia a comunicação (via fórum, e-mail, chat, presencial) com os seus colegas, com professores e tutores na educação a distância no eixo de Educação Ambiental?
 8. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?
 9. De que maneira a EA contribui para a formação de um cidadão crítico?
 10. O eixo de EA tem uma relação teórico-prática dos conteúdos? Explique.
 11. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Como isso é abordado no eixo de EA?
 12. Como a EA do curso promove o engajamento político para reivindicações e melhorias na sua cidade ou região?
 13. Você considera que o estudo da educação sexual é importante no currículo da EA? Por quê?
 14. Em sua opinião, como a EA promove transformações sociais para o desenvolvimento de uma nova sociedade?
 15. Qual a sua avaliação do eixo de Educação Ambiental?
- Agradeço a disponibilidade em participar da pesquisa.

APÊNDICE H

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA APLICADA À PROFESSORA (COORDENADORA DO EIXO), PROFESSORA PESQUISADORA (PP), TUTORA A DISTÂNCIA (TD) E TUTORA PRESENCIAL (TP)

Realização de forma presencial para professores, professor pesquisador e tutor a distância com exceção dos Tutores presenciais que será via “Skype”

Entrevista n°. ____ Gravação n° ____

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada: **“A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da UAB/UFPel, Pelotas, RS)”** que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às ____ horas, do dia __/__/__, após o entrevistado previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Dados do(a) entrevistado(a):

- a. Nome:
- b. Cidade onde reside:
- c. Formação acadêmica (graduação e pós-graduação):
- d. Polo(s) que é responsável:
- e. Total de alunos no polo:
- f. Total de alunos do eixo EA no polo:
- g. Função que exerce:
 Professor () Professor Pesquisador () Tutor a distância ()
 Tutor presencial ()

1. O que entendes por ética? (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).
 2. Como você relaciona a ética com a Educação Ambiental? (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).
 3. Em sua opinião, qual a importância do eixo ECO - Educação Ambiental para ao curso de Licenciatura em Educação do Campo? (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).
 4. Como foi organizada a formação da equipe de trabalho para o desenvolvimento do material didático e orientação dos alunos no eixo ECO – Educação Ambiental na turma 1? (pergunta para a professora, professora pesquisadora e tutora a distância).
- Como foi o teu trabalho como Tutora presencial no eixo ECO – Educação Ambiental? Quais aprendizados e dificuldades? (pergunta para a tutora presencial).
5. Como você avalia a comunicação com os seus colegas, professores, tutores e acadêmicos no eixo de Educação Ambiental? (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).
- Como foi o teu trabalho de Tutora a distância no eixo ECO – Educação Ambiental? Quais aprendizados e dificuldades? (pergunta para a tutora a distância).
6. O eixo de EA tem uma relação teórico-prática dos conteúdos? Explique. (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).
 7. Comente sobre a multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade da EA no curso (pergunta para a tutora a distância, professora pesquisadora e professora).

8. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo? (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).

9. De que maneira a EA contribui para a formação de um cidadão crítico? (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).

10. Quais os recursos didáticos e atividades em Educação Ambiental que consideras que os alunos mais gostam? (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).

11. Você observou alguma dificuldade dos alunos em ECO - Educação Ambiental? Quais? (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).

12. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Como isso é abordado no eixo de EA? (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).

13. Como a EA do curso promove o engajamento político para criar ações, reivindicações e melhorias na cidade ou região dos polos? (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).

14. Você considera que o estudo da educação sexual é importante no currículo da EA? Por quê? (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).

15. Em sua opinião, de que maneira a EA promove transformações sociais para o desenvolvimento de uma nova sociedade? (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).

16. Comente sobre os recursos humanos, pedagógicos e incentivos que o Governo do Brasil, a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) fornecem para o desenvolvimento de seu trabalho no curso. (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).

Comente sobre a trajetória do seu trabalho como professora e coordenadora do eixo ECO – Educação Ambiental na turma 1 do curso de Licenciatura em Educação do Campo? (pergunta para a professora coordenadora do eixo de Educação Ambiental)

Comente sobre a trajetória do seu trabalho como tutora presencial no curso de Licenciatura em Educação do Campo na turma (pergunta para a tutora presencial).

17. Qual a sua avaliação do eixo de ECO - Educação Ambiental? (pergunta para a professora pesquisadora, tutora a distância e professora).

18. Quais as suas expectativas em relação a essa pesquisa e qual forma de devolução esperas? (pergunta feita para a Professora, PP, TD e TP).

19. Comente sobre a sua trajetória de trabalho como tutora a distância no curso de Licenciatura em Educação do Campo na primeira turma. (pergunta para a tutora a distância).

Agradeço a disponibilidade em participar da pesquisa.

APÊNDICE I

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA A SER APLICADA A COORDENADORA DO CURSO

Realizada de forma presencial e com gravação do áudio.

Gravação nº _____

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada provisoriamente: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da UAB/UFPEL, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às _____ horas, do dia ____/____/____, após o entrevistado previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Dados do(a) entrevistado(a):

- a. Nome:
- b. Formação acadêmica (graduação e pós-graduação):
- c. Polo(s) que é responsável:
- d. Função que exerce:
 - Professor () Professor Pesquisador ()
 - Coordenador ()

1. O que entendes por ética?
2. Como você avalia a modalidade a distância no curso de Licenciatura em Educação do Campo (CLEC)?
3. Comente sobre a configuração curricular por eixos de conhecimento e a forma de avaliação do CLEC.
4. Os alunos possuem dificuldades nos Estudos Colaborativos? Quais?
5. Quais as práticas pedagógicas e atividades que consideras que os alunos mais gostam no curso?
6. O curso promove o espírito crítico, criativo e investigativo nos alunos? Explique.
7. Qual a importância do eixo ECO - Educação Ambiental para o curso de Licenciatura em Educação do Campo?
8. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?
9. Como você avalia a comunicação (via fórum, e-mail, chat, presencial) com os seus colegas, professores, tutores e acadêmicos no CLEC?
10. De que forma o CLEC tem uma relação teórico-prática dos conteúdos? Explique.
11. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Esse tema é abordado no CLEC? Como?
12. Você considera que o estudo da educação sexual é importante no currículo do CLEC? Por quê?
13. Em sua opinião, o CLEC promove transformações sociais nas cidades/polo de abrangência para o desenvolvimento de uma nova sociedade? Explique.

14. Comente sobre os recursos humanos, pedagógicos e incentivos que o Governo do Brasil, a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) fornecem para o desenvolvimento de seu trabalho no curso.
15. O CLEC está regulamentado pelo MEC?
16. Qual a habilitação conferida ao aluno CLEC? Onde ele pode atuar?
17. Qual a sua avaliação do curso em relação à turma 1?
18. Quais as suas expectativas em relação a essa pesquisa e qual forma de devolução esperas?

Agradeço a disponibilidade em participar da pesquisa.

APÊNDICE J

ENTREVISTA COM O ACADÊMICO 1 – POLO DE SAPUCAIA DO SUL

Realizada via Skype com gravação do áudio.

Entrevista n°. 01. Gravação n° 01

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada provisoriamente: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da turma 1 - UAB/UFPel, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às 19h41min, do dia 09/04/2013, após o entrevistado previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Esta entrevista contemplou os objetivos e não teve necessidade de refazê-la.

Dados do entrevistado

- a. Nome: Acadêmico 1
- b. Cidade onde reside: Sapucaia do Sul
- c. Polo que frequenta: Sapucaia do Sul
- d. Formação escolar ou acadêmica: Superior Incompleto Licenciatura em Educação do Campo

1. O que entendes por ética?

Acadêmico 1: Para mim ética é um conjunto de regras, que possibilitam que as pessoas possam conviver em sociedade, de forma organizada e respeitadora. Observação: pergunta respondida via e-mail devido a problemas na gravação.

2. Para você, quais seriam as normas fundamentais da ética?

Acadêmico 1: O respeito aos limites dos direitos dos outros, saber até onde eu posso ir sem prejudicar o meu próximo. Observação: pergunta respondida via e-mail devido a problemas na gravação.

3. Como a sua felicidade está relacionada com o convívio social e com a preservação e regeneração da natureza?

Acadêmico 1: De todas as formas, se tenho um bom convívio social, tenho paz, e este é um pré-requisito pra ser ou ter felicidade a paz, e a harmonia com o meio ambiente sadio, nos torna mais alegres, podendo observar as belezas da natureza no dia a dia e pensando que no futuro poder usufruí-la nos deixa o dever de proteger. Observação: pergunta respondida via e-mail devido a problemas na gravação.

Observação: O início da resposta dessa pergunta não gravou corretamente (por isso consta acima a resposta enviada por e-mail). Mesmo faltando o início, considere importante para a análise, a seguir a parte da entrevista que foi gravada:

Acadêmico 1: ...A família toda lá e tu começa a pensar, poxa, que eu morando num lugar assim eu não ia ser mais feliz num lugar de conservação num lugar que de certa forma ou pelo menos aparentemente as pessoas que moram por aí do lado da nascente naquela região eles respeitam o que o IBAMA diz ou que o governo diz aí que tem que ser assim né, aquele negócio de não plantar a 100m, 200m da margem, eles brigam por aquilo porque dependem daquilo pra viver, mas eles respeitam e eu acho que a minha felicidade pessoal, dos meus filhos, pelo menos que eu sempre passo pra eles, eu sempre converso com eles, depende do, totalmente da preservação, não só pensando na geração futura mas também pensando no agora, no como é agora, a gente vive numa cidade aqui que é Sapucaia que uns tempos pra cá, de uns tempos pra cá mesmo de umas 2 legislações pra cá, ela tá abandonada na questão de meio ambiente, totalmente, a gente tinha programas de educação ambiental nas escolas, a gente tinha eventos de educação ambiental, até festa, até festa de, pra população com doação de muda de árvore da região aqui nativa, até árvores exóticas aqui exóticas também e agora não tem mais então é uma perda que a gente vê dia a dia lixo nas ruas, o é uma tristeza porque o pessoal daqui, não sei como que é a realidade dos outros lugares, mas daqui que eu vejo o pessoal não se importa de comer uma bala e jogar papel no chão, então eu eu acho que é totalmente uma coisa ligada a outra, apesar de não viajar muito, esses dias eu tava vendo no google street e aí peguei um país ali pra olhar de perto, as ruas né vê com que eram as ruas, e aí peguei Israel e tava olhando assim na câmera do google street, tu vê que não tem nada de sujera no chão, organizado e

daí tu pega e bota São Paulo, bota Porto Alegre, as ruas e olha de perto as ruas, as calçadas, poxa é é essa noção de de ética ambiental não existe no Brasil e é muito triste que um país que entre aspas é o pulmão do mundo tem a maior floresta do mundo tem uma riqueza enorme, tem o que a gente tem 60% da água do mundo num futuro caótico que se imagina água poluída e daí não existe um programa ambiental forte mesmo, bom a educação já não é forte né, mas eu digo assim não existe num país que deveria primar pela educação ambiental, pela conservação dos recursos enormes que tem não existe, então como que, como que não vai ser ligado a felicidade do dia a dia com a educação ambiental, no meu caso é totalmente.

Pesquisadora: Sim, e tu falaste em relação à escola, tu és tu dá aula na escola tu és professor em escola?

Acadêmico 1: Eu trabalho no programa mais educação que é escola integral né, e do uma oficina de educação ambiental já por causa do meu eixo, eu comecei na nessa oficina depois do 3º semestre da faculdade entendeu eu já sabia que queria fazer o ambiental e olha, e lá eu vejo porque a escola é escola vila olímpica em Esteio que é um uma cidade do lado e ela fica do lado de um uns arroios o Arroio Sapucaia que faz divisa entre Esteio e Canoas bem do lado da refina da refinaria da Petrobrás, ele é muito poluído ele é totalmente poluído então e não tem políticas públ, não existe nenhuma intenção de dispoluir ele, primeiro que não tem, e daí a população que mora na volta deles são meus alunos e como é difícil como é difícil muda ã ã coloca aquela semente e fazer com que aquilo seja uma realidade pra eles, eles se confrontam com a realidade deles do que eles vivem na escola do que a gente fala pra eles do, que a gente explica e depois do que ele vêem em casa com os pais e daí vem a carência da educação ambiental, vem de muito tempo.

Pesquisadora: Sim, bom então tá certo.

4. A ética tem relação com a felicidade e a liberdade de decisão?

Acadêmico 1: Sim, sim, totalmente porque que tipo de ética é num país que diz, olha tu não pode falar contra teu presidente, que ética tão forte é essa que tem um socialismo que te proíbe de olhar, eu quero acessar a internet e eu quero ver o que o governo americano tá colocando, eu quero ver se eles são imperialistas ou não, eu quero decidir se é, não é porque o Chaves disse, que é porque o Raul Castro disse, que é que eu tenho que fazer, aonde o poder público, assim maior ele poda esse direito, não existe ética, qual é a ética que tem quando tu te manifesta contra um pa, um governo e aí tu é tirado daquele país, tu é perseguido, até morto, dão sumisso ou é perseguido pelo mundo todo, tem que se exilar, isso é ética? não tem nada de ética, sem liberdade ee, por isso, assim na minha visão de, embora que que tenha essas nações desenvolvidas e não assinam o tratado de Kyoto, não querem isso, não querem aquilo, polui mais queo mundo todo, mas eles tem um, a liberdade conta muito, a liberdade conta muito, creio que o poder de escolha ele é a liberdade, é tudo pro ser humano, pra poder pensar, se tu não puder pensar tu vai ser um boneco nas mãos de outra pessoa, então a ética tá totalmente ligada com com a liberdade, se não tiver liberdade não tem ética, hum, seja um texto que que te conduza pra uma resposta ali fechada eu acho que n tirou a tua liberdade de tu ir além daquilo ali, de tu pensar, de tu expor o que tu pensa, então a ética é totalmente ligada a liberdade sim na minha opinião sim.

Pesquisadora: Tá, e tu falasse muito em relação à questão do mundo,e qual a tua opinião aqui à nível de Brasil?

Acadêmico 1: ã não entendi a primeira parte.

Pesquisadora: Em relação à liberdade qui tá sendo cerceada no mundo e nos países eu quero saber a tua opinião aqui no pa, no noss país, no Brasil, em relação a essa liberdade de decisão como que tu vê isso aqui no Brasil?

Acadêmico 1: U, aqui eu vejo aqui no Brasil é um caminho, um caminho bom, uma evolução, tu nota uma evolução assim no dia a dia na questão da liberdade, claro porque a gente é muito provinciano, muito cheio de vícios, a gente não tem uma escolaridade boa, a gente não tem uma cultura ã forte, a nossa cultura é miscigenada é muito misturada, não que seja de todo mal, mas daí nesse ponto ela, pela essa miscigenação toda que a gente tem, ela atrapalha de tu poder te desenvolver mais, de alguma forma que eu não sei te explicar direito, mais assim, tu não consegue chegar aonde tu poderia porque são muitas ideias, mais o Brasil tem um crescimento muito grande na forma de pensare eu acho que tudo isso, todo esse essa liberdade política que a gente tem e essa liberdade de pensamento que tem agora, ela ela vem da imprensa, eu acho que ela vem de quando a imprensa seja ela A, B, C ou D de toda forma, seja ela tendenciosa por um lado ou pro outro, toda imprensa contribui pra gente ter liberdade, seja porque eles querem garantir os salários deles e aí eles querem poder falar, jornalistas repórteres, ou seja porque por uma questão social mesmo de querer que o país se desenvolva, tanto é aí eu vejo qui no Brasil a gente tem liberdade de certa fo, não total né, mais a gente tem uma liberdade pra se expressar, pra pra se manifestar, mais por outro lado eu vejo que também tem grupos no Brasil que tem superpoderes assim, grupos que num futuro tu não vai poder dizer nada que tu não vai poder nem criticar vai perder o teu poder de criticare é o que tá acontecendo.

Pesquisadora: Ok.

5. Como ocorre a sua participação nas aulas do eixo de Educação Ambiental?

Acadêmico 1: No nosso curso a gente recebe o material pelo Moodle né de de de Educação Ambiental e com textos a maioria são textos, mas também têm vídeos ã fóruns ee a gente tem a parte prática pelo menos eu tive que eu lembro, que eu tive que implantar na escola um projeto du de educação ambiental, depois foi cancelado não precisava mais todos apresentarem mais eu fiz, até foi sobreo Al Gore e as mudanças climáticas e daí eu tentei colocar pros alunos do 5° ano, botar ã partes do vídeo dele e depois trazer pra linguagem deles o que estaria acontecendo pra poder trabalhar na sala de aula ã o deslocamento é mais o tema sobre esse deslocamento que os pais fazem de São Leopoldo a Porto Alegre de carro, a maioria trabalha em Porto Alegre e vai de carro sozinho até Porto Alegre, anda 30 Km quando poderia pegar um trem que leva 2000 pessoas de uma vez só sem poluir, então ã dessa forma a gente traz pro prático e eu posso dizer que muita coisa do curso embora falte muito muito mesmo material mais se tu quiser, se tu quiser se aprofundar mesmo no eixo de educação ambiental teria qui ter muito mais assim muito mais material mais dá pra trabalhar tranquilo.

Pesquisadora: Sim, e como que então e como que ocorre, então a participação no eixo ocorre dessas formas que tu falasse né a tua participação em fórum e.

Acadêmico 1: Isso, através de trabalhos que a gente envia né eo meu mais prático porque eu tenho turma.

Pesquisadora: Sim.

Acadêmico 1: Di educação ambiental no “Mais Educação” então é o que eu aprendo aqui eu aplico lá.

Pesquisadora: Com certeza.

6. Como você avalia a comunicação (via fórum, chat, presencial) com os seus colegas e com professores e tutores na educação a distância no eixo de Educação Ambiental e no curso?

Acadêmico 1: Especificamente no curso de no eixo de educação ambiental.

Pesquisadora: Sim especificamente.

Acadêmico 1: Não nos outros?

Pesquisadora: Nos outros não.

Acadêmico 1: Tá, no especificamente no de educação ambiental muito boa a gente tem repostas rápido pra dúvidas ã o pessoal que fez educação ambiental realmente queria fazer por afinidade eu acho mais daí tinha tem muita troca de material e a nossa tutora de ambiental...

(Problema de conexão do Skype).

Pesquisadora: Alô.

Acadêmico 1: Raquel.

Pesquisadora: Ah tá me ouvindo?

Acadêmico 1: Tá agora tô te ouvindo caiu a internet aqui.

Pesquisadora: Ah tá eu só não tô me vendo mais p.

Acadêmico 1: Eu também não tô te vendo.

Pesquisadora: Ma pelo menos tu tá me ouvindo né?

Acadêmico 1: Tô te ovindo bem.

Pesquisadora: Estou te ouvindo também então deixa eu colocar aqui porque parou, mas agora retornou a internet?

Acadêmico 1: Retornou.

Pesquisadora: Tá.

Acadêmico 1: E pelo que eu vi pode cair de novo, se cair eu te chamo e tu me chama pra continuar.

Pesquisadora: Tá tá certo então, então olha só.

Acadêmico 1: Tá na sexta né.

Pesquisadora: Só qui o gravador tá tá gravando aqui hum tá desdeo início,espera só um momento que eu vou ver como, porque tu deve estar me ovindo, deixa eu ver se eu consigo aqui...pera só um pouquinho...eu parei a gravação no, não devia ter parado...vamos ver aqui...não reproduziu, não quer gravá...essa parti tecnológica é assim mesmo.

Acadêmico 1: Ah não a gente que que que faz EAD já tá acostumado mesmo.

Pesquisadora: É, agora eu vo, tô gravando de novo... ai meu Deus volto tudo de novo.

Acadêmico 1: E pelo Skype tu não consegue gravar Raquel?

Pesquisadora: Olha pelo Skype eu tentei gravar mais não consegui,e eu tô vendo quea tua voz tá bem baxinha eu acho que tu nem tá te ovindo.

Acadêmico 1: Tá, agora melhorou?

Pesquisadora: Deixa eu só ver uma coisa aqui eu vou ver,espera só um poquinho...bah ficou bem baxinho, mas deixa eu ver uma coisa aqui, eu vo bota... bah eu vou tem que aumentar bem pra te ouvir, mais que bom que eu tô gravando aqui também.

Acadêmico 1: Mais tu conseguiu gravar a primeira parte?

Pesquisadora: Consegui, consegui mas fico bem ficou bem baxinhu né.

Acadêmico 1: Hum porque não tem microfone no gravador talvez.

Pesquisadora: Tem eu posso conseguir depois mas aí eu faço isso sim, deixa eu só pausar aqui e vou fazer uma outra gravação...então vamos continuar, é eu tava na pergunta número 6 “como você avalia a comunicação (via fórum, chat, presencial) com os seus colegas e com professores e tutores na educação a distância no eixo de Educação Ambiental?”

Pesquisadora: Bah.

Acadêmico 1: Raquel.

Pesquisadora: Oi.

Acadêmico: Ah tá voltou, é que apareceu aqui problema na conexão de internet mais agora tá normal.

Pesquisadora: Voltou, pode falar.

Acadêmico 1: Uhm, tá voltando pra essa pergunta então? no caso do eixo de educação ambiental é muito boa, as respostas são rápidas dentro da medida do possível, a gente recebe um um um apoio bom daí de Pelotas eos colegas a gente troca também bastante material, tem uma troca grande nesse sentido da educação ambiental porque inclusive eu fiz o estágio de de educação infantil, o projeto era também sobre educação ambiental na educação infantil,então a gente e outros colegas também fizeram dessa forma e a gente tinha que tá sempre numa troca de materiais pra poder desenvolver um bom trabalho, nesse ponto é bom.

Pesquisadora: Sim.

Acadêmico 1: Nesse eixo.

Pesquisadora: Então a próxima questão é.

7. Por que escolheu o curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPEl?

Acadêmico 1: Uhm, bom foi assim, ã a gente tinha aqui na cidade na gestão anterior um informativo tipo um jornal municipal que daí estavam todos os convênios que a prefeitura tem, cursos, projetos que a prefeitura tinha ali tavam naquele jornal e aí eu tava querendo voltar a estudare eu tava querendo fazer geografia EAD também, procurando geografia EAD e aí mandei e-mail pra pra a REGESD que é EAD, pra UFRGS pra saber informação do curso de geografia e não e não me responderam e aí eu li nesse informativo da prefeitura que tava abrindo um polo de UAB na nossa região aqui de Sapucaia, mas eu não sabia como é que era, não sabia como é que funcionava.

Pesquisadora: Sim.

(caiu a ligação)

Acadêmico 1: Alô.

Pesquisadora: Alô.

Acadêmico 1: Ah voltou de novo.

Pesquisadora: Meu Deus!

Acadêmico 1: Tá caindo toda hora, eu não sei, aí cai Raquel ou é só aqui.

Pesquisadora: Aqui cai também.

Acadêmico 1: Ah tá.

Pesquisadora: Na mesma hora qui cai aí cai aqui também a conexão.

Acadêmico 1: Deve ser no Skype mesmo então né.

Pesquisadora: E é problema da internet do Skype, é isso acontece mesmo né pode acontecer, então tu estavas falando sobre porque escolheu o o curso de licenciatura em educação do campo, qual a motivação.

Acadêmico 1: Isso, e aí como eu queria fazer geografia, eu liguei pra coordenadora do curso aqui do polo de Sapucaia e ela me disse como é que ia funcionar e aí ela mencionou que havia uma que a partir de um de jovens e adultos, educação ambiental, educação tecnológica parece que ela me dissee aí eu quis fazer por causa disso, tinha a opção de ambiental e eu poder trabalhar com jovens e adultos também, essa foi minha motivação além de ser EAD né e de e pelo nome da universidade também.

Pesquisadora: Sim.

8. Por que escolheu o eixo de Educação Ambiental em ECO (Estudos Colaborativos)?

Acadêmico 1: Primeiro por gostar muito do tema, segundo por perceber que num país que detém pelo menos 60% de toda biodiversidade do planeta e não existem professores de educação ambiental, e por acreditar que um dia o MEC deve por este tema hoje transversal, como uma disciplina. Observação: Resposta via e-mail

9. Quais eram suas expectativas quando iniciou o eixo de Educação Ambiental?

Acadêmico 1: Eu tinha ideia que ia ser bem difícil ou pelo menos que ia ter bastante material, muito mais material que a gente ee quando a gente terminasse o eixo a gente ia ter uma base praticamente de próximo de um biólogo talvez sabe de de alguém que trabalha nessa área mesmo sabe, bastante sobre educação ambiental que é que eu acho que tem uma carência enorme no país assim, o país não se desenvolve mais ã ã sustentabilidade né porque não tem a cultura a cultura da preservação não tem no país e eu ach eu achava que ia ser assim.

Pesquisadora: Sim.

10. O eixo está correspondendo às suas expectativas? Por quê?

Acadêmico 1: Na verdade a gente já terminou o eixo de educação ambiental né nós pass.

Pesquisadora: Então ele correspondeu as suas expectativas?

Acadêmico 1: Ele correspondeu no sentido de uma introdução ao tema, eu acredito que no sentido de introdução ao tema de educação ambiental, de uma base de uma base ele correspondeu, mas na minha opinião agora trabalhando com educação ambiental vendo e sentindo a carência que os alunos tem no dia a dia mesmo de tu levar numa saída de campo como hoje a gente foi numa, a gente fez um passeio com a escola na região da nascente do rio dos sinos né, em Caraá, então os alunos se perguntavam muito muitas coisas, muitas coisas, desde a formação das pedras da região alí porque quer tinha tanta pedra no rio, porque que não tinha lodo no fundo e porque que era pedra, e qual a diferença de ter lodo, a pedra, coisas que, aí eu tive que buscar pra poder responder e que dentro do meu eixo eu não tinha essa resposta pra dá, outra coisa ã a educação ambiental ela caminha junto com o conhecimento geográfico e faltou essa parte, por exemplo, localizar as regiões, os biomas que a gente tem no país, isso faltou, isso não teve, a gente não teve e é muito importante pra tu ter um conhecimento ambiental tu saber que tu tá caminhando num solo que é do pampa, o que que é o pampa ô ô ô da mata atlântica o que é, cerrado, enfim aqui a serra geral fica próxima do mar fica no litoral aqui a região sul a gente tem área de preservação, aqui ã esse tipo de coisa eu acho que faltou bastante, também acho que faltou um tipo de visita a alguma unidade de preservação, faltou, eu fiz porque eu fiz um um curso, eu acho que se não me engano foi de 8h na Reserva Ambiental do Lami aqui em Porto Alegre que foi muito importante que eu acho que deveria fazer parte de um de uma segunda fase do curso, claro cada mais cada região da do nosso estado tem o curso e cada região tem uma zona de proteção e eu acho que seria importante uma visita a essa região também.

Pesquisadora: Sim.

11. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?

Acadêmico 1: Como? Tu pode repetir?

Pesquisadora: Qual a sua opinião sobre a educação ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo, ou seja, os demais não tem acesso a educação ambiental no curso de licenciatura em educação do campo?

Acadêmico 1: Acho terrível, terrível, porque pressupõe que educação do campo tu conheça alguma coisa do campo e daí tu liga o campo com a preservação aqui na nossa região por ser uma região bem urbana, quando fala em educação do campo, ah eu faço educação do campo, eles olham pra ti ahhh é da ambiental e aí tu diz é eu sou da ambiental, ah mas porque tem educação do campo qui não é? Aí tu tem que explicar que é um curso de séries iniciais aquela história toda e eu acho que de, eu acho que educação ambiental deveria ser ou fazer parte ser um eixo, não um eixo de ECO, mas uma disciplina.

Pesquisadora: Sim.

Acadêmico 1: Dentro do curso de educação do campo.

Pesquisadora: Para todos terem acesso.

Acadêmico 1: E aí sim Raquel aí eu acredito que deve ser nos moldes que a gente tem no eixo sabe? Nos moldes que a gente tem no eixo de educação ambiental, mas pro pessoal que fizesse o eixo de educação ambiental optasse por fazer um aprofundamento bem maior daí, eu acho que a gente tem tempo pra isso dentro do curso de quatro anos, tem tempo pra esse aprofundamento.

Pesquisadora: Ok.

12. Qual a importância do eixo Educação Ambiental para o curso de Licenciatura em Educação do Campo?

Acadêmico 1: Fundamental, fundamental ã ã pela estrutura do curso e pro público que se dirige que que que é dirigido esse curso, se tu for trabalhar numa escola rural tu vai tem que ter noção de educação ambiental por mais que as pessoas vivem naquela realidade tem que ter noção de educação ambiental e daí como que o curso de educação do campo não te dá uma cadeira, vamos dizer assim, de de educação ambiental, ela é optativa, tu faz ela ou faz outras se tu quiser é, eu acho um erro, um não ter essa obrigatoriedade entre aspas sabe, eu sô eu acho que deveria ter essa essa essa cadeira, essa disciplina esse eixo.

Pesquisadora: Sim.

13. De que maneira a EA contribui para a formação de um cidadão crítico?

Acadêmico 1: À medida que te faz pensar, a partir do momento que tu tem o conhecimento, alguém te passa o ou alguém divide o conhecimento contigo e tu divide com a pessoa e tu sabe que tu não pode chegar iii na berada de um rio e começa a tocar garrafa pra dentro e lixo porque aquela água alguém vai tomar, porque tu tá prejudicando a vida que tem ali aquilo ali te faz pensar e todo ato de pensar eee que incentive o pensamento ele ele é libertador, além do aprendizado então eu acho que é bem por aí, porque faz a pessoa pensar e daí te dá liberdade pra tomar decisões e tu vai ser mais crítico a partir do momento que tu tem duas realidades tu vai ser crítico.

Pesquisadora: Sim.

Acadêmico 1: Tu tem duas opções, tu tem o conhecimento e tu tem uu u que tu pode passa pros outros e aí tu vai fazero teu pré-julgamento se aquela garrafa ali realmente vai fazer mal pra alguém, se tu jogar ali ou não e quando tu vir alguém fazendo isso também vai te chamar atenção, então e vai te contribuir pra tu ser crítico dessa forma.

Pesquisadora: Sim.

14. Você tem dificuldades nesse eixo? Quais?

Pesquisadora: Você teve dificuldades nesse eixo, quais?

Acadêmico 1: Que eu na minha assim pessoalmente dificuldade eu não tive, a dificuldade que a gente tem é é de tá com a leitura dos textos em dia, essa é a dificuldade e tu trabalha, tem outros outras coisas pra fazere a vida é bem corrida, mais dificuldade mesmo dificuldade eu não tive.

Pesquisadora: Ok.

15. Diga como pretende trabalhar a EA de forma multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar nas suas aulas como futuro educador.

Acadêmico 1: Eu vou, pra responder isso eu vou dar o exemplo do meu projeto de estágio final quee como eu te disse desde o começo da conversa, minha intenção era fazer geografia e daí eu tive agora a oportunidade de nesse estágio final nas séries iniciais eu vou pegar o 4° e 5° anos né e escolhi o tema geografia como tema central e a gente vai trabalhar todas as disciplinas como tu disse, mais o tema central ou universal que a gente vai sempre tá culminando nele vai ser a geografia, eu vi por causa da necessidade que os alunos tem por exemplo aqui alunos da escola que não sabem que a nossa cidade é vizinha com outra que é Sapucaia, quando se fala em Rio Grande do Sul eles não sabem o que é, no 4° e 5° ano eles não tem ideia do que seja quando se fala que ah Porto Alegre é a capital do Rio Grande do Sul, eles são capazes de dizer que Porto Alegre que qui é Porto Alegre? Capital do Brasil? É dia da independência independência u que é isso? Situações que eu vi na prática e aí eu respo do dessa forma pra tu ter uma ideia que eu vô fazer o projeto final na área de geografia e vou colocar a educação ambiental o tempo inteiro permeando as questões da geografia, da matemática ã ã de estatística, de montanhas, de estatística, estatísticas de de desmatamento, de queimada, de de de área de preservação do estado ã e tudo isso tentando trazer pra realidade dos alunos, que é bem difícil bem por ser um 5° ano, é uma uma idade bem bem assim bem tenra prá pra e pra esses assuntos eu vejo que tem uma certa necessidade então eu pretendo sempre colocando o tema da educação ambiental qualquer transversalidade do assunto e um dos erros assim que eu acho, sem me aprofundar muito mais, que eu tenho desde que eu comecei o curso é de que ã não ter a disciplina no currículo de educação ambiental prejudica nossa nação como desenvolvimento de ter um desenvolvimento sustentável, como como a gente tem uma cultura diversa e miscigenada, eu acredito que se poderia nivelar nivelar o cuidado com o meio ambiente tendo uma disciplina uma disciplina como matemática, português e deixar esse tema de transversalidade que ele continue sendo transversal na matemática, na história, na nas artes visuais, continue sendo transversal, mas eu não consigo acreditar que uma professora de matemática vai ter o mesmo cuidado pra passar a educação ambiental, passaro cuidado ambiental na aula de matemática que um professor que tenha formação pra aquilo ali e que goste de fazer e por consequência tem a formação praquilo.

Pesquisadora: Ok.

16. O eixo de EA tem uma relação teórico-prática dos conteúdos?

Acadêmico 1: Não, não.

Pesquisadora: Porquê?

Acadêmico 1: Por tudo que eu te disse, a gente tem uma a gente tem o teórico mais falta o prático o ir pra rua, o conhecer, u tocar, u mostrar, porque meio ambiente é é sentir, é cheirar, é pegar, é cuidar, é tirar, limpar, isso é o prático e isso talvez por ser EAD n, é por ser uma disci um formato EAD a gente não tenha, eu não sei como funciona num curso presencial, mais eu sei que no no a gente, a prática a gente não tem a prática, o que a gente tem é elaboração de projetos e aplicação em escola depois aí é a prática mais mas é uma prática fraca.

17. Como o estudo do eixo fez você conhecer os movimentos sociais, sindicais, ONGs e outros da sua cidade ou região? Quais? Você faz parte de algum deles?

Acadêmico 1: Não participo, eu acompanho bastante o Greenpeace e a WWF também que são que são internacionais né, mais que atuam em todo o Brasil, como por exemplo agora a gente fez a Hora do Planeta na escola, a gente trabalhou duas semanas o que que era a Hora do Planeta, a gente colocava a produzía cartazes com os alunos de educação ambiental do que que é a Hora do Planeta pra que qui ela serve oo quem inventou esse tipo de coisa, infelizmente Esteio nem Sapucaia participaram da da Hora do Planeta né i é uma pena porque não deixa de ser, não tem um incentivo ii.

Pesquisadora: Mas na tua região tem movimentos e grupos ambientais que tu conhece?

Acadêmico 1: Que eu conheço aqui a gente tem o Centro de Estudos Ambientais em Sapucaia, só que ele ele funciona mais como eventos, eu acho e agora como eu te disse também ele não tá não tá atuante porque a gente tinha festival de pandorga que, aqui a gente tem uma área rural, uma área rururbana na verdade em Sapucaia que é muito bonita com morros se tem morros ã ã a gente tem um vale, até chega a ter um vale aqui e como a a a nossa região fica no pé da serra, praticamente é tu tu consegue vê toda serra, a serra do Rio Grandi do Sul, a serra geral daqui e e a gente esse grupo tinha, levava as escolas, festival de pandorga, a produção de enfim toda uma agenda ambiental e eu participo desse grupo mais só pelo facebook porque ele não tem mais uma sede lá não se reúnem mais, e o que tinha aqui o que tinha era isso e outra coisa ã ã não é um grupo ativo porque no meu bairro qualquer pessoa pega uma árvore que tenha 40 anos e corta porque tem que fazer uma cerca ali, porque que coloca uma um faz uma laje no chão corta e a prefeitura não diz nada não acontece nada ninguém é multado é realmente aqui nã não funciona.

Pesquisadora: Ok.

18. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Como isso é abordado no eixo de EA?

Acadêmico 1: Raquel.

Pesquisadora: Oi, tás me ouvindo, alô tás me ouvindo, alô, alô retornou? Alô (caiu a conexão Skype).

Pesquisadora: O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Como isso é abordado no eixo de EA?

Acadêmico 1: A a economia ecológica solidária é ela se dá numa numa contribuição de um grupo pro crescimento mútuo, então o que cada um produz, alguma coisa né que vem da terra ou beneficia algum tipo de produto seguindo um padrão de de ser orgânico geralmente os que eu conheço são assim, eles seguem um pa um padrão de produto orgânico e forma uma cooperativa, aí é que tá o ponto, a economia solidária ela se dá dessa forma, do da forma que eu conheço e com formação de cooperativa e e o termo solidária seria porque daí os lucros são divididos e o grupo todo cresce em tese né eu não sei se funciona na verdade.

Pesquisadora: E como isso é abordado no cursu de educação ambiental?

Acadêmico 1: É é abordado de forma de conhecimneto de de de materiais sobre o MST que é o que a gente mais conhece né ãã sobreos produtos orgânicos u que vem a ser sobre transgênicos, isso é abordado de forma assim teórica né na prática agente não.

Pesquisadora: É abordado no eixo então?

Acadêmico 1: É abordado no eixo mais por ser EAD a gente não vai, a gente não conhece né ah mais o pessoal que que que pretende ii continuar se especializando em educação ambiental procura feiras, procura se informar do assunto.

Pesquisadora: Sim.

19. Como o eixo aborda as práticas de preservação e regeneração da natureza humana e não humana?

Acadêmico: A didática utilizada são textos e fóruns de discussão, porém creio que poderíamos ter explorado muito mais as mídias presentes na escola, como vídeo e informática. Observação: Resposta via e-mail.

20. Como a EA do curso promove o engajamento político para reivindicações e melhorias na sua cidade ou região?

Acadêmico 1: Incentivando, como um incentivo, ela te dá o conhecimento, ela ela não te dá o caminho, mais ela te dá o conhecimneto que é possível de que tu possa fazer alguma coisa, como eu te disse da questão da poda de árvores, ela te dá o caminho pra qui tu, ela te dá a luz pra que tu veja que aquilo é errado, que porque tu teve contato não é que aquilo é erradoe que existem e que existe uma legislação municipal sobre aquilo ali e que ti e ti mais ela não te dá meios pra que tu, pra que tu vá em frente pra criar, talvez isso deva brotar da pessoa mesmo.

Pesquisadora: Não, mas eu tô perguntando do do eixo da Educação Ambiental em si, como ele promove o engajamneto político pra reivindicações e melhorias na sua cidade ou região, os conteúdos e todoo cur o eixo de Educação Ambiental, tu consideras que promove isso de que forma?

Acadêmico 1: É como eu te disse, ele incentiva, não chega a promover porque eh tanto é que não existe nenhum grupo formado de de de reivindicação e um grupo social ou uma ONG formada a partir de conhec a partir do que a gente aprendeu ô a partir de alguma de um déficit do município nessa área, mais ele ele ele ele incentiva que faça com certeza se tu lê os textos, se tu participar do curso, se tu fizer as atividades, tu não vai ser o mesmo que tu que tu era quando tu entrou, mesmo que tu não goste do tema educação ambiental se tu fizer tudo como tem que ser feito tu vai ter uma mudança de pensamento.

Pesquisadora: Ok.

21. O que entendes por uma pedagogia problematizadora e a prática político-pedagógica da EA?

Acadêmico 1: Pode repetir Raquel essa.

Pesquisadora: O que tu entendes por uma pedagogia problematizadora né no sentido de Paulo Freire e da prática político-pedagógica da EA? No curso.

Acadêmico 1: No curso inteiro.

Pesquisadora: Não, no curs no eixo de Educação ambiental.

Acadêmico 1: Uhum bom eu vejo de uma forma que ela incentiva o crescimento a busca por novos materiais pela troca, muito mais pela troca entre os alunos, porque a gente tem o respaldo, tem o material, tem o conteúdo, mais um aprendizado maior se dá com a troca e nesse caso eu acho que entra os princípios de Freire e o princípio pedagógico do do do buscar o teu conhecimento, formar o teu conhecimento, formaro teu caminho, dessa forma eu vejo no curs no eixo di educação ambiental, que que tu tem que elaborar projetos, tu tem que escolher um tema e elaborar o projeto e colocar o projeto em prática, então tu vai tem que buscar esse conhecimento, tu vai ter a basee tu vai construir o conhecimento i i i i outra coisa importante e daí tudo que tu construir não é errado, pode ser que tu não esteja totalmente no caminho, mais em um dado momento do processo tu vai perceberr tu vai voltare vai corrigir aquela aquela parte.

Pesquisadora: Sim.

22. Você considera que o estudo de uma erótica não repressiva e a educação sexual são importantes no currículo da EA? Por quê?

Acadêmico 1: Porque trabalha com a liberdade.

Pesquisadora: Primero se tu considera importante o estudo.

Acadêmico 1: Sim considero importante sim porque tu vai, como, voltando toda a nossa conversa do início, se tu não tiver a liberdade pra escolher quem tu quer ser, o que que tu quer fazer, que ética tu vai trabalhar né, então eu considero importante por causa disso, porque tu não vai discriminar uma pessoa pela prática dela na educação ambiental e acho que uma coisa não nun nun prejudica a outra.

23. Qual a sua auto avaliação no eixo de Educação Ambiental?

Acadêmico 1: Am eu acredito que ele é muito importante muito importante mesmo acredito que ele tem que ser pro curso todo de educação do campo, que ele tenha que ser uma uma uma um eixo um eixo inteiro iii porém porém pra os alunos que vão fazer, seguir o eixo de educação ambiental, eu acho que é fraco, eu acho que ele poderia ter muito mais agregar, mais conhecimento, buscar mais conhecero natural mesmo, um poquinho da botânica, um poquinho da fauna, da flora ã das regiões como eu te disse, faltou essa parte no curso de educação ambiental porque da maneira que ele tá agora ele não te prepara pra entrar na sala de aula, ele te dá uma base mas ele não te prepara 100% 100% nunca vai tá mas ele não te dá aquela boa base, eu considero muito importante muito importante mesmo como eu te disse acho que tem que ser no curso inteiro que deva continuar tendo o eixo mas aí com muito mais aprofundamento.

Pesquisadora: Sim, mais i ai i tu fazendo uma autoavaliação do teu aproveitamento de ti mesmo assim em relação ao eixo, a tua auto avaliação.

Acadêmico 1: Eu acho que eu aprendi bastante, muita teoria ã i i o fundamental foi que ele me fez ir buscar mais e por causa desse início eu fui buscar mais porque eu precisei de mais, então pra mim foi muito bom foi muito bom mesmo.

Pesquisadora: Ok.

24. Quais as suas sugestões para o curso?

Pesquisadora: Quais as tuas sugestões para o cur para o eixo de Educação Ambiental no curso.

Acadêmico 1: Tá ã a a minha sugestão é essa que a gente conheça mais do natural da parte natural da educação ambiental mesmo, que é o fundamental, é pra isso que existe educação ambiental, pra que tu saiba o que existe e como preservar, como tu vai, como tu vai preservar o que tu não conhece? Como que tu vai saber u como que tu vai olhar numa árvore um um uma barbinha de bode e saber que aquilo ali indica que o ar é puro, então eu acho que esse tipo de coisa tem que ter mais, seja através de vídeo a gente tem ambientalistas assim muito bons no Brasil e não só no Brasil, pra não ficar aquela coisa muito de bairrista, ã e porque eu acompanho ã ah as organizações internacionais e um conhecimento mais global também porque não então eu acho que esse ponto de conhecer mais o natural, as regiões, o conhecimento geográfico da educação ambiental, a situação ã do do das nossas florestas aqui mesmo, matas, regiões, pampa as águas eu acho que isso deveria estar como material, por exemplo, conhecendo a Lagoa dos Patos, conhecendo o bioma Pampa, trabalhando com ele ã a Mata Atlântica ã ã aquecimento global são coisas que são fundamentais pra educação ambiental e não estavam presentes eu acho qui isso deveria tá.

Pesquisadora: Ok Acadêmico 1, bah agradeço muito a tua colaboração as tuas contribuições.

Acadêmico 1: Disponha.

Pesquisadora: Agradeço muito a disponibilidade em participar da pesquisa e com certeza as tuas as tuas respostas i u que tu pensa vai colaborar com a minha pesquisa e também com o próprio curso né que isso vai refletir na no nosso aprendizado né como tutores, professores no curso já que é um curso novo né que nós estamos iniciando.

Acadêmico 1: É e um curso que tá crescendo tá tá tá em mutação né sempre numa constante mutação.

Pesquisadora: É.

Acadêmico 1: Eu que agradeço de poder participar e dá uma opinião assim de aluno.

Pesquisadora: Sim e pra mim é fundamental.

APÊNDICE K

ENTREVISTA COM A ACADÊMICA 2 – POLO DE ROSÁRIO DO SUL

Realizada via “Skype” com gravação de áudio.

Entrevista n°. 02. Gravação n° 02

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da turma 1 - UAB/UFPel, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às 19h30 min, do dia 30/07/2013, após o entrevistado previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Dados do(a) entrevistado(a)

- a. Nome: Acadêmica 2
- b. Profissão: Estudante
- c. Cidade onde reside: Rosário do Sul
- d. Polo que frequenta: Rosário do Sul
- e. Formação escolar ou acadêmica: Licenciatura em Educação do Campo

Pesquisadora: Tô começando a gravar Acadêmica 2, as perguntas, tá, em relação ao e-mail que te enviei tu ficou com alguma dúvida, tens alguma dúvida... Acadêmica 2!

Acadêmica 2: Sim.

Pesquisadora: Tens alguma dúvida da pesquisa.

Acadêmica 2: Não, a princípio não.

Pesquisadora: Então tá. Aí qualquer dúvida que tu tiver das perguntas tu avisa, se tiver alguma que tu não quiser responder tu fica à vontade.

Acadêmica 2: Tá bem.

1. O que entendes por ética?

Acadêmica 2: Por ética? Ai pra mim a ética é...vou te dizer...Só um pouquinho Raquel.

Pesquisadora: Fica à vontade Acadêmica 2.

Acadêmica 2: Só um pouquinho... Sim Raquel, eu tô tendo dificuldade, é que eu não tenho os fone de ouvido também.

Pesquisadora: Ah meu D.

Acadêmica 2: Mas a ética pra mim eu acho uma pessoa quando ela é correta, entendeu, pra mim, o meu ver, o que que é ética, seguir os bons princípios.

2. Como você relaciona a ética com a Educação Ambiental?

Acadêmica 2: Como relaciono...

Pesquisadora: a ética com a Educação Ambiental, com os trabalhos que tu realizas na Educação Ambiental.

Acadêmica 2: Como eu relaciono a ética com a Educação Ambiental. Olha, que que eu vô te responde assim, a ética com relação à ambiental eu acho assim, as, como é que eu faço, a ética pra mim é uma coisa que tem que se correta, entendeu, e a EA também, pra ter uma boa educação, pra ter uma educação ambiental, pra te natureza como tá indo ali, também temo que respeita os princípios, as leis.

3. Por que escolheu o curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPeI?

Acadêmica 2: Por que eu achei assim, no início quando eu observei essa essa formação, eu achei que fosse um curso mais academi, mais assim técnico, mas aí depois com o tempo eu gostei também, eu escolhi porque ele faz parte da minha área, eu trabalho na agricultura, então achei assim que, então escolhi esse eixo, meio ambiente, porque ele fazia parte da minha vida, entendeu.

4. Por que escolheu o eixo de Educação Ambiental em ECO (Estudos Colaborativos)?

Acadêmica 2: Como que é, pode repeti Raquel

Pesquisadora: Pergunta número 4, porque que tu escolhesse o eixo de Educação Ambiental nos Estudos Colaborativos.

Acadêmica 2: Ah tá, entendi, entendi. Por que o meu convívio é no meio rural, é no meio rural, eu faço parte dessa área entendeu, por isso eu escolhi meio ambiente, como é que eu vô dizê, eu sô agricultora né Raquel.

Pesquisadora: Tu é agricultora?

Acadêmica 2: Sô.

Pesquisadora: Olha que bom. É realmente.

5. Qual a importância do eixo ECO - Educação Ambiental para o curso de Licenciatura em Educação do Campo?

Pesquisadora: A relação, a contribuição que tem entre a Educação Ambiental e o CLEC.

Acadêmica 2: Qual a relação da Educação Ambiental com o iro você pediu isso né?

Pesquisadora: Isso, com o curso de Educação do Campo, que que tu achas assim, quais as ligações né que tu sentiu no curso assim, que tem a ver com o CLEC.

Acadêmica 2: Eu acho que nós devemos perguntar assim...como é que eu vô te dizê, porque que ela é fundamental, em princípio, pra manter o jovem no campo também, pra mim, seria a primeira parte né, porque o aluno geralmente ele se forma só na parte teórica e na prática ele não conhece, porque quando eu elaborei agora esse projeto, as crianças ficavam encantadas que iam coloca a mão na terra, com plantas, geralmente isso não se usa em sala de aula, eles não aprendem na educação e por isso que eu acho que a EA com essa com essa faculdade que eu escolhi da Educação do Campo, elas tem que andar dentro da sala de aula juntos sim.

6. Quais eram suas expectativas quando iniciou o eixo de Educação Ambiental? O eixo correspondeu às suas expectativas? Por quê?

Acadêmica 2: Sim, elas estão correspondendo as expectativas, elas tão correspondendo expectativa porque eu tamb quando eu pensei em fazer isso aí, eu tinha um motivo assim de de trabalhar dessa maneira e a expectativa do do do eixo que eu montei de EA, os alunos é que corresponderam também, a comunidade também, eu achei que assim importante.

Pesquisadora: E quais eram as expectativas que tu tinha da EA, por exemplo, tu iniciou o curso, o que que tu penso que era a EA, o que que tu penso que fosse aprender, quais as compreensões que tu tinha da EA, quando tu iniciou o curso. Que que tu imaginava assim da EA.

Acadêmica 2: Pode repeti Raquel, eu não entendi.

Pesquisadora: Por exemplo, quando tu escolheu o eixo EA, que que tu imaginava, que que tu imagino que tu fosse estudar na EA, que que tu imaginava da EA, que algo novo né, um termo novo. Entendeu Acadêmica 2?

Acadêmica 2: Entendi entendi...

Pesquisadora: Que que tu imaginava que fosse aprender, o que que tu imaginava da EA, qual o teu entendimento da EA quando tu iniciou o curso.

Acadêmica 2: Assim ó, a minha ex, em relação a essa pergunta que tu fez assim ó eu acho que hoje em dia só dão muitas lavouras grandes, entendeu, e assim, nós temos que dar mais valor aos pequenos também, o o, as

comunidade eles são muito carente, tá faltando comida, porque ninguém mais tá vendo o lado assim de plantar, ter hortas em casa, vamos supor, o caso da horta geralmente parece que caiu de moda, então o pessoal acha, o pessoal acha assim que tem que viver só planta soja, arroz e cria, eu acho errado isso aí, entendeu, eu acharia que tem que busca lá o o que a gente caço lá atrás, entendeu, resgata os valores, os princípios lá atrás, ensina a fazer uma horta em casa, pra ter uma sustentabilidade hoje em dia nas comunidades.

7. Como você avalia a comunicação (via fórum, e-mail, chat, presencial) com os seus colegas, com professores e tutores na educação a distância no eixo de Educação Ambiental?

Acadêmica 2: Olha, pela educa, a educa, a faculdade por assim ela é complicada, ela é até mais complicada que o professor presencial, a gente tem que ir à busca e não é fácil pra você assim conseguir tudo no momento exato, você viu por exemplo a internet hoje, o problema que ela me causou e às vezes quando vence o prazo de enviar a internet não vai, é por causa da chuva, é por causa, sempre tem uma coisa que interrompe, mas ela é boa, faz parte.

Pesquisadora: Sim, é, pergunta número.

Acadêmica 2: É porque a prática na realidade é pouca né.

8. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?

Acadêmica 2: Eu, eu acho errado porque ela devia ser mais aberta pra todos, não só pros acadêmicos, entendeu.

Pesquisadora: Não, é que é assim, o curso ele oferece eixos que tu vai escolher, mas especificamente a EA tu achas que ela deve ser ofertada só aqueles que escolhem ou tu acha que ela deveria ter de alguma forma EA pra todos os alunos.

Acadêmica 2: Ah, pra todos os alunos, agora entendi, seria pra todos os alunos.

Pesquisadora: E por quê tu acha que a educação é importante assim pra pra no currículo.

Acadêmica 2: Porque eles não tem opção, e ali, por exemplo, tem gente ali que estudava comigo eles não tem conhecimento sobre a natureza, sobre entendeu, eles tem assim, eles não interagem direto, eles, como é que eu vou dizer, eles olham na internet as coisas, mas não que na prática, na realidade pouca gente conhece isso, trabalhar no meio ambiente, trabalhar entendeu, tá me entendendo Raquel como eu quero te explicar.

Pesquisadora: Tô, tô entendendo. Pergunta agora número.

Acadêmica 2: Porque assim Raquel, porque todas as disciplina elas tem opções de trabalhar com a EA, todas, não há necessidade especificamente uma só, por exemplo, a matemática você não trabalha, vai formar um canteiro né, ele, tu vai medir, entendeu, aí tu vai medir o canteiro, entra a parte dos números, entendeu, das metragem, geografia, entra também a parte do meio ambiente, ciências, todas elas podem ser trabalhadas, em todas as disciplinas a EA pode entrar, entendeu, porque a reciclagem, a arte, por exemplo, onde você vai fazer um teatro que eles querem muito teatro na sala de aula quanta coisa reciclada você pode aproveitar nesse teatro.

9. De que maneira a EA contribui para a formação de um cidadão crítico?

Acadêmica 2: De que maneira...

Pesquisadora: A EA, o a os estudos de EA elas contribuem para a formação de um cidadão crítico.

Acadêmica 2: Ela contribui, como é que eu vou dizer pro cidadão crítico.

Pesquisadora: Tu pode pensar na tua formação, por exemplo, que qui tu, o que que tu enxerga hoje por exemplo que antes antes de aprender EA tu enxergava o ambiente e os problemas sociais de uma forma e agora como qui tu enxerga assim, criticamente o teu olhar pro mundo, pra natureza, pros problemas ambientais, pode pensar em ti mesma, nessa questão assim, na tua formação.

Acadêmica 2: É assim ó, ã, essa pergunta ela é um pouquinho complicada, mas eu vô tenta te responde, porque assim ó, eu, depois que eu fiz EA, claro, como eu já tinha uma base sobre isso, ela também me ajudou mais do que eu sabia, eu aprendi mais com isso também mas eu assim, eu repassei pra esses alunos que eles podem mudar a realidade lá adiante pra eles também e pra pra manter a EA porque não é fácil só mídia, mídia, mídia, mídia não funciona só, ah, vamo muda a EA e tu tem sempre que repassá, onde é que tu vai repassá, dentro da

sala de aula com os pequenininho, porque eu ainda acho que a gente vai muda o meio ambienteé com as crianças não é com os adultos, os adulto depois que a cabeça tá feitanão é fácil voltar.

Pesquisadora: Ok.

Acadêmica 2: Porque assim ó Raquel, porque no momento também que você repassa pra esses alunos, essas crianças, como é que eu vô te dizer, repassando sobre EA, uns podem produzir, ter o dinheiro deles, que hoje em dia tudo é difícil, ele ele, como é que eu vô dizer, ele ele quer aprender mais ele vai buscar mais, ele quer mais incentivo porque hoje em dia uma pessoa e uma coisa levando a outra, por exemplo assim, eu estou me formando, estou me formando praticamente agora, eu penso assim, se eu fosse um jovem e não teria emprego pra mim a faculdade deixa, ela fica até uma frustração, aí por isso que eu entendo jovem hoje que se forma numa faculdade e não tem uma sequência de estudo, ele não o dinheiro dele no fim do mês então isso se torna assim frustrante pra jovem.

10. O eixo de EA tem uma relação teórico-prática dos conteúdos? Explique.

Acadêmica 2: Tem, tem como eu te falei antes, nos conteúdos, porque que ela é forte, porque em todas as disciplinas você pode usar, você pode usar, entendeu, tanto na geografia, como na história, entendeu, como na arte.

Pesquisadora: Mas assim, pegando a EA o eixo ECO –EA, como qui tô relacionou a parte, a relação teoria e prática dos conteúdos, eu queria que tu falasse um pouco do teu trabalho, por exemplo, isso que tu aprendeu na teoria, nos conteúdos que foram dados né durante as semanas no eixo, como qui tu colocou em prática isso, até tu tava falando do teu trabalho, se tu quiseres comentar, o teu trabalho em escola né, do estágio, tu consideras isso uma relação teórico-prática dos conteúdos, eu queria que tu me comentasse um pouco sobre isso.

Acadêmica 2: Sim, eu no conteúdo, nos planos eu usei muito sim, por causa, como é que eu vou te falar, por exemplo, quando eu passei pra eles a matemática, na parte prática, eu ia lá nos canteiro com eles e mostrava nos pneu, na hora das partes geométrica, como era o pneu, eu mostrava que era o círculo pra ele, eu mostrava como plantava as plantinha, eu fazia eles contar, entendeu, eu associava o conteúdo e a prática ao mesmo tempo.

Pesquisadora: Acadêmica 2, então só me diz o tema da do teu trabalho só pra eu me situar assim, que que tu fizesse com os alunos lá na escola, só pra eu entender.

Acadêmica 2: Ah, era horta em pneus, recicláveis.

Pesquisadora: Ah, tu fez horta em pneus.

Acadêmica 2: Sim, recicláveis.

Pesquisadora: Tá, e tu consideras esse teu trabalho uma relação teoria e prática assim, esses ensinamentos que tu teve no eixo, tu, tu viu eles na prática ali no cotidiano.

Acadêmica 2: Sim, sim, coloquei ele em prática, o meu trabalho foi colocado em prática sim. Porque eu trabalhei também com alimentação saudável pra eles, a economia da água porque se você colocar a diferença de um canteiro no chão por um canteiro que tá dentro do pneu, você molha um pneu dentro, a verdura a cada 8 dias, num canteiro praticamente 3 vezes por dia, então até isso eu trabalhei com eles, a economia da água.

Pesquisadora: Olha só, então tá.

11. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Como isso é abordado no eixo de EA?

Acadêmica 2: Não entendi Raquel, pode repeti?

Pesquisadora: Acadêmica 2, o que que tu compreendes por uma economia ecológica e solidária? E como isso é abordado no eixo de Educação Ambiental.

Acadêmica 2: Ah, economia.

Pesquisadora: Economia ecológica e solidária.

Acadêmica 2: Olha, deixa eu pensa um pouquinho Raquel.

Pesquisadora: Pensa na questão da agricultura, tu podes pensa na questão do teu trabalho né, da agricultura.

Acadêmica 2: Porque assim, economia...

Pesquisadora: Economia ecológica e solidária. E como isso é, foi abordado no eixo de Educação Ambiental.

Acadêmica 2: Assim ó, primeiro que eu trabalhei, por exemplo assim, eles não tem, por exemplo, pra eles monta uma horta a economia que você quer saber eles não tem como gasta tirar do bolso eles eles trabalham com coisas recicláveis o pneu vai parar aonde, não vai parar no rio, não vai parar na sarjeta, não vai parar na barranca do do asfalto, eles podem pegar, a trabalhar, a comunidade, eu trabalhei a escola e comunidade associei as duas coisas e ao mesmo tempo a comunidade que que é eles podem montar uma horta em casa e ter a se susten sustentabiliza, entendeu, que hoje falam muito em sustentablização né.

Pesquisadora: Isso, sustentabilidade.

Acadêmica 2: Sustentabilidade, falam muito hoje, entendeu, e é por aí, o meu trabalho, eu trabalhei muito encima , eu foquei isso aí.

Pesquisadora: Acadêmica 2, e como que tu trabalhou essa questão comunidade-escola com a horta?

Acadêmica 2: Como que eu trabalhei?

Pesquisadora: Isso, eles levaram pra pras fami, os alunos eles tiveram uma inetração na casa deles, na família, foi assim.

Acadêmica 2: A comunidade assim, ela ajudou a buscar os pneu, montar a horta, plantar as verduras, entendeu, aí quando às vezes eu chamava eles, quando eu ia com os alunos chamava eles também pra ver o crescimento das planta, na hora de regar, na hora de limpar, eles eram muito participativo a comunidade. Porque geralmente hoje as escolas quer que a comunidade interage na escola então eu trabalhei nesse lado.

Pesquisadora: Sim. Ok.

12. Como a EA do curso promove o engajamento político para reivindicações e melhorias na sua cidade ou região?

Acadêmica 2: Só um pouquinho Raquel, deixa eu pensa um pouquinho. Como é que a política.

Pesquisadora: Não, como a Educação Ambiental do curso que tu aprendeu, ela promove o engajamento político pra reivindicações e melhorias na sua cidade ou região. Se a Educação Ambiental ela contribui pra isso, para esse envolvimento nas melhorias, nas reivindicações sociais.

Acadêmica 2: Assim ó, deixa eu pensa um pouquinho, na política, que agora é assim, como é que eu vô te dize.

Pesquisadora: Político, eu falo no sentido não partidário, eu acho que tu entendeu o que eu quis dizer, né... Oi Terezinha.

Acadêmica 2: Oi Raquel, só um pouquinho, assim ó, eu acho que nessa parte, ã, que você me questionou, aqui agora essa pergunta, ah, no momento que os alunos saíam comigo e viam assim que a, que o lixo acumulado, eu mostrava pra eles, entendeu, dessa forma, que você quer saber como interagia na política.

Pesquisadora: Se tu quiser eu posso, eu vou repetir a pergunta. Como a Educação Ambiental do curso promove o engajamento político para reivindicações e melhorias na sua cidade ou região? Tu pode fala da tua experiência lá na escola, na horta.

Acadêmica 2: Assim, ó Raquel. Vamo ve se eu entendi mesmo tua pergunta, assim ó, ã, porque no momento que que tu passa pras criança, eles querem a a comunidade também, manter a cidade mais limpa, saneamento, eles eles adquirem mais a convivência, porque porque assim a a, ah como é que eu vô te dizer essa parte aí, ahm, eles procuram ter uma vida mais saudável também, entendeu, eles vão ter uma melhoria de vida melhor, entendeu Raquel.

Pesquisadora: Sim, eu entendi.

Acadêmica 2: Eles vão adquirindo qualidade de vida também, melhor pra eles, no momento que eles vêem que tu ensina, que não é pra jogar lixo, que é pra cuidar a natureza, entendeu.

Pesquisadora: Sim. A pergunta número 13.

Acadêmica 2: Porque geralmente cria hábito, é um círculo vicioso, geralmente só assim, eu tenho, eu acho assim que geralmente esses plano, esses projeto devia dar continuidade, mas geralmente a gente vê que quando tu para eles acabam, é difícil dar continuidade, eu pelo menos me senti grata porque a comunidade apreciou muito meu projeto e muita gente já tá plantando nesses pneu.

Pesquisadora: Oh, que bom.

Acadêmica 2: Porque pelo menos houve uma mudança de pensamento com essas pessoas que eu trabalhei, tanto nos alunos como a comunidade.

Pesquisadora: Isso é importante saber né.

Acadêmica 2: Não tô lhe ouvindo Raquel.

Pesquisadora: Alô, tá me ouvindo?

Acadêmica 2: Agora sim.

Pesquisadora: Isso é importante saber, que o trabalho ele sempre é importante ter uma contribuição, a gente vê uma contribuição né Acadêmica 2. É gratificante.

Acadêmica 2: Só que eu acho assim, é, eu gostaria, é prazeroso quando tu vê uma continuação né.

Pesquisadora: Também. É, tem essa parte também que é importante.

13. Você considera que o estudo da educação sexual é importante no currículo da EA? Por quê?

Acadêmica 2: Como é que é, pode repetir Raquel, porque.

Pesquisadora: Tu consideras.

Acadêmica 2: Tá tão baixinho, o meu problema é aqui porque eu não tenho áudio de vídeo e tá difícil pra te escutar.

Pesquisadora: Sim, é que às vezes a conexão fica mais lenta né. Olha só, é, tu consideras que o estudo da educação sexual é importante no currículo de Educação Ambiental? E porquê? Na tua opinião.

Acadêmica 2: Você perguntou a educação sexual.

Pesquisadora: Isso, se ela é importante ser abordada no currículo de Educação Ambiental.

Acadêmica 2: É importante.

Pesquisadora: E por quê? Eu gostaria de saber tua opinião.

Acadêmica 2: Por quê? Por que assim ó, para uma qualidade de vida melhor, menos filho, menos doença, pelo menos eu acho nesse lado, olhando, pensando desse lado, entendeu.

14. Em sua opinião, como a EA promove transformações sociais para o desenvolvimento de uma nova sociedade?

Pesquisadora: Com novos valores, uma nova ética ambiental, uma nova cultura, de sustentabilidade, que a gente tava comentando.

Acadêmica 2: Com certeza, com certeza, principalmente quando você trabalha na prática, não só na teoria, porque na realidade hoje se você for vê, na na mídia só tem propaganda, propaganda, mas pouca transformação, é, e atitude também e muito pouca atitude. Porque pela parte do povo também, eu percebo porque eu moro pra fora Raquel, geralmente o que acontece, pessoas que tem uma caminhonete muito bonita, o que que eles fazem, carregam o lixo e largam nas barranca, na beira do asfalto, na beira de rio, geralmente quem vai colhê é o pobre

que tem uma bicicleta, entendeu, então eu acho assim que é importante sim, uma conscientização e, por exemplo, assim, pelo que eu tô vendo a Educação Ambiental é o caminho.

Pesquisadora: Então tu considera, então e como tu considera que a Educação Ambiental ela vai promover, esses conhecimentos da Educação ambiental promove transformações sociais pro desenvolvimento de uma nova sociedade.

Acadêmica 2: Correto, correto, porque a educação geralmente ela começa de berço, ela começa de berço, se a educação hoje não começa de berço Raquel, é difícil você querer mudar uma pessoa adulta, você me compreende, é muito difícil. Pra ter uma transformação social lá adiante, não adianta querer começar com adulto, tem que começar com o jovem, com as crianças, por exemplo, desde casa, desde o berço, e na realidade eu percebi que as crianças do jardim, bem que eu trabalhei também, o primeiro estágio, eles tão louco pra trabalhar, eles adoram, eles amam mexer na terra, eles gostam de ir lá mexer com a sementinha, pegar o canequinho, colocar a água, cuidar, eu acho assim importantíssimo, né. Não sei se você me entendeu.

Pesquisadora: Eu entendi, eu entendi, entendi sim, a questão da criança né, de investir nas crianças.

15. Qual a sua avaliação do eixo de Educação Ambiental?

Pesquisadora: Agora que tu estás te formando, pensando desde o início do curso, no desenvolvimento dos conhecimentos que tu adquiriu e as práticas na escola, enfim, dos teus trabalhos práticos, qual a tua avaliação, o que que tu avalia disso tudo.

Acadêmica 2: Olha, a minha avaliação pra ser sincera Raquel, eu acho assim pouco tempo, muito pouco tempo, muito pouca prática, entendeu, no meu ponto de vista né.

Pesquisadora: E o que que tu sugeres que poderia melhorar, porque é a primeira turma né, de vocês, então o que que tu sugere nessa experiência que tu teve, que poderia ser feito, poderia ser aprimorado no curso, no teu ponto de vista como aluna, né, o que que tu acha que poderia ser melhorado.

Acadêmica 2: Olha, pra mim o que faltaria é só mais prática, tem que ter mais prática nas escolas, só teoria não vai funcionar, não vai funcionar, e eu te, olha sinceramente como eu te falei eu sou lavorera e eu vejo que, eu trabalhei em horta 26 anos de horta, não adianta aquela teoria se tu não vai lá cuidar da plantinha todos os dias, é prática, prática, tem que ter prática, é porque geralmente o projeto é feito e engavetado, entendeu, e terminou o projeto larga de mão, eu acho que assim não vai dar, não vamos chegar a lugar nenhum. Porque na realidade os professores trabalham muito pouco na Educação Ambiental, no meu ponto de vista, que eu vi agora quando eu terminei minha faculdade, muito pouco.

Pesquisadora: Os professores da escola que tu trabalhava?

Acadêmica 2: É, não é só da escola, em si todas as escolas, todas, não é só a minha, todas, trabalham muito pouco Educação Ambiental, porque geralmente elas sabem que tão errada, mas não querem, param por ali mesmo, elas não querem dar o seguimento. O que que tá faltando ali Raquel eu não sei, na realidade eu não sei te responde o que tá faltando no ser humano, ele sabe que tá agindo errado.

Pesquisadora: Então tá, tu tem mais alguma sugestão que tu queira ou até algo que tu queira fala sobre o eixo, um comentário teu.

Acadêmica 2: Não, pra mim encerraria por aqui Raquel.

Pesquisadora: Então é isso. Acadêmica 2, o que que tu achou da entrevista, teve alguma dificuldade em responder alguma questão, que agora a gente tá terminando.

Acadêmica 2: Eu tive dificuldade sim de responder as perguntas sim, por causa do vídeo também, eu não tenho nem o fone de ouvido, foi tudo assim elaborado encima da hora e não tava dando certo e entendeu, eu até gostaria de de ter feito no Gmail mesmo e ter respondido, eu até acho melhor, entendeu.

Pesquisadora: Entendi. É, eu preferi assim porque como na educação a distância a distância a gente tá sempre por e-mail e não se vê, eu pensei em fazer dessa forma, que eu sou tutora a distância do curso né, aí eu pensei pra me aproximar mais das pessoas, ainda mais uma turma que eu não conheço, que eu não participo né, então eu pensei mais nessa questão de pelo menos vocês me verem, mesmo que a gente poder se ouvir, se conversar pra ter uma outra forma, mas em relação a essas questões tecnológicas em último caso eu, eu faria por bate-papo

mesmo, porque a gente sabe né que a tecnologia às vezes a gente fica difícil né Acadêmica 2. É, realmente, mas eu acho que deu certo, conseguimos falar, conseguimos nos comunicar.

Acadêmica 2: Tá bem, tá bem Raquel.

Pesquisadora: Acadêmica 2, eu só posso te agradecer muito.

Acadêmica 2: Qualquer coisa manda por e-mail que eu te respondo.

Pesquisadora: Eu vou transcrever essa gravação que a gente fez e aí qualquer coisa me comunico contigo de novo se tiver alguma dúvida.

Acadêmica 2: Porque assim Raquel, você viu que às vezes eu tenho dificuldade pra formar frase, porque tu sabe que eu fiquei muito tempo sem estudar, eu voltei a estudar depois de 30 anos.

Pesquisadora: Desculpa te perguntar, mais assim, quantos anos a senhora tem?

Acadêmica 2: Hoje, eu tô com 60 anos e tô me formando.

Pesquisadora: Ah, que bom, parabéns Acadêmica 2. Que tu tenha muito sucesso e já vi que tu tem muita garra, muita força, tem muita vontade, isso é importante.

Acadêmica 2: E pra você também Raquel.

Pesquisadora: Muito obrigada, eu tenho que te agradecer a tua colaboração na minha pesquisa e agradeço muito a tua disponibilidade e o trabalho que vocês tiveram aí pra acessar o Skype e toda essa função, só tenho que agradecer. Muito obrigada Acadêmica 2.

Acadêmica 2: Eu que te agradeço. Raquel, amanhã eu te envio o papel aquele, eu vou escanear e te envio já.

Pesquisadora: É o termo de consentimento porque é com aquele termo que eu posso colocar no meu trabalho né no mestrado, enfim. Acadêmica 2, então encerramos por aqui a entrevista.

Acadêmica 2: Boa noite Raquel.

Pesquisadora: Boa noite então.

APÊNDICE L

ENTREVISTA COM A ACADÊMICA 3 – POLO DE SÃO LOURENÇO DO SUL

Realizada via bate-papo no Gmail.

Entrevista n°. 03

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da turma 1 - UAB/UFPeL, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às 15h29min, do dia 02/08/2013, após o entrevistado previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Observação: Tentamos fazer pelo “Skype”, mas a aluna não conseguiu acesso. Nesse caso, telefonei para ela e combinamos de fazer a entrevista via bate-papo no Gmail.

Dados do(a) entrevistado(a)

- a. Nome: Acadêmica 3
- b. Profissão: Servidora pública, na área de administração
- c. Cidade onde reside: Turuçu/RS
- d. Polo que frequenta: São Lourenço do Sul
- e. Formação escolar ou acadêmica: Formação em grau superior na área de educação no Curso de Licenciatura em educação do Campo.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

(sem assunto)

59 mensagens

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 15:29

Pesquisadora: Olá Acadêmica 3.

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 15:30

Acadêmica 3: Olá.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 15:30

Pesquisadora: Se você quiser, para deixar a janela maior, pode maximizar a janela.

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 15:31

Acadêmica 3: prontinho

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 15:32

Pesquisadora: ok, então iniciamos. Tens alguma dúvida sobre a pesquisa?

2 de agosto de 2013 15:32

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: até o momento não

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 15:33

Pesquisadora: Qual seu nome completo, profissão, cidade onde reside, polo que frequenta e formação escolar e acadêmica.

2 de agosto de 2013 15:36

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3, servidora pública, na área de administração, moro em Turuçu/Rs, frequento o Polo de São Lourenço do Sul, formação em grau superior na área de educação no Curso de Licenciatura em educação do Campo.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 15:37

Pesquisadora: O que entendes por ética?

2 de agosto de 2013 15:41

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: tudo aquilo que diz respeito aos valores morais, dignidade, respeito, lealdade, é você saber até que ponto pode ir, sem desrespeitar o próximo.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 15:41

Pesquisadora: Como você relaciona a ética com a Educação Ambiental?

2 de agosto de 2013 15:41

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: saber respeitar o meio em que vive

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 15:42

Pesquisadora: 3. Por que escolheu o curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPel?

2 de agosto de 2013 15:44

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: primeiramente por abranger uma área de bastante interesse de minha parte, como a classe menos favorecida pela sociedade.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 15:45

Pesquisadora: 4. Por que escolheu o eixo de Educação Ambiental em ECO (Estudos Colaborativos)?

2 de agosto de 2013 15:47

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: por me preocupar em demasia com o rumo que estamos tomando em relação ao consumismo exagerado, e descarte incorreto do lixo, sem coleta seletiva e demais precauções que devíamos de ter.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 15:48

Pesquisadora: 5. Qual a importância do eixo ECO - Educação Ambiental para o curso de Licenciatura em Educação do Campo?

2 de agosto de 2013 15:49

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: o eixo é total importância, tanto que não deveria ser somente um eixo optativo e sim uma disciplina com um maior aprofundamento sobre o tema.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 15:50

Pesquisadora: 6. Quais eram suas expectativas quando iniciou o eixo de Educação Ambiental? O eixo está correspondendo às suas expectativas? Por quê?

2 de agosto de 2013 15:56

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: não relacionaria com expectativa, mas sim com preocupação, logo de início, no primeiro projeto que tínhamos que fazer, literalmente travei, não conseguia pensar em nada, ou seja, até conseguia, mas pensava que com o projeto teria que resolver uma grande parcela de problemas atuais, que somente com o passar do tempo, tive o entendimento que a educação ambiental se da no dia-a-dia, em pequenos gestos, com isso então, o eixo correspondeu com minhas expectativas e preocupações.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 15:57

Pesquisadora: 7. Como você avalia a comunicação (via fórum, e-mail, chat, presencial) com os seus colegas, com professores e tutores na educação a distância no eixo de Educação Ambiental?

2 de agosto de 2013 15:59

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: bom, avaliaria como bom, porque a professora responsável pelo eixo sempre respondeu e procurar sanar nossas dúvidas, em relação aos debates entre colegas poderia ser melhor, com uma discussão mais profunda sobre os temas elencados.

2 de agosto de 2013 15:59

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: e procurou

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 16:00

Para: Marilena Ramson <ramson.marilena@gmail.com>

Pesquisadora: e procurou?

2 de agosto de 2013 16:02

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: digitei errado a palavra em vez de colocar "procurou" coloquei "procurar" na resposta

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 16:03

Pesquisadora: ok, mais alguma coisa nessa pergunta?

2 de agosto de 2013 16:03

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: não

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 16:03

Pesquisadora: 8. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?

2 de agosto de 2013 16:07

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: como citei anteriormente, deveria ser uma disciplina, com uma abrangência mais profunda sobre o tema, para que todos os acadêmicos se sensibilizassem sobre as questões atuais relacionadas ao meio ambiente.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 16:09

Pesquisadora: 9. De que maneira a EA contribui para a formação de um cidadão crítico?

2 de agosto de 2013 16:13

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: no momento em que temos e reconhecemos as nossas próprias práticas como errôneas.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 16:13

Pesquisadora: podes explicar melhor?

2 de agosto de 2013 16:18

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: nos tornamos críticos, quando somos capazes de reconhecer nossos próprios erros, e com isso nos sensibilizamos na procura de uma melhora, na prática mais adequada a nossa realidade, na proporção que cada um tem em fazer sua parte.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 16:18

Pesquisadora: ok

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 16:18

Pesquisadora: O eixo de EA tem uma relação teórico-prática dos conteúdos? Explique.

2 de agosto de 2013 16:23

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: mais ou menos, poderia ter mais prática, pois o conteúdo de EA tem uma abrangência enorme, quando se pesquisa algo sobre EA, são inúmeras teorias, mas a prática, que na verdade sensibiliza as pessoas, tem uma carga horária insuficiente para que isso ocorra.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 16:23

Pesquisadora: 11. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Como isso é abordado no eixo de EA?

2 de agosto de 2013 16:30

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: como dizem, seria o nosso sonho de consumo, o assunto poderia ter sido mais explorado, acredito que por ser um eixo optativo, houve pouco debate sobre o assunto, não tendo um maior aprofundamento sobre o tema.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 16:30

Pesquisadora: 12. Como a EA do curso promove o engajamento político para reivindicações e melhorias na sua cidade ou região?

2 de agosto de 2013 16:32

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: muito superficialmente, pois a EA do curso é muita teoria e pouca prática, e muito poucos adeptos ao eixo.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 16:32

Pesquisadora: 13. Você considera que o estudo da educação sexual é importante no currículo da EA? Por quê?

2 de agosto de 2013 16:37

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: A educação sexual é importante no currículo de qualquer disciplina, se o tema não for abordado de forma ampla nas demais disciplinas, acaba se tornando constrangedor para o professor e alunos quando for falar da reprodução dos animais por exemplo, porque EA, no meu entendimento não só questão relacionada a lixo.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 16:38

Pesquisadora: Acadêmica 3, voltando na pergunta 12, fiquei em dúvida sobre o que significa "a muito

poucos adeptos ao eixo", poderia explicar?

2 de agosto de 2013 16:39

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: sim, seria poucos acadêmicos que se interessam pelo tema.

2 de agosto de 2013 16:39

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: mesmo sendo um problema comum a todos.

2 de agosto de 2013 16:40

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Pesquisadora: Ok. 14. Em sua opinião, como a EA promove transformações sociais para o desenvolvimento de uma nova sociedade?

2 de agosto de 2013 16:45

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: no momento em que começamos a por em prática o que assimilamos da teoria, quando começamos com pequenos projetos, como o reaproveitamento de materiais, meu projeto por exemplo, o recolhimentos de pilhas, como o projeto de um as das colegas, oportunizando as pessoas uma opção de escolha.

2 de agosto de 2013 16:47

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Pesquisadora: Acadêmica 3, fala um pouco do teu projeto relacionado com o que estamos conversando. E depois falta só uma pergunta para finalizarmos.

2 de agosto de 2013 16:54

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: bom, como citei logo no inicio, quando se falava em educação ambiental, achava que teria que resolver os problemas do mundo, ate ter o entendimento que EA é diferente de Gestão ambiental. essa sim foca na solução do problema, enquanto a EA , principalmente no ambiente escolar promove no trabalho intermediário a sensibilização das pessoas sobre o tema, com isso procurei com meu projeto oportunizar as pessoas uma forma de reaproveitar materiais que seriam descartados, como garrafas pet, rolos de papel higiênico, construido inumeros objetos com tais materiais.

2 de agosto de 2013 16:55

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: objetos decorativos

2 de agosto de 2013 16:55

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Pesquisadora: Última pergunta: 15. Qual a sua avaliação do eixo de Educação Ambiental?

2 de agosto de 2013 16:56

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: nota?

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 16:57

Pesquisadora: não é nota.

2 de agosto de 2013 16:59

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: diria que, foi de grande contribuição para minha formação como profissional, mais ainda como cidadã, pois contribuiu para um maior entendimento sobre o que é e qual o nosso papel em EA.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 16:59

Pesquisadora: é a tua opinião sobre os estudos e trabalhos realizados ao longo do eixo de educação ambiental, o que gostou, o que achas que poderia ser melhorado, sugestões.

2 de agosto de 2013 17:02

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: como já citado poderia ter um maior aprofundamento nos tópicos, com relação a pergunta 11 mesmo, é assunto para muita discussão, e tudo é muito rápido, cada semana é um assunto diferente, um trabalho diferente, acho que poderia ter um espaçamento e um aprofundamento maior a cada tema.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 17:03

Pesquisadora: Acadêmica 3, muito obrigada pela sua entrevista, com a sua contribuição na pesquisa que estou realizando no curso.

2 de agosto de 2013 17:03

Para: Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

Acadêmica 3: foi um prazer, espero ter contribuído.

Raquel Alves Pereira Avila <raquelavila111@gmail.com>

2 de agosto de 2013 17:05

Pesquisadora: contribuiu sim, e que também vai contribuir no trabalho de todos. Obrigada pela atenção e se precisar de alguma coisa estou à disposição.

APÊNDICE M

ENTREVISTA COM A ACADÊMICA 4 – POLO DE ITAQUI

Realizada via “Skype” com gravação de áudio.

Entrevista n°. 04. Gravação n°. 03

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da turma 1- UAB/UFPeL, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às 18h25min, do dia 09/08/2013, após o entrevistado previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Dados do(a) entrevistado(a)

- a. Nome: Acadêmica 4
- b. Profissão: Funcionária pública, secretária de escola.
- c. Cidade onde reside: Itaqui
- d. Polo que frequenta: Itaqui
- e. Formação escolar ou acadêmica: Formanda em Licenciatura em Educação do Campo

1. O que entendes por ética?

Acadêmica 4: O que eu entendo por ética. Assim, por exemplo, posso dar um exemplo onde eu trabalho, coisas relacionadas ao trabalho, assuntos de trabalho, por exemplo, deve ser tratado no trabalho... (caiu conexão) ...foi o que eu lhe disse né, ética digamos assim, tem um problema com uma colega por exemplo na escola, eu não vou sair contando pros outros o problema da colega, não é, vô tentar ajudar a resolver, mas não ficar espalhando pra todo mundo e outra, ficar contando o que acontece, o que se passa no meu espaço, seja da sala de aula, de um aluno, ou um problema familiar que ele tenha, com as outras pessoas que não tem nada a ver e também não vão conseguir me ajudar a resolver esse problema, conversar com quem realmente possa resolver o problema e ponto final, ali, não ficar espalhando pra todo mundo né, digamos o problema do aluno ou da colega ou seja lá, de âmbito familiar ou profissional.

2. Como você relaciona a ética com a Educação Ambiental?

Acadêmica 4: Eu vejo, aí eu posso te dar um exemplo, pelo meu trabalho de pesquisa no entorno da minha escola parceira para eu poder fazer o meu projeto de Educação Ambiental. Ali a maioria é agricultor, inclu, é por exemplo, é lavorero, então a gente sabe que eles usam defensivos, inclusive a diretora dessa escola é uma grande lavorera também, entende, a família dela e tal. Quando eu percebi que ia ficar difícil tratar sobre, falar sobre o uso dos agrotóxicos, da contaminação do solo, haveria uma resistência assim ó, das pessoas do entorno, os pais dos alunos, por exemplo, poderiam não me apoiar, porque, porque eles dependem desse trabalho nas lavouras, eu agi assim ó, então eu vou trabalhar com as criançasque são pequenas, aí pensei em algo que pudesse ser trabalhado de uma forma lúdica atrativa pras crianças, aí o quê, pensei na brinquedoteca, com, por exemplo, assim, com brinquedos, com jogos recicláveis, aí eu trabalhei Educação Ambiental, aí eu não, eu não fiz questão de aprontar eles, porque eles tem uma cultura do lugar e poderia me dificultar, eu não falei mal deles, mas eu dei, digamos, uma voltinha no problema, então futuramente com essa base questão da consciência ambiental eu levei sobre esse lado, eu não fui, não bati de frente, mas e não saí falando mal porque se as coisas funcionavam antes da minha chegada, não é certo que eu chegue lá dizendo que tá tudo errado né, então daí eu fui pra esse lado eu evitei de falar mal até porque eu ia encontrar muitas barreiras daí né, pro meu trabalho.

3. Por que escolheu o curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPeL?

Acadêmica 4: Primeiro, pedagogia já é um curso que tem bastante mão de obra sabe, e Educação do Campo não tinha, nós somos a primeira turma, então é uma novidade, o campo de trabalho é maior, não tem por exemplo assim ó, ã, professores que estão aptos a trabalhar em escolas rurais, aqui por exemplo, a nossa cidade é pequena, a gente não tinha ouvido falar sobre isso, então foi uma novidade sim, tanto é que na nossa turma muito poucos desistiram, nossa turma vai se formar assim uma turma com 35 alunos, poucos desistiram, é uma coisa nova, é um curso novo.

4. Por que escolheu o eixo de Educação Ambiental em ECO (Estudos Colaborativos)?

Acadêmica 4: Também, porque assim ó, percebendo isso que eu lhe falei, aqui a base da economia do município é a lavoura de arroz e a pecuária, então falar dessa questão ambiental aqui é bem difícil, isso, é a base da economia do município, então assim ó, aí a senhora imagina o que nós temos de problemas ambientais, só que essas dificuldades, pra senhora ver, só três colegas foram junto comigo pra esse eixo, a princípio era só eu, elas escolheram outro eixo e voltaram por outros motivos que não me cabe comentar e fizeram a Educação Ambiental também, só nós três resolvemos e porquê, por isso que eu já tinha dito antes, é uma dificuldade, as pessoas assim não querem bater de frente praticamente com quem emprega a maioria, então é isso que acontece. Mas que é um campo vasto, é novo também, tem bastante mercado pra se trabalhar, e também com as novas tecnologias e outras ideias e projetos e as universidades como a UNIPAMPA também estão chegando aqui, os cursos presenciais já estão né instalados, penso que isso vai melhorar, vai haver essa conscientização e isso vai começar a mudar a educação, mas ainda é difícil, tu não vai brigar com quem te sustenta né. É uma dificuldade.

Pesquisadora: É tem que mudar a forma social, de relações sociais, enfim, e não é fácil a educação não é fácil trabalhar com a educação seja ela qual for ambiental, campo. Mas a gente tem que fazer alguma coisa.

Acadêmica 4: Mas a gente consegue, com jeitinho.

5. Qual a importância do eixo ECO - Educação Ambiental para o curso de Licenciatura em Educação do Campo?

Acadêmica 4: Eu penso que a importância da Educação Ambiental pro curso de Educação do Campo seja o de preservar, por exemplo, o lugar onde a pessoa mora, a a as suas raízes, por exemplo, a Educação Ambiental não é só digamos a natureza, o mato, as matas, eu penso que seja o meio ambiente é o lugar onde tu vive, e aí é que eu digo assim ó, tu cuidar do teu lugar, do teu espaço, seja ele no meio rural ou urbano é muito importante e a Educação Ambiental atinge abrange todos os lugares onde tu vive, não é só as matas, mas também os rios, a rua onde tu mora, se tu atira papel na rua, esse papel vai parar lá dentro do rio, vai contaminar a água, os peixes, vem as enchentes, o assoreamento dos rios né, se tu vai tirando a mata ciliar, ele vai, a serra vai caindo, vai dando erosão, então eu penso que é muito importante. E se é a Educação do Campo, se é pra manter os sujeitos nos lugares, onde eles são né, oriundos do meio rural, o êxodo, fazer com que eles tenham educação e qualificação no seu território, eu penso que tem tudo a ver, cuidar desse lugar. E também que eles sejam sujeitos né, que façam com que esse lugar, por que assim, lá fora a gente ouve muitas mães e até os alunos maiores dizendo “eu quero ir pra cidade pra vê se eu vou ser alguém na vida”, mas tu pode ser alguém na vida estando no teu território, se tu tiver educação de qualidade, se houverem políticas públicas que também né auxiliem nesse processo todo, dá pra ser alguém na vida no seu lugar, sem perder as suas raízes, a sua origem e evitando que muitos tenham vivam nos bolsões da pobreza na cidade porque ficam à margem de todo esse processo, chegam perdidos.

6. Quais eram suas expectativas quando iniciou o eixo de Educação Ambiental? O eixo correspondeu às suas expectativas? Por quê?

Acadêmica 4: A minha expectativa era de que assim, eu acho que era mais como uma sonhadora, eu achei que eu ia conseguir mudar, eu fiz o projeto achando que eu ia conseguir conversar com o pessoal das lavouras, ia destruir os herbicidas e defensivos e não ia se utilizar mais o Gamite, que deixa os cinamomos assim todos, parece que fizeram luzes nas folhas do jeito que desbota, é horrível, no cinamomo, e eu achando um dia eu descobri issodizendo que eu queria, eu não conhecia, eu não sabia, uma mudinha daquela espécie de cinamomo que na minha casa, na cidade não tem, eu só tenho daquele do sombrinha. E a minha surpresa foi ouvir da diretora da escola, que era o efeito do Gamite, e aí eu fiquei assim, ah eu pensei que fosse, aí eu ganhei uma volta porque ela ia passando e eu ia comentar e voltou e aí eu percebi que a coisa não seria fácil, isso foi lá no início, aí eu levei dias e dias pensando a respeito, eu digo não, não vai ser assim direto que eu vou conseguir o que eu quero, vai ser fazendo uma volta, legítimo comendo pelas beradas e agora eu sei que a gente precisa estudar mais, não parou por aqui, os estudos não param, tu precisa conhecer novas técnicas, conhecer, trocar experiências com outras pessoas que tentaram e não conseguiram, com outros que conseguiram atingir os objetivos né, sobre a Educação Ambiental, sobre produto orgânico, um monte de coisa que tu não conseguiu e não é só com teu diploma que tu vai conseguir, é cada vez buscando mais conhecimento, e não é fazendo enfrentamento, eu aprendi também é isso, daqui a pouco eu posso pensar de uma maneira diferente e apresentar de uma maneira diferente o que eu quero, me dobro um pouquinho aqui e reergo lá adiante uma nova proposta um novo caminho, não é fazendo enfrentamento que eu vou, que foi o que aconteceu, eu não consegui uma mudinha do cinamomo diferente, que eu achei que era. Os alunos nos dão, por exemplo, ovos, aí tu ganha ovo, ganha abóbora, ganha leite e tal, só que se tu olhar de ônibus por dentro das lavouras buscando os alunos pra escola, tu percebe assim, colheram o arroz né, ficou só a palha, mas aí os porcos estão comendo ali, as galinhas

tão comendo ali, tão ciscando, tão não sei o que, tem uma horta feita no mesmo espaço perto das onde tem as lavouras também, mas então a gente não pode dizer que o que é de fora é crioulo, não é mais contaminado, se tu parar para pensar, é sim, porque aquele animal tá bebendo daquela água, se alimentando do que sobrou ali, tá contaminado, então a gente não pode dizer, ah, é de fora não é contaminado, se parar para pensar também tem um grau de contaminação desses produtos, e eu me dei conta disso muito tempo depois, tantas idas e vindas no ônibus observando pela janela, fotografando, e eu me dei conta, e digo, mas se contamina o lençol freático, por exemplo, vai contaminar tudo que os animais estão comendo e, assim ó, os aviões eles com veneno, e isso vai pras casas, vai pras pessoas, tanto que acontece problemas no cér, problemas respiratórios, isso pega também a alface, o repolho, na couve, na abóbora. A gente aprende observando.

7. Como você avalia a comunicação (via fórum, e-mail, chat, presencial) com os seus colegas, com professores e tutores na educação a distância no eixo de Educação Ambiental?

Acadêmica 4: Como nós somos apenas três que fizemos a Educação Ambiental, nós tivemos todo o tempo em contato né, então assim ó, nós, pra nós não teve nenhum problema, porque nós tivemos os textos, as leituras, a professora Roberta Luzzardi que cuidou desse eixo né, ela sempre esteve enviando subsídios e downloads de livros e propostas e pedindo para que a gente fizesse projetos, então assim, sempre nos dando dicas, foi incansável em nos enviar material que subsidiasse todas as nossas pesquisas, nossas atividades, esteve nos fóruns e chats conosco, mas assim ó, nós três tivemos assim essa comunicação porque nós éramos poucas nesse eixo, não sei como seria se fosse com toda a turma, mas penso que outros eixos como de Educação Infantil e Educação Especial que houveram mais colegas participando, ninguém reclamou dessa comunicação.

Pesquisadora: Então foi proveitosa assim, mesmo o ensino sendo a distância tu sentiu que teve um bom acompanhamento.

Acadêmica 4: Sim, foi muito proveitosa, sim, e também eu tive, por exemplo assim, fomos nós três e eu não sei o que que, a gente buscou também muita coisa fora do que nos era passado, nós pesquisávamos, porque assim, a Educação a Distância requer também autonomia dos alunos né, e a gente assim, não sei o que que aconteceu mas se juntaram os três bem autônomos tava esperando a gente buscar.

8. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?

Acadêmica 4: Eu penso que por ser, como é que eu vou dizer... (caiu conexão). Oi, voltamos de novo, eu entendi essa pergunta, eu penso que poderia ser ofertada de alguma maneira pra toda a turma, porque é um tema que diz respeito a todos, independente da idade, independente do lugar onde viva.

Pesquisadora: Nos estudos que tu teve na Educação Ambiental, qual o argumento que tu acha importante ela ser ensinada para toda a turma assim, no caso de um curso de licenciatura, o que que tu considera que a Educação Ambiental tem de importante que vai colaborar assim com todos.

Acadêmica 4: Por que eu penso que assim ó, os nossos recursos, não interessa se nós estamos, eu penso que ela seja importante porque a Educação Ambiental auxilia em como fazer com que a nossa vida, por exemplo, não consigamos nunca adaptar ao ambiente aonde nós vivemos, por exemplo, se cuidar do nosso meio ambiente, não interessa se nós moramos na cidade, no interior, isso com crianças ou adultos, ela atinge todos, não apenas uma faixa etária, um ou outro cidadão, tanto pobre quanto rico vai precisar do ensinamento, entende, então ela nos ajuda a preservar ou nos dá subsídios, nos ensina, porque querer fazer vai depender de cada um né, se vai tomar atitudes, se vai conseguir ter essa consciência ambiental isso vai de cada um, só que eu penso que não interessa aonde a gente more, se na casinha mais simples ou se numa né, com mais recursos, todos precisam aprender a cuidar desses recursos que são finitos na natureza e em algum momento eles vão acabar. Então eu penso que é pra todo mundo.

9. De que maneira a EA contribui para a formação de um cidadão crítico?

Acadêmica 4: Eu ob, foi assim, parando pra pensar um pouquinho e também levando, dando umas tropeçadas naquilo que eu vinha lhe falando, por exemplo, ã, querer fazer, mas aí tu pensa por exemplo assim ó, os pais dos alunos, tu fazer uma reunião, uma palestra, uma coisa assim na escola e tu querer que, por exemplo assim, que eles não trabalhem mais com herbicidas porque eles vão ser contaminados, como são, acontece e a gente sabe, mas também tu para pra pensar e olhar para o outro e perceber a necessidade que ele tem de ter esse trabalho, ele não tá ali porque ele quer esse trabalho, ele precisa, então assim, me fez olhar o outro na sua necessidade, no seu momento, e não enxergar só os meus motivos para estar ali falando sobre a Educação Ambiental, explicando, sabe assim, não só a minha visão de mundo naquele momento, mas as razões que levam eles a fazer isso, sabe, a trabalhar, mesmo eles dizendo e confessando isso pra gente, que eles adoecem e sabem porque que é, mas

precisam colocar o pão na mesa. Então assim ó, eu penso que tá errado, mas eu também sou obrigada a concordar que eles tem razões fortes para estar ali, já que não tem uma outra opção no momento, eles não tem outra opção né, por isso que eu acho importante trabalhar a base da sociedade que são as crianças, para que no futuro sejam críticas e já criem uma consciência ambiental e consigam ir para um outro lado, que não seja trabalhar com coisas que contaminem o meio ambiente, herbicidas, defensivos, coisas que os pais fazem, mas por falta de opção.

10. O eixo de EA tem uma relação teórico-prática dos conteúdos? Explique.

Acadêmica 4: Ele tem, porque assim ó, o projeto, tu faz um projeto mas tu tem que colocar ele em prática, tu pensou, tu planejou e aí tu tem a tua prática, conforme tu vai colocando ele em prática, tu vai fazendo as avaliações também, tu vai percebendo, avaliando né, com prazo ali que tu pré-determina, ou diário, ou semanal, tu vai vendo seus erros, teus acertos porque tu depende também da contrapartida do outro que tu tá trabalhando né, no caso lá da escola, dos pais, dos alunos então assim, tem esse trabalho teórico-prático, tu precisa o tempo todo fazer o levantamento, tu precisa ir a campo fazer isso, precisa perceber, precisa fazer a entrevista né, com a pessoa, então pelo menos pra nós foi assim, não sei como seria ou como está sendo nas outras turmas que estão vindo depois de nós, mas assim foi conosco.

Pesquisadora: Então Acadêmica 4, pelo que eu entendi tu consideras o teu estágio uma relação teórico-prática dos conteúdos na Educação Ambiental, é isso? Tá então eu gostaria que tu expli.

Acadêmica 4: Sim, porque ele começou lá no eixo I (caiu a conexão).

Pesquisadora: Eu queria aproveitar isso que me falasse e que tu me explicasse como foi o teu projeto e qual o tema do teu projeto, pelo que eu vi foi a questão do agrotóxico, me explicasse um pouco para eu entender essa relação teórico-prática em função do teu projeto que tu criasse, algo que tu fez assim.

Acadêmica 4: Sim, nos foi apresentado primeiro como seria o eixo da Educação Ambiental, os temas, nos deram, por exemplo, textos, aí nos pediram sínteses de temas que nos era apresentado e tal, depois nos pediram para que fosse feito né (caiu a conexão). Agora de novo, tô te ouvindo bem, aí nós fizemos uma pesquisa sobre o entorno né, e um projeto de Educação Ambiental que também proporcionasse né, alguma coisa para os alunos, que ficasse na escola, como que ficasse marcado lá nossa presença desse eixo de Educação Ambiental, aí o que eu lhe disse sobre os herbicidas, sobre os defensivos e tal, foi feito o projeto né, e foi criado com materiais recicláveis uma brinquedoteca, só que esse projeto veio sendo cumprida todas as etapas, desde o eixo II, desde ECO Ambiental, Estudos Colaborativos de Educação Ambiental e ela teve a culminância com a criação da brinquedoteca no sétimo semestre, durante esses semestres anteriores foram sendo cumpridas as várias etapas do projeto, que foram palestras, a coleta dos materiais, as pesquisas com os alunos, com os pais dos alunos, então assim ó, trabalhamos a Educação Ambiental e essa brinquedoteca ficou na escola, ela segue sendo utilizada né, pelos alunos das séries iniciais desde o Jardim até o 5º ano né também e outros alunos que tenham interesse, mais tem horários semanais da brinquedoteca para pesquisar.

Pesquisadora: Do pré até qual ano que eu não ouvi.

Acadêmica 4: Do pré até o 5º ano tem horário semanal, assim como tem na sala de vídeo, na biblioteca e tal, todas as outras turmas tem, mas na brinquedoteca até o 5º ano e os outros alunos, os maiores, eventualmente precisam fazer algum trabalho, alguma coisa eles vão lá, mas esses tem horário, assim como tem horário pra sala de vídeo, pra informática, pra biblioteca, tem pra brinquedoteca também, e lá os professores trabalham, eles fazem carrinho com caixa de creme dental, caixa de leite, fazem fantoches e os professores trabalham isso com eles, falam sobre consumo né, o excesso de consumo, falam sobre alimentação saudável, todos esses temas que a gente trabalhou com eles e aí seguiu a brinquedoteca foi criada inclusive não numa sala separada, mas dentro do complexo de salas de aula da escola, que a escola foi feita um quadrado, todo assim coberto e no centro ela foi fechada como se fosse um ginásio, e a brinquedoteca foi criada ali para que as crianças nem em dia de chuva tenham dificuldade de frequentar aquele espaço, é aberto e eles frequentam, ficou pra escola, foi criado ali dentro, é uma sala de aula, é a sala número três. Eles amam, adoram, os olhinhos deles ficam brilhando quando chegam lá, minha nossa! Muito lindo, e era uma sala que era usada pra guardar cadeiras quebradas, sucatas que não precisavam mais, aquela sala era pra isso, eles guardavam, era um depósito, uma coisa assim que não tinha sentido pra tá ali, aí nós pintamos, nós arrumamos e fizemos, até os armários foram pintados tudo, colocamos cortina, tudo, ganhamos muita coisa também, então assim a gente foi criando, criou um espaço lúdico que eles brincam, tem professoras que usam pra ensinar, por exemplo assim ó, jogos, por exemplo, matemática, na alfabetização usados os jogos criados feitos de material reciclável pra eles ali, aí deitam no tapete, tem o cantinho da leitura, tem os livros que eram usados, uns colou as folhas e a gente reciclou tudo o que podia pra

transformar pra eles ali, eles adoraram a ideia né e a diretora incentiva muito isso né, ela faz com que aquilo seja vivo dentro da escola, porque era o sonho dela era uma brinquedoteca na escola, só que ela imaginava que ela ia ter, como ela diz, mas ainda não sei quando quando o governo, e quando eu falei pra ela desse projeto, ela abraçou totalmente essa ideia.

Pesquisadora: A diretora, isso que tu está falando é a diretora?

Acadêmica 4: A diretora da escola. E aí foi fazendo essas observações de assuntos da escola e tal, porque é a minha escola parceira desde o início, tanto é que é uma escola do meio rural, foi o que o curso nos solicitou pra que todos nós arrumássemos, mas como não tinha, não tem aliás escola do meio rural pra todas, eu já tinha ido lá quando eles, por exemplo, a universidade abriu pra que fizéssemos parceria com as escolas do meio urbano então, aí eu não desisti eu disse não, é longe é, é ruim pra mim é, mas eu vou pra lá e foi o que aconteceu e ouvindo nas reuniões, ouvindo aqui, ouvindo ali, eu sempre ouvia a mesma coisa, a diretora dizer que ainda ia montar um dia uma brinquedoteca na escola, e aí quando eu me vi naquela situação de ter que dar uma volta por causa do problema das lavouras, eu pensei eu digo, é aqui então, vai ser aqui que eu vou, e foi o que aconteceu, aí ela abraçou a ideia também e deu todo o subsídio, todo o suporte pra que a gente fizesse essa brinquedoteca da escola e ela mantém, ela fica fechada, e o projeto uma sala a mais.

Pesquisadora: Meus parabéns Acadêmica 4, parabéns pelo projeto, que bom. E uma coisa que eu queria saber desse projeto, os pais e a comunidade, eles se mobilizaram para trazer os materiais pra levar, como que tu conseguiu os materiais, através deles então?

Acadêmica 4: Através deles aí nós conseguimos também outras coisas, por exemplo, que a gente assim, alguém disse lá um dia, ah mas não é só material reciclável? Mas eu disse ô gente como é que nós vamos dizer que não pra alguém que doa de tão boa vontade uma barraquinha daquelas toda de princesa não sei o que, alguém que doa um um puf né, que foi comprou e levou porque diz que não tinha outra coisa pra levar, sabe, alguém que doa um tapete de segunda mão pra colocar no cantinho da leitura, como é que eu vou dizer que não, que eu só recebo garrafa pet, papelão, coisas, não posso, então eu achei eu disse não, eu não posso fazer isso também, porque daí tu tranca, tu fecha uma porta e futuramente essa pessoa vai dizer não, mas lá aquela mulher seleciona quem vai ajudar, não pode, então.

Pesquisadora: Mas aí, eu acho que tem relação com os 3 R's, reduzir o consumo, reciclar e reutilizar, então tapete usado tava dentro dos 3 R's, reutilização.

Acadêmica 4: Os brinquedos usados, as bonecas foi lavado os cabelos das bonecas com condicionador de cabelo pra gente né, foi lavado, foi penteado, arrumado as roupinhas, um navio que tava com a roda quebrada a gente consertou e aí foi reciclando, porque ia pro lixo, então nós reciclamos e foi pra caixa dos brinquedos também da brinquedoteca, assim como tem a caixa de jogos, que nem todos a gente fez, muitos a gente ganhou também, outros nós mesmos construímos nos fins de semana, os fantoches, as centopeias, as pinturas na parede e as centopéias com retalho, as pinturas nas paredes nós fizemos, eu não porque eu não sou, essa parte eu não mexo, mas minha colega Cleida, que ela é artista plástica, ela fez pintura assim com sobra de tinta guache, dos potinhos que sobraram, que tavam sobrando nas salas de aula do Jardim e do pré, na escola aquela sobrinha, aquelas raspinhas, ela pintou as paredes, ela fez árvore, ela fez centopeia, a gente fez de chocalho, fizemos móveis pra enfeitar e tudo com sobra de retalho e de tinta, então a gente utilizou o que tinha a mão.

Pesquisadora: Vocês fizeram uma reutilização de muita coisa também né.

Acadêmica 4: Decoramos a, tem uma parte que é de madeira, uma das paredes que é de madeira, e aí a gente bem fez, decoramos, fizemos flores com rolinhos de papel higiênico, a gente foi cortando e fazendo e fomos colocando pra decorar, pra deixar bem lúdico, bem bonito, também a parede, tudo, ficou muito diferente daquela que estava lá só guardando sucata.

11. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Como isso é abordado no eixo de EA?

Acadêmica 4: Sobre economia ecológica e solidária eu entendi a pergunta, o que eu entendo sobre economia ecológica e solidária né, e como isso foi trabalhado em Educação Ambiental. Isso, assim eu não sei se eu tô com a cabeça meio, eu não...eu não lembro, especificamente economia ecológica e solidária... Alô.

Pesquisadora: Repete de novo que eu não, tava entrecortado. Alô.

Acadêmica 4: Oi.

Pesquisadora: Agora eu tô te ouvindo. Alô.

Acadêmica 4: Oi, eu não sei se eu esqueci de repente algum tema, alguma coisa assim, eu penso que assim, pelo que eu lembro foi trabalhado dentro de algum texto que a professora Roberta falou assim, mas trabalhar mesmo sobre economia ecológica e solidária especificamente eu não lembro de ter trabalhado, e olha que eu leio todos os textos, mas com certeza foi abordado de uma forma assim bem, como é que eu vou lhe dizer, por alto, bem amplo assim, não foi específico esse tema.

Pesquisadora: Mas mesmo assim, qual é a tua compreensão, o que que tu entende de economia ecológica e solidária? Tu tens algum entendimento sobre isso? Eu não tô te ouvindo (caiu conexão).

Acadêmica 4: ... Agora tô te ouvindo, alô, alô, tô ouvindo.

Pesquisadora: Então vamos retornar, a conexão tá ruim.

Acadêmica 4: Assim ó, sobre a economia ecológica e solidária, eu penso assim ó, por exemplo, a economia, ela tem que trabalhar, criar recursos, meios que preservem o meio ambiente, que leve em consideração os cuidados com o meio ambiente, digamos, se vai fazer uma ponte, que benefício vai trazer pras pessoas que vão ocupar, digamos essa ponte, vai prejudicar, não vai prejudicar o meio ambiente, os danos vão ser, acho que tudo isso tem que ser pensado, não só o valor monetário do que vai se trabalhar nessa economia, e solidário porque tem que ter o benefício pra todos, não só pra um, não é, porque ah a transposição do rio não sei o que, mas e aí, acaba com a casa das pessoas, termina com toda uma história que as pessoas tinham ali, e realmente isso vai trazer benefícios pra todos ou só pra alguns de valor em dinheiro, em valor monetário e não vai ter pra todos, ah, como é que eu vou te dizer assim, não pode prejudicar o meio ambiente e tem que ajudar as pessoas também, não só pensar no valor do recurso financeiro, eu penso que tem que ser uma coisa pra todo mundo, que não tenha prejuízo pra natureza, que os benefícios sejam maiores... (caiu conexão). Por exemplo, transpõe um rio, olha o dano ambiental que é causado e vai mesmo haver um benefício pra todas as pessoas, vale a pena destruir casa, moradia, toda a vida dessas pessoas dali, como já aconteceu não é, e aí qual é o benefício? Não é solidário isso, não é uma economia pensando na ecologia que é solidária, não é, tá pensando no ganho financeiro de alguns e não pode, tem que pensar no benefício que vai trazer pras pessoas, pra comunidade em geral, ou se for à nível de país, pra todos os brasileiros.

12. Como a EA do curso promove o engajamento político para reivindicações e melhorias na sua cidade ou região?

Acadêmica 4: Olha, eu penso que ainda precise ser trabalhado mais, porque nós somos poucas que fizemos esse eixo de Educação Ambiental, mas por exemplo, eu comecei fazendo um pouquinho lá na minha escola, mas isso pode ser, vai sendo trabalhado com as crianças, essas crianças não ficam só naquele território, até porque ela vem de outros lugares, é um trânsito muito grande de alunos durante todo ano, porque, porque a cultura do arroz ela é sazonal, então esses pais vêm, ficam alguns meses, dois, três meses e vão embora, essas crianças são transferidas, então assim, é, é como uma plantinha, nós plantamos a semente e estamos regando cada nova sementinha que nos chega ali e a gente espera que eles sigam, mas já existe, não sei se por causa do curso ou não, mas que esse tema sobre ambiente e ecologia e aí trabalhar, fazer projetos em favor né do meio ambiente também, a gente percebe até no município mesmo que foi criado até a secretaria do meio ambiente, então pra ver que as políticas públicas tem que pensarem nos seus projetos, tem que pensar também sobre como vão ou compensar ou causar menor dano possível ao meio ambiente quando quiserem criar algum projeto pra cidade, pros município, pras pessoas, enfim, a gente percebe uma movimentação grande nesse sentido. Mas aí eu penso que é mais pelo tema que é, a gente tá sempre vendo na televisão, existem leis que foram aprovadas no congresso, então assim, não que seja exatamente pelo curso mas sobre nós acadêmicos que vai influenciando as escolas, com a vida, com as pessoas que a gente conhece.

13. Você considera que o estudo da educação sexual é importante no currículo da EA? Por quê?

Acadêmica 4: Eu penso que do jeito que está assim, as crianças estão cada vez mais cedo tendo contato e se abrindo pro sexo, pra vida sexual ativa assim, eu penso que não tem exatamente uma disciplina pronta, só aqui que pode ser falado, eu penso que o professor, os pais, a gente deve sempre abordar da maneira correta, não perder a oportunidade de falar com eles sobre esse assunto porque, porque eles precisam saber, precisam saber, estão cada vez mais cedo tendo esses, o contato com as doenças, tão cada vez mais cedo as meninas engravidando, então eu penso que não só na Educação Ambiental, mas todas as disciplinas podem e devem abordar o tema, assim que sentir necessidade, porque, porque as nossas crianças estão cada vez mais cedo fazendo coisas de adulto, não é, que a gente acha que são coisas de adulto e até sofrendo as consequências né,

dessa falta de informação, dessa, como diz assim, é um assunto, é uma coisa velada ainda, então as crianças, por não terem informação correta, ainda estão sofrendo as consequências disso cada vez mais cedo.

14. Em sua opinião, como a EA promove transformações sociais para o desenvolvimento de uma nova sociedade?

Acadêmica 4: Eu penso que isso da Educação do Campo, ela pode auxiliar, no caso, os sujeitos desses territórios a não quererem sair do seu lugar por se sentirem menos ou menosprezados ou então quem vive na cidade é mais sabido, é, tem mais poder aquisitivo, então assim, eu acho que auxilia e é importante que eles saibam, por exemplo, se valorizar e crescer no seu território, por exemplo, respeitando a natureza, vivendo da natureza com a natureza, sabe, preservando, por exemplo assim, tem lugares que vivem do turismo, que tem passeio ecológico, eles conseguem uma boa renda, tem hospedagem, tem passeios a cavalo, e inclusive aqui no nosso município tem, quem viva do passeio, do turismo ecológico, então assim, eu penso que quanto mais eles consigam, por exemplo assim ó, porque eu acho assim, o que falta é saber como fazer que seja rentável sem prejudicar, sem causar danos, eu acho que isso é que faz com que a pessoa fique na sua terra, no seu lugar e viva dali e tendo uma economia sustentável, consiga ser sustentável, sustentar a sua família sem causar danos ao meio ambiente e sem deixar o seu lugar, o seu território, sem abandonar as suas raízes.

15. Qual a sua avaliação do eixo de Educação Ambiental?

Acadêmica 4: Eu penso que foi como... (oi, tô lhe ouvindo, então tá), eu penso, a minha avaliação que eu faço sobre o eixo de Educação Ambiental é assim, a minha avaliação que eu faço do eixo, a minha trajetória nesse eixo assim ó, eu penso que eu aprendi muita coisa nova, eu percebo até pelas minhas atitudes em casa, por exemplo assim ó, eu vejo por mim, a gente pensa duas vezes antes de jogar alguma coisa fora, passamos a fazer composteira em casa que eu não sabia nem como era, eu já tinha ouvido falar mas eu não sabia como era, por exemplo, uma composteira, coisa que é simples mas eu não tinha em casa eu não sabia pra que que era as coisas os restos, por exemplo, de cascas de alimentos era colocado no saco do lixo e ia lá pra frente pro lixo, hoje não acontece mais né, a gente já sabe por exemplo que comida com sal, coisas com sal não pode usar ali, então várias coisas, e claro, eu sei também que a gente precisa de “n” conhecimentos que a gente ainda não adquiriu. Na escola também, trabalhando com as crianças, pesquisando como fazer os brinquedos, é pesquisando sobre como é diminuir o consumo, sobre a alimentação saudável, tudo isso veio também não só em benefício deles, dos pais ou da, mas em meu benefício também e penso que em benefício das colegas também, porque todas nós mudamos, não digo assim que somos ecologicamente corretas agora, mas a gente aprendeu bastante, a reutilizar, a pensar duas vezes no que comprar, então nós passamos a nos policiar em termos de consumo, eu preciso mesmo disso? Eu vou colocar fora isso aqui? Não, que mais eu posso fazer com isso? Tipo, por exemplo, com a casca da laranja, que comia a laranja e colocava a casca fora, a gente aprendeu que dá pra fazer sequinhos pra tomar com chimarrão, com a casca da bergamota dá também, se utilizar a casca da banana, da abóbora então, coisas que a gente não sabia e outra coisa que lá na escola mudou né toda essa alimentação saudável é o pomar da escola, que tem um pomar enorme e as crianças não eram beneficiadas comendo as frutas do pomar, aí eu falei com a diretora e disse pra ela, não é pras professoras levar pra casa as frutas, eu penso que o melhor é dar as frutas como sobremesa pras crianças e ela me disse - não tinha pensado nisso - eu disse mas como não, olha esse imenso pomar e ela me disse - nunca pensei nisso - então agora é dado suco natural, a gente leva as crianças pequenas e lá no pomar a gente faz um passeio meio rápido na hora do recreio assim pro pomar, comem laranja na época né, que é também uma fruta de época, então assim ó, coisas que não se pensava aos pouquinhos foram mudando agora você vê, na sexta-feira não fica nada de fruta dentro da escola, tudo que é maçã, tudo que é banana, tudo é distribuído em todas as salas, não fica nada porquê, por que vão estragar no fim de semana e durante a semana muito suco natural, muito suco de laranja, mamão, e aí salada com coisas de lá e daí a estufa da horta da escola que não era pensado nisso, só comia daquilo que vinha da secretaria de educação, entende, então passaram a fazer isso e as crianças diminuíram muito a compra, por exemplo assim ó, de salgadinho, de bala, pirulito no bar da escola, então agora eles pensam em comprar outra coisa, eles compram bolo, digamos que tenha pra vender um sanduíche, eles mudaram também esses hábitos e os que levam, por exemplo, assim ó, tem uns colegas, umas crianças, desculpa, dos alunos que eu fiz trabalho quando eles tavam lá no jardim, começamos esse trabalho sobre alimentação saudável e eles estão agora no 1º ano e eles ainda comem bergamotas e laranja na hora do recreio e ainda pedem pra colocar uns nos bolsos pra comer dentro do ônibus quando vão pra casa, então assim pequenas coisas que foram, mas é com tempo isso vai sendo modificado e eu vejo por mim também só que claro, a gente precisa aprender muito mais e também encontrar outras formas de ajudar muito mais quem mais a gente conseguir ajudar, porque ainda é um tema a ser descoberto parece que quer que quando a gente fala em Educação Ambiental muita gente pensa que a gente quer fazer que eles virem vegetarianos, sabe, tem gente que pensa que a Educação Ambiental é só quem come folhas, verduras e essas coisas, não é, Educação Ambiental é cuidar do meio que tu vive, é o ambiente onde tu tá e fazer as pessoas mudarem de ideia é, não

mudarem de ideia assim, perceber que não é isso, leva um tempo, principalmente os adultos, isso que eu enfatizo o trabalho mais um trabalho firme com a base que são as crianças

Pesquisadora: E tu trabalhas nesta escola Acadêmica 4:?

Acadêmica 4: A minha escola é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Luis Sanchotene.

Pesquisadora: Tá, e tu trabalha nessa escola? Como servidora pública?

Acadêmica 4: Eu pedi, eu sou servidora pública e eu pedi transferência pra lá um ano e meio depois que começou o curso, porque eu não estava conseguindo mais assim trabalhar aqui e conseguir tempo pra fazer as pesquisas do entorno, caminhar muito, porque pra fora se diz assim, o o vizinho ali, mas o vizinho ali de repente leva quase 1 Km não é, aí leva tempo, então assim, eu consegui me transferir pra lá como servidora.

Pesquisadora: Tu és professora na escola?

Acadêmica 4: Não, eu sou secretária. Aí por isso que eu trabalhar todo o dia, ficar na escola todo o dia, porque num turno eu trabalhava e no outro eu era acadêmica, estava lá pesquisando e trabalhando, e a diretora ali e a coordenadora ali olhando e perguntando e pesquisando querendo saber porque, porque elas são bem ativas, elas não deixam passar nada.

Pesquisadora: E tu tens alguma sugestão pro eixo de Educação Ambiental, tu teve alguma dificuldade em algum aspecto?

Acadêmica 4: Olha, a minha sugestão é que ele não saia do curso né, porque eu penso que é bem importante e penso também que o estágio dele não não precisaria ser exatamente assim como um projeto como a gente fez, claro que é bom, é ótimo, mas de repente assim como se ele fosse mais em sala de aula, trabalhando com os alunos, tu conseguir, sabe, tu tendo assim, como por exemplo assim, o eixo das séries iniciais ou da Educação Infantil sabe, sabe que ele teve vários dias com eles assim, claro que eu não sei qual a viabilidade disso também, trabalhar tantos dias só com Educação Ambiental, mas como é um tema bem vasto, dá pra criar bastante, poderia ser mais junto assim aos alunos né mais perto deles, eu tive contato com as conversando com eles e tal mas entendo que poderia ser mais.

Pesquisadora: Mas no estágio tu deu aula pros alunos ou não?

Acadêmica 4: Nesse assim, eu fazia por exemplo assim intervenções nas salas com eles entende? Por exemplo, que no primeiro ano que eu estava lá, eu era auxiliar da sala de aula, auxiliar da professora que é essa a minha função pública, eu estou como secretária porque não tem secretária na escola então como auxiliar também é uma das minhas atribuições ser secretária entende, mas aí como tinha uma sala de pré com muitos alunos, com 26 alunos, eu era auxiliar nessa sala então eu tinha mais chance de contato com eles, eu não fazia apenas pequenas intervenções como nos anos seguintes entende, que eu aí precisava conseguir horário, eu precisava por exemplo assim, utilizar o horário da informática para as pesquisas, por exemplo, marcar uma palestra, ver na agenda da coordenadora da escola, por exemplo, um dia que fosse ser chamado os pais pra trabalhar a Educação Ambiental, é, fazer uma palestra, por exemplo, utilizar também as mães, porque lá a mãe tem um trabalho que em conjunto com a Emater e com o Senar também, o grupo de mães, então eu sempre dava um jeito de conseguir encaixar meu tema de Educação Ambiental nessa agenda toda, nesse cronograma todo da escola, eu não tive problema porque eu sempre cuidei, explicava os motivos, as razões, sempre me fazia presente eu não deixava que então eu sempre tava ali. Não sei se eu consegui pela insistência ou pela importância do tema, mas que eu conseguia me fazer presente e consegui meu objetivo de trabalhar com as crianças e com os outros alunos em algum momento. E isso eu fotografei tudo eu, eu tenho não sei quantas mil fotos.

Pesquisadora: Eu vi no teu trabalho que tu me mostrou algumas fotos do trabalho tá muito bonito assim, muito bem feito, muito bonito.

Acadêmica 4: A senhora ia se surpreender como era a sala e de como ficou.

Pesquisadora: Tu não tirou a foto do antes, de como era antes.

Acadêmica 4: Tirei foto do antes e do depois da sala, tirei.

Pesquisadora: Que legal.

Acadêmica 4: Por que eu precisava registrar tudo né. Por isso que eu tirei como era antes e como ficou, não tem nada a ver, parece outro lugar exatamente, outro lugar.

Pesquisadora: Olha, eu percebi que é possível fazer as transformações aí, a senhora fez. Não é tão impos., é difícil mas não é impossível, né Acadêmica 4.

Acadêmica 4: É, e assim ó, eu urbana, sempre urbana, sem nenhuma referência rural e aí como eu disse, agora já vim fazer a universidade já com mais idade né, porque aqui na cidade não tinha uma universidade pública, faz pouco que começaram a chegar as universidades e, como diz assim, ser ofertado pra gente né, então assim ó, peguei, abracei e vamo lá, vamo fazê, a vontade aquela né sempre existiu, só que assim, muito urbana, bem urbana, não nego, fui aprendendo junto, fui olhando aquela paisagem pra mim era nova e agora já faz parte do meu cotidiano, não sei tudo, mas a minha bagagem aumentou imensamente de conhecimento sobre isso que eu não sabia nada, e agora eu posso dizer que sou rururbana, já estou bem.

Pesquisadora: Tem um pé lá e um aqui.

Acadêmica 4: É, sim, sim. Agora já tô bem ambientada e também já não sou olhada mais como novidade como era antes né, que o pessoal olha diferente, pra gente assim, parece que tu fica lá e eles aqui, agora não, agora já tá conhecida, já sabe como é que é, não tem novidade mais, mas a gente né, mesmo que o curso tenha terminado, não termina meu trabalho lá porque eu sempre continuo fazendo coisas e fazendo projeto, agora tem projetos de Educação Ambiental que são solicitados na Secretaria de Educação né, já me pediram pra fazer, pra ver qual, o que que eu acho que precise, então que dizer ainda tá rendendo, tá frutificando o trabalho.

Pesquisadora: Que bom. Acadêmica 4, terminamos as questões por aqui, eu quero saber se tu tem mais alguma coisa pra falar. Se tu gostaria de falar mais alguma coisa que eu não, não foi perguntado, se tem mais alguma coisa pra falar.

Acadêmica 4: Não, eu gostaria só de saber se eu lhe fiz, se eu deixei claro o que a senhora gostaria de saber, se eu respondi de uma maneira clara, se a senhora achou que é assim mesmo ou que poderia ser diferente ou que eu dei alguma resposta que não era com o seu trabalho, tenha fugido do tema, se a senhora quiser que eu refaça.

Pesquisadora: Tava tudo bem claro para o que eu é importante pra mim é o teu sentir, é a tua argumentação, é a tua vivência, é isso que é importante no trabalho, a pessoa falar a vivência que ela tem, nada decorado, por isso que nem precisa pegar livros, nem pegar no teu trabalho, eu quero saber o teu sentir mesmo, que é uma coisa tua, não é de ninguém mais e isso que vai ajudar o meu trabalho, a tua vivência né, e foi isso que tu passou, era isso que eu queria.

Acadêmica 4: E eu assim, como eu digo assim ó, eu, como diz o outro, eu sei o que falar, por exemplo assim, eu fui lá, eu estive lá, eu coloquei o pé no barro, eu fiquei lá, eu não saí de lá quando eu tive a oportunidade vir pra cidade né, então assim, os trabalhos eu fiz, eu pesquisei, eu lembro de cada coisa, só que claro que não tem tempo e nem motivo, mas assim ó, de cada coisa, de tudo o que aconteceu, então assim, eu tenho e como assim eu fui eu que fiz, eu sei o que dizer a respeito eu não preciso nem olhar de novo, eu sei até como eu esquematizei o projeto, eu quebrei muito a cabeça pra fazer isso, pra conseguir, pra ver, até porque a gente não tem muito tempo, trabalha né, aí tu só tem a noite, a noite, madrugada virou dia né, mas de resto tudo bem, tô satisfeita com o curso. Até quando foi os professores do MEC fazer a avaliação, aí me perguntou o que que poderia mudar, eu não tenho como dizer o que mudar porque nós somos a primeira turma, nós estamos fazendo caminho pros outros, então assim, que que eu vô dizer que que foi, eu não posso, não houve uma turma anterior a nossa, então agora os outros vão ter o que e aí vão fazer as modificações, até os professores mesmo do curso, as modificações que eles julgarem necessárias, porque nós caminhamos, nós trilhamos esse caminho, mas quem sabe as outras turmas né, consigam ir por um caminho já né diferente do nosso né esse embasamento que se fez agora.

Pesquisadora: Então tá Acadêmica 4, então se tu não tem mais nenhuma consideração da entrevista.

Acadêmica 4: E gostei, a senhora pode contar comigo pra mais algum detalhe que a senhora precisar, eu tô a sua disposição, não tem problema nenhum, se precisar das fotos também, o que a senhora quiser a gente acha.

Pesquisadora: Eu te agradeço muito. Eu não pensei nisso, mas aí qualquer coisa eu entro em contato com a coordenadora do curso e a gente entra em contato de novo, tá Acadêmica 4. Eu te agradeço muito a tua disposição, a tua participação na minha pesquisa, depois eu vou disponibilizar para todos. Muito obrigada.

Acadêmica 4: Desejo boa sorte no teu trabalho, que a senhora tire uma ótima nota, que seja muito bom, muito feliz. Vai ser aprovada de primeira.

Pesquisadora: E todo mundo que participou tá junto, é um trabalho conjunto né.

Acadêmica 4: Depois a senhora acha um jeito de me mostrar.

Pesquisadora: Sim, eu mando por e-mail. Então eu te agradeço muito, o teu trabalho todo com o Skype, com toda essa questão, te agradeço muito Acadêmica 4.

Acadêmica 4: Tá bem então, muito obrigado. Foi um prazer lhe conhecer mesmo online.

Pesquisadora: Eu também, foi um prazer te conhecer e ter a tua colaboração com meu trabalho, muito bom, muito gratificante saber a tua história, a tua experiência no curso, tá Acadêmica 4, te desejo uma boa formatura, uma boa conclusão do curso agora, é uma etapa concluída, coisa boa né.

Acadêmica 4: Já terminamos, já estou aprovada no TCC, tá tudo certo, só pelo dia 28 de setembro.

Pesquisadora: Parabéns e sucesso no teu caminho, nos teus projetos lá na escola, parabéns por tudo. Acadêmica 4 um grande abraço. Tchau.

Acadêmica 4: Outro, tchau.

APÊNDICE N

ENTREVISTA COM A ACADÊMICA 5 – POLO DE SÃO FRANCISCO DE PAULA

Realizada via bate-papo no Gmail

Entrevista n°. 05

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da turma 1 - UAB/UFPeL, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às 14h11min, do dia 19/08/2013, após o entrevistado previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Dados do(a) entrevistado(a):

- a. Nome: Acadêmica 5
- b. Profissão: Professora
- c. Cidade onde reside: São Francisco de Paula
- d. Polo que frequenta: São Francisco de Paula
- e. Formação escolar ou acadêmica: finalizando o curso de Licenciatura em Educação do Campo, anterior a esse Magistério

Entrevista com a Acadêmica 5

19 de agosto de 2013

Raquel Alves Pereira Avila - 14:11

Olá Acadêmica 5.

Olá Acadêmica 5. Você consegue falar aqui pelo chat?

Acadêmica 5- 14:17

olá acho que agora vi dar certo

Raquel Alves Pereira Avila - 14:19

acho que vai dar certo sim. Se quiser você pode aumentar a janela de diálogo, lá encima à direita no "maximizar", aumenta a janela e fica melhor de escrever.

Acadêmica 5, parece que a conexão vai e volta.

Acadêmica 5, será que conseguiremos nos comunicar aqui pelo chat?

Acadêmica 5- 14:30

sim... agora estou em casa, conexão pior. Na escola é um pouquinho melhor. Caso não dê certo vou até a escola para ver se conseguimos.

Raquel Alves Pereira Avila - 14:31

Acadêmica 5, agradeço teu empenho. Mas caso não consigamos, vejo outra forma. Não se preocupe. Podemos começar?

Acadêmica 5 - 14:37

A conexão vai e volta, mas eu consigo ler as tuas mensagens, terá as respostas mesmo que com um pouco de atraso para te responder

Raquel Alves Pereira Avila - 14:38

Ok. Você tem alguma dúvida da pesquisa?

E depois você me envia o termo de consentimento por e-mail.

Acadêmica 5 - 14:39

Não, entendi o assunto

ok, combinado

Raquel Alves Pereira Avila - 14:41

O objetivo da pesquisa é realizar uma análise da Educação Ambiental do curso de Licenciatura em Educação do Campo a partir da Educação Ambiental Ecomunitarista, que é a base teórica que eu estudo, para compreender as convergências e divergências com a EA Ecomunitarista. Para isso, vou utilizar de entrevistas e análise do Projeto Pedagógico. Acredito que essa pesquisa vai contribuir com o curso e com o eixo de ECO-Educação Ambiental, já que a turma de vocês foi a primeira turma do curso. Espero também que seja um material importante para os professores e coordenadores do curso pensarem e aprimorarem seu trabalho através do conhecimento dos relatos dos alunos, tutores, professores e coordenação. Tens mais alguma dúvida?

Acadêmica 5 - 14:43

Sim, o que tu queres dizer quando falas em ecomunitarista?

Raquel Alves Pereira Avila - 14:48

Educação Ambiental Ecomunitarista é uma concepção de educação ambiental baseada nas três normas da ética que se referem à liberdade de expressão individual, mas que respeita às demais pessoas e tem como terceira norma ética o desenvolvimento de uma sociedade que preserve e regenere a natureza.

Acadêmica 5 - 14:49

Certo, entendi

Raquel Alves Pereira Avila - 14:49

Podemos começar?

Acadêmica 5 - 14:50

sim podemos

Raquel Alves Pereira Avila - 14:50

Nome completo, profissão, cidade onde reside, polo que frequenta e formação escolar ou acadêmica?

Acadêmica 5 - 14:52

Acadêmica 5, professora, São Francisco de Paula, finalizando o curso de Licenciatura em Educação do Campo, anterior a esse tenho Magistério

Raquel Alves Pereira Avila - 14:52

1. O que entendes por ética?

Acadêmica 5 - 14:53

pensando...

Boa conduta, respeito ao outro, a profissão... ser íntegro, enfim ter respeito por tudo o que tem vida..

Raquel Alves Pereira Avila - 14:56

Acadêmica 5, retornando aos dados, você mora em São Francisco de Paula?

Acadêmica 5 - 14:57

Sim, no campo chama-se Várzea do Cedro, fica cinquenta quilômetros da sede

Raquel Alves Pereira Avila - 14:57

2. Como você relaciona a ética com a Educação Ambiental?

Acadêmica 5 - 15:00

Bom, acredito que temos ética quando respeitamos a natureza e tudo o que a compõe, respeitando a vida, sendo pessoas um pouco melhor a cada dia tentando fazer com que os nossos semelhantes procurem respeitar o meio em que vivemos, dependemos dele para a nossa própria sobrevivência

Raquel Alves Pereira Avila - 15:01

3. Por que escolheu o curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPEL?

Acadêmica 5 - 15:04

Primeiro fiz vestibular para pedagogia, não era o que eu esperava, depois para biologia, adorei, mas não pude continuar devido a horários incompatíveis. Então acreditei que Educação do Campo vinha ao encontro das minhas aspirações e morando no campo... mas fazendo a verdade o curso deixou a desejar...

Raquel Alves Pereira Avila - 15:05

4. Por que escolheu o eixo de Educação Ambiental em ECO (Estudos Colaborativos)?

Acadêmica 5 - 15:06

Porque acreditei que me aproximava do campo, me faria entender melhor as coisas da terra, passar para as crianças a importância de cuidar e proteger o meio em que vivemos... eu sou campesina com orgulho

Raquel Alves Pereira Avila - 15:07

5. Qual a importância do eixo ECO - Educação Ambiental para o curso de Licenciatura em Educação do Campo?

Acadêmica 5 - 15:09

No meu ver é o eixo mais importante, deveria ter mais atenção, não sei se seria atenção, mas se o curso se refere a educação do campo, a educação ambiental não deveria se eixo e sim cadeira em todos os semestres

Como vamos trabalhar no campo com crianças campesinas sem ter uma ótima base em educação ambiental?

desculpe ambiental

Raquel Alves Pereira Avila - 15:11

6. Quais eram suas expectativas quando iniciou o eixo de Educação Ambiental? O eixo correspondeu às suas expectativas? Por quê?

Acadêmica 5 - 15:16

Eu queria que educação ambiental me desse subsídios para trabalhar no campo, atividades, metas para serem seguidas, direções. O que fizemos foi projetos, projetos já trabalhamos. talvez eu esteja errada... não queria as "coisas" prontas, queria direções... eu adoro trabalhar esses conteúdos direcionados a natureza... não sei se consegui me fazer entender, acho que confundi a resposta

Sabe uma questão que sempre levantei foi que eu sendo única aluna de educação do campo que reside no campo tive que fazer o estágio na cidade, deveria ser o contrário...

Raquel Alves Pereira Avila - 15:18

explica um pouco o que quer dizer com "direções", "direcionados à natureza", que vai ficar mais clara tua resposta.

Acadêmica 5 - 15:21

sim, o que se pode trabalhar com as crianças, o que pode fazer elas gostarem de cuidar o ambiente, o que fazer para que mude seu modo de pensar. O lugar em que trabalho é muito carente, as pessoas não tem conhecimento para cuidar do ambiente , natureza, animais. O pouco que sabem é por conta da escola, e não conseguimos atingir esse público como deveríamos, como merece

Raquel Alves Pereira Avila - 15:22

Ok, entendi agora Acadêmica 5. Pergunta nº 7. Como você avalia a comunicação (via fórum, e-mail, chat, presencial) com os seus colegas, com professores e tutores na educação a distância no eixo de Educação Ambiental?

Acadêmica 5 - 15:27

Acho bem interessante, me comunico bem com eles na medida do possível, quando a internet ajuda. Mas meus colegas são ótimos companheiros, salvo exceções, quando eu não consigo me comunicar via computador eles me mandam mensagens, me ligam. Quanto ao presencial, a que a turma é muito unida. (Acho que a tutora deixa a desejar, para um curso universitário)

Raquel Alves Pereira Avila - 15:27

8. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?

Acadêmica 5 - 15:30

Deveria ser para todos... Deveria ser uma das cadeiras mais importantes, sendo o curso voltado para o campo, quem escolheu outro eixo, como irá trabalhar educação ambiental sem o mínimo de base, e tem colegas que precisariam ter contato com esse tema

Raquel Alves Pereira Avila - 15:31

Por que você considera a Educação Ambiental uma das cadeiras mais importantes do curso?

Acadêmica 5 - 15:37

Talvez porque eu sou do campo... mas eu sou muito verdadeira falo o que realmente vejo e sinto, mas procuro não falar bobagens. Acredito que a Educação Ambiental é o ponto de partida, é onde tudo começa, dependemos a nossa vida da natureza e hoje não estamos dando conta do que estamos fazendo com o meio ambiente, poluição, lixo, falta de cuidados com os animais, estamos terminando com o que temos de mais belo e com a nossa sobrevivência sem nos dar conta, a escola tem que passar isso para as crianças, o mundo de amanhã é delas, que terá que cuidar?

Raquel Alves Pereira Avila - 15:37

9. De que maneira a EA contribui para a formação de um cidadão crítico?

Acadêmica 5 - 15:40

Fazendo uma correspondência, nossa vida depende de como cuidaremos da natureza, terra, água, ar, animais, vegetação. Ao aprender a cuidar desses elementos o cidadão formará sua conduta, modo de agir, diferenciando as atitudes que levam ao bem e aquelas que fazem mal.

Raquel Alves Pereira Avila - 15:41

10. O eixo de EA tem uma relação teórico-prática dos conteúdos? Explique.

Acadêmica 5 - 15:41

Tu queres dizer entre a teoria e a prática?

Raquel Alves Pereira Avila - 15:41

sim.

Acadêmica 5 - 15:44

Sim, porque pede projetos para serem desenvolvidos. Partindo dos projetos aplicava-se com as turmas.

Raquel Alves Pereira Avila - 15:44

11. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Como isso é abordado no eixo de EA?

Acadêmica 5 - 15:47

Em relação a escola, fazendo uma horta, essa horta abasteceria a escola e as famílias. As crianças e pais em reunião preparam terreno, plantam e dividem os produtos.

Raquel Alves Pereira Avila - 15:51

esse tema foi abordado em Educação Ambiental?

Acadêmica 5 - 15:52

Foi feito um projeto de extensão, mas não da horta, foi feito pelo meu grupo sobre o lixo.

Raquel Alves Pereira Avila - 15:54

Acadêmica 5, qual o projeto de Educação Ambiental que você implantou na sua escola parceira?

Acadêmica 5 - 15:56

Sobre o lixo, na comunidade que moro e atuo como professora esse é o maior problema, mas no projeto de extensão teve uma proposta de confecção de uma horta escolar, ainda não saiu do papel. Mas sobre o lixo está dando resultados, muito lentamente, mas já se observa mudanças.

Raquel Alves Pereira Avila - 15:57

explica um pouco o que você fez na escola.

Acadêmica 5 - 16:00

Tudo... eu sou professora, diretora, merendeira, secretária e outras funções que apareçam. Trabalho com classe multisseriada. Então tenho que trabalhar com projetos, já que o que é desenvolvido com uma turma deve ser desenvolvido com as demais, apenas respeitando o nível.

Raquel Alves Pereira Avila - 16:00

você trabalha numa escola do campo?

Acadêmica 5 - 16:03

Sim, campo mesmo, onde criam gado, cavalos, ovelhas. Mas tem comunicação com as cidades, passa a famosa "Rota do Sol", cortando a comunidade. A cidade mais próxima é São Francisco e Cambará do Sul com a mesma quilometragem. Depois vem Caxias, Bom Jesus, Vacaria.

Raquel Alves Pereira Avila - 16:04

Que ações você realizou no projeto do lixo?

Olá Acadêmica 5.

São 15 perguntas, vamos para a 12, estamos no final.

Olá Acadêmica 5, você está sem conexão. Vou fazer o seguinte: envio abaixo as 3 perguntas que estão faltando.

Muito obrigada pela tua colaboração na pesquisa e teu empenho mesmo com os problemas de conexão. Qualquer dúvida ou informação me avise. Abraços. Raquel Avila

Acadêmica 5, pode responder nessa caixa de diálogo. 12. Como a EA do curso promove o engajamento político para reivindicações e melhorias na sua cidade ou região?

13. Você considera que o estudo da educação sexual é importante no currículo da EA? Por quê?

14. Em sua opinião, como a EA promove transformações sociais para o desenvolvimento de uma nova sociedade?

15. Qual a sua avaliação do eixo de Educação Ambiental?

Acadêmica 5 - 16:21

Começamos tirando umas fotos do lugar com o lixo a céu aberto, apresentamos para a comunidade em uma reunião, e fomos anotando o que poderíamos fazer para melhorar e não acontecer mais. Tem uma família que tem mais cães do que filhos e tem muitos filhos, conseguimos castração para quase todos as fêmeas, já que os donos não conseguem alimentar os animais, eles espalham o lixo. Conseguimos que a prefeitura mandasse um caminhão de coleta uma vez por semana para esse lixo não se acumular. As famílias aprenderam a separar o lixo e já estão fazendo.

Raquel Alves Pereira Avila - 16:22

Que bom.

Acadêmica 5 - 16:22

Ufa... voltei

Raquel Alves Pereira Avila - 16:22

Agora voltou a conexão. Eu te enviei as perguntas caso não voltasse. Então vamos continuar, falta pouco.

12. Como a EA do curso promove o engajamento político para reivindicações e melhorias na sua cidade ou região?

Acadêmica 5 - 16:25

12. Foi através do curso que a comunidade se reuniu para ver o que estava acontecendo com o lugar... que ações poderiam ser realizadas para melhorar o aspecto da localidade, como poderíamos resolver os problemas e deixar o lugar mais belo

Foi falado que alunos da universidade viriam a comunidade para conversar com quem se disponibilizasse e as pessoas apareceram, de curiosas mas foi um ótimo início.

Raquel Alves Pereira Avila - 16:27

13. Você considera que o estudo da educação sexual é importante no currículo da EA? Por quê?

Acadêmica 5 - 16:33

Camisinhas espalhadas pelo ambiente... eheheh. Com certeza, é através dos jovens que se consegue chegar as famílias. Então conscientizando os jovens sobre a importância de se cuidar e das doenças causadas pela falta deste, quanto lixo hospitalar deixa de ser produzido. E esse tipo de lixo já trabalhamos na escola, o médico atendia em uma das salas e deixava seringas, e outros utensílios usados nos pacientes, foi feito um trabalho para atingir esses profissionais, que atendem nas escolas das comunidades rurais.

Raquel Alves Pereira Avila - 16:34

14. Em sua opinião, como a EA promove transformações sociais para o desenvolvimento de uma nova sociedade?

Acadêmica 5 - 16:37

Nossa!!! Em todas as propostas... já o nome vem carregando mudanças Educação Ambiental... na hora que a população se conscientizar da importância de se educar para cuidar do ambiente, a nossa vida vai mudar radicalmente para melhor, mais cuidados, menos poluição, redução de lixo, proteção aos animais.

Raquel Alves Pereira Avila - 16:38

Última pergunta: 15. Qual a sua avaliação do eixo de Educação Ambiental?

Acadêmica 5 - 16:44

Como falei antes, deveria ter mais atenção pois é muito importante a educação ambiental em âmbito mundial... e no curso de Educação do Campo seria importante que tivesse mais ênfase. Que fosse mais ramificada, vamos dizer assim, se estendesse mais os ensinamentos. Mas o que foi proposto foi interessante, causou um bom efeito, principalmente na localidade da escola que atuo. Educação Ambiental, não vejo como apenas mato e bichos, tem um contexto por trás desse nome e dessas atitudes.

Raquel Alves Pereira Avila - 16:46

O que você quer dizer com um contexto por trás desse nome e dessas atitudes? Que sugestões você teria para esse eixo?

Acadêmica 5 - 16:54

Deveria ser mais aprofundado, mais atividades, afinal, nossa vida "no outro amanhã", como diz um aluno, depende de como tratamos o meio ambiente hoje. Se os ensinamentos não vem de casa eles deverão vir da escola. Talvez o que eu digo não serve para a maioria dos municípios, mas para o meu, é importantíssimo, as famílias do campo são muito pobres, carentes mesmo, tanto de saber como financeiramente, trabalhamos com peões e trabalhadores rurais. São as atitudes que exigimos das crianças que passam por nossas mãos que vão fazer a diferença,. Quanto a Educação Ambiental, o nome já nos mostra que o ambiente, depende das nossas ações e tudo o que fizermos hoje se refletirá nos próximos dias, meses, anos...

Raquel Alves Pereira Avila - 16:56

Acadêmica 5, muito obrigada pela sua colaboração na minha pesquisa. Agradeço teu empenho mesmo com os problemas de conexão. Acadêmica 5, gostaria de fazer algum comentário?

Acadêmica 5 - 16:59

Gostaria de me desculpar pela simplicidade de minhas palavras, é que sou uma universitária do campo e não perdi as raízes, também me desculpar pela conexão horrível, e se minhas palavras não foram relevantes, fica um bate papo gostoso. Como dizem os jovens, curti a nossa conversa.

Raquel Alves Pereira Avila - 17:03

Acadêmica 5, não precisa se desculpar, gostei muito também, é a realidade do campo e a simplicidade do campo que me interessam e que são importantes para o que busco e o que eu acredito. Eu também já dei aula numa escola do interior. Desejo tudo de bom no seu trabalho na escola do campo com seus alunos e agora como formanda da Educação do Campo. aguardo o termo de consentimento da pesquisa. E se precisar de alguma coisa me avisa. Grande abraço. Raquel

Acadêmica 5 - 17:09

Abraço a ti, também. Se der para aproveitar as minhas falas, use como quiser. Te mandarei o termo de compromisso, caso não consiga abrir pedirei para me enviar outro e tentarei abrir amanhã em Caxias, já que vou para lá, mantereí contato. Obrigada, e agradeço a disposição em me "ouvir" e a confiança depositada em mim. Até mais... Acadêmica 5

APÊNDICE O

ENTREVISTA COM A ACADÊMICA 6 – POLO DE SAPIRANGA

Realizada via bate-papo no Gmail

Entrevista n°. 06

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da turma 1 - UAB/UFPeL, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às 19h do dia 19/08/2013, após o entrevistado previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Dados do(a) entrevistado(a)

- a. Nome: Acadêmica 6
- b. Profissão: Professora
- c. Cidade onde reside: Novo Hamburgo
- d. Polo que frequenta: Sapiiranga
- e. Formação escolar ou acadêmica: Formada em magistério e concluindo a Educação do Campo

Entrevista com a Acadêmica 6

segunda-feira, 19 de agosto de 2013 19:00

Raquel Alves Pereira Avila

Olá Acadêmica 6, podemos fazer a entrevista agora?

Acadêmica 6

olá

claro

Raquel Alves Pereira Avila

Acadêmica 6, quando você puder me envia o termo de consentimento da pesquisa por e-mail. Tem alguma dúvida sobre a entrevista e a pesquisa?

Acadêmica 6

acredito que não, mas se aparecer alguma te pergunto[

meus computadores estão uns cacos, te envio lá do trabalho o termo

Raquel Alves Pereira Avila

Ok. Primeiro teus dados: Nome completo, profissão, cidade onde reside, polo que frequenta, formação escolar ou acadêmica?

Acadêmica 6

Acadêmica 6, professora, residio em Novo Hamburgo, trabalho em Campo Bom e Sapiiranga, sou do polo de Sapiiranga, formada no Magistério e agora concluindo Educação do Campo

Raquel Alves Pereira Avila

1. O que entendes por ética?

Acadêmica 6

Para mim ética é comprometimento, é ser responsável por aquilo que tu te comprometes a fazer, é desempenhar bem aquilo há que te propõe, sem ferir os direitos e o espaço dos demais

Raquel Alves Pereira Avila

2. Como você relaciona a ética com a Educação Ambiental?

Acadêmica 6

Se todos os seres humanos fossem mais éticos com relação ao meio em que vivem, não prejudicariam o ambiente nem os demais seres vivos existentes nele. Acredito que um dos pontos-chaves para que o aprendizado de sala de aula seja posto em prática é fazer com os educandos sejam éticos (comprometidos) com aquilo que aprenderam. A Educação Ambiental sozinha não adianta, muitas vezes as pessoas tem o saber, mas falta a moral para colocá-la em prática na sociedade.

Raquel Alves Pereira Avila

3. Por que escolheu o curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPEl?

Acadêmica 6

Honestamente, foi meio ao acaso, queria muito uma formação a nível superior, então quando apareceu a Educação do Campo nem olhei a grade curricular logo me inscrevi. Entretanto com o decorrer do curso comecei a me identificar com a questão ambiental que sempre foi um assunto que me motivou. Partindo daí puxei bem para este lado do meio ambiente, quando tivemos a oportunidade de escolher um eixo temático logo escolhi Educação Ambiental.

Raquel Alves Pereira Avila

4. Por que escolheu o eixo de Educação Ambiental em ECO (Estudos Colaborativos)?

Acadêmica 6

Sempre me interessei pelo assunto meio ambiente, na realidade em sonhos de infância tinha o desejo de ser bióloga, mas não o realizei. Escolhi esse eixo, pois percebi que o curso em si visava práticas pedagógicas que levassem os educandos a pensar sobre, tendo em vista já estar em contato com crianças e adolescentes vi ali a possibilidade de fazê-los pensar sobre suas atitudes com o meio ambiente, como fazer para melhorar o meio, o que devemos transformar....

Raquel Alves Pereira Avila

5. Qual a importância do eixo ECO - Educação Ambiental para o curso de Licenciatura em Educação do Campo?

Acadêmica 6

Penso que ele deveria ser explorado com todos os graduandos do curso, ficou bem restrito o número de acadêmicos que fizeram parte deste eixo. Acho muito relevante o assunto, pois todos os educadores devem pensar e fazer os demais pensarem sobre a Educação Ambiental.

Raquel Alves Pereira Avila

Por que os educadores devem pensar e fazer os demais pensarem na Educação Ambiental?

Acadêmica 6

Devido a todos os efeitos que o não pensar sobre o assunto causaram no meio em que vivemos. Se houver uma maior reflexão por parte dos seres humanos das consequências de seus atos talvez aja uma mudança de atitudes refletindo em um melhor cuidado do meio

Raquel Alves Pereira Avila

6. Quais eram suas expectativas quando iniciou o eixo de Educação Ambiental? O eixo correspondeu às suas expectativas? Por quê?

Acadêmica 6

quando o eixo iniciou não tinha muitas expectativas, tinha mais dúvidas, medos, coisa de acadêmico. Mas no decorrer das atividades me realizei muito. Consegui, com apoio dos meus colegas de escola desenvolver um projeto de conscientização ambiental, realizamos plantio de árvores, construção de horta suspensa, horta caracol, separação do lixo na escola toda.... Claro, esse é um projeto que ainda está engatinhando, mas tomou proporções bem legais e atingiu uma grande parte da comunidade.

Raquel Alves Pereira Avila

Esse foi teu projeto de Ed. Ambiental na escola parceira? Se sim, explica foi seu projeto.

Acadêmica 6

Sim foi na escola parceira, na qual trabalho. O nome do projeto é Pensando Verde. Visa a conscientização ambiental dos alunos e da comunidade da escola em geral. Como disse ainda está engatinhando, como já me era previsto levando em consideração que consciência não se desenvolve do dia para noite. Segue o blog do projeto: <http://www.deciopensandoverde.blogspot.com>

Raquel Alves Pereira Avila

7. Como você avalia a comunicação (via fórum, e-mail, chat, presencial) com os seus colegas, com professores e tutores na educação a distância no eixo de Educação Ambiental?

Acadêmica 6

Devo confessar que valorizo a comunicação pessoal. Diversas vezes fiquei esperando por respostas que não obtive ainda. Trocávamos muito nos encontros presenciais no polo, onde conversamos e nos explicávamos aquilo que não estava claro. No momento da escrita do trabalho final a comunicação foi perfeita, consegui falar sempre com a orientadora.

Raquel Alves Pereira Avila

8. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?

Acadêmica 6

Bem, não acho muito boa, pois como havia dito acho que esse assunto deve ser conhecido e pensado por todos.

Raquel Alves Pereira Avila

9. De que maneira a EA contribui para a formação de um cidadão crítico?

Acadêmica 6

Posso afirmar que esse curso, a forma como foi conduzido nem sempre me agradou, mas devo dizer-lhe que me tornou uma pessoa com uma visão mais crítica, questionadora, e penso que a maneira como foi se desenrolando é que nos transformou assim. Realizávamos as leituras propostas e quando tínhamos os encontros presenciais discutíamos os pontos de vista sobre o mesmo assunto. Os fóruns também eram locais onde apareciam as divergências de opiniões.

Raquel Alves Pereira Avila

10. O eixo de EA tem uma relação teórico-prática dos conteúdos? Explique.

Acadêmica 6

Recebemos vários materiais, textos nos oferecendo embasamento teórico sobre o assunto, obviamente somente eles não deram suporte para o desenvolvimento do trabalho em Educação Ambiental, mas nos ajudaram bastante na nossa formação

Raquel Alves Pereira Avila

O que você sentiu falta? E como você complementou o que sentiu falta?

Acadêmica 6

No ambiente (moodle) recebíamos mais referencial teórico para nós, educadores, para desenvolver com os alunos tive que buscar na biblioteca da escola e até mesmo em sites que possuem um material mais acessível a idade deles

Raquel Alves Pereira Avila

Ok. 11. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Como isso é abordado no eixo de EA?

Acadêmica 6

Economia ecológica penso ser aquela dos tempos de "antigamente", onde ao invés de por fora quando se estraga se conserta. Deste modo reduz a produção de lixo. Em alguns dos textos abordados citou-se a importância de reduzir o consumo, de fazer as próximas gerações diminuir reduzir os gastos excessivos diminuindo também a produção de resíduos.

Raquel Alves Pereira Avila

12. Como a EA do curso promove o engajamento político para reivindicações e melhorias na sua cidade ou região?

Acadêmica 6

Na verdade o que percebo é que não existe muito engajamento entre as duas coisas. Porque afirmo isso: durante dois anos venho insistindo na coleta seletiva e começamos na nossa escola, entretanto como já havia dito é um trabalho de formiguinha, caminha a passos lentos. Então qual não foi minha surpresa quando no início deste ano chega ao meu conhecimento que agora os municípios só receberão verba federal se separarem corretamente o lixo, então a prefeitura fez folders, imãs de geladeira, distribuiu para toda população. Daí me questiono, enquanto era pelo real e simples motivo de separar o lixo não recebi apoio, mas quando há um retorno financeiro federal daí a motivação para administração.

Raquel Alves Pereira Avila

13. Você considera que o estudo da educação sexual é importante no currículo da Educação Ambiental? Por quê?

Acadêmica 6

Creio que seja relevante, mas deve ser levado com bastante seriedade, mostrando aos alunos a realidade, sempre tendo em vista se o público atendido já possui maturidade para conhecer o assunto. Vejo por mim, no ano passado tive uma turma de quarto ano em que a maioria já namorava e ficava e queriam saber sobre métodos contraceptivos e como o corpo funcionava, já no presente ano tenho outro quarto ano que é totalmente o oposto, não tem interesse nenhum sobre o assunto, logo não é necessário ainda iniciar o assunto.

Raquel Alves Pereira Avila

São 15 perguntas, estamos no final da entrevista. Pergunta nº 14. Em sua opinião, como a Educação Ambiental promove transformações sociais para o desenvolvimento de uma nova sociedade?

Acadêmica 6

A educação ambiental nada mais é que mudança de pensamento, logo quando conseguimos transformar o pensamento dos seres estamos mudando também atitudes. Essas mudanças afetam diretamente a sociedade em que vivemos.

Raquel Alves Pereira Avila

15. Qual a sua avaliação do eixo de Educação Ambiental? O que mais gostou no eixo, o que não lhe agradou no eixo e sugestões para o eixo ECO - Educação Ambiental.

Acadêmica 6

A coisa que mais me agradou foi fato de desenvolver um projeto ambiental, de por em prática o que aprendemos, acho que aprendi muito com as trocas que fiz para desenvolver o Pensando Verde. Uma coisa que me incomodou, não somente nesse eixo, mas no decorrer do curso em si é a comunicação que por diversas vezes foi falha.

Raquel Alves Pereira Avila

tens sugestões para o eixo de EA?

Acadêmica 6

Acho que poderia colocar mais ideias de atividades práticas para se desenvolver com os educandos, não que já não houvesse, mas penso que poderia haver mais. Também acredito que todos os acadêmicos deveriam realizar este eixo e não somente os que por ele optarem. Deveria se ter mais tempo para por em prática junto com as escolas parceiras projetos ambientais. /acho que é isso.

Raquel Alves Pereira Avila

Acadêmica 6, queres comentar mais alguma coisa?

Acadêmica 6

A principio não, mas se por acaso tiver alguma dúvida sobre o que escrevi é só me falar, posso esclarecer.

Raquel Alves Pereira Avila

Ok. O que achasse da entrevista?

Acadêmica 6

Gostei, mas vou te confessar que achei um pouco longa, rssss, mas espero que te ajude. Amanhã te envio a autorização

Raquel Alves Pereira Avila

Acadêmica 6, muito obrigada pela sua colaboração na pesquisa. Aguardo o termo de autorização. Abraço.

Raquel

Acadêmica 6

Ok, eu que agradeço, abraços

APÊNDICE P

ENTREVISTA COM A ACADÊMICA 7 – POLO DE SÃO SEPÉ

Realizada via bate-papo no Gmail

Entrevista n°. 07

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da turma 1 - UAB/UFPeL, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às 20h11min, do dia 05/11/2013, após o entrevistado previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Dados do(a) entrevistado(a):

- a. Nome: Acadêmica 7
- b. Profissão: Auxiliar de serviços gerais
- c. Cidade onde reside: Novo Hamburgo
- d. Polo que frequenta: São Sepé
- e. Formação escolar ou acadêmica: licenciatura em educação do campo

Entrevista com a Acadêmica 7

terça-feira, 5 de novembro de 2013 20:11

Acadêmica 7

Oi Raquel

Raquel Alves Pereira Avila

Olá Acadêmica 7

Boa noite. Podemos iniciar?

Acadêmica 7

Estou à sua disposição

Raquel Alves Pereira Avila

Peço que me envie o termo de consentimento da entrevista, pode ser depois.

Tens alguma dúvida das informações que te passei por e-mail da minha pesquisa?

Acadêmica 7

Não tenho dúvidas, vou enviar o termo talvez amanhã, pois agora não tenho com escanear

Raquel Alves Pereira Avila

ok.

Primeiramente quero agradecer teu interesse em colaborar com a pesquisa. Muito obrigada. Vamos iniciar:

- a. Nome completo:
- b. Profissão:
- c. Cidade onde reside:
- d. Polo que frequenta:
- e. Formação escolar ou acadêmica:

Acadêmica 7

NOME: **Acadêmica 7**

a)Auxiliar de Serviços Gerais - b)Moro em São Sepé- c) frequento o Polo de Educação Superior Sepé Tiaraju -e) E acabo de me formar em Licenciatura em educação do Campo

Raquel Alves Pereira Avila

Parabéns Acadêmica 7! Sucesso na tua trajetória como professora!

Acadêmica 7

Obrigada!

Raquel Alves Pereira Avila

Pergunta n° 1: 1. O que entendes por ética?

Acadêmica 7

Ética e ser honesta e responsável na vida e principalmente no trabalho, agir sempre com clareza e misturar possíveis problemas particulares com o lado profissional.
não misturar

Raquel Alves Pereira Avila

2. Como você relaciona a ética com a Educação Ambiental?

Acadêmica 7

Quando estava cursando a faculdade optei pelo eixo de Educação Ambiental por ser um tema que apaixonou, com relação a ética e os problemas que enfrentamos, hoje nos cuidados com a natureza acho que as pessoas em geral e autoridades devem mais do que nunca ter ética para agir e exigir ação responsável de todos. Não posso falar em conservação dos recursos naturais e jogar o meu lixo na barrancas das estradas. fazer protestos nas praças e queimar os campos com o pretexto de fazer limpeza e evitar a presença de bichos.

Raquel Alves Pereira Avila

3. Por que escolheu o curso de Licenciatura em Educação do Campo UAB/UFPEL?

Acadêmica 7

Porquê trabalho em uma escola rural e monitoro aulas de Práticas rurais para crianças dos anos iniciais

Raquel Alves Pereira Avila

4. Por que escolheu o eixo de Educação Ambiental em ECO (Estudos Colaborativos)?

Acadêmica 7

Porquê adoro trabalhar com plantas, visitar lavouras, matas e me preocupo demais com nossas águas que parece que estão sumindo. acho que precisamos falar menos e agir mais em defesa do meio ambiente.

Raquel Alves Pereira Avila

5. Qual a importância do eixo ECO - Educação Ambiental para o curso de Licenciatura em Educação do Campo?

Acadêmica 7

Este curso formou professores para trabalharem principalmente no meio rural, por isso acho que este eixo foi o mais importante. Os indivíduos do campo devem ser educados para produzirem sem agredir a natureza, usarem os bens naturais, mas conservá-los, respeitarem mais as florestas e o rios e buscarem formas de sustentabilidade.

Raquel Alves Pereira Avila

6. Quais eram suas expectativas quando iniciou o eixo de Educação Ambiental? O eixo está correspondendo às suas expectativas? Por quê?

desculpa, ao invés de está correspondendo é correspondeu.

Acadêmica 7

Minha expectativa era poder desenvolver um projeto com crianças. Sim, foi bem interessante pois fiz um projeto que envolveu toda a comunidade escolar e seu entorno. O secretário da agricultura, lavoureiros e catadores de lixo, tomei conhecimento de como funciona as licenças ambientais para desmatar, construir açudes, o uso das águas das sangas e também o destino do lixo na cidade. Levei essas informações para as crianças que com certeza, hoje, dão mais valor a separação do lixo pois sabem que pessoas sobrevivem da reciclagem através de uma cooperativa.

Raquel Alves Pereira Avila

7. Como você avalia a comunicação (via fórum, e-mail, chat, presencial) com os seus colegas, com professores e tutores na educação a distância no eixo de Educação Ambiental?

Acadêmica 7

Foi satisfatória, pude conversar sem problemas com a professora

Raquel Alves Pereira Avila

e com os teus colegas e tutores?

Acadêmica 7

Sempre que foi preciso conversamos através do ambiente virtual do curso sem problemas, trocamos ideias e conhecimentos e também discordávamos de alguma coisa.

Raquel Alves Pereira Avila

8. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?

Acadêmica 7

Foram oferecidos vários eixos, os acadêmicos escolheram o eixo que mais se identificavam. Eu acredito que a educação Ambiental é um tema atrai mais as pessoas mais ligadas ao campo mesmo e por isso foi deixado livres para escolher.

Raquel Alves Pereira Avila

na tua opinião, tu achas que ele poderia ser oferecido de alguma forma para todos os alunos ou achas que somente para os que está bem assim, de oferecer somente para os alunos que escolhem o eixo?

Acadêmica 7

Eu acho que deveria ser só para os que escolhem o eixo, Porque eu não escolheria o eixo de Educação especial que era a paixão de algumas colegas.

Raquel Alves Pereira Avila

9. De que maneira a EA contribui para a formação de um cidadão crítico?

EA - Educação Ambiental.

Acadêmica 7

Ensinando-o a olhar o planeta e as pessoas mais amor. Ensinando-o a enxergar as coisas erradas cometidas contra a natureza e discutindo e debatendo com as crianças sobre o que elas acham certo ou errado, desde a maltratar os animais só por maltratar ou porque é preciso matar as formigas. Ensinar o que é necessário ser feito e o que é preciso ser evitado.

Raquel Alves Pereira Avila

10. O eixo de EA tem uma relação teórico-prática dos conteúdos? Explique.

Acadêmica 7

Sim. estudamos as leis federais da constituição que dizem respeito a EA, vários textos e desenvolvemos trabalhos em cima disso.

Raquel Alves Pereira Avila

11. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Como isso é abordado no eixo de EA?

Acadêmica 7

Esse tema não foi abordado no eixo, mas acredito que seria uma economia com mais respeito aos bens naturais e com mais sistema de cooperativas.

Raquel Alves Pereira Avila

12. Como a EA do curso promove ações e o engajamento político para reivindicações e melhorias na sua cidade ou região?

Acadêmica 7

Isso foi através das sugestões de projetos que envolvessem toda a comunidade e que levasse ao conhecimento das autoridades os anseios das populações por melhor qualidade de vida.

Raquel Alves Pereira Avila

13. Você considera que o estudo da educação sexual é importante no currículo da EA? Por quê?

são 15 perguntas, estamos no final.

Acadêmica 7

Não acho importante, porque observo na escola a aula de educação sexual me parece muito vaga e os adolescentes parecem mais os professores.

Raquel Alves Pereira Avila

14. Em sua opinião, como a EA promove transformações sociais para o desenvolvimento de uma nova sociedade?

Acadêmica 7

Se conseguirmos colocar no coração das crianças que é preciso respeitar todos os tipos de vida, que as plantas, as pessoas, os animais precisam viver em harmonia e que um depende do outro para o mundo ser melhor, essas crianças poderão crescer e transformarem a sociedade. A transformação começa pelo respeito à vida.

Raquel Alves Pereira Avila

15. Qual a sua avaliação do eixo de Educação Ambiental?

Acadêmica 7

Foi bem interessante, me trouxe mais conhecimentos e comprometimento com o meu próximo, me achei cada vez mais responsável pela vida ao meu redor e com interesse de fazer alguma coisa na minha comunidade, em benefício de todos. O eixo de EA nos chama para agir.

Raquel Alves Pereira Avila

Você gostaria de falar mais alguma informação sobre sua trajetória no curso e no eixo de Educação Ambiental?

Acadêmica 7

Só gostaria de dizer que o eixo de EA foi uma das melhores parte do meu curso.

Raquel Alves Pereira Avila

Por quê?

O que o eixo de EA trabalhou que você gostou para ele ser a melhor parte do curso?

Acadêmica 7

Porquê ir para sala de aula ensinar a ler ou somar e dividir não é o meu forte, gosto de sair à campo e praticar a educação ao ar livre.

Raquel Alves Pereira Avila

Como você fez isso no eixo? No projeto de Educação Ambiental?

Acadêmica 7

Meu projeto foi feito através de ações, visitamos lavouras, postos, de saúde , cooperativas de reciclágens, construímos composteiras em casas de famílias, colocamos placas na beira das estradas para não colocarem lixo, cada ação com uma turma diferente de alunos

Raquel Alves Pereira Avila

Acadêmica 7, agradeço muito tua colaboração com a pesquisa falando da tua compreensão sobre a EA e tua trajetória no curso e no eixo de Educação Ambiental. Muito obrigada. aguardo o termo de consentimento da entrevista. Boa noite.

Quando a dissertação estiver pronta vou enviar para todos do curso e para vocês. Obrigada pela colaboração!

Boa noite.

Acadêmica 7

Boa noite!

APÊNDICE Q

ENTREVISTA COM A COORDENADORA DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO UAB/UFPeI

Realizada de forma presencial com gravação de áudio.

Entrevista n°. 08. Gravação n°. 04

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada provisoriamente: **“A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da UAB/UFPeI, Pelotas, RS)”** que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às 16h, do dia 26/08/2013, após a entrevistada previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Dados do(a) entrevistado(a):

- a. Nome: Coordenadora
- b. Formação acadêmica (graduação e pós-graduação): Graduação Pedagogia e Mestrado em Educação.
- c. Polo(s) que é responsável: Já teve o polo de Sapiranga e atualmente tem eixos que coordena, eixo de Educação Infantil, eixo de Abordagem de Pesquisa em Educação e colabora nos eixos de Linguagens e de Folclore.
- d. Função que exerce:

| | |
|------------------|---------------------------|
| Professor (x) | Professor Pesquisador () |
| Coordenadora (x) | |

1. O que entendes por ética?

Coodenadora: Ética pra mim tá muito ligado às questões de respeito ao outro, as relações com as outras pessoas, muito ligada às questões de respeito, do não passar por cima das pessoas, na verdade dessa questão de respeito ao ser humano como um todo mesmo, mesmo como eu sei que tua pesquisa é com a Educação Ambiental, no respeito ao ambiente, o respeito com o mundo que a gente vive né e sem deixar de considerar a questão de respeito com as pessoas.

2. Como você avalia a modalidade a distância no curso de Licenciatura em Educação do Campo (CLEC)?

Coodenadora: Olha, eu não trabalhei em outros cursos de Educação do Campo presencial sabe, mas eu já trabalhei no curso de pedagogia presencial né, então posso dizer é o segundo curso de formação de professores que eu trabalho na questão do ensino superior. Eu avalio que a gente vem desenvolvendo um trabalho que de longe não é o ideal ainda né, tem muita coisa pra ser superada no curso, nós estamos passando por um processo hoje de revisão do projeto do curso, entendemos que alguns dos nossos eixos precisam ser reformulados pra atender melhor a formação do educando, mesmo a Educação Ambiental é um deles, que hoje ele tá como um eixo que poucos alunos se dedicam a pesquisa dele, mas estamos estudando formas de que um maior grupo de alunos possa participar dessa discussão, não um grupo tão pequeno né, porque hoje ele tá dentro dos Estudos Colaborativos, então o que acontece, os alunos eles selecionam o eixo no qual eles querem trabalhar e fazem só esse eixo e não outros, outras possibilidades eles tem, hoje nós estamos estudando isso. É uma modalidade de ensino que dá bem mais trabalho, a distância, dá muito mais trabalho que o presencial, tanto pro aluno quanto pro professor, ele demanda muito mais tempo de estudo, demanda muito mais escrita, pro aluno porque a forma de comunicação principal que ele tem com o professor é através do ambiente virtual, é onde as comunicações se dão através da escrita, pro professor porque ao contrário do presencial, ele tem que produzir o próprio material que vai trabalhar com os alunos né. O presencial hoje o que a gente vê, na época que eu fui aluna, depois quando eu trabalhei em curso de pedagogia, mesmo hoje, é muito difícil os professores elaborarem o material pros alunos, eles selecionam algum material, fazem xerox ou mandam os alunos tirarem xerox pra estudar, na distância não, a gente vai desenvolvendo esse hábito de produzir o material, de escrever pro aluno, de se comunicar com o aluno, não tanto só através da escrita mas com vídeos também, do se focar na produção daquilo que o aluno vai conseguir entender, de procurar uma linguagem que chegue até ele, de ter uma preocupação muito maior com a questão da avaliação também, eu acho que eu nunca me preocupei tanto com a avaliação como agora trabalhando no curso a distância, até porque no nosso curso se o aluno ele reprova ele sai fora, então

existe todo um cuidado na hora de se dar o resultado pro aluno na hora de chegar o resultado né, porque a reprovação ela é muito definitiva, ela é a exclusão do curso, existe todo um processo de auto-avaliação dos professores antes de se reprovar um aluno, por exemplo, que no presencial não tinha, era nota e o aluno reprovou e ele vai fazer de novo, não se pensava tanto a respeito da não aprendizagem do aluno como se pensa num curso a distância.

3. Comente sobre a configuração curricular por eixos de conhecimento e a forma de avaliação do CLEC.

Coordenadora: A configuração curricular ela surgiu não, a primeira discussão dela não foi dentro do curso de Educação do Campo EAD, foi dentro do curso de Pedagogia EAD e foi uma forma que nós encontramos, nós professores quando discutimos o primeiro projeto, que era o projeto do curso de Pedagogia, de tentar aproximar as áreas de conhecimento por temas que diziam respeito à escola, tipo Estudo e Sociedade, é uma área de conhecimento grande dentro do curso de Pedagogia, com a qual se pretende trabalhar, é um eixo né com o qual se pretende trabalhar com várias áreas do conhecimento dentro, não, porque muitas vezes o que acontecia, não, eu passei pela formação presencial, como se diz eu trabalhei também, a gente trabalhava, nos cursos que eu estudei, que eu trabalhei, por áreas de conhecimento, matemática, filosofia, sociologia, e muitas vezes se perdia muito tempo, era um desgaste muito grande pros alunos, que os professores acabavam trabalhando todos com a mesma temática, pedindo quinhentos mil trabalhos diferentes pra trabalhar especificamente com a mesma coisa, só que como eles não interagiam, não se comunicavam, não, eles acabavam cansando o aluno pra fazer todos a mesma coisa. A ideia de se trabalhar por eixos foi então pensar nesses temas que são essenciais pro trabalho com a educação, quais são as nossas intencionalidades com a formação do professor, organizar a partir dessas intencionalidades o trabalho e aí sim ver o que as áreas de conhecimento podiam contribuir pro estudo daquele tema, por isso a organização, nós batizamos com o nome de eixos temáticos né, outras pessoas batizam com outros nomes, no nosso caso foi eixos temáticos, foi justamente assim, o estudo a partir de tema e vê o que cada um poderia contribuir, isso permitiu que vários professores de áreas diferentes dialogassem né, durante a organização do trabalho, por isso nós temos hoje, nós não temos professores sozinhos produzindo um eixo, nós temos equipes multidisciplinares pra que esse diálogo possível possa acontecer.

Pesquisadora: E o parecer, a avaliação dos alunos?

Coordenadora: O parecer, ele surgiu justamente com o que eu comentava antes que é essa função do tipo de oferta que a EAD faz né, através do sistema UAB, que quando, que a turma é ofertada toda junta em bloco, então se os alunos eles vão ficando pelo caminho eles de fato vão ficando pelo caminho, então como chegar ao real aproveitamento dum aluno não se não for por uma observação constante e direta do desenvolvimento dele durante o trabalho né, por isso, a ideia do parecer descritivo, parecer descritivo surge enquanto um relatório daquilo que o aluno foi desenvolvendo a partir daquilo que foi proposto dentro do eixo temático, então quais eram as intenções do eixo e aonde o aluno chegou né, não, pra ver o real aproveitamento dele, porque aí tu também vê de que ponto ele partiu, então nós tivemos exemplos de polos na primeira turma que eles não partiram do mesmo nível de conhecimento dos demais alunos, então se nós fôssemos pegar com uma lógica de avaliação formal, no primeiro semestre nós não teríamos mais alunos naquele polo, então a partir dessa observação mais sistemática, várias discussões foram abertas entre os professores e esses alunos hoje estão chegando ao fim, eles estão se formando num nível muito semelhante ao dos outros, mas ainda não há porque o ponto de partida foi diferente, mas se nós pegássemos dentro de uma proposta de avaliação tradicional, provavelmente eles não teriam chegado até o fim, então o parecer ele surgiu como uma ferramenta pro professor vê quem é o aluno mesmo, como, o que que ele tá precisando também, porque muitas vezes a partir dessas observações nós reelaboramos as propostas por dentro dos eixos temáticos, reorganizamos textos, aproximamos a linguagem utilizada pra linguagem que os alunos utilizavam, é, nós, a proposta da UAB é que se na primeira oferta do curso elabore o material e depois só vai ofertando né, dentro da nossa proposta isso não é possível, porque a cada ingresso tu recebe alunos diferentes e a cada ingresso aquele material tem que ser reelaborado para dar conta das necessidades dos alunos.

4. Os alunos possuem dificuldades nos Estudos Colaborativos? Quais?

Coordenadora: No início dos Estudos Colaborativos a maior dificuldade que eles tiveram, nas duas turmas assim, tu tá estudando a 1 mas a 2 também eu observei isso, é de escolher um só, justamente aquilo que eu falei lá no início né, todos os temas são importantes, todos eles fazem falta no dia a dia da escola, então Educação Ambiental é tão importante quanto Educação Especial, quanto Educação Infantil, quanto Folclore, então é difícil pros alunos escolherem um só, e é difícil pra nós também indicarmos um só pra eles, tanto que agora na turma 2 a gente tá fazendo a experiência que é cada tema de ECO trabalhando na sua especificidade, mas tentando intercambiar três deles que é EJA, Educação Infantil e Folclore, então essa semana a gente teve a semana de folclore na universidade e aí acabamos juntando os 3 ECO's, os professores dos 3 ECO's pra fazer um

planejamento conjunto, onde uma webconferência serviu pra trabalhar com os alunos de 3 eixos diferentes, mas essa é uma dificuldade assim principal, ã.

Pesquisadora: O aluno precisa escolher um eixo né?

Coordenadora: Um eixo, isso é muito complicado, e quanto mais no início do curso né, aí quando chega lá na metade do ECO eles mudam de ideia, bah, eu queria ter escolhido outro eixo, posso mudar? Agora não pode. Porque o ECO se constrói a partir da ideia de projetos de pesquisa, aonde o aluno vai se dedicar ao estudo de um tema e ao final desse estudo ele vai desenvolver uma atividade de extensão na comunidade na qual ele tá inserido ou na comunidade da escola parceira dele.

5. Quais as práticas pedagógicas e atividades que consideras que os alunos mais gostam no curso?

Coordenadora: Bom, assim, isso é uma coisa que chega no final é só na avaliação mesmo, depois que, turma 1, toda vez que nós postamos uma atividade nova pra eles, eles brigam, reclamam, odeiam, criticam, um mês depois eles adoram, agradecem, dizem que não se imaginariam sem ter feito essa atividade, mas eu percebi assim ó, ã, eles gostam muito de criar, os alunos da EAD eles são muito criativos, isso é uma característica muito interessante que eu tenho observado, eles são criativos, eles tem grande autonomia, então as atividades onde eles tem que produzir, mesmo que eles briguem lá no início, são as atividades onde eles aprendem e reconhecem no final que foi o que eles melhores produziram, ã, Abordagem de Pesquisa é um eixo que eles brigavam muito sempre no início de cada semestre e ao final do semestre eles diziam bom que a gente fez isso, que agora eu tô vendo falar dessa forma, os outros eixos aqueles eixos que trabalharam com oficinas, no momento da organização do da oficina a briga era muito grande mas uma vez o trabalho desenvolvido também a gente percebia que eles produziam muito mais do que nos eixos que trabalhavam só com leituras, os eixos, as oficinas, principalmente aqueles eixos que obrigam eles a pegarem aquilo que eles estão estudando e irem pra escola e produzirem junto com os professores, esses são, eu vejo que é onde eles aprendem mais, aonde eles brigam muito no início que não querem fazer mas depois eles dizem que foi o que eles melhor aproveitaram.

6. O curso promove o espírito crítico, criativo e investigativo nos alunos? Explique.

Coordenadora: A intenção é essa, a forma como ele foi organizado, como ele foi pensado até, o trabalho com os eixos, tudo, era justamente promover esse espírito crítico, criativo e investigativo, porque na verdade essas são coisas extremamente importantes quando a gente vai na escola pública, ã, são qualidades que vão nos ajudar a superar todos os obstáculos, sem esses elementos, ã, muitas vezes o aluno, uma vez formado, ele acaba abandonando aquelas coisas que ele aprende no curso de graduação.

Pesquisadora: E no curso, o que que tu consideras que faz esse espírito crítico e investigativo? Quais as características que o curso tem que promovem isso?

Coordenadora: É, o curso ele foi pensado já como um grande projeto de pesquisa né, desde o primeiro momento o aluno entra no curso, ele é convidado a se auto-investigar, lá no início quando nós trabalhamos com turma 1 e 2 com a questão dos labirintos da memória né, foi um projeto de museu virtual onde eles tinham que investigar a si mesmos e construir, era os blogs na época, que era os seus museus né, ã, existe sempre grandes debates encima de tudo, a gente costuma dizer que nossos alunos começam quietinho terminam extremamente polêmicos, porque eles questionam bastante, no início não tanto mas até o final dos eixos eles se tornam muito questionadores, às vezes até demais, alguns extrapolam um pouco, e a criatividade ela tá sempre por trás, tanto das nossas ações quanto das deles né, como se a gente busca isso, se a gente consegue, bom, isso é outra história, acho que daqui uns 2, 3 anos a gente vai descobrir, mas que é uma coisa que os professores tão sempre buscando construir nos eixos com os alunos, com certeza.

7. Qual a importância do eixo ECO - Educação Ambiental para o curso de Licenciatura em Educação do Campo?

Coordenadora: Quando nós começamos a discutir o curso, ã, tinham alguns temas que pra nós eram muito especiais, são, na verdade eram quatro temas, que nós achávamos que eles tinham que perpassar todo o curso, que é quatro discussões, uma delas era Educação Infantil, a outra a mudança do Ensino Fundamental de 9 anos, Educação Ambiental e Educação Especial. Esses quatro temas, eles surgiram de uma demanda que os municípios que iam receber polos de Educação Infantil levantavam, que eram coisas que eram extremamente importantes pra esses municípios, ã, como eu disse, eu já vinha do curso de Pedagogia EaD, eu já tinha contato com outros polos e também percebia a necessidade dessas discussões entre os professores na rede. Eu penso que esse ECO, na realidade, ele tinha que tá presente, mais presente dentro dos outros eixos, tanto que nós tentamos recuperar ele pra todo o grupo dentro do eixo de Linguagens III, que é uma discussão sobre a relação entre o ser humano né, com o meio, com o seu corpo e com as tecnologias, mas a gente não foi tão feliz como nos Estudos

Colaborativos né, eu acho que, ele enquanto eixo de pesquisa sobre esse tema ele é extremamente importante pro curso, eu só tenho pena que são poucos os alunos que de fato possam aproveitá-lo da melhor maneira possível.

8. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?

Coodenadora: A gente já comentou isso. É, eu acho que teria que ser, é o sistema da ECO, na verdade a gente tentou superar isso da turma 1 pra turma 2 com a proposta de em cada ECO a gente ter um encontro presencial em que os alunos tenham que apresentar pros colegas o que estão estudando, seja no início da ECO apresentando qual é a proposta de estudo pra aquele semestre, seja no final da ECO apresentando o que vai produzir no semestre, que foi uma tentativa de superar e aproximar os alunos desses quatro temas que eu te falei, são extremamente caros pro curso, são muito importantes que é Educação Ambiental, Educação Inclusiva Educação Especial né, Educação Infantil e Ensino de 9 anos e agora despontando com toda força a questão da Educação e Folclore também, que a gente vem discutindo, eu acho que a gente tem que tornar tudo obrigatório.

9. Como você avalia a comunicação (via fórum, e-mail, chat, presencial) com os seus colegas, professores, tutores e acadêmicos no CLEC?

Coodenadora: Olha, ela é muito maior do que nas outras experiências que eu tive, maior no sentido de trabalho também, mas é maior no sentido de comunicação também mesmo assim, eu conheço muito mais os alunos agora do que eu conhecia antes trabalhando no presencial, eu interajo muito mais com eles agora, às vezes a comunicação ela acaba se tornando até uma ferramenta complicada nos finais de semana, os chats, os fóruns, telefone também, direto né os alunos utilizam muito o telefone pra se comunicar com a gente, ã, quando essas outras ferramentas falham eles apelam pros meios tradicionais, mais eu, eu penso que o nosso ambiente poderia ser melhor, mais ã, ele mesmo não sendo o ideal, ele nos propicia uma possibilidade de comunicação que eu não tive em outros cursos com os alunos e mesmo com as equipes de trabalho, de produção também, ã, hoje eu não preciso de estar junto com um colega meu pra gente tá produzindo um texto né, a gente tem várias ferramentas na internet ã que nos possibilitam estar trabalhando simultaneamente discutindo o material enquanto vai escrevendo ele, de uma forma muito mais coletiva do que antigamente.

10. De que forma o CLEC tem uma relação teórico-prática dos conteúdos? Explique.

Coodenadora: A gente tem, todos os eixos do curso praticamente todos, são poucos os que não se enquadram nisso, nesse perfil, são eixos que tem carga horária teórica e carga horária prática só que, pra provocar esse diálogo né, provocar o diálogo entre aquilo que tá sendo lido, comentado, debatido, e as coisas que acontecem de fato na escola, a tentativa da organização de oficinas é uma tentativa de aproximação entre a teoria e prática sempre ã e de promover a discussão entre ela porque se a gente sempre diz que se existe uma teoria é porque houve uma prática que respaldasse ela, então se busca essa prática original, mas se constrói encima dela também porque como eu disse, cada realidade, cada polo diferente são, nós trabalhamos com muitas culturas diferentes, então eles acabam transformando aquilo que eles estudam para aquele meio no qual eles estão vivendo.

11. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Esse tema é abordado no CLEC? Como?

Coodenadora: Olha, eu acho que a Roberta aborda esse tema lá nos Estudos Colaborativos, até porque eu tenho acompanhado algumas discussões, esse final mesmo, essa semana mesmo a professora Magna esteve em Itaqui, da turma 1, polo da turma 1 desenvolvendo uma oficina sobre alimentação solidária com os alunos, então eu vejo que o pessoal tá sempre buscando né, essa questão da economia solidária e ecológica, é, eu ainda não exercito isso, até tô aprendendo algumas coisas com as oficinas da Magna e da Roberta, mais com a Magna nessa questão da alimentação que ela vem discutindo bastante com os alunos agora por causa das crianças então ela tem ocupado todos os espaços que ela consegue no curso pra inserir esse tema, na verdade ela tem feito mais esse diálogo independente de qual seja o eixo, a Magna sempre dá uma forma, arruma um jeito de entrar e trazer a discussão pros alunos, sobre economia, sobre economia solidária, sobre alimentação ecológica, alimentação solidária, ã, eu sei que em Itaqui eles fizeram uma série de experimentos também esse final de semana, produziram alguns tipos de alimento, descobriram alimentos que eles achavam que, coisas nos alimentos que não podiam ser, que eles aprenderam lá, como reaproveitar, pra trabalhar isso com as crianças na escola, basicamente assim ã ela pegou alunos que são estagiários, que era já pra ter um efeito imediato de aplicação e agora nós conversamos, ela estava organizando um outro movimento para pegar o segundo grupo de estagiários pra fazer a mesma coisa.

12. Você considera que o estudo da educação sexual é importante no currículo do CLEC? Por quê?

Coodenadora: Considero, no entanto esse foi um aspecto que ficou de fora, acho que com exceção das discussões organizadas pelo professor Tiago da dança, que trabalha a questão de corporeidade muito bem com os alunos,

sim, as oficinas dele em primeiro momento são para trabalhar a questão da sexualidade, assim, como é que vai discutir o corpo se não discutir a sexualidade né, ele trabalha no eixo Folclore, ele também discuti questões de sexualidade no folclore, mas é como eu disse, são questões que ficam mais restritas né, a gente não vê isso ser discutido nos outros eixos, há certos professores que tem uma formação mais específica pra trabalhar com esses conteúdos, ã, esse professor por um acaso é um professor que trabalha em Linguagens III, trabalha a questão do corpo, o ser humano no ambiente né, e é extremamente importante, porque nós chegamos a idade adulta com muitas questões mal resolvidas e se nós não aprendermos a resolver, a trabalhar as nossas questões mal resolvidas, nós não vamos conseguir trabalhar com as crianças e vamos criar um círculo vicioso de sempre ir passando pro futuro as questões, alguns não vão conseguir resolver nunca porque não vão encontrar alguém pela frente que os ajude a trabalhar isso, então é importante sim que a gente trabalhe isso com educadores pra que eles saibam como trabalhar com as crianças.

13. Em sua opinião, o CLEC promove transformações sociais nas cidades/polo de abrangência para o desenvolvimento de uma nova sociedade? Explique.

Coodenadora: Transformações sociais, bom, nós trabalhamos pra formação de pessoas que até então vinham sendo excluídas né, a grande margem que não tinha acesso ao ensino superior por causa do local onde viviam, muito distantes dos centros onde existe o acesso à educação, na sua grande maioria é isso né, uma transformação social imediata eu acredito que a gente não promova né, o que nós conseguimos em algumas regiões, tipo a região do Jacuí, é que ã, nós pegamos uma grande demanda de população que não tinha formação e conseguimos que eles tivessem acesso na formação do ensino superior e então assim ó, nós temos alunos numa das nossas turmas que eles são os primeiros da família, das famílias deles a chegar no ensino superior, e já vem de uma educação ã não não tão formal, que eles vem dos cursos de EJA, então são alunos de EJA que estão chegando pela primeira vez no ensino superior e são os primeiros da família de muito muito muito tempo, nós acreditamos que no futuro, daqui uns 10 anos, isso já vai ser passado naquela região, mas, isso pra nós é um fato muito importante. Agora uma grande transformação social eu acho que não. A gente tem movimentado bastante algumas comunidades, inclusive os projetos que os alunos desenvolvem depois de ECO né, no estágio, é com a intenção de movimentar essas comunidades, promovemos mudanças no nível da informação, no nível da formação, aí sim.

14. Comente sobre os recursos humanos, pedagógicos e incentivos que o Governo do Brasil, a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) fornecem para o desenvolvimento de seu trabalho no curso.

Coodenadora: Essa é uma situação que está extremamente complicada hoje, em termos de recursos humanos a CAPES nos fornece as bolsas UAB que nós podemos contratar bolsistas pra trabalhar no curso, que é a nossa salvação, porque hoje nós contamos num curso que tem seiscentos alunos, nós contamos só com seis professores efetivos, praticamente cem alunos por professor né, ã, porque a universidade não abriu novas vagas pros cursos EaD, nós estamos um pouquinho melhor ainda que tem outros cursos que tem menos professores, ã, então estamos funcionando hoje porque existem essas bolsas, porque em termos de outros recursos a universidade mesmo não nos dá nenhum, talvez o aluguel do prédio em que nós funcionamos hoje, mas o próprio prédio eu acho que a UAB entra com uma contrapartida também que ajuda no aluguel, em termos materiais nós estamos numa situação bem difícil hoje, porque com a mudança da reitoria e o novo reitor não sendo simpático à EaD, muita coisa que nós tínhamos acesso estão sendo cortada, então hoje tudo que nós temos vem dos recursos da UAB e só e nada mais além disso. Então não fosse a UAB estar financiando os cursos de Educação a Distância da UFPel hoje, eles não estariam funcionando justamente por causa de uma questão de política interna, hoje nós vivemos num centro de educação a distância, só que mesmo essa situação é instável, esse centro tem quatro cursos e o novo reitor quer distribuir os cursos em outras unidades, nós acreditamos que isso vai dificultar bastante nosso trabalho se vier a acontecer, porque hoje nós temos dedicação exclusiva pra EaD, então se os polos necessitarem durante a semana, a gente não tem que prestar contas a outro curso, é só ir lá correndo pra atender o polo, como nós vamos pro presencial isso não vai acontecer, nós vamos ter uma ligação com outro, tem que cumprir horário em outras turmas, essa esse atendimento hoje que nós temos dedicado ele vai diminuir, hoje eu posso dizer que eu passo todos os horários que não estou dormindo do dia voltados pra educação a distância porque eu tô, como eu disse assim ó, eu hoje eu sou professora de eixo, coordenadora do curso e sou secretária do curso porque a universidade cortou as secretárias que os cursos tinham, então hoje quando um aluno necessita, um desses seiscentos alunos precisarem de um documento quem faz sou eu, porque os registros acadêmicos também não nos atendem, a gente faz toda a parte de registros acadêmicos da educação a distância, a educação a distância eles utilizam muito poucos dos recursos da universidade mesmo, porque praticamente a gente é independente da universidade.

Pesquisadora: Mas o reitor é contra a educação a distância, então seria só presencial?

Coordenadora: Exato.

15. O CLEC está regulamentado pelo MEC?

Coordenadora: O curso já entrou no processo de avaliação pra credenciamento né, nós já passamos por duas etapas desse processo, que foi a diligência que eles fazem no início que é pra gente verificar quais são as nossas questões do projeto pedagógico que não estão de acordo com a legislação, estamos fazendo o PPP novo, é que é assim ó, nós passamos pela diligência, aí começamos a mexer no nosso PPP a partir dessa diligência, depois que passou a diligência veio um outro processo que eles abrem uma planilha ã online e nós preenchemos com dados do curso que é preparação pra terceira fase da avaliação que é a visita in loco, então quando abriu essa planilha nós já estávamos reconstruindo o PPP, o PPP já passou pela avaliação da pró-reitoria de graduação, tem um setor específico que trabalho esses projetos pedagógicos, já passou por essa avaliação, só falta ser encaminhado pro conselho novamente pra pra aprovação do novo PPP. ã e a finalização do nosso processo de credenciamento depende dessa visita in loco agora, mas parece que eles estavam com problemas pra conseguir avaliadores de Educação do Campo pra virem aqui, porque tem que ser avaliador da área né, e aí é mais difícil, são poucos cursos, e eu acho que vai Educação Infantil, séries iniciais. Nós tínhamos uma avaliação marcada para janeiro, pra janeiro não, pra agosto agora, dia quatro de agosto, mas aí deu problema com os avaliadores e eles cancelaram, nós estamos aguardando eles remarcarem, só isso que falta.

Pesquisadora: Só deixa eu tirar uma dúvida na pergunta anterior, dos Estudos Colaborativos e do estágio, eles fazem um projeto pra cada um? É um projeto de Estudos Colaborativos e um projeto de estágio?

Coordenadora: Não, Estudos Colaborativos V é o último eixo dos Estudos Colaborativos do curso né, eles elaboram um projeto pra desenvolver no eixo de estágios que é de Investigação-ação em atividade docente, porque os outros estágios Investigação-ação na escola pública, esse não, é em atividade docente porque vai ser uma atividade que vai ser desenvolvida pra além da escola pública, com a comunidade, eles fazem um projeto que depois vai ser executado no eixo de estágios. Eles tem quatro estágios no curso, o estágio de Investigação-ação em escola pública I que é monitoria, cada aluno vai faz a monitoria de um professor de escola pública, estágio de Investigação-ação em escola pública II, que é Educação Infantil, aí todos os alunos vão fazer um estágio de Educação Infantil, estágio de Investigação-ação em atividade docente, que é a III, que é o estágio de ECO e o último estágio é o estágio de séries iniciais né, o estágio de educação básica que é obrigatório pro tipo de formação que eles.

Pesquisadora: Então o estágio da ECO eles colocam em prática no estágio?

Coordenadora: Sim, no estágio III, no sétimo semestre do curso.

16. Qual a habilitação conferida ao aluno CLEC? Onde ele pode atuar?

Coordenadora: É, o projeto do curso foi pensado pra que o aluno atuasse pra além da sala de aula, em outros espaços que não só a escola, por isso nós temos estágio de ECO, que o estágio que eles vão fazer extensão na comunidade também pra experimentarem esses outros espaços que eles também experimentam por dentro dos eixos do curso nas atividades práticas, então dependendo do eixo, algumas atividades são pedidas fora, em outros espaços pra que eles possam fazer, ã, a habilitação é licenciatura plena em educação do campo né, com habilitação em séries iniciais e educação infantil e aí os ECO's todos existem pra... EJA é EJA séries iniciais, tudo que for séries iniciais da educação básica dentro disso da educação infantil eles podem atuar. A coordenação pedagógica é uma função específica, o próprio governo federal normatizou isso como formação específica, então eles vêem isso no curso porque, porque quem cai na escola sempre pode vir a cair na função de coordenação, mas a formação é específica à nível de pós-graduação, é a normatização do governo federal. Como educação infantil, por exemplo, educação especial por exemplo, que eles tem uma pequena noção né, durante o curso mas educação especial também é formação específica, a pessoa tem que estudar quatro anos só sobre educação especial pra ser considerado um professor especial.

17. Qual a sua avaliação do curso em relação à turma 1?

Coordenadora: Nossa, a turma 1 foi a primeira turma, foi a que teve mais problemas foi onde tudo que podia dar errado no início de curso aconteceu com essa turma, ã, a minha expectativa entre eles, neles foi superada né, porque dada a quantidade de problemas que nós tivemos de ordem tecnológica, ã, até o clima interferiu porque nós tivemos todo tipo de desgraça nos municípios durante o período de formação deles teve enchente, foi ponte que caiu, cidades foram destelhadas, tudo aconteceu com a turma 1, nós não tínhamos uma expectativa com número tão grande de alunos conseguisse chegar ao final, 199 alunos chegaram ao final do curso, de 250 que era no início. A expectativa é que fossem 400 alunos, mas como foi a primeira turma, ã, a maior parte das turmas não

fechou o número de alunos, mas nós seguimos com o número de alunos que teve e seriam 50, fechou 25, 26, 27, tem polos que estão chegando ao final com 19 alunos. Mas a expectativa era que eles não chegassem tão longe na verdade eles conseguiram chegar, eles superaram as expectativas, porque, porque no início nós não tínhamos ambiente virtual, a gente começou, ã, trabalhando, fazendo alfabetização digital deles nas redes sociais porque não tinha ambiente, primeiro mês de trabalho nós não tínhamos onde colocar os alunos, que houve uma falha no sistema e eles tinham que começar as aulas e a gente começou pelo processo de nivelamento digital, de alfabetização digital com todos dentro de uma rede social, foi muito bom pra eles e principalmente pra nós porque aprendemos a utilizar outros recursos que não os formais para trabalhar com os alunos, nós tivemos todos esses problemas de desgraças nas questões climáticas, ã, muita gente prestou vestibular pro curso achando que era outra coisa, que era um curso técnico e aí levou um susto quando descobriu que era licenciatura e aí saiu fora né, então nós sempre dizíamos, a gente ia aguardar quando chegasse no estágio nós iríamos saber exatamente com quantos alunos nós iríamos chegar ao final, e foi bem isso que aconteceu, o quinto semestre foi o último momento de evasão e aí daquele grupo que chegou no fim, só não chegaram os reprovados, por uma questão ou outra acabaram reprovando, mesmo assim foi um número bem pequeno de alunos comparado com outros cursos que nós conhecemos, então no último semestre agora mesmo nós tivemos reprovados apenas dois alunos, dos cento e noventa e nove. Dois alunos reprovaram e uma aluna abandonou por causa de problemas de saúde, o médico exigiu que ela se afastasse pela demanda de trabalho da EaD é muito grande deixava ela muito estressada.

18. Quais as suas expectativas em relação a essa pesquisa e qual forma de devolução esperas?

Coordenadora: A minha expectativa é assim, primeiro que eu fiquei muito contente de saber que alguém tava nos pesquisando né, é a segunda pesquisa, nós estamos passando por uma outra que é duma professora de Minas Gerais, só que o objeto dela é um pouco a história dos cursos de Educação do Campo e aí nós entramos e ela se interessou pelo nosso, a turma 1 também, ela também tá acompanhando eles agora na formatura, todo mês ela pede um, pega nós justamente porque nós somos um diferencial entre os outros cursos por causa da questão da formação pras séries iniciais todos outros são finais, expectativa eu acho que a gente possa ter acesso ao material né e de repente até trabalhar com ele dentro do ambiente com os alunos.

APÊNDICE R

ENTREVISTA COM A PROFESSORA PESQUISADORA

Realizada de forma presencial com gravação de áudio.

Entrevista n°. 09. Gravação n°. 05

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada provisoriamente: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da turma 1 - UAB/UFPeL, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às 16 horas, do dia 12/09/2013, após a entrevistada previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Dados do(a) entrevistado(a):

- a. Nome: Professora pesquisadora
- b. Cidade onde reside: Pelotas
- c. Formação acadêmica (graduação e pós-graduação): Agronomia, Mestrado em Ciências e Doutorado em Sistemas de Produção Agrícola Familiar
- d. Polo(s) que é responsável: Sapucaia do Sul e Sapiranga
- e. Total de alunos no polo: Sapucaia do Sul 17 alunos e Sapiranga 23 alunos
- f. Total de alunos do eixo EA no polo:
- g. Função que exerce:
 Professor () Professor Pesquisador (x) Tutor a distância ()
 Tutor presencial ()

1. O que entendes por ética?

Professora pesquisadora: Eu entendo que ética é uma forma de ação que é justificada pelo senso, pelo bom senso que a gente tem, através das nossas ações, de repente o que ético pra mim pode não ser pra ti.

2. Como você relaciona a ética com a Educação Ambiental?

Professora pesquisadora: O entendimento da ética com a educação ambiental eu acho que tem, é bem mais amplo né, porque no momento que tu consegue entender que educação ambiental tu tá dentro do, tu também faz parte do todo do ambiente, aí tu consegue perceber as relações éticas também numa forma muito mais ampla, muito mais complexa também, porque, quando por exemplo tu entende que tu fala da proteção dos animais e tal, eu particularmente acho meio incoerente tu falar de proteção aos animais e ao mesmo tempo também consumir os animais como alimento, então ã, eu não sei eu acho assim meio incoerente, então eu acho que é uma bandeira muito mais ampla que tu levanta, da educação ambiental quando tu fala em ética.

3. Em sua opinião, qual a importância do eixo ECO - Educação Ambiental para ao curso de Licenciatura em Educação do Campo?

Professora pesquisadora: Na verdade eu acho muito importante, só que eu acho até que não deveria ser somente um eixo né, deveria perpassar de forma transversal todos os eixos na verdade, porque fica muitas vezes ligado somente a um eixo quando na verdade deveria estar sempre conectado a todos e observar isso de forma ampla, que aí só aqueles alunos que fazem esse eixo é que ficam mais ligados à educação ambiental e conseguem entender porque nós vemos com muita dificuldade que eles percebem a educação ambiental somente numa visão bem simplista como lixo, essas causas assim, que a mídia coloca, entende, mais recorrentes na mídia, até na turma 1 eu observei isso, na turma 2 até que eu tô observando um pouco diferente.

4. Como foi organizada a formação da equipe de trabalho para o desenvolvimento do material didático e orientação dos alunos no eixo ECO – Educação Ambiental na turma 1? Quem participa?

Professora pesquisadora: Nós formamos uma equipe de educação ambiental né, logo após depois chegou a Luciara, nós sempre procuramos trabalhar em equipe, procurando textos que falassem na educação ambiental numa forma bem ampla né, não direcionada só a relação natureza, mas a relação como ela é trabalhada mesmo,

de forma bem complexa, e aí dessa forma nós procuramos sempre produzir os nossos textos né pra passar pros alunos, com nossos pensamentos, também realizar fóruns que permitem bastante discussão sobre o tema também, no debate e que eles façam o projeto também né, ao longo de todo eixo, façam um projeto e depois apliquem na sua escola parceira. Mais foi os professores pesquisadores e as pessoas que tivessem mais afinidade com o tema que acabaram entrando assim, mas pouquíssimas pessoas entraram, depois entrou a Luciara também, que tem bastante afinidade com o tema, mas mais os professores pesquisadores assim. Aí entra os tutores também, eu vejo de forma bem tranquila assim, vejo o pessoal interagindo bem tranquilo assim, não vejo problema nenhum, vejo uma interação da equipe bem adequada. Acho que deveria mais interação entre a equipe sim, sendo assim que os tutores deveriam, poderiam participar bem mais na, não sei se por tempo que acontece, mas deveriam participar bem mais na questão dos, na questão da escrita dos materiais né, do eixo, porque eu trabalho em outro eixo que tem uma professora que é tutora que participa da escrita dos eixos e tal, e isso acho que depende muito deles eu acho, porque todos são convidados a participar né, e poucos tem participado.

5. Como você avalia a comunicação com os seus colegas, professores, tutores e acadêmicos no eixo de Educação Ambiental?

Professora pesquisadora: Eu acho que é bem tranquila, bem adequada assim, porque a gente se fala presencialmente muitas vezes, muitas vezes através dos fóruns né com os alunos, a discussão por fóruns, por mensagem ou até em web, então é bem adequado assim, bem tranquilo, nunca teve problema na comunicação. Nunca percebi nenhuma dificuldade, o máximo que acontece quando a gente tem alguma dificuldade mais ampla assim que já aconteceu de projeto foi com uma aluna que tava tendo dificuldade em projeto porque ela queria realizar o projeto dela com aquele filme “Ilha das Flores”, queria só mostrar pro EJA, pro pessoal do EJA aquele filme e tal, só que aí eu comecei a questionar né, o que que ela queria fazer com aquele filme, qual era a intenção dela nisso, ela ia só mostrar o filme e tal, e com aquele filme até poderia ser adequado mas que ela através do filme poderia ter várias, várias atividades através daquele filme, não somente discussões mas atividades mesmo, e aí ela teve um pouco de dificuldade pra compreender isso e a gente realizou um chat, através do chat ela conseguiu compreender um pouco mais, que ela poderia ir muito mais além do filme, o filme seria somente a introdução da questão ambiental complexa, de entender a complexidade através do filme né, porque o filme passa muito isso, “Ilha das Flores” passa bem essa questão da complexidade do ambiental né, de como as coisas estão ligadas, conectadas, então através desse filme aí ela fez os planos de aula baseados na questão ambiental e de várias questões ambientais de várias coisas, várias atividades, ela conseguiu compreender, mas ela realmente teve muito problema, mas através do chat foi bem tranquilo assim, aí eu dei algumas sugestões pra ela, ela entendeu e aí foi tudo tranquilo. Tem uma conversa mais individual e mais direta né.

6. O eixo de EA tem uma relação teórico-prática dos conteúdos? Explique.

Professora pesquisadora: Sim, eu acredito que sim porque a partir do primeiro semestre do eixo os alunos já vão à escola já realizar pesquisa né do que é educação ambiental, realizam através da fotografia ou através da, ou através da, de algum problema que já começa a observar no seu entorno da escola né, ou do do entorno da escola, da sua realidade local então acredito que ele é totalmente teórico-prático né, que ao mesmo tempo que a gente também coloca leituras para que eles possam realizar, e ao mesmo tempo que eles estão lendo, eles tão realizando atividades práticas que tem a ver com essa leitura, então ele é assim do início ao fim.

7. Comente sobre a multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade da EA no curso.

Professora pesquisadora: É, eu acho que na verdade o que tá mais adequado no curso é trabalhar a transdisciplinaridade né, que vai além das disciplinas, seria essa a proposta mais adequada, que é aí, no caso, dialogaria com os outros eixos mas na verdade a gente não procura trabalhar com a questão disciplinar, acho que essa é a proposta mais adequada assim que eu vejo se encaixar na proposta da educação ambiental no curso, mas eu acho que ainda tem muito a ser trabalhado ainda nessa questão, muito.

8. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?

Professora pesquisadora: Eu acho que ela deveria ser, acho que deveria ser ofertada geral assim, como um eixo mesmo, pra todos, não somente pra alguns que escolhem, na verdade eu acho que todos os eixos são importantes, acho que todos os alunos deveriam trabalhar com todos os eixos, mas é que como o curso tem isso na nos estudos colaborativos serem assim né, na grade curricular, em algum momento isso eu acho que faz falta, o estudo de algum, de alguma eco para todos os alunos, eu acho a educação ambiental muito importante de ser trabalhada em todo o conteúdo. Todos eu acho importante.

9. De que maneira a EA contribui para a formação de um cidadão crítico?

Professora pesquisadora: De forma que tu consegue entender o contexto histórico e a tua realidade que tu tá inserido, no momento que tu consegue entender a tua realidade onde tu tá inserido, aí tu consegue entender, compreender e poder mudar também, transformar aquela realidade, eu acho que a partir daí, porque só olhando os meios de comunicação, mídia, essas coisas, não resolve, porque a maioria das vezes eles não mostram a realidade como ela é né, mostram a realidade como quer que ela seja, então eu acredito que seja dessa forma, e também porque foi justamente a educação ambiental que me levou a integrar um pouco do todo assim, do ambiente como um todo, que eu não conseguia enxergar essa questão complexa, de como as coisas estão ligadas umas às outras, foi até quando eu assisti aquele filme “O ponto de mutação” que é muito interessante, e o livro do Capra.

10. Quais os recursos didáticos e atividades em Educação Ambiental que consideras que os alunos mais gostam?

Professora pesquisadora: Recursos didáticos e atividades em educação ambiental, eu acho que eles, eu acho que eles gostam muito de dessa coisa mesmo assim de sair pra prática, de ir pra escola, de combecer, tirar fotografia, tem uma atividade que eles gostaram muito de fazer que eu até achei assim, que eles já conhecessem, mas a maioria não, acho que nenhum conhecia que era aquela oficina que eu fiz sobre pegada ecológica no fim do ano passado, sim foi na turma 1, oficina da pegada ecológica que eles tinham que responder algumas perguntas pra ti saber qual era tua pegada ecológica, ah eles adoraram aquilo porque são poucas perguntas e a maioria, a maioria adorou assim, não conhecia e eles gostaram muito de fazer, e muitos disseram que fizeram no trabalho, que fizeram com a família e que gostaram e que iam mudar, porque teve um questionamento depois né, o que que você vai fazer para mudar, para melhorar sua pegada ecológica e refletir sobre isso e aí muitos disseram que começaram a refletir sobre isso, não imaginavam que fosse tão grande, que e né, iam mudar algumas coisas e tal e aí foi bem interessante, eles gostaram bastante, eles refletiram sobre aquilo, assim, refletiram sobre sobre o modo de vida que tão tendo né, aí pensaram assim, muitos muitos usavam transporte público né e aí pensaram que a pegada não foi tão alta, lógico né, e pensaram, ah mas então não é tão ruim assim né, sabe, andar de ônibus, essas coisas assim que de repente ah porque tu tem que ter um carro, aquela obrigação né, que tu tem que usa, porque tu tem que ter um carro, porque todo mundo tem, aquela coisa bem capitalista, então, e aí tipo levou a refletir sobre essas questões mesmo, de modo de viver das pessoas entende, ah da alimentação, deu muito da alimentação assim, a maioria acho que até deu muito alta a questão da alimentação e tal, aí a gente começou a refletir, ah, as embalagens quando a gente compra na rua, a gente tem que cuidar as emnbalagens, porque muitas vezes tudo que a gente compra na rua tem muita embalagem e tal, justamente pra gente comprar mais, então nos levou a várias várias ã reflexões sobre isso assim, sobre o modo de vida atual.

11. Você observa alguma dificuldade dos alunos em EA? Quais?

Professora pesquisadora: Eles tem muita dificuldade acho que no início assim, de perceber ã que educação ambiental é bem mais ampla do que se acha né, se acha muito que educação ambiental é só natureza, é só pássaro, é só ã, e às vezes eu vejo o pessoal até falando de animais assim, e nos tirando do contexto como como nós também seres humanos somos animais também humanos, então eu vejo muito isso assim, o pessoal querendo trabalhar só sobre questão sanitária e lixo essas questões assim, quando é muito mais abrangente né, incluindo nós como seres humanos no ambiente também, então mais essa dificuldade, que ao longo dos eixos eles vão superando, não digo que superem totalmente mas eles melhoram muito.

12. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Como isso é abordado no eixo de EA?

Professora pesquisadora: É, eu já falei um pouco agora do que foi abordado né, essa questão da pegada ecológica é bem a questão da economia ecológica e solidária né, porque a questão de quanto tu tá gastando do meio ambiente, do ambiente que tu vive e quantotu pode diminuir, qual o teu consumo na verdade a pegada ecológica é isso né, quanto tu pode diminuir pra ter um ambiente melhor, individualmente né falando, ã, sim nós procuramos trabalhar com isso né, quando nós falamos, quando nós pensamos nos textos pra refletir sobre a questão da reciclagem, sobre a questão do que que a gente pode fazer pra melhorar, ã, a nossa, a questão ambiental que nos inclui, quando nos inclui logicamente a gente vai trabalhar com essa questão solidária e com essa questão ahm economia ecológica e solidária, a questão das trocas né, de aproveitar as coisas, até o aluno que tu entrevistou ele faz os brinquedos dos filhos todos com coisas que ele aproveita, eu achei muito interessante, isso é economia solidária ambiental eu acho, que eu já trabalhei com economia solidária e sei que o pessoal utiliza muito isso né, de aproveitar as coisas e vender, fazer muitas trocas.

Pesquisadora: Mais diretamente é falado a parte de economia

Professora pesquisadora: Diretamente, diretamente não, a gente não tem uma coisa que fale assim, mas durante as discussões acredito que é falado.

13. Como a EA do curso promove o engajamento político para criar ações, reivindicações e melhorias na cidade ou região dos polos?

Professora pesquisadora: É, a educação ambiental ela não vai dizer vão lá e façam, na verdade ela vai promover uma consciência que eles mesmos vão se dar conta e vão fazer isso, e realmente isso acontece, eles fazem, quando, principalmente quando eles começam a tirar fotos das coisas que acontecem ou até do noticiário da cidade deles, do bairro, ah do esgoto a céu aberto, tal coisa bababa, e aí a gente tem um uma grade de pergunta, qual o problema, quais os envolvidos, o que você pode fazer pra melhorar, e aí é que eles se dão conta acho que esse problema a prefeitura pode fazer, e aí eu já vi muitos dizendo assim, que foram lá falaram com a prefeitura e tal, então é assim, é uma coisa indireta, não diz vão fazer, mas tipo eles se dão conta através das atividades, própria deles, às vezes escrevem nos jornais, tem uma atividade que nós fizemos de escrever no jornal, na turma 1 teve um aluno que escreveu sobre educação ambiental também pro jornal, bem legal.

14. Você considera que o estudo da educação sexual é importante no currículo da EA? Por quê?

Professora pesquisadora: Sim, muito importante, importante porque em primeiro lugar essa questão ainda tem muito preconceito né e muito, muita má interpretação quanto a isso né, tem a questão de gênero, de homossexualidade, essas questões, com certeza deveria ter geral, até deveria ter uma ECO sobre isso eu acho, que não tem, então a gente acaba discutindo esses assuntos assim meio indiretamente no curso assim, por meio de algum, de algum assunto que entra e tal, no estágio, mas é muito importante.

15. Em sua opinião, de que maneira a EA promove transformações sociais para o desenvolvimento de uma nova sociedade?

Professora pesquisadora: É, como eu falei assim, no momento que tu consegue observar tua sociedade, observar o que tá errado e atuar criticamente para poder transformar, mas assim, aquela transformação, aquela questão, mudança crítica, não porque tu tá sendo levado pra isso, mas porque tu tá lá pra fazer mesmo, porque tu tá entendendo aquilo, aí é importante, não aquelas mobilizações que as pessoas são levadas a fazer por fazer, mas porque tu tá lá porque tu sabe porque tu tá, aí eu acho muito importante.

16. Comente sobre os recursos humanos, pedagógicos e incentivos que o Governo do Brasil, a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) fornecem para o desenvolvimento de seu trabalho no curso.

Professora pesquisadora: A gente atualmente a gente enfrenta dificuldades quanto a visitar os polos, que é muito importante pro nosso trabalho e atualmente a gente até tá conseguindo ir aos polos né, questão dos materiais nós temos problemas, só que aí eu realmente pra ti dizer assim o problema é acho que é com a Universidade Federal do que com a UAB, da UAB tem recursos, eu acho o problema não sei se é com a federal, aí eu acho que é com a universidade porque eu vejo em outras universidades assim, vejo comentários até da FURG, UFRGS que o pessoal vai tranquilamente nos polos, não ocorre tantos problemas, tem recursos, pelo menos aqui eu vejo mais problemas, só que como eu eu só mais, interajo mais com os alunos aí eu não sei te dizer mais assim o que que, mas eu acho que é mais em relação a problema da instituição mesmo, da universidade com a questão da educação a distância, parece que não é bem vista bem aceita, isso eu vejo.

Pesquisadora: Mas as dificuldades são em relação à ida aos polos?

Professora pesquisadora: É, materiais também, que atualmente eu pedi material também, folha de ofício, e aí eu não consegui, é materiais, folha de ofício, computador também, a gente tá com falta de computador, então tem bastante problemas, pessoal até tem tá tranquilo.

17. Qual a sua avaliação do eixo de ECO - Educação Ambiental?

Professora pesquisadora: Eu acho que apesar assim de ser a primeira turma assim, até que foi um trabalho bom que nós realizamos e agora a gente tá tentando aprimorar na turma 2 né, o mesmo trabalho e tá sendo eu acho que tá ajudando bastante esse primeiro trabalho que nós realizamos agora pra aprimorar o segundo, foi um trabalho bom, sim, que eu acredito que os alunos tiveram um processo de de avanço assim, na questão do entendimento da educação ambiental, que que nós queríamos na verdade né, que na verdade é interessante tu, tu saber a intenção que tu quer, que tu quer alcançar, a gente queria que eles entendessem o que que é educação ambiental realmente né, o que que se quer com a educação ambiental, eu acho que isso a gente conseguiu alcançar em boa parte dos alunos, não digo com todos mas boa parte sim né, que que seria que é educação ambiental é muito mais do que simplesmente educar pra jogar o lixo na lixeira, é isso que a gente queria, eu acho que isso a gente conseguiu de boa parte dos alunos.

Pesquisadora: E assim, eu gostaria que tu pontuasse coisas que tu acha que deu certo e coisas que tu acha que podem ser melhoradas, que vocês pensaram, isso precisa melhorar pra turma 2 ou aquilo que até mesmo vocês se surpreenderam assim, que aconteceu e que deu certo ou aconteceu de uma forma que vocês não esperaram.

Professora pesquisadora: É, eu acho que nós colocamos muitas leituras pra eles em determinadas situações e aí realmente como tinha outros outros eixos foi difícil eles realizarem todas as leituras né, e agora na turma 2 a gente tem que tomar esse cuidado de não colocar tantas leituras porque aí perde um pouco a qualidade do trabalho, eles não conseguem realizar todas as leituras e não conseguem realizar a tarefa muito bem e tal, mas ao mesmo tempo eles dependem de algumas leituras, o projeto na turma 1 foi mais direto e aí acho que eles tenham se perdido um pouco, na turma 2 a gente tá fazendo o projeto bem detalhado, eles tem mais tempo de qualificar melhor o trabalho, isso tá sendo muito bom, e por isso a gente viu que tá aprimorando um pouco o trabalho né, dá tempo deles pensarem, de fazer o trabalho com mais calma e tal e tá sendo bem bom assim, eu acho que mais é isso assim que eu achei mais forte assim, mais algumas coisas a gente até tá aproveitando, outras a gente tá aprimorando assim, em relação aos projetos.

18. Quais as suas expectativas em relação a essa pesquisa e qual forma de devolução esperas?

Professora pesquisadora: Legal essa pergunta, ah expectativa que eu tenho é que nos ajude né a a melhorar o curso né, a nossa proposta da da educação ambiental no curso né, de repente até que torne a educação ambiental fora do eixo de ECO, que ela seja mais transversal né, ahm, eu acho muito interessante também a divulgação do curso através de artigos publicados, do curso seja mais visível, eu tenho feito isso também nos congressos, eu acho isso muito bom, de repente até que seja apresentado pros alunos né, até numa webconferência esse resultado da pesquisa seria interessante né, porque eles já vão ter se formado e tal, mas seria interessante né, até pra... olha o resultado do trabalho de vocês, sei lá, algo assim, é eles participaram da pesquisa, não digo que todos irão né participar porque a gente não sabe como é que vais ser agora e tal, mas acho que vai nos ajudar muito esse teu trabalho de pesquisa na questão mesmo de aprimorar o nosso trabalho, com certeza assim, o que que pode ser melhorado no curso assim, porque na verdade não tem nenhuma pesquisa né, o curso é novo e tal.

APÊNDICE S

ENTREVISTA COMA TUTORA PRESENCIAL

Realizada via bate-papo no Gmail.

Entrevista n°. 10

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada provisoriamente: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da turma 1 - UAB/UFPel, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às 20h05min, do dia 16/09/2013, após a entrevistada previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Dados do(a) entrevistado(a):

- a. Nome: Tutora presencial
- b. Cidade onde reside: Sapucaia do Sul
- c. Formação acadêmica (graduação e pós-graduação): Pedagogia Orientação Educacional e Séries Iniciais: Pós em Gestão Escolar, Psicopedagogia e Especialização em Gestão de Polos
- d. Polo(s) que é responsável: Sapucaia do Sul
- e. Total de alunos no polo: 17 alunos
- f. Total de alunos do eixo EA no polo: 3 alunos
- g. Função que exerce:
 Professor () Professor Pesquisador () Tutor a distância ()
 Tutor presencial (X)

segunda-feira, 16 de setembro de 2013 20:05

Raquel Alves Pereira Avila

Olá Tutora presencial. Podemos começar?

Tutora presencial

Oi Raquel!

Raquel Alves Pereira Avila

Oi Tutora presencial.

Podemos começar?

Tutora presencial

Sim!

Estou conversando com a (nome da professora) também!

Raquel Alves Pereira Avila

Fique à vontade, quando você estiver disponível me avise.

Tutora presencial

Sim

Raquel Alves Pereira Avila

Tutora presencial, o termo de consentimento você precisa me enviar por e-mail, pode ser depois.

Tutora presencial

Ok!

Raquel Alves Pereira Avila

Tens alguma dúvida sobre a entrevista e as informações que te enviei por e-mail da minha pesquisa?

Tutora presencial

Espero que eu possa te ajudar não tenho muitos conhecimentos da tua área, mas vou tentar

Raquel Alves Pereira Avila

Então vamos iniciar.

Tutora presencial

Sim

Raquel Alves Pereira Avila

- a. Nome completo:
- b. Cidade onde reside:
- c. Formação acadêmica (graduação e pós-graduação):
- d. Polo(s) que é responsável:
- e. Total de alunos no polo:
- f. Total de alunos do eixo EA no polo:

a) Tutora presencial;

b) Sapucaia do Sul;

c) Pedagogia Orientação Educacional e Séries Iniciais: Pós em Gestão Escolar, Psicopedagogia e Especialização em Gestão de Polos;

d) Polo de Sapucaia do Sul;

e) Total de alunos formandos 17;

O que é a f (EA)?

Raquel Alves Pereira Avila

EA: Educação Ambiental da ECO

Tutora presencial

Foram 3 alunos

Raquel Alves Pereira Avila

Pergunta n° 1. O que entendes por ética?

Tutora presencial

Saber o que falar para o outro sem ferir valores e respeitar um contexto de convívio em grupo.

Raquel Alves Pereira Avila

2. Como você relaciona a ética com a Educação Ambiental?

Tutora presencial

Ter a consciência de respeitar o meio em que vive e aplicar seus conhecimentos nas coisas mais simples de conservação.

Raquel Alves Pereira Avila

3. Em sua opinião, qual a importância do eixo ECO - Educação Ambiental para o curso de Licenciatura em Educação do Campo?

Tutora presencial

Penso que é a base de conhecimentos para o curso, é através deste eixo que os alunos descobrem como transmitir para os alunos o que é EA. É muito importante!

Raquel Alves Pereira Avila

4. Como foi o teu trabalho como TP no eixo ECO – Educação Ambiental? Quais aprendizados e dificuldades?

Tutora presencial

O meu trabalho foi mais escutar, observar, ajudar nas pesquisas dos alunos, assistir suas atividades nas aulas presenciais. Aprendizados muitos e aplicados nas práticas pedagógicas em sala de aula, por exemplo no estágio do Daniel e João Felipe eles conseguiram com um grupo de "Hip Hop" misturar dança, música, expressão corporal com a Educação Ambiental. Foi maravilhoso. Dificuldades: Poderia ter mais leituras para pesquisa de práticas pedagógicas que no início foi difícil, pois eles não sabiam o que TD e a PP queriam. Após vários contatos conseguiam realizar as tarefas.

Raquel Alves Pereira Avila

5. Como você avalia a comunicação com os seus colegas, professores, tutores e acadêmicos no eixo de Educação Ambiental?

Tutora presencial

Foi muito boa com os colegas e com todo o grupo, a dificuldade era de tempo, pois todas as dúvidas demoravam mas eram sanadas. Mas o grupo era muito bom, comprometido com o que estavam realizando, criativo e atuante durante o curso.

Raquel Alves Pereira Avila

6. O eixo de EA tem uma relação teórico-prática dos conteúdos? Explique.

Tutora presencial

Sim! Tudo que era estudado e pesquisado após era colocado em prática, como foi nas oficinas apresentadas pelos alunos durante o curso. Nos seminários também foi relacionado teoria e prática.

Raquel Alves Pereira Avila

7. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?

Tutora presencial

Penso que cada um tem o direito de escolher sua área que mais tem conhecimento ou por gostar, mas penso que deveria ter uma disciplina específica para todos.

Raquel Alves Pereira Avila

8. De que maneira a EA contribui para a formação de um cidadão crítico?

desculpa, voltando a questão 7. Explica o que queres dizer que deveria ter uma disciplina específica para todos.

Tutora presencial

Sim, uma disciplina pelo menos no início do curso para todos os alunos para que eles aproveitassem mais e não só os que escolheram o eixo. Cidadão crítico é aquele que sabe e atua, e por ter conhecimentos se sente seguro em criticar o que está errado. A EA dá aos cidadãos conhecimentos específicos para melhorar a nossa sociedade.

Raquel Alves Pereira Avila

9. Quais os recursos didáticos e atividades em Educação Ambiental que consideras que os alunos mais gostam?

Tutora presencial

Maquetes, ações conjunta com alguma comunidade, pesquisa em loco, atividades lúdicas.

Raquel Alves Pereira Avila

10. Você observa alguma dificuldade dos alunos em EA? Quais?

Tutora presencial

Não observei grandes dificuldades, quando algo era mais complexo exigia um pouco mais de estudo.

Raquel Alves Pereira Avila

11. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária?

Tutora presencial

Economia ecológica quando se transforma algo que não seria mais usado possa ser reaproveitado e não fica no meio ambiente atirado, economia solidária é cada um fazer a sua parte para no meio que está inserido.

Raquel Alves Pereira Avila

12. Como a EA do curso promove o engajamento político para criar ações, reivindicações e melhorias na cidade ou região que se situam os polos?

Tutora presencial

Raquel me espera 5min vou buscar minha filha já volto

Raquel Alves Pereira Avila

Ok.

Tutora presencial

Já voltei

Raquel Alves Pereira Avila

voltando a pergunta - Como a EA do curso promove a criação de ações, reivindicações e melhorias na cidade ou região que se situam os polos?

Tutora presencial

A relação é muito forte, pois os alunos aprendem a valorizar o seu meio e ficam mais "críticos" e promovem sim ações, os meus apresentaram essas características. os meus alunos Quantas questões são?

Raquel Alves Pereira Avila

17, já estamos no final.

Tutora presencial

Ok

Raquel Alves Pereira Avila

Quais ações eles realizaram na escola e comunidade?

Tutora presencial

Pesquisaram o que as pessoas faziam com os seus lixos; distribuíram material informativo com instruções de separação de lixo, foi a mais importante, e atividades com os alunos de suas turmas de estágio como horta também.

Raquel Alves Pereira Avila

13. Você considera que o estudo da educação sexual é importante nos estudos da EA? Por quê?

Tutora presencial

Sim pois os alunos devem ter conhecimentos para poderem orientarem seus próprios alunos.É saúde!

Raquel Alves Pereira Avila

14. Em sua opinião, de que maneira a EA promove transformações sociais para o desenvolvimento de novos valores sociais?

Tutora presencial

A transformação ocorre porque houve aprendizagem e a sua aplicação gera novos conceitos e naturalmente novos valores sociais.

Raquel Alves Pereira Avila

15. Comente sobre os recursos e apoio da UFPel e do seu polo para o desenvolvimento de seu trabalho como TP. parte pedagógica, materiais, acesso a internet, etc.

Tutora presencial

Gostei muito de trabalhar nesta parceria com a UFPEL e com as colegas TD e a PP foram maravilhosas no acompanhamento das atividades e em todas as minhas solicitações. Amei muito poder estar em aprendizagem constante. O meu polo ofereceu todas as condições para desenvolver o meu trabalho.

Raquel Alves Pereira Avila

16. Comente sobre a trajetória do seu trabalho como tutora presencial no curso de Lic. em Educação do Campo nessa primeira turma.

Tutora presencial

No início foi muito difícil. Os meus alunos não sabiam nem usar a máquina(computador), fizemos curso no polo de iniciação à informática, aprendemos juntos a trabalhar no moodle, eles aprenderam a buscar as informações que precisavam (navegar na internet). A cada novo semestre mais aprendizagens e companherismo da turma que cada vez mais se tornavam mais unidos.Busquei várias vezes alunos que queriam desistir por vários motivos consegui que esse 17 terminassem. Estou feliz com sensação de missão cumprida mas com uma dor no coração do final daqui a poucos dias...O contato com a Rose com a Lenara e a Roberta também adorei todas as trocas e a parceria. Hoje não consigo ficar um dia longe do email.Foi uma experiência única na minha vida profissional. Muito Bom!

Raquel Alves Pereira Avila

Última pergunta - 17.Quais as suas expectativas em relação a essa pesquisa e qual forma de devolução esperas?

Tutora presencial

Espero que tu possa concluir da melhor forma possível e possa contribuir para melhorar pelo menos o meio que estás inserida e no teu profissional. Espero que consigas alcançar teus objetivos que te comprometeu.

Raquel Alves Pereira Avila

Obrigada. O que você achou da entrevista? Tem alguma pergunta que eu não fiz e você considera importante na sua atuação como TP e você gostaria de comentar?

Tutora presencial

Adorei , espero ter contribuído contigo e sempre que precisar pode contar comigo.Desculpa os erros de português. HeeheheheFiquei nervosa.

Raquel Alves Pereira Avila

Sem problema, o importante é a tua opinião. Tutora presencial, muito obrigada pela tua colaboração nessa pesquisa, muito importante tua contribuição e é importante para mim ter a opinião de uma tutora presencial. Muito obrigada.

Tutora presencial

Obrigada e quando precisar, estou aqui.

Raquel Alves Pereira Avila

Tutora presencial, vou aguardar o termo de consentimento. Quando puderes me envia por e-mail. Abraços. Raquel Boa noite.

Tutora presencial

Ok! Me manda por email! Abraços. Tutora presencial

Raquel Alves Pereira Avila

Ok. Abraços. Raquel

APÊNDICE T

ENTREVISTA APLICADA COM A TUTORA A DISTÂNCIA

Realizada de forma presencial com gravação de áudio.

Entrevista n°. 11. Gravação n°. 06

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada provisoriamente: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da UAB/UFPel, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às 11h, do dia 24/09/2013, após o entrevistado previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

Dados do(a) entrevistado(a):

- a. Nome: Tutora a distância
- b. Cidade onde reside: Pelotas
- c. Formação acadêmica (graduação e pós-graduação): Pedagogia UPF, Especialização em Educação Escolar em Passo Fundo, alguns cursos em estágios na Alemanha na Educação Infantil e no Fundamental 1, vinculado também a questão da própria educação ambiental, que é uma experiência bem diferenciada que tem no contexto alemão.
- d. Polo(s) que é responsável: Sapucaia do Sul
- e. Total de alunos no polo: 18
- f. Total de alunos do eixo EA no polo: 6, alunos que já tinham uma inserção no município com o tema da questão ambiental mesmo, alunos que já trabalhavam com material reciclável, que faziam projetos em escolas também com esse viés.
- g. Função que exerce:
 Professor () Professor Pesquisador () Tutor a distância (x)
 Tutor presencial ()

1.O que entendes por ética?

Tutora a distância: Ética, eu acho que, eu penso que a meu ver, ética é muito mais vinculado até mais uma forma de viver, uma forma que tu pode, como cidadão consciente mesmo na questão, eu não gosto de palavra isolada, eu acho que até porque o, pra mim o indivíduo ele é muito mais biopsicossocial, então tenho uma visão diferenciada nessa questão, então eu acredito que um ser ético é aquele que tem um compromisso com a sociedade que ele vive, com o contexto que ele tá inserido.

2.Como você relaciona a ética com a Educação Ambiental?

Tutora a distância: Na verdade hoje, eu acho que até a educação ambiental ela tá muito mais vinculada ã, primeiro, agente tem que ter sempre acho que uma clareza nesse sentido, que às vezes a educação ambiental ela surgiu muito mais em alguns contextos mais como um modismo do pensar diferente a questão da, por exemplo, das residências ecológicas, a questão por exemplo mesmo de uma alimentação, que ela tenha esse viés mais bio, mais algo que seja ecológico mesmo, então às vezes ã eu acho que a pessoa que não tem uma visão clara sobre o que tem a ver uma coisa com a outra acaba relacionando ou até consumindo produtos sem ter uma consciência sobre o porque que tá consumindo aquilo, aquela linha de produtos, mas eu acho que a ética e a educação ambiental elas tem a ver com, pra quem é mais engajado, mais com o compromisso social com o meio mesmo.

3.Em sua opinião, qual a importância do eixo ECO - Educação Ambiental para ao curso de Licenciatura em Educação do Campo?

Tutora a distância: Eu penso o seguinte, que a questão, em primeiro lugar o curso de educação do campo quando quando ele surgiu, é um curso novo, ele teve primeiro, a gente teve um primeiro viés, educação do campo, que que realmente eu tenho a ver com isso, ele é uma pedagogia diferenciada? Acho que surgiu vários conceitos sobre o curso em si, aí até eu me lembro bem no início dessa primeira turma no primeiro semestre, ã, os alunos perguntavam, mas afinal de contas, qual é o perfil do profissional da educação do campo, né, qual é, porque essa, ele vai ser um pedagogo? por exemplo,tem secretarias de educação que não aceitam a a vida acadêmica no curso

de educação do campo pra fazer um concurso pra professor pra fundamental I, por exemplo, então eu acho que surgiu um problema social realmente de como eu vou viver trabalhando ã sendo um profissional da área da educação do campo, com o decorrer dos semestres, foi havendo uma clareza, tanto por parte dos alunos como por parte da própria equipe que trabalha diretamente com eles em relação ao entendimento do perfil profissional do curso da educação do campo, então assim um viés, o curso de educação do campo tá vinculado muito mais com ã com uma escola, geralmente essa escola pode ser vinculada a uma periferia, ela pode ser vinculada a um contexto rural e como é que eu vou realmente ã me inserir naquele contexto e aproveitar o que eu tenho ao meu redor, uma leitura mesmo de mundo, uma leitura do que que eu tô convivendo, o que que eu posso assim aproveitar, se eu sou, por exemplo, uma professora da escola de periferia, que tipo de perfil de aluno eu tenho, que tipo de perfil de sociedade, do bairro que eu trabalho que eu tenho e o que que eu posso realmente de forma politicamente engajada, poder trabalhar nesse meio que eu convivo e como é que eu posso melhorar a qualidade de vida dessas pessoas através da educação do campo com vínculo também na educação ambiental, eu visualizo assim, eu acho que a consciência do perfil do profissional da educação do campo, eu acho que ela foi ao longo da turma 1, ele foi sendo definido, porque não era uma definição precisa no primeiro momento, até porque quem faz um vestibular pro curso de educação do campo, ou ele entende sobre ou ele não entende nada e ele fez realmente aquela opção por fazer, então eu acho que isso foi algo que foi construído no decorrer da turma. Pois é, eu vinculo assim, em primeiro lugar essa definição do perfil da educação do campo, ã, eu acho que a grande importância da educação ambiental foi de trazer elementos vinculados ã ao contexto, a todas as experiências que tão sendo feitas no âmbito da educação ambiental, acho que isso tudo foi trazido pra educação do campo inclusive pra fortalecer esse perfil do próprio profissional da educação do campo, né, porque hoje em dia tu não pode visualizar assim, ah não, a minha visão do curso de educação do campo, ah é uma pedagogia melhorada, que olha pra questão periférica dum jeito diferente, que pode atribuir algumas coisas ou contribuir pra formação do aluno, não, ela é muito mais do que isso, ela tem uma abrangência muito maior, e também através da educação ambiental, ela fez com que houvesse uma ampliação da compreensão do próprio curso de educação do campo, no meu ver.

4. Como foi organizada a formação da equipe de trabalho para o desenvolvimento do material didático e orientação dos alunos no eixo de ECO – Educação Ambiental?

Tutora a distância: Na verdade esse material todo foi elaborado, inclusive a Roberta foi uma das pessoas que praticamente, a Roberta e a Luciana que elas montaram o fio condutor de todo trabalho de educação ambiental na ECO, então assim, quando começou, elas já começaram com textos, com, todo o material foi montado por elas pra colocar. O que que eu acho no meu ver, eu acho complicado isso daí falando da própria formação do EaD em educação do campo ou quem sabe em qualquer EaD que a gente for trabalhar, com a ideia de equipe de tutoria e equipe dos PP's e equipe dos TD's, que eu acho uma linguagem, no meu ver, não, essas siglas eu não acho nem um pouco benéfica no meu entendimento, mas enfim, elas existem, eu acredito que ã, ela foi elaborada dessa forma, mas ao meu ver eu acho a contribuição sempre da equipe pra formação, porque porque eu acho que essa é a grande riqueza do curso EaD, tu tem uma grandiosidade no perfil dos profissionais envolvidos, tu tem um tutor, tu tem uma professora pesquisadora, que tem experiências de vida e experiências acadêmicas completamente diferentes, então se a gente tivesse condições, eu sei que não tem nem tempo hábil pra isso nem se quisesse, mas de a gente poder reunir e fazer com que esse material que fosse disponibilizado no AVA Acadêmico, se pudesse ser uma coisa assim produzida por todos, ele teria muito mais ã, a contribuir com o aluno, porque cada um poderia ter uma visão, até acho que é uma visão até bem romântica essa, de poder assim ó, apresentar várias coisas, por exemplo assim, na, eu vejo que eu trabalho mais vinculado à questão da educação infantil, mas que tipo de contribuição bem precisa eu poderia visualizar trabalhando com o perfil de... só um momentinho (telefone toca). No meu ponto de vista, eu acho que se nós tivéssemos essa visão multidisciplinar, a disciplina de educação ambiental ela ficaria mais rica, porque se às vezes eu dou um viés muito técnico pra questão da educação ambiental em si, somente dos... complicado hoje (telefone toca), eu acho que poderia ser uma abordagem mais até vinculada a questão da educação escolar também, então eu ia trabalhar a questão técnica da educação ambiental, mas também de como isso eu vou trabalhar, já que o próprio curso de educação do campo, ele trabalha com a clientela da educação infantil e do fundamental I, então acho que ela poderia ter esse olhar também, no meu ponto de vista.

5. Como foi o teu trabalho de tutora a distância no eixo ECO – Educação Ambiental? Quais aprendizados e dificuldades?

Tutora a distância: Sim, na verdade assim, o que que eu observo, a grande dificuldade por exemplo assim, eu, ã, como eu sou da área de educação, eu não tenho uma visão, acho que a dificuldade em relação a isso foi que eu não tenho uma visão técnica sobre a educação ambiental, então quando por exemplo, a Roberta trouxe alguns textos assim, muito mais coesos em relação à educação ambiental, eu tive um pouco de dificuldade no sentido de compreender todo esse vocabulário técnico, mas por outro lado, na questão de aprendizagem, na questão das

próprias atividades das crianças, dos alunos foi tentar na verdade fazer com que as atividades deles conseguissem visualizar uma questão metodológica pra ser aplicada por exemplo, ã, com uma clientela, por exemplo, de segundo ano do ensino fundamental, que dizer, na verdade eu consegui relacionar o conteúdo específico numa abordagem metodológica pra uma faixa etária de 7 a 8 anos, então esse eu acho é um desafio também que se aparece, porque quando tu tem uma visão, mesma coisa tu vai pegar na área da filosofia ou na área mesmo da educação acadêmica, tu tem uma linguagem e um fio condutor que tu consegue compreender aquilo teoricamente muito bem, pega por exemplo, eu gosto muito do Vigotsky, tu trabalha ele, tu consegue visualizar muito bem o que ele entende, pela questão do contexto, pela questão da mediação entre os pares, a professora como mediador desse processo ensino-aprendizagem, agora porém, quando estou na sala de aula, como é que eu vou conduzir esse tipo de trabalho, que tipo de encaminhamento ã, dentro da questão da própria transposição didática que é um dos princípios básicos da questão metodológica de educação escolar, como é que realmente eu vou fazer isso, então eu acho que esse é o grande desafio, tanto do próprio acadêmico no momento que ele tá relacionando que tinha uma das atividades que eles tinham que criar uma possibilidade de aula pra trabalhar a educação ambiental no contexto da educação escolar, então realmente como que eu vou, como que eu posso fazer isso transportando justamente aquilo que eu tenho de mais técnico e mais fundamentado teoricamente em algo que seja metodologicamente de fácil compreensão, de fácil construção do conhecimento, então eu vejo assim, como dificuldade, como ao mesmo tempo eu acho que como aprendizagem, tudo que a gente lê e da maneira como a gente orienta os alunos na educação do campo, ela é sempre, ela sempre é uma aprendizagem porque a tua relação com o aluno, ela também tá num processo de construção, de repente ele levanta num trabalho alguma coisa que tu até já pensou sobre aquilo mas não tu não tinha pensado bem naquele viés, como é que tu poderia fazer, como é que tu poderia encaminhar, então eu acho que essa troca ela é bastante positiva e ela é uma forma de aprendizagem também.

6. Como você avalia a comunicação com os seus colegas, professores, tutores e acadêmicos no eixo de ECO - Educação Ambiental?

Tutora a distância: Olha, bah, isso é algo com eu acho que é complexo de responder, assim, o que eu quero dizer é o seguinte, porque que é difícil isso, porque eu acho assim, o curso EaD ele é desafiante o tempo todo e tu não tem o contato direto com as pessoas envolvidas no processo o tempo todo, por exemplo, o correto seria a gente se ver enquanto equipe de EaD sempre, a gente se vê numa reunião uma vez por semana, olhe lá se todo mundo consegue ir, numa reunião na qual se discute algumas coisas de cada polo, porque cada polo tem as suas particularidades e aí, eu assim, tu não consegue ter uma discussão específica, bom, vamos discutir educação ambiental agora, como a gente tá fazendo isso agora com os projetos de estágio por exemplo, agora tu consegue ter uma, porque tá tratando especificamente daquele nicho, agora nesse momento de estudos colaborativos, como tem vários estudos colaborativos acontecendo ao mesmo tempo, tu não, sendo bem honesta eu não vejo que a gente consiga dar uma atenção especial ao eixo vinculado à educação ambiental, eu visualizo assim, porque, até porque a experiência em EaD assim me veio mostrar o seguinte, o aluno, ele, o próprio aluno tem, ele tem uma busca bem diferenciada, tu tem um aluno que tá mais vinculado ao viés da educação, só um minutinho (pessoa bate à porta). Eu acho assim, que a gente não consegue dar uma atenção específica, do jeito, na formatação da própria matriz curricular, eu acho que a gente não consegue dar essa atenção especial pra nenhum dos eixos dos estudos colaborativos, no meu ver, eu acho que tu não consegue ter, de tu dizer assim, vamos agora tratar dos eixos colaborativos vinculados à educação infantil, somente disso, como é que tu tá visualizando isso como tutor, como professor pesquisador, como acadêmico e a tutora presencial lá, que vê, um exemplo, mas se tu vincular, por exemplo assim, a semana passada terça-feira a gente fez uma web com as gurias de Cachoeira, o que que a gente pôde perceber, lembrando, não sei se tu acompanhou a primeira web que teve sobre os estágios agora esse semestre, pra todos os polos, tudo ao mesmo tempo, a Rose e a Vania fizeram um trabalho bem pautado sobre a questão do estágio, aí nós fizemos um outro repassando toda a estrutura do projeto, o que que tu observa, tu observa que as alunas, elas estão envolvidas e elas não estão envolvidas diretamente ao estágio, porque, porque tem outras disciplinas acontecendo, todas ao mesmo tempo, no presencial o que que a gente consegue, a gente consegue alinhava tudo porque cada dia da semana tu tem aula com um professor ou tu vai dar aula pra uma turma e tu consegue relacionar, bom nessa turma eu tô nesse momento e tu conhece elas eu acho quando eu me dou conta por exemplo o pessoal de Sapucaia, eu conheço eles só EaD, eu nunca tive um contato presencial com eles, o máximo que a gente fez foi uma web, e aí tu percebe assim, às vezes e o que eu acho importante, que eu acho que isso, o EaD por mais que ele consiga se aproximar do presencial, vai faltar é aquele contato, sabe assim, bom mas a minha aluna era brilhante, ela fez um trabalho maravilhoso no primeiro, no segundo semestre e agora deu uma empacada assim que, não tá indo como deveria, e aí tu observa assim, aí se tu parar, se tu ligar ou se tu mandar um e-mail, ela te manda de volta, ah aconteceu isso, meu filho ficou doente, eu não sei o que, não sei o que, aí tu consegue ter um contato que no presencial tu tem na, a pessoa chega bah hoje não tô muito bem, hoje não, então tu não consegue ter esse retorno, até porque, que nem eu digo, as fotos que tem no perfil de cada um são sempre fotos escolhidas a dedo pra colocar ali, então tu nunca consegue ter a visão assim real da pessoa naquele momento, então eu acho isso, que a gente deveria formatar de alguma forma que é difícil, e a

própria tutora presencial, por mais intimidade que tu tenha com ela, a Mári de Sapucaia, a gente tinha contato muito bom, não sei, tu não consegue ter esse final, então às vezes acontecia assim, eu tive alunos na turma 1, professora eu não posso em nenhum horário, eu posso às 5h:30m da manhã, tá, vamos marcar um chat então às 5h:30m da manhã, aí a pessoa te vai, aí ela começa ah porque eu não consegui fazer, eu digo o que que aconteceu? Tu foi brilhante em vários e agora esse trabalho não tá nada bom, o que que tá acontecendo contigo? Ah, porque eu tô com problema de saúde, com problema com meu marido, porque não sei o que, aí elas, aí tu consegue se aproximar da aluna e às vezes conseguir dizer pra ela assim, bom, então assim ó, no teu trabalho tá faltando isso, isso e isso, o que que quer dizer isso, isso e isso, isso, isso e isso, então escreve e me manda por partes e eu quero ver se tu entendeu, aí tu consegue ter aquela proximidade, mas isso requer tempo, comprometimento e de você realmente querer alinhar, o que tu não vê no presencial, nenhum professor vai fazer isso no presencial, nenhum professor, sou casada com um professor universitário, sei muito bem como é, então as coisas não são, mas enfim, eu acho que, só que eu acho que o EaD tem muito ainda no meu ponto de vista que crescer até em termos de domínio de território, então isso que a gente tá vivendo academicamente hoje na instituição de dizer assim ó, ninguém sabe a partir de dezembro o que que vai acontecer, essa essa insegurança de equipe, eu acho isso terrível, porque por mais que te diga assim, o pessoal do EaD aqui do Cead eu conheço já faz 4 anos que eu convivo com, e tu vê que daqui a pouco tu vai perder todo esse vínculo, tudo isso, e a tua construção nesse processo todo ela não tem valor nenhum porque ela só é uma bolsa, tudo isso tá sendo negado enquanto profissional, enquanto vínculo que tu tem academicamente com colegas, com professores, tudo isso é negado assim, tu só é um tutor, então isso eu acho assim que o Brasil ainda tem muito pra trabalhar pra não só aumentar os índices de educação melhor no Brasil mas eu acho pra contribuir relativamente. A experiência que eu tive na Alemanha, eu na verdade eu trabalhei, eu fiz toda a minha experiência mais no presencial, então eu sempre, só que eu acho que o que que é diferente da EaD, pelo menos eu digo na Alemanha que é o lugar que eu conheço, eu não posso falar de... Pois é, a experiência que eu tenho lá, eu acho que, até porque a vis, o sistema de ensino alemão ele aproxima de um jeito diferente mesmo que seja no EaD, até porque assim tu observas, a maioria do, da tua vida acadêmica quando tu finaliza a graduação, tu já finalizou a graduação e o mestrado juntos ao mesmo tempo, aí tem umas experiências interessantíssimas pra ti, tem a comuna “Kalfgan” na Alemanha em Kassel que fica no estado de Ressen, é uma das referências em economia solidária, em educação ambiental, é muito interessante assim, até já disse pra Roberta que ela tem que conhecer, é um lugar muito assim, até agora em abril eu estive lá e tem uma vivência assim, é tudo, em todos os sentidos eles são auto-sustentáveis, eles tem uma, eles moram, então essa comuna eles tem prédios enfim, só que é dividido assim, então tu tem o teu estilo de vida, por exemplo, tu tem, eu quero morar, não tenho filhos, eu quero morar numa comuna onde não tenha por exemplo crianças, então tu temtu escolhe o lugar que tu quer morar, não quero que tenha gays no prédio que eu vou alug, vou morar, então tu aluga, eu tenho uma amiga que mora lá e é interessantíssimo, eles dividem então o apartamento, um apartamento amplo e tal, então eles tem quartos separados, a cozinha ela é em comum, os banheiros também são separados e eles tem a cozinha da comuna que tudo é produzido com produtos ecos, todos eles são, e tem, eles produzem o próprio carvão que vai para fazer toda a manutenção da comuna em relação aos aquecedores, banheiros e tudo, essa é uma experiência muito, e eles são auto-sustentáveis em tudo, porque eles tem uma própria, uma casa de, que ela é cuidadora de pessoas idosas, então eles se mantêm com dinheiro, se tem reuniões pra escolher as pessoas que vão poder fazer parte da comuna, e aí, por exemplo tu trabalha fora, o teu dinheiro vai pro mesmo caixa, todo mundo, então se tu vai 50 euros aí tu vai lá e anota que tu pegou aquele 50 euros e tu não precisa dar satisfação e o dinheiro é de todos e eles tem reuniões semanais pra decidir todo o andamento da comuna, inclusive eu até vi algumas coisas, mas como eu tinha muita bibliografia em alemão quando eu fui fazer eu fiz um projeto de mestrado aqui na UFPel, só que daí o grupo dos professores não aceitaram porque a bibliografia era toda em alemão, então não, e esse foi um dos problemas que eu não fiz o meu mestrado lá, porque lá tu já sai com mestrado pronto, então não tem, então a questão lá é muito, tem acadêmicos que passam a vida toda assim então, os caras lá com 50 anos eles só estudaram a vida inteira, então é uma experiência de, por isso que eu digo, a relação ela é muito diferente, como mesmo tempo na 4ª série do real shure lá que eles chamam, já se define a vida da criança, se tu tem mais perfil pra seguir a vida acadêmica, se tu tem perfil pra seguir mais a questão técnica daqui a pouco tu vai fazer um curso uma ausbilden que eles chamam pra trabalhar na questão da padaria ou então um lixeiro, só que tem uma diferença nisso tudo, nós temos uma hierarquia muito grande no Brasil de tudo né, um lixeiro é só um lixeiro, não, na Alemanha as pessoas moram muito bem, tem uma ótima qualidade de vida independente da profissão que tu exerça, não tem esse status, como também o professor, o professor da universidade no próprio, quando ele porque na Alemanha um dos interfonos do prédio ao invés de tu ter os números tu tem o nome da pessoa e ao invés de lá colocar então é o Dr. fulano de tal, independente de você, que lá o médico não tem, um professor tem muito mais valia do que um médico que nós temos aqui no Brasil, então essa diferença toda, por isso que eu acho, a educação deles lá em tudo, educação ambiental, educação pro trânsito, tu vai atravessar a rua tu é xingado se tu atravessar a rua com sinal vermelho, então tem um respeito em tudo que é feito, apesar de hoje também a Alemanha também estar em crise como qualquer país europeu, mas tem um acesso à cultura, uma diferença de educação muito diferente assim, as pessoas conseguem ter acesso a muitas coisas, sei lá uma criança ou um pré-adolescente com 12, 13 anos ele já

conhece 3, 4 países, ele vai ter aula lá no Louvre, então isso tudo dá uma visão diferente de mundo e de construção pra isso.

7. O eixo de EA tem uma relação teórico-prática dos conteúdos? Explique.

Tutora a distância: Tem, eu acho porque todo eu acho que todo desafio da Roberta e da Luciara que construíram esse eixo foi justamente de conseguir dar todo o aspecto teórico, técnico sobre a educação ambiental mas também relacionar com a questão de como é que eu posso trabalhar essa educação ambiental no contexto escolar, isso já é um grande desafio pra trabalhar essa questão teórico-prática mesmo, então eu acho que isso na própria disciplina não conseguiu contemplar com sucesso na minha opinião.

8. Comente sobre a multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade da EA no curso.

Tutora a distância: Pois é, na minha opinião, olha, por mais, se a gente trabalhar na questão interdisciplinar tu consegueu acho ver um pouco ver um pouco isso na questão do próprio planejamento pedagógico quando tu tem que trabalhar nos planos de aula por exemplo, tem que aparecer isso, mas eu ainda acho e isso é difícil porque tu tá vinculado à instituições de ensino, a uma secretaria de educação, ao ministério da educação na qual nós temos, é tudo lindamente se tu pegar os PCN's, tu vai ver que tem isso assim que acontece efetivamente, agora se tu for trabalhar conforme a escola e eu digo principalmente isso hoje a gente vivencia muito mais na escola pública e também na escola de periferia é aquela professora com diáriozinho velho já de 2, 3 anos, então hoje é o dia da árvore, então nós trabalhamos o dia da árvore, então eu acho que falta no perfil profissional das pessoas e que isso é uma construção e que vai demorar anos porque porque a educação ela não tem a grande valia no nosso país dessa forma, então eu acho complicado então não é só um desafio pro curso de educação do campo, a disciplina de educação ambiental, eu acho que é um desafio muito maior porque por mais que tu tenha toda a boa vontade e hoje tem vários estudos teóricos sobre isso e o teu trabalho acerca do tema tem a ver, então eu vejo que que é uma longa caminhada pra gente conseguir efetivamente fazer que a educação ambiental seja algo visto como uma disciplina, pura digamos assim, e que eu possa realmente relacionar, aí sim acontecer a questão dessa multidisciplinaridade com todos os eixos de aprendizagem pra poder trabalhar lá na, mas eu acho que isso ainda eu acho que falta bastante no meu ver assim, porque ainda se tem uma visão muito assim ó das gavetinhas eu vou trabalhar ciências então eu vou trabalhar estados físicos da água e pronto eu trabalhei isso agora eu vou trabalhar um texto de língua portuguesa que não tem nada a ver com aquilo ali e aí tu pensa isso não acontece mais nas escolas, continua acontecendo, a escola que trabalha um texto desvinculado de todo o restante do projeto, a escola hoje comprometida com por exemplo a questão de projetos de ensino, com temática, com projeto amplo que nem nós aqui no colégio trabalhamos o projeto sustentabilidade ao longo do ano, que cada segmento tem um objeto de estudo e desse objeto de estudo é feito rodas de conversa, é feito material de divulgação de conscientização para os outros segmentos, eles se auto-apresentam como eu digo, é difícil tu vê um projeto desses ele ter, ele ter futuro por exemplo na escola pública, porque eu acabo trabalhando muito com a questão da data comemorativa, com a questão do conteúdo puro sem relacionar com nada, então eu acho difícil.

9. Qual a sua opinião sobre a Educação Ambiental ser ofertada somente aos acadêmicos que escolhem esse eixo?

Tutora a distância: Pois é, por isso que eu acho limitador, então eu acho que falta muito pra educação ambiental ganhar o espaço que deveria ganhar, acho complicada essa questão de, porque tu imagina, eu vejo isso também num semestre, no outro semestre tá, eu vou dar uma outra abordagem e se eu escolher educação ambiental de novo eu tenho uma abordagem maior, se tu escolheu sei lá educação especial, tu nunca vai entrar em contato com esse tema específico, trabalhando como disciplina específica e não como estudo colaborativo dentro dum eixo maior entende, porque na verdade ele perde a valia, porque se eu disser pra ti por exemplo, agora educação infantil elas tão vendo de novo porque elas entraram em estágios, aí tu conversa com elas, que que tu entende sobre desenvolvimento infantil e qual é a faixa etária que tu trabalha? Como é que a criança, onde, em que momento que a criança se encontra de 2 a 3 anos, que tipo de atividade ela gosta e que tipo, que perfil essa criança tem? Ninguém sabe dizer, tá, então o grande problema tá aí, quando no, e isso é difí, mas o acadêmico aquele que tá na graduação ele realmente vai demorar um bom tempo pra ele se apropriar disso tudo, porque ele vai conseguir fazer isso lá no mestrado, e eu já tenho uma ideia completamente contrária a isso, o professor pesquisador ele não precisa ter um título pra ele dizer que é pesquisador e que ele pesquisa acerca de algum tema e julga interessante, então por exemplo, a educação ambiental no curso ela tivesse como disciplina específica, todo mundo vai fazer aprova e reprova, nós teríamos uma visão maior, mais consistente sobre educação ambiental, hoje ela ainda, eu, pode ser ignorância minha, mas eu ainda vejo ela muito como um modismo ainda no Brasil, em algumas instâncias eu diria, não em todos, mas alguns, ah tá vamos trabalhar, é um eixo diferente, é transversal, tá na moda, vamo trabalhar, mas não que tenha assim uma, sei lá, uma visão maior enquanto disciplina mesmo, como você trabalha lá, por exemplo, sei lá, fundamentos filosóficos lá que tu vai trabalhar lá na graduação no 1º, 2º semestre, pra ti entender um pouco sobre as tendências filosóficas vinculadas a

tendências pedagógicas, por exemplo, isso a gente não tem na educação ambiental, pelo menos ainda nesse padrão que a gente tá tendo de EaD, pode ser que numa outra universidade não, nós temos e trabalhamos especificamente.

10. De que maneira a EA contribui para a formação de um cidadão crítico?

Tutora a distância: Eu acho que a educação ambiental ela contribui pra que o acadêmico consiga ter uma visualização maior do ser humano na sociedade que está inserido, o que que ele pode realmente reverter, quando ele faz lá um trabalhinho na cabeça dele assim é algo muito simples, por exemplo, usando material reciclável, quando ele consegue visualizar que eu posso fazer algo mais, por exemplo, eu quero que eles tenham uma alimentação saudável, o que que eu posso fazer pra isso, apesar daquele contexto às vezes não me oferecer todos os benefícios para que eu possa fazer isso, mas que eu consiga visualizar na educação ambiental algo que eu possa contribuir com a qualidade de vida daquela criança, então eu acho que nesse fio condutor, eu acho que contribui, o aluno tem, por exemplo, foi o Marcelo que trabalhou nesse eixo, foi a o Flávio, são alunos que na verdade assim ó, eles buscavam na própria educação ambiental subsídio metodológico pra trabalhar com outras áreas de ensino, então essa busca deles na pesquisa eu acho que isso foi bem forte e foi graças a educação ambiental que fez com que eles pudessem pensar, eu posso fazer um trabalho muito mais rico com esse tipo de material, proporcionando uma aula diferente na educação infantil, que foi aonde num primeiro momento eles usaram.

11. Quais os recursos didáticos e atividades em Educação Ambiental que consideras que os alunos mais gostaram?

Tutora a distância: Eu acho que as atividades mais assim porque as atividades mais que eu acho que eles fizeram nesse foi atividade realmente reflexiva, que na verdade eles tinham que montar uma, pelo que eu me lembro, eles tinham que montar alguma coisa que fosse uma mini-horta, alguma coisa que pudessem ter uma percepção maior daquele trabalho que eles tinham estudado a parte teórica assim, então eu acho que esse material fez com que eles realmente refletissem sobre o que eles trabalharam teoricamente e eles puderam, eles foram criativos em buscar alternativas na construção daqueles materiais, porque eles apresentaram no polo pra eles mesmos o material, e foi e foi algo que todos eles assim comentaram como algo que e eles se envolveram naquele processo, foi algo assim, foi criativo, foi dinâmico e que houve uma participação de todos os alunos, eu acho que isso foi uma coisa interessante que foi conduzida.

12. Você observou alguma dificuldade dos alunos em ECO – Educação Ambiental? Quais?

Tutora a distância: Não, dificuldade, até porque esse grupo que escolheu educação ambiental ele era um grupo bem consistente assim, eles não tinham dificuldades, eles podiam ter alguma dúvida sobre a tarefa em si, bom eu preciso construir isso como que eu posso fazer? Mais sobre os materiais que eles iriam utilizar, mas não sobre o conteúdo específico, de dizer assim, ah eu não entendi o que significa isso, isso não, nesse grupo não.

13. O que você compreende por uma economia ecológica e solidária? Como isso foi abordado no eixo de EA?

Tutora a distância: Eu acho que ele foi abordado mais de forma mais ampla assim, não chegou a se ver a questão de, mesmo ecológica, solidária, nesse viés ainda não, digamos, não conseguiu se entrar nessa questão bem específica mesmo, até porque essa questão ecológica e solidária é algo muito, tem algumas experiências no Brasil aqui, tem em Porto Alegre tem alguma coisa, mas eu acho que ainda é algo que que tá acontecendo ainda de forma isolada, em comunidades que trabalham vinculados somente com esse com esse nicho, eu não vejo como algo assim amplo, todo mundo tem uma visão sobre, eu pelo menos não consigo visualizar isso. Eu acho, pela vivência mais que eu tenho mais assim de, como eu digo, a minha visão daí eu acho complicado, porque eu conheci mais sobre isso foi na Alemanha pra mim, então pra mim eu acho que o que eu dizer pode ser que não contribua com o contexto daqui, então não acho que seja de grande relevância, entende? Porque quando eu morei lá, hoje tu vê na Alemanha assim uma grande gama de produtos ecológicos, isso é muito forte lá, tem lojas que só vendem produtos plenamente naturais, tem mesmo a questão da economia solidária lá, presente inclusive na igreja luterana na Alemanha. Pra mim é algo muito presente, foi uma experiência de vida muito grandiosa assim, que a gente viveu assim, e, por isso que eu digo, as maiores coisas que eu vivi sobre isso foram lá, tu imagina que nem essa comuna que eu te falo, eu acho muito legal assim, um dia eu cheguei lá e daí essa minha amiga disse pra mim, ah vamos, não sei o que que eu falei, eu tinha levado acho que pouca roupa uma coisa assim, e ela disse pra mim, vamos então no nosso roupeiro, daí eu digo, que roupeiro? Vamos que eu te mostro e tu vai entender, cheguei lá e assim, era uma sala imensa com, olha com tudo que tu imagine assim de casaco, calça, sapatos, tinha de tudo e é assim que funciona, dia de aniversário eu não vou numa loja comprar presente pra ti, eu vou escolher uma coisa minha e vou te dar, então essa coisa da comuna, eu acho bárbaro, a relação justamente

de valores diferentes das coisas, e outra coisa, de dizer assim, mas isso é importante na Alemanha como um todo, tu não tem um valor por aquilo que tu tá vestindo, não é o estilo pelotense de ser, mas tu tem um valor por aquilo que tu é mesmo, por aquilo que tu construiu ao longo da tua vida, então eu acho, e isso na comuna mesmo tu vê assim, é bárbaro, tu vê algumas coisas, eu me lembro agora essa última vez que eu fui pra lá, tinha uma festa de aniversário que tava acontecendo, eu não conhecia nem o aniversariante, porque o aniversariante era novo na comuna não era da época que eu morava na Alemanha, e eu fui pra festa de aniversário daquela pessoa que eu nunca tinha visto na minha vida, e aí é interessante e ele então no aniversário dele ele resolveu ler um texto falando de toda a sua vivência, sua experiência na comuna, como é que ele tava sentindo, porque ele tava na época de probitside, que ele tava vendo se ia ser aceito pelas pessoas da comuna pra ele morar ali ou não, então ele fez uma declaração quase ali falando e ele ele tinha um estilo completamente diferente, porque ele ainda não se decidiu sexualmente, ele fez 23 ou 24 anos, mas ele não se decidiu, e isso tu vê muito na Alemanha, ele não se decidiu, então, ele tinha o cabelo curto, ele tinha unha pintada, ele tava de saia, mas ele não se definiu ainda que lado ele quer seguir, é uma coisa muito doida, eu quando eu vou pra lá eu digo assim, uau, tu observa, tu olha, que nem eu digo a gente tem uma liga enquanto profissional, professora, tu liga, esse é, pô, ele não pode falar nada nunca mas tu olha, é, e esse cara era muito doido assim, bem, então, e a vivência que eles tem lá assim é muito, eu tenho uma família que mora lá mas aí tu acaba sendo visita de todos, tu acaba sendo, todo mundo vai te fazer sala, mas ao mesmo tempo tu tem a tua liberdade, assim eu levantei às 11h da manhã vou tomar café da manhã, o restaurante da comuna tá aberto pra café da manhã, então essas coisas assim, por isso que eu digo, eu acho que não contribui mas assim, são vivências muito diferentes entende, mas a relação que eu tenho aqui, pra começar, é interessante, eu sempre fui muito urbana, até quando comecei a namorar o meu marido ele me convidou pra conhecer a avó dele que é italiana, é a nona que mora na colônia e ele disse pra mim, bom, ou tu vai odiar ou tu vai, porque eu nunca tinha ido, então pra mim comer polenta na chapa foi a maior novidade da minha vida porque eu nunca nem tinha visto, então algumas coisas assim que, e aí quandoquando eu fui pra Alemanha e tive esse contato com esse pessoal lá eu fiquei assim impressionada de vê como eles vivem, o valor que tem é diferente, o valor, a questão deles mesmos plantam, eles tem a horta deles lá, é uma vivência muito diferente da nossa, quando nós voltamos pro Brasil, então todas as coisas do meu apartamento eu acabei doando pra comuna e é interessante que na Alemanha tem assim o shpermam, então o que que é shpermam, por exemplo, não quero mais essa mesa, estou me desfazendo dela, liguei pra prefeitura disse, olha vou botar a mesa tal dia, tal hora, o termi tá feito, como diz o alemão, aí tu passou na rua e tu viu a mesa e a mesa te agradou, eu vou levar a mesa, tu leva a mesa, não é um problema, não é roubo, não é nada e as pessoas constroem as casas assim, a grande maioria principalmente os estrangeiros e o alemão é aquele, o alemão ele cisca até, ele até vai ele olha, mas ele não pega de dia ele vai lá e pega de noite, o estrangeiro não qualquer dia, eu nunca esqueço um dia eu tinha ido caminhar e eu morava perto dum bosque fui caminhando voltei caminhando e eu vi o rack aquele rack tá bonito, cheguei e bom não vou conseguir carregar obviamente, cheguei em casa, falei pro meu marido, achei o nosso rack, vamo buscar, e ele vamo, era lindo de ver ele vinha na frente carregando o rack e eu atrás caminhando, então, mas eram coisas que tu vive no momento tá certo, foi o que, há 7 anos atrás isso, mas tu vive coisas numa época que tu pensa assim, é um viver, é um olhar diferente das coisas e tem a ver com economia solidária, tem a ver com educação ambiental, porque é um recicla, na Alemanha eles fazem flomarks na época do verão direto, tu gostou dum vaso ah ele custa 2 euros, tu gostou de não sei o que ele custa 1 euro, ah enjoei dessa roupa, vai pro flomark, é uma coisa normal não tem aquele assim, aí tu entra numa casa assim aqui no Brasil ah eu vou comprar uma roupa de segunda mão, tu olha vou entrar e vou comprar, aí tu nem fala que tu comprou, é muito cultural, eu tenho uma amiga alemã lá que ela é esposa do prefeito da cidade onde eu morei, ela compra roupa de segunda mão pra filha dela, algo completamente normal, a kindergarten, a escola de educação infantil waldorff que tem na Alemanha é tudo tudo ecologicamente correto, muita madeira, tu só vê madeira em todos os ambientes da escola, as crianças brincam na parte com areia só com utensílios de cozinha velhos, tu vê uma criança andando com garfo lá mexendo, na própria sala de aula eles conseguem ter o canto da cozinha, eles fazem o biscoito deles, então, mas é uma escola que trabalha somente vinculado à questão ecológica, tudo que é ecologicamente correto, eles tem a época que eles fazem as festas, os festejos da colheita e daí as mães se trocam as roupas daquelas por exemplo não serve mais pro meu isso então algo como completamente normal, isso não é falta de dinheiro, não, é simplesmente o uso das coisas até o seu final mesmo, vou terminar de usar isso, não me serviu mais eu dou pra ti tu vai continuar usando na boa.

14. Como a EA do curso promove o engajamento político para criar ações, reivindicações e melhorias na cidade ou região em que se situam os polos?

Tutora a distância: Eu acho que isso tá, eu acho assim, pode começar com esses alunos uma transformação pequena sobre essa questão, eles conseguem acho que visualizar, acho que por exemplo, no contexto que eles forem trabalhar hoje eles tem visão diferenciada e eles vão poder contribuir de alguma forma, mas ainda eu acho ainda um campo restrito, não é algo que vai dizer assim, ah não, vai realmente mudar o polo lá de Sapucaia, vai mudar essa visão que se tem das coisas, eu acho isso um pouco ainda lento nesse processo, não que não vá acontecer, mas é lento. Pequenas, pequenas, acho que sim, o próprio, acho que o próprio uso do material do

aluno mesmo como um todo tu observa, a gente observa uma diferença, acho que o próprio aluno EaD mesmo ele tem uma questão do papel mesmo é um uso muito mais consciente, eu observo isso, e isso a gente percebeu no curso desses alunos que participaram da disciplina.

15. Você considera que o estudo da educação sexual é importante no currículo da EA? Por quê?

Tutora a distância: Eu acho que primeiro tem que haver uma compreensão maior sobre educação ambiental, acho que no segundo momento a educação sexual ela deveria entrar sim, porque porque eu acho que na verdade a educação sexual ela está um pouco perdida de eixo, no sentido assim, ah eu vou trabalhar isso em ciências, eu vou trabalhar isso em que área? Poderia trabalhar, vir como eixo de educação ambiental vinculado a questão, por exemplo, dos temas transversais, eu poderia buscara questão da educação sexual, acho que se eu fosse pensar numa matriz curricular eu criaria viés pra essas duas vertentes na minha opinião.

16. Em sua opinião, de que maneira a EA promove transformações sociais para o desenvolvimento de uma nova sociedade, de novos valores sociais?

Tutora a distância: Eu acho que ela tem muito a contribuir e eu acho que ao longo agora dos anos eu acho que cada vez mais a educação ambiental vai ser criado um espaço maior pra isso e isso tu já observa assim ó, já tem várias iniciativas no nosso país, se tu observar até de empresas isoladas, uma Natura da vida, tu começa a observar que tá havendo uma preocupação maior com isso, não é um exemplo, mas a preocupação com as embalagens, eles tão agora visualizando propostas de um outro tipo de embalagem que possa ser reciclável, então eu acho que tem uma preocupação, acredito ainda que no nicho educação escolar a gente tenha que ampliar um pouco as possibilidades porque às vezes tu pensa assim, não eu vou fazer um projeto sério por exemplo sobre a questão da coleta seletiva e a questão do uso da folha dos dois lados, tu consegue isso com o público até ali, a criança chega em casa com a informação, dois três dias a mãe começa a fazer a coleta seletiva, dali a pouco fulaninho já esqueceu e eu volto a fazer tudo como era antes, então essa falta de consciência, acho que tá difícil mudar essa falta de consciência das gerações mais antigas pra ver realmente uma mudança, tu pode ver aqui em Pelotas a ideia do container é algo que não funciona de forma eficaz, tem se tu pegar, tem um planejamento sério em relação a isso, mas não funciona de forma coerente, porque, porque as pessoas também não mudam hábitos antigos, nós, ainda a gente é muito, acho que o brasileiro é muito ainda vinculado a questão do novo, a questão de que isso não serve mais então eu vou, não tá moderno então eu tenho que escantear e optar por uma outra coisa e eu acho que tudo isso acaba, então eu acho que no momento que a escola conseguir ao longo dos anos e crescendo em relação a isso, iniciativas individuais sobre essa questão começam a acontecer mais assim, não quero mais tu gostou de tal coisa, olha não quero mais eu tenho muito, como uma coisa normal e as pessoas não verem como assim, ah a pessoa, a fulana é mão aberta, porque aí existem, é interessante como a gente vai criando outros de dizer a mesma coisa mas vai criando como uma atitude correta, o reciclável não é uma atitude pra quem não tem dinheiro, é uma atitude correta e tem coerência pra isso, mas essa visão ainda não faz parte eu acho que do da visão individual das pessoas.

17. Comente sobre os recursos humanos, pedagógicos e incentivos que o Governo do Brasil, a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) fornecem para o desenvolvimento de seu trabalho no curso.

Tutora a distância: Bah, mas essa perguntinha vamo combinar né, que assim, a gente tem um incentivo enquanto equipe, nós nos incentivamos. Olha em relação ao aluno, ao acadêmico, eu me sinto assim muito orgulhosa, assim é a primeira turma, mas é isso que eu quero dizer, na questão individual eu me sinto muito orgulhosa de fazer parte desse processo todo, da questão de governo, da questão da universidade como um todo, pra eles eles estão simplesmente cumprindo protocolos, no meu ponto de vista, pra que aumente os índices de educação e de pessoas formadas no Brasil, eu não vejo uma preocupação em fazer com que todas as pessoas que tenham uma vida acadêmica vão se inserir na sociedade no trabalho como um todo, realmente que tenha uma, digamos um proveito maior, tu pode ver, no momento que a própria instituição hoje tá revendo a possibilidade de manter um Cead e voltar vinculado aos cursos, departamentos aí tu pensa, que preocupação a universidade tem conosco? Nenhuma, no momento que ela resolve fazer isso, pronto, não, cada um volta pros seus departamentos, o tutor não vai, o bolsista que se dane porque é o que vai acontecer se tiver que eles vão ter que, o pessoal da instituição que trabalha arduamente lá, a Rose, a Vania, o pessoal que é da instituição mesmo, todo esse pessoal vai se quebrar trabalhando muito mais ainda porque ele vai perder o tutor, ele pode até, eu acho assim, pode ser que continue, mas a questão assim ó, se vai haver uma, se houver mesmo essa quebra, esses boatos que andam correndo por aí, eu penso que nós, mudou lá pra pedagogia por exemplo, então tá, nós somos, vamos lá e nós vamos trabalhar diretamente, se mudar a coordenação mudar tudo pode ser que eles outros tutores, tu entende, isso que eu quero dizer, então chega um ponto assim, se tu pensar, sim tu vai quebrar mesmo, tu não vai dar continuidade ao processo, até porque uma coisa que tem boatos que correm na cidade assim, ah não mas quem

trabalha como tutor, como bolsista aí daqui a pouco esse povo é efetivado, isso foi lá na década de 60, isso não vai acontecer agora porque é mão de obra barata, mão de obra escrava a gente corrige, corrige, corrige e ponto, tu não tem, tu não tem um vínculo maior eu penso nessa questão toda, pode ver tu não tem férias, décimo terceiro, nada disso, então pode ser que esse incentivo a gente não tenha, então eu acho uma experiência grandiosa, mas em termos de vínculo, de continuidade de plano de carreira, a gente não tem absolutamente nada e nenhuma preocupação da instituição em relação a isso, essa é a minha visão depressiva mas é.

18. Qual a sua avaliação do eixo de ECO - Educação Ambiental?

Tutora a distância: Eu acho que ela foi um eixo bastante positivo, houve uma abertura até dos alunos conhecerem um pouco sobre educação ambiental, porque eu acho que eles não conheciam tanto quanto e foi, acho que foi uma experiência boa assim para os alunos que participaram, é uma pena que não atinge todo o grupo né, mas eu acho que foi de grande valia.

19. Comente sobre a sua trajetória de trabalho como tutora a distância no curso de Licenciatura em Educação do Campo na primeira turma.

Tutora a distância: Olha, eu vejo assim, eu tenho até recebi um e-mail, na verdade assim Raquel, pra começar essa experiência de tutora foi algo muito novo na minha vida, era algo que não tava assim, ah eu quero isso, não foi algo planejado, algo que aconteceu e aconteceu num momento muito importante da minha vida porque eu tava retomando a minha vida profissional, eu tava voltando da Alemanha, eu tava com filho de 2 meses, eu queria muito voltar a trabalhar, queria muito, muito, muito mesmo, assim, chegou a um ponto que eu não acreditava assim profissionalmente na (nome da tutora a distância), ah (nome da tutora a distância) mãe do (nome do filho), não que isso me fizesse menosque isso, eu amo ser mãe daquele menino, mas assim, eu tava, meu marido veio pra cá, quando passou no concurso da federal e veio pra começar a trabalhar e eu pensei, bom né, eu pedi demissão da escola que trabalhei 1 ano em Passo Fundo, quando eu voltei eu morei o primeiro ano em Passo Fundo, 2008, 2009 nós vamos pra Pelotas em janeiro e aí eu fiz uma disciplina como aluna especial no mestrado na federal, aí tava fazendo a disciplina e tal e uma colega minha chegou e disse pra mim, Lenara, abriu inscrição pra tutora a distância, não sabia muito nem o que significava, não tenho vergonha de dizer e pra tutor a distância e tal e aí se tu tiver interesse de fazer está aberto, tipo fechava as inscrições naquela noite, cheguei em casa, separei o material, não confiando muito, um monte de acadêmico, um monte de pessoal saindo da graduação agora e tal, eu não tinha vivência nenhuma, não conhecia nem o tal do moodle, nada, pra mim foi tudo novidade, aí, porque assim, quando eu saí do Brasil em 2003 eu deixei, eu pedi demissão de 50h do trabalho, eu saí dum trabalho de 50h eu trabalhava já como coordenadora pedagógica numa escola particular que sempre foi meu sonho, porque eu sempre fui professora de escola de periferia, trabalhei muitos anos, amo, mas eu queria aquela coisa de dizer assim, ah eu quero né crescer profissionalmente, eu quero outras oportunidades, então eu sonhava em trabalhar numa escola privada mesmo, era o que eu queria, e eu pedi demissão e fui acompanhar meu marido no doutorado, comecei a, estudei lá, fiz estágios e voltei e tava assim no zero e me sentindo assim a inútil, porque eu me dei conta que tudo que eu tinha feito na Alemanha achando que eu ia contribuir pro meu currículo tava me atrapalhando, chegava numa escola, ah, tu morasse na Alemanha, ah, tu fez estágio numa escola de educação infantil na Alemanha, ah pois é né, e não tinha chance, então nas últimas entrevistas eu chegava e dizia assim, olha eu sou professora sou formada em pedagogia eu quero trabalhar, ponto, não falava mais nada, aí trabalhei 1 ano em Passo Fundo e aí vim pra cá e ficamos aqui naquele período, fiz a tal da inscrição e foi interessante, que eu cheguei lá no Cead, levei a papelada toda, entreguei e tava a secretária do curso lá, até nem me lembro quem era a pessoa na época, eu disse, eu vim me inscrever, me diz pra quais os cursos que tem? Tem pra pedagogia e tem pra educação do campo, eu digo hum tá, ela disse assim, vou te dar uma dica, coloca teu currículo pra educação do campo, tem menos procura, e eu, bom essas alturas coloca então não tem problema nenhum, tá, aí a Rose e a Ana me chamaram pra entrevista, primeira brincadeira delas foi interessante que elas, escuta mas tu é cigana, tu não parou em lugar nenhum né, porque ela só olhou quinhentos lugares, eu digo, agora parece que eu fixei residência, daí eu falei e ela disse assim, e eu falei, eu não trabalho, tenho um filho de 2 meses, não, na época o Bernardo tinha uns 8 meses eu acho, enfim, falei e tal, e eu na verdade sou bem honesta de dizer que, eu quero voltar a trabalhar, preciso disso pra mim, e comecei, isso foi em setembro, não, é, início de setembro, aí comecei a trabalhar, participei daquelas, da primeira formação e tal, participei de tudo aquilo e comecei a trabalhar, quando eu comecei a trabalhar no EaD, eu tinha uma ah, porque eu sempre fui muito cri cri enquanto profissional assim, tem que ser tudo muito direitinho, olha eu tenho tudo, se tu me pedir o atendimento que eu fiz no dia 1 de setembro tá aqui tá anotado, tudo muito regrado e aí eu comecei a cobrar muito isso dos alunos, eu deixava eles, eu acho que deixava eles enlouquecidos assim, ficavam indignados comigo, mandavam e-mail eu mandava de novo, tinha a Eva que era muito, até hoje ela é muito saliente, ah porque tu corrigiu e eu não sei o que, eu não entendi a tua correção, porque não sei o que, pois então leia, releia tudo de novo e a gente conversa via chat, então eu tava sempre, então na verdade o tempo essa turma que eu digo, eu acompanhei eles todos desde o início, então eu fui criando também um vínculo com eles maior e

já ia conhecendo as birras e coisas e eu já ia, quando tinha que dar nos dedos já dava nos dedos pra poder justamente mostrar não, tem que ser assim, tu vai ler sobre isso, tu vai e daí eles começaram a dar conta que cobrava muitas coisas, e eu cobrava deles no vocabulário pedagógico, não me venha com, aí cheguei lá na escola a diretora me recebeu muito bem tomei chimarrão, eu não quero saber disso, eu quero saber da questão pedagógica, do andamento, tu és uma, tu tá se formando numa graduação e tu tem que usar um vocabulário específico, não quero saber de vocabulário chulo, meu filho que diz, mãe é vocabulário chulo não é, eu digo é, então foi uma relação mesmo que a gente foi construindo ao longo dos anos, esses 4 anos, a questão por exemplo a práxis da coisa eu acho bem interessante, agora mesmo faz o que, faz 1 mês eu acho eles me mandaram o convite de formatura deles, bah eu me emocionei porque, na verdade eu sempre, eu nunca trabalhei com ensino superior e eu acho que hoje eu vejo a educação do campo como uma realização dessa experiência que eu gostaria de ter, apesar de, o que que eu sinto falta, o que que eu gostaria, tu sabe que ao longo, eu tenho 20 anos de magistério, ao longo dos anos a gente vai também tendo um perfil profissional da gente que tu olha uma disciplina lá no moodle e tu diz, poxa mas ele podia ter colocado isso aqui, isso aqui era legal de aparecer aí, de metida que a gente é enquanto profissional da educação, eu acho que tu acaba, brigo muito, ah fulana tá fazendo estágio lá na terceira série, não existe mais essa terminologia, eu tenho que usar a terminologia correta, então quando tu olha assim, bah, mas isso aqui tá me pegando, eu queria que tivesse na nomenclatura que tem que ser, então essas coisas eu acho que era legal se a gente pudesse participar mais do processo enquanto tutor, é o que a gente não pode, no início do curso até se tentou isso, a gente tinha as reuniões e a gente definia os eixos juntos, isso era muito legal, mas isso ao longo dos anos foi se perdendo, porque não tinha que dar conta e foi assumindo outras pessoas e a gente foi perdendo um pouco isso, tanto que era muito engraçado, até hoje, eu comecei na turma 2, veio um e-mail, você precisa participar do curso de capacitação papapá, está atrasada nas atividades que não sei o que, mandei e-mail pra Rose, eu digo não, peraí vamos se organizar, tem coisas que a gente até brinca, nós da turma 1 isso não precisa, porque tu fica um pouco, como é que eu posso te dizer, um pouco pioneira no processo, quando tu participou desde o primeiro momento, parece mas, pra mim eu trabalho com educação do campo como um todo assim no EaD assim, foi sem dúvida nenhuma desde o primeiro momento assim foi um processo de retomada pessoal e profissional, que eu tenho assim muito orgulho de ter feito parte assim, gosto muito do pessoal daquela época, no sentido assim, que me acolheram porque eu não esqueço da minha apresentação quando eu fui na primeira reunião da educação do campo, meu nome é Lenara eu sou de Passo Fundo e eu sou pedagoga, ponto, porque porque chega um ponto quando tu, quando tu trabalhou muito e tu deu uma pausa na tua vida por n motivos e tu tá retomando profissionalmente, tu te sente um pouco anulada no processo como um todo, eu não faço mais parte, que nem eu imagino uma pessoa que tá se aposentando, não faço mais parte daquele processo, daquele contexto, daquele jeito, então aí tu começa, eu não tenho vergonha nenhuma de dizer assim, que naquele momento eu tinha uma auto-estima profissional muito baixa, então quando tu retoma e aí tu vê que as coisas, então eu tenho muito carinho porque eles me acolheram assim, eu não precisei falar nada, eu não precisei dar muitos detalhes e nem de dizer como é que eu tava me sentindo, a Roberta mesmo eu tenho um carinho imenso por ela, porque porque ela me acolheu naquele momento e até hoje a gente brinca, a gente trabalha muito junto e ela já me conhece, a Roberta, menos né, olha aquele negócio que ela tá pedindo eu não vou fazer, isso aí é bobagem, isso aí não precisa, então a gente vai, mas ao mesmo tempo assim, a gente se dá muito bem trabalhando junto, quando chega lá, folha de notas, ó Roberta já mandei tudo pro teu e-mail, tá tudo em ordem, qualquer dúvida entra em contato comigo, então ela sabe que se foi dia 20 que tá marcado pra ser entregue, dia 20 vai tá lá, então nesse ponto sou muito, então na verdade eu fui criando um perfil, um jeito de trabalhar que eu vou indo, eu digo pras gurias, qualquer coisa só me digam, eu só não posso estar em tudo o tempo todo porque hoje aqui no colégio eu tenho uma responsabilidade bem grande, mas assim, mas não, trabalho gosto muito de trabalhar com educação do campo e claro, se chegar dezembro e tiver que partir né, vou ter que partir, não tem muito o que fazer, mas veio num momento profissional da minha vida, num momento pessoal assim muito importante e bem interessante porque eu comecei a trabalhar início de setembro no Cead e no dia 29 de setembro eu comecei a trabalhar aqui no colégio, então foram duas coisas muito marcantes na minha vida porque quando eu vi quando chegou dezembro de 2009, eu tinha retomado toda a minha vida profissional e ela estava exatamente do jeito que eu deixei quando eu parti em 2003, porque na Alemanha eu tive muito período de insônia, muito processo assim ó, eu criei um, eu sou apaixonada por educação escolar, amo fazer o que eu faço, então eu criei nichos, eu ia em todas as escolas, eu pesquisava, eu vim com material, um monte de coisas só se tratando de educação escolar, porque porque era algo que eu me via, eu chegava a sonhar de noite que eu já tava trabalhando naquilo ali, então pra mim o ficar no estaleiro como eu digo, um tempo sem fazer nada foi muito doloroso, então agora hoje eu, às vezes eu digo, ah é puxado, eu trabalho o dia inteiro aqui, eu tenho o Cead, eu tenho filho pequeno, eu tenho, mas ao mesmo tempo, eu consigo dar conta de tudo e eu tô sempre muito bem, porque eu acho assim, não, o mais importante é as coisas que eu conquistei, que são minhas, eu acho que foi assim, e aconteceram no momento certo que as pessoas me deram uma oportunidade legal.

18. Quais as suas expectativas em relação a essa pesquisa e qual forma de devolução esperas?

Tutora a distância: Eu acho, da tua pesquisa tu quer dizer, eu acho assim, primeiro lugar essa devolutiva seria interessante se a gente conseguisse por exemplo, se conseguisse trabalhar com os nossos, esses alunos, lá do polo de Sapucaia da primeira turma que se formou, tipo de devolutivo no sentido de poder contribuir mais com a educação escolar, eu acho fundamental, porque eu acho que às vezes o mundo acadêmico acaba esquecendo esse contexto tão importante, às vezes eu faço entrevistas aqui com professoras formadas em pedagogia e elas ah então planejamento e tal, aí tu vê que elas sabem algumas coisas bem pontuais dos autores, de toda reflexão teórica que se faz de estudo, mas por outro lado elas, o que que é transposição didática pra ti, o que que, qual é tua preocupação metodológica em trabalhar tal conteúdo isso não se tem, acho que é um grande pecado hoje dos cursos de pedagogia não trabalharem a questão da educação escolar, porque a pessoa que se forma raramente a pessoa vai continuar somente na vida acadêmica, até porque a vida acadêmica já tem pessoas há um bom tempo e vai demorar pra haver essa reciclagem também das pessoas, então que ela realmente possa contribuir com a questão, acho que no âmbito da educação escolar, pra formação de professores mesmo, bom, porque no primeiro contexto que vai se haver uma mudança na concepção de sociedade, de ser humano é na educação escolar mesmo.

APÊNDICE U

ENTREVISTA COM O PRIMEIRO COORDENADOR DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO UAB/UFPeI

Realizada de forma presencial com gravação de áudio.

Entrevista n°. 12. Gravação n°. 7

Eu, Raquel Alves Pereira Avila, responsável pela pesquisa de Mestrado intitulada provisoriamente: “**A Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Educação do Campo: uma análise à luz da Educação Ambiental Ecomunitarista e do Ecomunitarismo (o caso da UAB/UFPeI, Pelotas, RS)**” que está na fase de coleta de dados. Iniciamos esta entrevista às 14h30, do dia 16/10/2013, após o entrevistado previamente ter lido e assinado o Termo de Consentimento Informado (TCI).

A entrevista foi um relato sobre a sua experiência como primeiro coordenador e professor do curso. Foi entregue o roteiro de perguntas para o entrevistado discorrer sobre alguma questão que considere relevante abordar no seu relato.

Bem legal, a primeira pergunta eu gostaria de falar, eu acho que é uma excelente pergunta, eu na minha tese, então falando sobre ética né, na minha tese de doutorado, um dos aspectos do processo de aprender é justamente, é um tomo que eu faço na minha tese que é o tomo 2 né, que é, ele tem como sub-item ética né, e dentro desse contexto da ética um dos signos do aprender, que eu falo da resistência como um signo do aprender, ele também tem um atravessamento ético importante, e a ética pra mim ela não funciona se não estiver né, numa relação íntima com o pensamento, com um pensamento constrangido, comprometido, constrangido no sentido assim de forçado né, sobre o nosso fazer, a nossa ação cotidiana né, então essa é um pouco a concepção de ética que eu trabalho, e o pensamento né, o conceito de pensamento que eu trabalho não é o conceito de pensamento da escola filosófica clássica né, onde as faculdades do pensamento elas concordam com o objeto né, que é a concordia facultatum e o pensamento natura universalis né, então não é essa lógica de um pensamento onde a percepção né, os 5 sentidos da percepção, o julgamento né, e as próprias ações reflexivas próprias da ação cognitiva do pensamento elas vão concordar com o objeto, então o pensamento sempre é uma forma constrangida de pensar, às vezes o que a nossa percepção diz que é, nosso julgamento diz que não é, então a gente sempre pensa numa visão um pouco mais constrangida e a gente sempre precisa desnaturalizar aquilo que tá dado como objeto, então a ética passa por aí, a ética passa por resistir as questões naturalizadas, as questões institucionalizadas né, e isso também é um, como eu trabalho na minha tese, como um signo do aprender, então eu vejo assim, que a ética é uma ética cotidiana, uma ética do pensamento, é uma ética que sempre perspectiva o objeto em outras dimensões né, e por aí mais ou menos que eu acredito. Então nossa ação todos os dias é ética, e a educação do campo não poderia ser diferente né, pegando a educação como um objeto, a educação do campo como objeto, tomando ele como objeto de reflexão, de pensamento, então tem várias coisas no curso assim, de licenciatura em educação do campo da UFPeI, que nos forçaram né, a tá vamos dizer assim, nesse plano da ética constantemente, tem umas coisas assim que eu gostaria de destacar na minha experiência com o curso, primeiro, como eu entrei no curso, como é que eu cheguei na licenciatura em educação do campo, então em 2009, no período de junho, abri esse edital aqui pra um concurso público na universidade federal onde tinha uma vaga pra esse curso de educação do campo a distância, vinculado ao centro de educação a distância da UFPeI e eu me credenciei pra essa vaga né, porque meus requisitos de doutorado, mestrado em educação ou psicologia social ou áreas afins né, eles tavam contemplados pelo edital, e eu já vinha durante a minha tese de doutorado, que agora eu mencionei uma das coisas que eu abordei né, onde eu trabalhei os signos do aprender, numa perspectiva mais filosófica mesmo, então, mas a minha, o meu campo, a minha pesquisa de campo da minha tese de doutorado, ela foi com grupo de professores no interior do estado do RS, eu trabalhei com professores de escolas rurais 3 e 4 de cidade do interior, a cidade é Sobradinho né, que fica na região centro-serra no estado do RS e assim ó, 3 dos professores que faziam parte do grupo de estudos que eu tinha pra desenvolver a minha tese eram professores de escola rural, uma professora já tava quase se aposentando e ela tinha inclusive uma história de toda a vida morar numa propriedade rural, criar seus filhos numa propriedade rural e lecionar na mesma escola durante toda a vida essa professora na escola rural e é impressionante assim, a inserção dela no projeto de pesquisa, no grupo de estudos e as contribuições que ela deu, o foco do grupo de estudos não era discutir a educação do campo né, veja bem, era discutir metodologias diferenciadas na ação pedagógica das séries iniciais, então a gente tinha uma proposta da UFRGS que era o projeto Cívitas né, que era discutir especialmente o currículo das 3º séries, agora

4º ano né, onde a cidade era, a cidade a zona urbana e zona rural era a discuss era o mote da 3º série, do aprendizado dentro dos parâmetros curriculares nacionais que se estuda normalmente nas 3º séries, e a gente tava fazendo essa discussão metodológica sobre como pensar as cidades a partir de um projeto que a gente tem muitas pesquisas desenvolvidas, que se chama projeto Cívitas né, e o projeto Cívitas então ele vai propor a construção, junto com as crianças, de uma cidade alternativa, então ao longo do ano na mesma medida que eles vão produzindo, aprendendo os conteúdos programáticos dos parâmetros curriculares nacionais, as crianças junto com a professora vai fazendo uma maquete, contruindo uma cidade, discutindo a cidade, conceitos, a ideia é justamente essa, eles tinham total liberdade, tem muitas experiências, inclusive numa as crianças não quiseram uma cidade, quiseram um reino, então fizeram lá um reinado né, e aí em vez de ser um sistema executivo, legislativo e judiciário, eles fizeram lá outros nomes e tal e inventaram mesmo, então cada, são muitas cidades construídas não só no município de Sobradinho, mas também em Venâncio Aires, em Estrela, em Mato Leitão, são, onde o nosso grupo de pesquisa da UFRGS tinha projetos, mas assim, aí cada doutorando na época fazia um recorte desse projeto, o meu era pensar como que nessa relação pesquisador e grupo de estudos de professores envolvidos no projeto, que se dava o processo de aprender, essa que era, bom assim, a gente trabalhou com uma professora que era professora de escola multisseriada, essa professora Vitória mesmo, só que quando ela tava no projeto, já não era mais multisseriada, mas ela iniciou a sua carreira com uma escola multisseriada e as metodologias diferenciadas da escola basicamente não era muito, o que a gente propunha era uma reflexão metodológica né, também, e aí o que que acontecia, que pelo menos essas professoras da 3º série, do 4º ano no caso, fizesse uma reflexão diferente e claro que a temática ecológica né, principalmente quando se trabalhava meios de transporte e mesmo os modos de produção que a cidade tinha né, as crianças naturalmente abordavam essa questão ambiental, o recorte que eu fiz não foi o ambiental né, o recorte que eu fiz foi ver como que os professores subvertiam as suas práticas cotidianas né, e se deixavam, e qual que era a aderência que o aprendizado do professor especialmente tinha, não era da criança. Esse conhecimento que eu construí com a minha pesquisa de doutorado né, ele se aplicou em Processos Educativos I especialmente né, porque eu justamente subvertia na minha prática pedagógica a lógica da teoria pela prática então eu jogava os alunos numa situação prática de experimentação, de risco, onde eles tinham que construir o seu próprio conhecimento e aí depois sim, a gente fazia uma abordagem teórica e tal né, pra eles sustentar isso que eles fizeram, quer dizer, esse muito conhecimento que eu trago da minha pesquisa de doutorado, agora assim, o curso de educação do campo e a minha função como primeiro coordenador do curso ele passou, ele foi uma nova verga na minha carreira profissional né, eu nunca tinha tido experiência em serviço público muito menos serviço administrativo, então por ser o primeiro professor nomeado no curso, assim ó, pro bem e pro mau né, que os rumos que o curso tomou né, eu estive lá porque não tinha outra pessoa, eu fui o primeiro professor nomeado, te confesso que foi um desafio pessoal muito grande pra mim assim, e me causou muito sofrimento esse processo, sofrimento pessoal, porque era um domínio de saber assim, essa parte da administração pública, da rotina, da logística mesmo de um curso numa universidade pública que eu não sabia nada, eu tive que aprender tudo, então, assim, o que que a gente fez, a gente constituiu um colegiado né de curso, a gente constituiu um regimento de colegiada gente começou uma discussão, uma rediscussão desse currículo que aí tá colocado, que ainda não finalizou, mesmo com a primeira turma tendo formada não finalizou, até porque, os parâmetros curriculares da educação do campo ainda não tinham sido definidos quando nós começamos o curso de educação do campo né, tanto que os parâmetros curriculares nacionais de educação do campo eles são focados hoje pras séries finais, se tu for pegar os parâmetros curriculares, e o nosso curso ele aborda séries iniciais né, e isso também de certa forma abriu algumas possibil, algumas portas pro curso, porque essa semana pra minha grata surpresa a prof. Vania foi chamada pelo MEC né, pra discutir a experiência de formação de em educação do campo para séries iniciais, muito legal sabe, então o nosso curso ele foi pioneiro nas séries iniciais, muito até por insistência da prof. Rose que tem conhecimento nisso, porque eu por mim eu tinha uma tendência a adequar mais aos parâmetros e a gente de repente buscar se adequar a legislação né, eu tenho muito essa questão, assim, como o serviço público me causa muita angústia, então subverter aquilo que é um parâmetro né, e criar uma nova verga, um novo caminho, abrir essa nova e, fazer esse enfrentamento né, é uma coisa que eu tive muita dificuldade e tenho certeza que a professora Rose agora como coordenadora tá muito mais aberta pra esse tipo de coisa do que eu estava, agora por outro lado assim, eu consegui minimamente dar uma estrutura pro curso né, acho que constituir um colegiado, dar visibilidade pro curso dentro da universidade, o mínimo, apesar de a gente ainda não ter esse reconhecimento pelos próprios pares da educação do campo né, a gente faz alguns trabalhos com a professora Conceição Paludo, mas ainda não tem essa aproximação, porque a professora Conceição Paludo que é a referência da educação do campo na UFPEl em termos teóricos e intelectuais e tal, mas isso também é uma escolha do curso de educação do campo, de não ter uma identificação direta, digamos, o curso não se retroalimenta pelos movimentos sociais, apesar de que a educação do campo surge né, a partir de uma demanda dos movimentos sociais especialmente vinculados ao Pronera, na época o programa nacional de educação pra reforma agrária e ao movimento sem terra, então apesar de que o nascedouro desse curso tenha sido dos movimentos sociais, que dizer, no momento que a gente é universidade a gente não pode trabalhar só para os movimentos sociais, entendeu, essa é uma discussão que tem no curso né, e uma opção política do curso de

educação do campo da UFPel né, não estamos trabalhando para os movimentos sociais, nós estamos trabalhando para a educação do campo, pra todo Brasil, pra qualquer região, a gente tem o maior respeito pela experiência de Veranópolis por exemplo né, da escola de Veranópolis do movimento sem terra, a gente tem o maior respeito por esse curso de veterinária aqui da UFPel focado no movimento sem terra, que tem esse link direto com o movimento social, mas nós não trabalhamos e nós não formamos professores vocacionados pro movimento social, então não é isso, nós trabalhamos pra formar professores que tenham sensibilidade de perceber a territorialidade do campo, façam essa leitura, e isso implica sim conhecer a história dos movimentos sociais, como é que deu esse nascedouro, isso implica em conhecer as políticas públicas né, decorrentes desse movimento social que daí surgiu, assim acho que muito bem os nossos eixos trabalharam, tanto as políticas públicas como a história né, da educação do campo, e isso implica também e principalmente a gente capacitar o nosso aluno a alfabetizar as crianças né, e a dar conta da educação infantil também dentro dessas realidades rurais e rururbanas do qual o curso tá focado, então é isso que a gente pretende né, e o curso ele eu acho que tá conseguindo isso. E o curso ele tem uma série de características muito esquisitas assim também né, muito que, por exemplo assim, o curso ele foi credenciado no sistema e-Mec como Interdisciplinar em Educação no Campo, e agora recentemente que a gente conseguiu mudar ele para Licenciatura em Educação do Campo, então o curso ele já estava num processo de avaliação pra reconhecimento de curso aberto né, os alunos estão prestes a ser diplomados e tava correndo o risco de ser diplomados como Interdisciplinar em Educação no Campo, porque na época em que ele foi criado, aí tem umas questões assim de ordem bem, que é isso que me angustiava tanto né, não, e de uma política pública, de uma escolha, de uma orientação de uma política pública que a UFPel nesse período em que criou esse curso tinha, que era, por exemplo assim ó, o que que justifica um curso chamado “Interdisciplinar em Educação no Campo” sendo que no projeto pedagógico já estava como licenciatura em educação do campo né, os parâmetros curriculares ainda não estavam constituídos, então isso tudo foi, dificultou sobremaneira né, que a gente conseguisse implantar e dar uma certa fluidez pra formação dos nossos alunos, então, bom, o que que da minha carreira acadêmica eu aproveitei disso, muito pouco né, eu aproveitei nas minhas disciplinas né, de Processos Educativos I e II né, mas assim, todo esse trânsito na administração como coordenador de curso foi um novo aprendizado pra mim, uma nova experiência, radicalmente nova, claro que assim, a gente não aprende só na teoria o que que é ética, a gente vive também a ética nas relações cotidianas então, foi necessário fazer muitos enfrentamentos, muitas, se criar de certa forma muitas inimizades né, porque as ações que a gente toma às vezes não são ações que, pautadas digamos pelo princípio do prazer né, a gente não, na ação da administração pública tu não, tu não agrada né as pessoas diretamente, isso pra mim foi muito doloroso, muito sofrido, e graças a Deus eu saí, acho que agora uma nova vida, e assim o que eu tenho da educação do campo é muito legal porque agora como professor da educação do campo eu posso retomar a minha área de origem que é a psicologia, eu posso trazer as minhas contribuições da minha área de origem pra pensar o desenvolvimento humano, os processos de aprendizagem né, e a influência da cultura, da antropologia nesses processos todos pela minha área de formação, então eu acho que é uma nova fase assim.

Pesquisadora: Como coordenador tu falou de enfrentamento e dificuldades, na educação a gente estuda e trabalha tanto a questão do diálogo né, e isso não funciona em certos momentos? Porque a gente como professor que tá na universidade a gente estuda e trata disso né, e escreve sobre isso.

Não, não funcionou em muitos momentos, muitos momentos, não funcionou, isso que foi difícil assim, como lidar com isso, como lidar com... com assim, porque uma coisa é, são as redes as narrativas as redes e as tramas de diálogo que são explícitas, que tão aparentes né, outras é que estão linkadas em outros interesses, e assim ó, o que que acontece né, na educação a dis, a educação a distância injetou também muito dinheiro dentro da universidade, muito dinheiro, e a gente sendo um gestor de um curso né, a gente não tem como encargo apenas as questões administrativas e pedagógicas do curso, a gente tem que lidar com questões financeiras também, não diretamente, a gente nunca, mas assim de reivindicar isso, e aí que o negócio pegou, questões de infra-estrutura, de logística, e aí o que a, e aí que as éticas não se cruzam, entendeu, porque aí tem uma ética que ela tem uma, um caráter mais de benefício direto, pessoal e tem uma ética que a gente procura pensar em torno do benefício coletivo ou do curso também.

Pesquisadora: E do curso de educação a distância, eu queria que tu comentasse essa tua experiência, é a primeira vez que tu trabalha num curso de educação a distância? Queria que tu comentasse isso e principalmente a relação com os alunos, a comunicação que é por chat, por fórum de discussão, é diferenciado assim, uma aula a distância e uma aula presencial, que tu comentasse essa experiência, principalmente com os alunos, como tu viu os alunos nesse processo?

Sim, eu assim ó, eu nunca trabalhei na modalidade a distância antes da UFPel né, eu fui professor na UFRGS, no curso de Psicologia na modalidade presencial né, e fui professor na Dom Alberto num curso de especialização que era em cursos de verão que fazia, ia lá presencialmente e se deslocava até pros municípios que a universidade oferecia, mas a distância não, é a primeira experiência, mas por outro lado eu sempre fui um entusiasta das tecnologias de informação e comunicação e é uma discussão que no doutorado, porque o projeto Cívitas também ele tinha uma interface tecnológica digital né, de um grupo da informática que tava usando as ideias das crianças na construção da cidade pra fazer um software 3D de construção de cidades virtuais, um

software pedagógico né, então nós usava muito o recurso com as professoras, estimulava que elas usassem as máquinas fotográficas pra fotografar as maquetes, pra produzir vídeos, então a interface digital era sempre uma discussão que se tinha e eu já antes de entrar na UFPel na educação a distância né, eu tinha uma paixão pela questão digital assim, computacional e do que tudo isso pode do ponto de vista pedagógico, então pra mim foi tranquilo, eu cheguei na UFPel né, foi no automático, eu só tive que adaptar, tive que fazer um deslocamento assim, pra olhar pra uma câmera e imaginar os alunos né, sabe, isso é um, isso é um choque assim inicial, é uma, a gente se coloca numa coisa, mas aí eu tentava visualizar os alunos assim, tentava, e eu acho que eu consegui em muitas medidas fazer isso, e a mesma coisa quando eu produzia o meu material didático né, eu ficava imaginando, pô, a forma do aluno me ver é pelo que eu escrevo aqui nesse material didático, então eu tentava deixar aquele material didático com uma interface mais amigável, então são algumas características que, e isso varia muito de professor pra professor da educação a distância, então tem a característica muito particular de cada professor, como que ele lida com a interface digital, computacional, pra que o aluno se sinta mais acolhido dentro desse processo de ensino e aprendizagem que acontece né, pelos ambientes virtuais de aprendizagem. Bom, eu não tenho dúvidas assim, que a qualidade de conhecimentos que o aluno recebe é a mesma né, pra mim então já poderia até tirar o adjetivo educação a distância, é tudo educação entende né, então eu acho que os alunos eles compreenderam isso ao longo da sua formação né, porque a gente não facilitou em nada pelo fato de que, porque assim, um aluno vai pra uma aula presencial, ele também é apresentado a um novo universo semiótico que é o mundo acadêmico, o mundo da universidade, ele que não era acostumado a pegar livro em biblioteca ele vai ter que começar a se alfabetizar com isso né, ele que não era acostumado né, a estudar de forma autônoma, emancipada, sozinho, lendo, estudando, buscando a mais do que dentro da sala de aula, ele vai ser apresentado a isso no ensino presencial também, o que a gente faz na educação a distância é isso né, a gente apresenta, só que com uma mediação e ainda tem uma grande vantagem, tudo fica registrado, então não tem como o aluno enganbelá também.

Pesquisadora: E tu sentiu falta da presença física deles ou não?

Eu senti falta de cumprir o que a Capes determinava aos cursos que era algumas aulas presenciais, isso senti falta, ainda não tem por uma questão interna da UFPel, por uma incapacidade logística que a UFPel tem e por um erro estratégico de assumir um compromisso muito grande com grande número de cursos né, sendo que ele não tem estrutura pra oferecer né, então a falta que eu senti foi, ela foi justamente da limitação que a universidade ofereceu pra gente poder atender melhor o aluno, e isso implica em transporte, em aulas presenciais com maior frequência.

Pesquisadora: Como que tu imaginas assim que seria o ideal pro aprendizado do aluno em relação às aulas presenciais, de ter uma aula presencial por mês ou alguns tópicos em especial ou a primeira aula do eixo, alguma coisa assim.

Eu acho o ideal pra mim seria que cada eixo tivesse ao menos 1 ou 2 aulas presenciais, ao menos 1.

Pesquisadora: Que os professores fossem ou professores pesquisadores ou como que tu imaginas?

A equipe docente, porque o curso, ah isso é uma coisa muito legal do curso de educação do campo, foge um pouco à regra das outras experiências de EaD que a universidade aberta do Brasil oferece, o nosso curso ele tem essa estrutura da equipe docente, sendo que nos outros cursos da educação a distância, por exemplo, o tutor ele tá atrelado a uma disciplina, o professor pesquisador ele tá atrelado numa disciplina, enquanto que no nosso curso não, os bolsistas todos eles tem uma noção de processualidade, continuidade, eles acompanham todas as disciplinas né, então isso é muito legal, e é claro que isso, isso impõe né, que a equipe também seja incluída no processo de aulas presenciais né, então o ideal mesmo é que a equipe possa ter esse contato pelo menos 1 vez, talvez aí a equipe docente não na mesma frequência que o professor, porque o professor, nós professores efetivos, a gente dá a disciplina, a equipe docente acompanha o aluno, então se a equipe docente conseguisse acompanhar seu polo uma vez por semestre já é um grande ganho né, que nós não conseguimos fazer isso infelizmente, apesar de ter dinheiro e apesar de ter boa vontade pra isso, o que esbarrou foi uma incapacidade administrativa e logística.

Pesquisadora: Isso é uma pergunta que eu quero te fazer também, da equipe docente, então tem os professores e o professor pesquisador e os tutores, tutor presencial, tutor a distância, em relação ao tutor a distância como tu vê assim, em cada eixo tem conteúdos específicos e muitas vezes esses conteúdos não são do domínio, da área do tutor, eu falo por experiência própria né, sou bióloga, então tem alguns eixos que eu estudo e estudo mesmo, leio os textos pra ter e aí claro.

Os eixos lá do prof. Maurício, por exemplo lá.

Pesquisadora: Como eu gosto de matemática, pra mim foi tranquilo, mas eu sei que foi uma loucura, só que ele fez de uma forma que eu não precisei, aquele eixo eu aprendi com os alunos, porque os alunos aprenderam mais que eu e aí tinha uma professora de matemática no polo que ela ensinou pra todo mundo e postava no fórum e eu aprendi coisas de matemática, então foi assim, foi muito interessante aquele eixo, ele fez de uma forma que eu não precisei dar uma assistência tão, o aluno mesmo conseguiu se virar, mesmo tendo alunos não sabendo nada

de matemática, então foi assim interessante isso né, tem que se ligar nisso. Então eu queria te perguntar como que tu vê isso ou teria uma forma melhor de organizar isso.

Tu já respondeu a pergunta porque, isso mobiliza.

Pesquisadora: Ao mesmo tempo que tem essa questão processual, porque a gente fala da transdisciplinaridade, eu me sinto imersa na transdisciplinaridade, porque eu trabalho com questões que eu jamais imaginava.

Acho que essa é a grande potência, esse é o grande potencial.

Pesquisadora: É uma areia movediça, até tu quer sempre encontrar um algum galho pra te segurar, a gente tá acostumado a ter suporte, aí te joga e tu não tem suporte, dá um certo receio, aí chega um momento que, aquilo que eu estou aprendendo eu vou incorporando com a minha biologia, com a educação ambiental e aí dá uma mescla, aí eu fico imaginando como os outros tutores como funciona isso, é algo super tra, não é nem inter, é transdisciplinar, é algo fora assim. Saber se isso é bom, como a gente tá num processo, curso é o primeiro, como a educação a distância que também não é tão antiga, como que tu vê isso assim ou poderia ser melhorado ou poderia ter outra forma. Se isso é bom ou ruim pro aluno, de que forma que é.

O grande potencial é esse. O meu ver já tá viciado né, o meu ver, o meu enxergar ele tá viciado, porque eu também percebo o potencial né, é isso que eu quero reforçar, o potencial que é, e também uma coisa que não é assim, eu vou reformular assim, é imperativo isso, nessa forma de estruturar a equipe docente, que se trabalhe de forma transdisciplinar, e falar bem, é transdisciplinar mesmo, porque o interdisciplinar ainda ele mantém os limites da disciplina né, enquanto que o transdisciplinar assim, você tem a sua especificidade, o seu objeto, a sua disciplina mas não tem como não se aderido e ser contaminado, vamos dizer assim, por outros né, então essa estrutura, eu acho muito interessante pro aluno, eu acho, eu acho que na verdade o conhecimento ele opera dessa forma, o aprendizado opera de forma transdisciplinar, a vida ela não é separada em matemática, física e biologia entendeu, a vida é uma só, então o que a gente propõe pro aluno a partir dessa forma é uma experiência vital mesmo assim né, com o conhecimento, eu acho importante, experiência visceral vital, ele opera ele tem que tá de corpo inteiro no conhecimento e o tutor também né, então é sempre no desafio e toda a tentativa que que o currículo fizer de impor a disciplina né, a equipe docente vai ser obrigada a transgredir a disciplina, ela vai buscar, porque ela vem com uma carga de conhecimento e uma singularidade própria da equipe docente que vai impor aquele ritmo e aquele movimento, mas assim ó como eu digo, isso ainda é um laboratório né, e sabe quem é que vai resolver isso pra nós, é o Enade por exemplo, então quem é que vai dizer se essa forma que nós estamos propondo ela vai vingar ou não, ou ela vai frustrar, se nós vamos estar num pé de igualdade com o modelo disciplinar né, oferecido por outras práticas pedagógicas e nem por, assim ó, eu não critico o modelo disciplinar, acho que ele tem a sua eficácia também, tem sua, agora a aposta que esse curso fez desde o início é dentro de uma prática transdisciplinar mesmo.

Pesquisadora: Eu queria que tu comentasse isso do projeto pedagógico do curso, do pensar do curso que foi feito, essas questões da interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade e a questão dos eixos, da divisão por eixos temáticos também.

Bom, eu fui o primeiro professor nomeado no curso mas não fui autor do projeto pedagógico do curso, quem foi o autor desse projeto pedagógico de curso né, que eu saiba, eu não tenho certeza dos nomes mas a Rose pode te indicar, é um grupo da Unipampa que começou essa discussão junto com o professor Fernando Kielling, que agora faleceu recentemente né, porque ele tinha interesse no tema da educação do campo também e aí eles construíram esse projeto pedagógico, não por disciplinas e sim por eixos temáticos e onde as disciplinas elas, várias disciplinas são uma constelação que formam o eixo temático, ã, o que que eu vejo assim ó, não adianta a gente também só determinar um currículo a partir de uma distinção de nomenclatura né, não adianta só tu trocar a disciplina pelo eixo, porque às vezes no nosso próprio curso observo isso, o curso, os eixos operam como disciplina, eles não operam como eixos.

Pesquisadora: E como seria operar como eixos?

Operar como eixos seria assim ó, vamos pegar o exemplo de Processos Educativos né, então, Processos Educativos quais são as disciplinas que estão envolvidas, psicologia, antropologia, educação especial em PE III, Libras, em IV é geografia né, história, então são uma série de disciplinas, ah, didática também, que tem aspectos didáticos e isso ainda não está definido no nosso curso no ppc, isso é um gran, na minha opinião é um erro né, é uma encrenca que eu tenho desde o início, exatamente quais são as disciplinas que englobam um eixo temático, porque isso também iria dar mais condições de a gente escolher o nosso corpo docente se isso tiver bem definido, então um eixo não necessariamente tem que ser propriedade privada de um professor, ele pode, e isso sim é trabalhar de forma, e de forma articulada ao longo do eixo, de forma casada, eu acho que a gente consegue isso com a equipe docente, porque a equipe docente dos bolsistas acaba destacando e trazendo né, essas disciplinas e fazendo esse arranjo que mais se parece interessante na contingência em que a disciplina é oferecida né, o eixo é oferecido, processos educativos, por exemplo, o polo vai trabalhar com PE I, o polo x vai trabalhar diferente do polo y porque afinal depende a ênfase que a equipe vai dar pra aquele material didático e como que ela vai arranjar as disciplinas existentes naquele eixo né, pra que a sequência aconteça, mas a ideia, de

novo assim, o potencial transdisciplinar que tem taí, às vezes o eixo funciona como uma simples disciplina mesmo né, mas o potencial do eixo é muito grande.

Pesquisadora: E a produção de material didático é só a equipe dos professores pesquisadores, como que funciona.

É, a produção do material didático idealmente teria que ter sido feita antes do curso começar como a maioria das universidades faz, o que que aconteceu, nós chegamos na UFPel, fomos nomeados né, o curso já tinha começado sem ter professor nomeado, tinham 200, todos alunos da turma 1 tavam sendo atendidos por bolsistas e eu fui o primeiro professor nomeado, só tinha o projeto pedagógico do curso com os eixos mas sem essas caracterizações né, todas que a gente tá fazendo né, sem essa discussão sobre quais constelações disciplinares tem um eixo, isso não tem ainda né, a gente intui isso pela experiência que se tem, mas enfim, o que a gente tá percebendo que o aluno tá saindo formado em educação, isso é, não tenho dúvida, e eu apostaria que esse aluno vai se dar bem no Enade vai se dar bem, eu acho tranquilo assim, mas o ideal seria isso, mas eu peguei o curso dessa forma, os tutores não participam porque aí tem uma hierarquização da Capes né, a gente tem que cumprir uma legislação da Capes que é né, a de que existem bolsistas destinados à produção de material didático e eles são pagos pra isso e, bom, eles vão produzir esse material didático, agora o que a gente tem feito é usado as experiências dos tutores pra perceber as necessidades dos polos e tal, em relação ao aprendizado que mais falta pra eles pra solicitar isso pra que os conteudistas faça, então não temos ainda sim, do início do curso até o final um livro, uma coisa fechada, tá se movimentando.

Pesquisadora: E na turma 1 como uqe tu vê esse processo que teve desses 4 anos e a tua experiência junto com os alunos, a evolução dos alunos.

Bom, a minha experiência junto com os alunos foi no início do curso né mais, porque coincide com as disciplinas que eu trabalhei, com os eixos que eu trabalhei, depois foi, foram muito poucas porque eu me envolvi visceralmente com as questões da universidade, primeiro eu fui coordenador do curso, depois fui diretor do Cead, vice-diretor do Cead, não diretor direto e eu perdi bastante o contato com os alunos, é uma pena, porque eu tinha um contato especialmente com o polo de Jacuizinho que foi o primeiro polo que eu cuidei, depois passou a Vania e tal, esse pessoal perdi de vista assim né.

Pesquisadora: Mas no contato com os alunos o que que tu percebeu assim.

Olha, eles tão muito felizes eles tão muito felizes nas formaturas agora, muito felizes e se sentindo muito vitoriosos e assim ó, o contato do aluno nunca distingue ele do contato com o coordenador do polo e com os tutores do polo né, então esse retorno a gente tem muito, que o nosso curso é um curso muito bom por incrível que pareça, por tudo isso que eu falei, então a gente escuta isso nos polos que o nosso curso é um curso muito bom né, e que exige muito do aluno, diferente das outras universidades, que nós exigimos mais do que as outras universidades, agora na turma 3 nós estamos percebendo isso porque Sobradinho por exemplo tá com Santa Maria, e em Santa Maria ele não tem aula presencial toda semana, só vão fazer provas né, assim como, apesar de que a Capes diz que não, mas enfim tem, eu vejo assim ó, nós pra compensar essa nossa não ida aos polos, da dificuldade de nós termos pra ir aos polos, a gente criou uma rotina de estudo, uma disciplina nos alunos que é formidável, porque eles estudaram, estudaram pra caramba, e claro, teve uma evasão relativamente grande também né, esses formandos, nem sei quantos são agora mas, nós tínhamos 280 no início e deve ter uns cento e poucos agora, cento e setenta, cento e sessenta eu acho, quase metade eu acho que foi.

Pesquisadora: E isso que tu falasse que o curso é forte, exige muito, tu percebe que tem relação com a forma de avaliação, que a gente faz parecer, normalmente os alunos me falam isso, a tutora presencial quando compara com outros polos que muitos são por nota, e o nosso é uma descrição, o que que tu percebe nisso.

É, a avaliação certamente faz a diferença, porque, eu particularmente sou favorável à nota, mas eu acho que deveria ter parecer junto com a nota, objetivamente, porque isso daria um, mas isso foi uma discussão do início do curso que eu fiz, que eu queria nota e parecer né, porque isso facilitaria a vida também dos tutores e tal, porque se os professores estabelecem os critérios e tal, mas aí na nota você justifica a nota, dá uma objetividade um pouco maior e pra um grande número assim como é na educação a distância, eu acho que a questão parecer ela também dificultou muito né, o nosso processo, que não é fácil, é muito detalhe né.

Pesquisadora: Quais as dificuldades que tu observou mais nos alunos?

Ah sim ó, falando em termos de dificuldade de escrever, achei muito complicado assim, mas melhoraram, mas eu que peguei eles no início primeiro e segundo semestre, difícil, é escrever, porque assim todo, na sua grande maioria participavam muito bem, tipo assim, pra mim a escrita foi pior do que a alfabetização digital, eu achei muito pior, porque pra se alfabetizar digitalmente, se eu tenho 50 anos e não sei ligar um computador eu só peço pro meu neto entendeu, isso é fácil, hoje em dia a tecnologia tá, aprende, dá um jeito, vai aprendendo, agora escrever tem, eu acho que tem outras dimensões que tão envolvidas aí, tem a ver com leitura, tem a ver com prática de leitura e prática de escrita que é uma coisa que no interior é difícil né, as pessoas estão muito acostumadas a fazer por si né, sobreviver e tal e tem alguns polos em especial que é pior ainda né, tem outros que é melhor, Jacuizinho por exemplo foi terrível assim, a gente só pôde concluir né que a cidade não investiu na

língua portuguesa sabe, porque todos os alunos até assim, tinha diferença entre alunas de outras cidades próximas que eram muito melhor na escrita, agora Jacuizinho era terrível a escrita.

Pesquisadora: E nas práticas pedagógicas, nos textos, o que que tu acha que eles gostaram mais, que gostavam mais de participar nas atividades ou práticas que eles elaboraram?

É, eu não acompanhei os estágios né, eu acompanhei as experiências que eu propus da plantação da alface em Marte né, que não deixa de ser uma prática pedagógica e da produção do vídeo né, que, acho que a turma 1 não fez o vídeo? Ou fez? Acho que não, na turma 2 só, a turma 1 não fez, mas especialmente da plantação de alface em Marte que é justamente a possibilidade deles operarem na prática a partir de um experimento né, um processo e a construção de hipóteses e eu achei formidável, todos se envolveram bastante né com o processo, se desafiaram mesmo com o conhecimento, foram pesquisar, foram entrevistar gente da Emater sabe, foi, se envolveram.

Pesquisadora: Tu consideras que o curso nessa estruturação ele promove o espírito crítico, criativo e investigativo nos alunos? E eu queria saber de que forma seria?

É justamente isso, bom, o próprio currículo é um desafio né, da forma que tá estruturado, então ele impõe que o aluno reflita sobre o currículo né, então por aí já tem espírito crítico e outra, a forma, a necessidade que o nosso aluno do curso de educação do campo tem de viver em grupo, porque pela exigência da aula presencial né, naturalmente coloca ele numa situação de reflexão, de investigação porque ele vai ter que conhecer esse grupo, ele vai, de troca, de espírito crítico né, ele precisa trabalhar em grupo pra fazer sua investigação, ele precisa lançar mão de recursos né, não disciplinares né, convencionais pra pra conseguir construir o seu conhecimento, então eu tenho convicção de que esse curso promove sim esse espírito crítico, investigativo, criativo por esses motivos aí.

Pesquisadora: Sobre a educação ambiental, eu sei que tu não és da área, mas eu queria saber o que que tu entendes da educação ambiental.

A educação ambiental eu acho que assim ó, eu não entendo da educação ambiental mas eu sou um entusiasta de Zigmund Bawmann, que estuda sobre o consumo por exemplo, e a forma como que o capitalismo tem se organizado na contemporaneidade, e eu acho assim, essa reflexão sobre o consumo, especialmente o consumismo e sobre a transformação da pessoa em mercadoria, ela é uma leitura muito trágica assim, muito dramática, porque se fosse trágica a gente morreria e renasceria de novo né, como herói, então ela é muito dramática, porque ela coloca as pessoas numa condição de escravos, numa relação escrava com os objetos de consumo né, meio que num sem saída, porque é um circuito que não tem abertura, pelo que o Bawmann, e a questão que eu coloco é a seguinte, não é questão de acabar com o consumo, mas é buscar um consumo sustentável e aí que por exemplo eu gosto de pensar, o pouco que eu entendo, da educação ambiental porque eu acho que é um dos grandes pilares da educação ambiental pensar na ideia de consumo sustentável, e um consumo sustentável não só nas questões vinculadas à agroecologia por exemplo, mas um consumo de cultura sustentável, um consumo, eu gosto muito de um autor chamado Felix Guattari que eu estudo, que tem um texto chamado “As três ecologias”, essa ideia de que a subjetividade também tem que ser sustentável né, e não capturável pelo capitalismo mundial integrado entendeu, então o viés que eu penso da educação ambiental ele transita por aí assim, de uma frente micropolítica né, ao processo macropolítico de captura do consumismo né, então não é uma coisa que a gente vai mudar assim, uma revolução mundial global, é uma resistência, uma resistência que tem a ver com dar sentido a objetos distintos daqueles que o processo do capitalismo nos apresenta diuturnamente, dar sentido, dar valor, dar significado a isso, aqui em casa por exemplo, eu saí das férias e aí eu comecei a dar valor pra coisas que né, comprei um violão, isso é um objeto de consumo né, mas comprei um cavalete pra minha filha, pra sair da frente da tv sabe, então é uma forma de, não é que, eu comprei um violão Fender que eu acho que, sabe é uma marca né, mas também é um violão sabe né, violão pra fazer música, pra, então não é questão de brigar contra o capitalismo, mas de a gente buscar formas de conviver com ele de forma sustentável, de forma né, não tão predatória e não tão escrava principalmente, porque a gente é escravo, essa é a ideia um pouco e a ecologia tem a ver com isso pra mim né, agora se tu me perguntasse assim, os processos físico-químicos né, que por exemplo uma composteira faz eu não vou saber, não é minha área, entende, eu sei que é importante uma composteira e tal né, nessas coisas bem objetivas, bem práticas da ecologia mesmo, da agroecologia né.

Pesquisadora: Já que tu falou no capitalismo, queria saber a tua opinião do seguinte, de como o sistema capitalista ele bloqueia essa livre expressão humana no sentido da criatividade, da livre expressão das potencialidades e habilidades do ser humano. No ecomunitarismo eu estudo isso, que cada ser humano tem capacidades e habilidades que muitas vezes na sociedade seja capitalista ou comunista, seja lá que nome dê a essa sociedade, mas que tem certos mecanismos, burocratizações, etc que bloqueiam essa manifestação do ser humano, dessa habilidade que muitas vezes a pessoa morre e não consegue, por medo, por repressão, por preconceito e aí tem o bloqueio da felicidade.

Isso tem uma resposta, isso é uma resposta simples e é baseado também em Deluze e Guattari né, existe uma coisa que é o desejo, o desejo ele tem as mais distintas motivações, o desejo inconsciente, a gente é singular

nessa usina chamada desejo pelo qual a gente é criado né, a gente nasce de uma mãe singular, a gente cresce numa família singular, tudo é singular né, não tem repetição, não se repete, a linguagem, a construção da linguagem, apesar de ser a mesma língua materna nossa que a gente convive no nosso país, ela também se constrói de forma singular, então, e o desejo, essa usina que a gente vai criando, ele tá, vamos dizer assim, arranjado por essas necessidades singulares que a gente vai criando ao longo do nosso processo de desenvolvimento de aprendizagem de humanos, mas aí assim ó, essa é uma semiótica né, vamo dizer, é um regime de signos, é um regime de verdades que se cria a partir desses desejos, só que existem outras semióticas né, próprias da cultura, então são, e aí essas necessidades singulares, esses arranjos próprios desse desejo ele vai tendo que entrar em agenciamento com esses outros processos semióticos né, da cultura da sociedade, acontece que o agenciamento, assim chamado capitalismo mundial integrado, assim se pudesse chamar isso, ele é muito violento, porque se tu não deseja ele, ele te constrói um desejo, então aquilo pelo qual eu sinto um prazer imediato, ele é rapidamente capturado por esse agenciamento capitalista e algum objeto vai ser colocado no lugar disso, desse meu desejo singular, se não é uma necessidade passa a ser uma necessidade pra mim, porque a forma de a gente dá vazão ao desejo, ela em tese ela é um arranjo próprio nosso né, a gente consegue criar essa maquininha, mas tem uma máquina de captura que se coloca no lugar desse nosso processo particular de criar, de desejar as coisas que cria novas necessidades, e é uma semiótica muito grande, e ela tá associada assim ao processo de de, o processo da revolução industrial, é uma complexidade toda né, o próprio sistema monetário é uma semiótica agenciada no capitalismo, político também, o sistema, a revolução industrial também né, por exemplo assim ó, como que a gente consegue brigar com as tecnologias por exemplo né, eu tava, se tu for ver um cara chamado Castells, não o Robert Castells o sociólogo, mas o outro, é um cara que faz uma, ele faz uma leitura sobre o surgimento das tecnologias e o fenômeno do microchip, quando é que como surge o microchip, a grande revolução que isso representou, então as invenções humanas dos objetos humanos, a revolução industrial começ, é uma coisa muito maravilhosa, ela é muito, o desejo ele rapidamente é, até porque o ser humano ele gosta de ver coisa bonita, coisa nova, coisa, a gente desde criança, é coisa que reluz, então a quantidade de inventos que foi produzido numa década desde a criação do vale do silício e equivale a dois séculos de invenções que o passado fez desde o surgimento da luz elétrica por exemplo, então veja bem ó, nós tivemos aí um período histórico de 2 ou 3 séculos em que se inventou menos do que em 2 décadas desde o surgimento do microchip por exemplo, então é uma velocidade veloz de criações e invenções e transformações desde o surgimento do microchip né, como que a gente não vai se capturar por isso? A essa velocidade de inventos, se um invento é sempre uma grande novidade, é sempre uma coisa que atrai, é um desconhecido, é uma coisa, então é muito difícil fazer frente a isso, resistir a isso a partir da nossa capacidade de autopoietica, pra usar um termo do Maturana que tu deve conhecer também né, então a nossa capacidade de autopoietica de se auto-inventar e de inventar coisas também que nos que nos supram esse caminho do desejo, que venham a dar, a dar vamo dizer assim, a uma satisfação plena do nosso desejo, que é mais fácil tu adquirir, e aí sim tem o sistema monetário, tem especulação em cima do sistema monetário, tudo são formas de te capturar, de te fazer fugir disso.

Pesquisadora: E na tua opinião o curso promove transformações sociais nas cidades-polo?

Olha, o curso tensiona que sim né, o curso tensiona que sim, mas isso aí nós não temos um dado empírico pra dizer que isso acontece, isso a gente vai perceber agora com os nossos egressos, eu acho assim, a gente vê, a gente pôde perceber movimentações assim durante a formação desses alunos da primeira turma, eu acho que assim as escolas tiveram que abrir espaço pra isso que é novo que é a educação do campo, esse nome novo né, isso causou movimentação, me lembro lá em São Francisco de Paula mesmo assim, alguns efeitos no discurso assim, olha, nós estávamos a fim de fechar as escolas do campo mas com esse curso novo de vocês né, com esse curso novo de vocês eu não sei né, porque afinal pra que que a gente vai formar educação do campo se a gente for fechar, então são movimentos de discurso, mas talvez tenha até fechado, a gente não sabe né, agora aqui em São Lourenço por exemplo, numa fala que eu fiz né, numa abertura numa semana acadêmica, o prefeito depois ele disse que já no próximo edital pra concursos públicos ele ia abrir uma vaga pra educação do campo, que diz, isso gerou, ele talvez não abrisse essa vaga se não tivesse o curso, ele talvez pudesse né apenas ficar somente com as vagas de pedagogo séries iniciais enfim né, mas não, ele resolveu abrir uma vaga pra educação do campo, então são transforma, se isso tu considera como sendo uma transformação, é uma transformação.

Pesquisadora: Em relação ao currículo, pensando no currículo novamente, sobre o tema educação sexual, queria saber tua opinião, se consideras importante no currículo do curso, eu sei que não tem, tem de formas pontuais em algumas disciplinas algumas discussões, mas eu queria saber a tua opinião porque na educação ambiental ecomunitarista que eu estudo, na teoria, fala a questão da, que que é muito importante isso, o estudo, a educação sexual desde pequeno assim, além de outros aspectos como a economia ecológica e solidária e outras questões também. Como eu sei que tu és psicólogo, seria bom tua opinião.

Eu acho que, até em psicologia do desenvolvimento uma das abordagens é pela, é justamente a sexualidade infantil né, e de fato na turma 1 nós não abordamos isso, nós queríamos ter feito planos de ensino, eu especialmente, eu acho super importante, mas foi uma falha bem grande no currículo porque não se trabalhou isso na turma 1 pelo menos, a importância é vital assim né, porque, assim, isso é uma observação bem particular minha assim, em todas as escolas que eu fui de alguma forma convidado a comparecer, a palestrar ou a conhecer

a realidade a queixa do professor é as questões associadas à agressividade e à sexualidade, então na verdade a agressividade e a sexualidade em si são energias boas né, próprias do processo de desenvolvimento, agora a violência e o abuso, então, e é aí que os professores não sabem distinguir, não tem o conhecimento do que que é essa energia vital chamada sexualidade, própria do processo de desenvolvimento, e quando que isso, digamos passa pra condição de abuso, até eu fui fazer uma palestra esses dias sobre bullying e cyberbullying na escola e também tem um limite aí, então é onde termina, e esse conhecimento não é um conhecimento que é dado pelas teorias de aprendizagem, é um conhecimento que é construído também pelas próprias realidades e por uma discussão que é ética também no fundo, e a mesma coisa a questão da agressividade e da violência, quer dizer, se a gente não tivesse agressividade nós não ia nem matar uma mosca pra se defender entendeu, é uma energia que a gente precisa disso, até que ponto essa agressividade ela faz parte e ela é necessária, e isso é uma discussão que no curso de educação do campo não teve, é uma pena, não teve, mas acho fundamental, porque é, e eu como psicólogo também atuando no interior, eu fui psicólogo numa cidade chamada Lagoa Bonita do Sul, psicólogo da prefeitura e concursado efetivado, fiquei três anos trabalhando 20h na prefeitura e eu fazia muito trabalho nas escolas com professores e com alunos sobre o tema sexualidade e agressividade.

Pesquisadora: Eu acho que é isso, queria saber se tu tens, porque eu tô dando uma olhada nas perguntas né, pra ver se tem algum tema alguma questão, aí aqui também fala, que tem a ver com a teoria que eu estudo, a economia ecológica e solidária, até tu poderia falar.

A economia solidária eu conheço muito pouco, eu tenho agora.

Pesquisadora: Se isso é abordado no curso?

Não, também não, eu tenho pouco conhecimento e eu sei que tem um.

Pesquisadora: Tem relação com a agroecologia, de respeitar os processos naturais, ecológicos.

Isso, tem um professor, que até é pró-reitor de extensão agora, o Manuel que trabalha com economia solidária aqui na UFPel, não é Manuel, é Antônio, o pró-reitor de extensão e tem uns alunos da psico meus que foram do 1º semestre meus alunos que são est, bolsistas dele, eles tem uma discussão sobre economia solidária, que eu sei assim, do fórum social mundial né e experiências comunitárias de implantação de uma nova moeda, uma nova forma de usar né, inclusive fazer frente ao nosso sistema monetário hegemônico e trabalhar com trocas, com parceiras, vendo de fato as necessidades que se tem e tal, acho fantástico, uma utopia né, que se constrói.

Pesquisadora: Ah, eu assim, eu estudo, a minha teoria é dita como utopia pelo meu orientador, mas eu falo que se fosse só uma utopia eu não estaria estudando, eu gosto de ver e de concretizar e de manipular, não tudo, mas alguma coisa eu preciso ver na minha frente, senão.

Toda teoria é uma utopia Raquel, na minha opinião toda teoria é uma utopia.

ANEXO

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO UAB/UFPeI**